



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Marli Paulina Vitali

**Jovens e jornalismo: a periferia de Criciúma, em Santa Catarina, e o consumo
de notícias smartphone**

Florianópolis (SC)

2022

Marli Paulina Vitali

Jovens e jornalismo: a periferia de Criciúma, em Santa Catarina, e o consumo de notícias smartphone

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo, na Linha de Pesquisa Tecnologias, Linguagens e Inovação, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Jornalismo.

Orientadora: Prof.(a) Dr.(a) Cárilda Emerim
Coorientadora: Prof.(a) Dr.(a) Valci Zuculoto

Florianópolis (SC)

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Vitali, Marli Paulina

Jovens e jornalismo: a periferia de Criciúma, em Santa Catarina, e o consumo de notícias smartphone / Marli Paulina Vitali ; orientadora, Carlida Emerim, orientadora, Valci Zuculoto, 2022.
180 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

Trabalho elaborado em regime de co-tutela.

1. Jornalismo. 2. jornalismo. 3. juventude de periferia. 4. smartphone. 5. dispositivos móveis. I. Emerim, Carlida. II. Zuculoto, Valci III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. IV. Título.

Marli Paulina Vitali

**Jovens e jornalismo: a periferia de Criciúma, em Santa Catarina, e o consumo de notícias
smartphone**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Edna de Mello Silva, Dr.(a)
Instituição UNIFESP

Prof.(a) Daiane Bertasso, Dr.(a)
Instituição UFSC

Prof.(a) Rita de Cássia Romeiro Paulino, Dr.(a)
Instituição UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Jornalismo pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Cárilda Emerim, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2022.

Aos meus amores Rafael, Luis, Samuel e Ana.

Razão e fortaleza dos meus dias.

AGRADECIMENTOS

Sempre há tanto que agradecer, mas nem sempre fazemos isso com a frequência devida. Talvez esse momento traga mais uma reflexão do que apenas palavras. Os últimos anos foram transformadores. Não foram fáceis, eu garanto. As perdas pessoais foram significativas demais para dizer que não representam ainda uma dor que, aos poucos, se transforma em saudade. É o ciclo da nossa existência e que só se torna mais leve porque temos anjos que circundam nosso caminho.

Anjos que a vida trouxe, nos laços familiares e de amizade. Meus amores Rafael, Luis, Samuel e Ana, que me dão a força diária para seguir em frente, ouvem minhas reclamações e me dão os abraços quando preciso. Anjos que surgiram por meio do Jornalismo, mas que se tornaram da família, Karina, Dani, Tati e Dine. Mas há um em especial que dividiu as correrias do doutorado, que me ajudou a enfrentar a longa estrada entre Criciúma e Florianópolis, aguentou a choradeira e divide os bons e os nem tão bons momentos do meu dia. Kaki, minha irmãzinha, obrigada por tudo.

Aos colegas e amigos da Satc que deram o suporte para me ausentar em muitas oportunidades, me cobrindo no trabalho, mas, principalmente, auxiliando com dicas, livros e palavras de carinho. Lucas, Elô, Filipe, Martinelo, Jean, Lize, Claudia, Vanessa, Nadia, Loreta, Jovani e Carlos, gratidão eterna a vocês e a todos que acompanharam esse percurso. Obrigada ainda aos queridos Pedro Paulo e Adiles, Isis e Elisete. Em especial às equipes dos CRAS de Criciúma e ao coordenador da CUFA em Criciúma, Alex Gabriel, que faz um trabalho incansável.

Queridos amigos e professores que conheci e que me auxiliaram nesse caminho do PosJor, em especial a professora Cárilda Emerim, orientadora que acompanhou todo esse processo, à professora Valci Zuculoto pelo acompanhamento no final, e aos colegas Edwin, Juliana e Ingrid, meu carinho a vocês. Às professoras Daiane Bertasso, Rita Paulino e Edna de Mello Silva que debruçaram seu olhar especial neste trabalho.

Por fim, um agradecimento especial aos anjos que já não estão mais neste plano. Seu Neodi, dona Inês e meu querido Rodrigo, obrigada por me ensinarem tanto nessa passagem. Seu Samuel e dona Irene, pai e mãe, meus exemplos e fontes de inspiração contínua. Gratidão por tudo, e continuem iluminando meus passos. Amo vocês.

RESUMO

A investigação tem como objetivo identificar quais as características que estruturam o conteúdo jornalístico que é acessado via smartphone por jovens da periferia de uma cidade do interior do estado de Santa Catarina, no caso aqui a cidade de Criciúma. Busca-se entender qual o conteúdo acessado por eles, analisar e sistematizar as características do acesso desses jovens, que são observados em dois locais específicos, o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e na unidade de Criciúma (SC) da Central Única de Favelas (CUFA). Para tanto, fundamenta-se referência nos estudos da cultura latino-americana, Martín-Barbero (2009, 2015) e Canclini (2010), articulados a estudiosos que se dedicam a compreender a produção de conteúdo jornalístico em dispositivos móveis, Paulino (2016), Silva (2015). A pesquisa se desenvolveu com adolescentes e jovens que frequentam projetos sociais nesses dois espaços de atuação, e foi realizada com questionários semiestruturados e grupos focais, para aprofundamento do assunto. Do início das primeiras observações e contato com os jovens, em 2017, quando foi aplicado o primeiro questionário, para as novas investigações em 2021, foi possível perceber mudanças no acesso aos conteúdos, já que antes nem todos os jovens possuíam smartphone, aparelho que agora se faz presente no cotidiano de praticamente todos eles. A facilidade de acesso à internet foi outro fator que permitiu que o consumo de conteúdo se tornasse maior. Para identificar quais são as características do que é acessado por eles, buscou-se nos mapas noturnos de Martín-Barbero (2018), com os ajustes de Rincón (2018; 2019), o suporte para compreender melhor a realidade do jovem da periferia criciumense. Por meio dessa reconfiguração alternativa de uma cartografia própria, com a criação do Mapa Noturno da Juventude Periférica de Criciúma, foi possível identificar alguns pontos que confirmam que o jovem da periferia criciumense está mais conectado, consome e produz conteúdo em vídeo. Do grupo de 10 jovens que fez parte da pesquisa em profundidade 80% entende o que é jornalismo e confia no que os jornalistas informam. Quando quer se informar, embora 90% assista televisão, especialmente nos momentos em que está com a família, 65% vai para a internet buscar essa informação complementar, utilizando o smartphone como ferramenta de conexão. Sobre o que é noticiado pela imprensa, a maioria acredita nas informações, mas há uma desconfiança sobre o exagero no relato de fatos. Na avaliação dos jovens, as principais notícias que aparecem das suas comunidades dizem respeito às questões da área de segurança pública, com atuação policial e violência, e para 80% deles haveria outras situações corriqueiras do cotidiano que poderiam pautar a imprensa. resumo são ressaltados o objetivo da pesquisa, o método utilizado, as discussões e os resultados, com destaque apenas para os pontos principais.

Palavras-chave: Jornalismo; Juventude de Periferia; Dispositivos Móveis; Estudos da Cultura Latino-americanos.

ABSTRACT

The investigation aims to identify the characteristics that structure journalistic content that is accessed via smartphone by young people from the outskirts of a city in the interior of the state of Santa Catarina, in this case the city of Criciúma. We seek to understand the content accessed by them, analyze and systematize the characteristics of these young people's access, which are observed in two specific places, the Social Assistance Reference Center (CRAS) and in the Criciúma (SC) unit of Central Única. of Favelas (CUFA). To this end, reference is made to the studies of Latin American culture, Martín-Barbero (2009, 2015) and Canclini (2010), articulated with scholars who are dedicated to understanding the production of journalistic content on mobile devices, Paulino (2016), Silva (2015). The research was developed with teenagers and young people who attend social projects in these two areas of action, and was carried out with semi-structured questionnaires and focus groups, to deepen the subject. From the beginning of the first observations and contact with young people, in 2017, when the first questionnaire was applied, to the new investigations in 2021, it was possible to perceive changes in access to content, since before all young people had a smartphone. Device that is now present in the daily lives of practically all of them. The ease of access to the internet was another factor that allowed the consumption of content to become greater. In order to identify the characteristics of what is accessed by them, Martín-Barbero's (2018) night maps were sought, with adjustments by Rincón (2018; 2019), the support to better understand the reality of young people from the criciumense periphery. Through this alternative reconfiguration of its own cartography, with the creation of the Night Map of the Peripheral Youth of Criciúma, it was possible to identify some points that confirm that young people from the periphery of Criciúma are more connected, consume and produce video content. Of the group of 10 young people who took part in the in-depth research, 80% understand what journalism is and trust what journalists report. When they want to find out, although 90% watch television, especially when they are with their family, 65% go to the internet to look for this additional information, using their smartphone as a connection tool. About what is reported by the press, most believe in the information, but there is a distrust about the exaggeration in reporting facts. In the opinion of young people, the main news that appear in their communities concerns issues in the area of public security, with police action and violence, and for 80% of them there would be other everyday situations that could guide the press.

Keywords: Journalism; Periphery Youth; Mobile devices; Latin American Cultural Studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dados do Cadastro Único de Criciúma	40
Figura 2 – Primeiro mapa das mediações de Martín-Barbero (1987)	62
Figura 3 – Segundo mapa das mediações de Martín-Barbero (1998)	63
Figura 4 – Terceiro mapa das mediações de Martín-Barbero (2010)	64
Figura 5 – Novo mapa de mediações de Martín-Barbero (2017)	66
Figura 6 – Novo mapa de mediações de Martín-Barbero/Rincón (2017)	83
Figura 7 – Proposta de mapa a partir da juventude periférica de Criciúma	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percurso metodológico	94
Gráfico 2 – Aplicativos que possuem no celular Jovens CRAS	107
Gráfico 3 – Aplicativos que acessa todos os dias Jovens CRAS	108
Gráfico 4 – Que tipos de notícias costuma ler e/ou assistir? Jovens CRAS	110
Gráfico 5 – Aplicativos que possuem no celular jovens CUFA	117
Gráfico 6 – Aplicativos que acessa todos os dias jovens CUFA	117
Gráfico 7 – Que tipos de notícias costuma ler e/ou assistir? Jovens CUFA	119
Gráfico 8 – Meio onde se informa CRAS e CUFA	137

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	JUVENTUDE, CONEXÕES E JORNALISMO.....	24
2.1	PERIFERIA, LUGAR DE FALA.....	34
2.2	TECNOLOGIAS NO CONTEXTO JOVEM.....	41
2.3	JORNALISMO E SUAS MUDANÇAS.....	45
2.4	UM JORNALISMO CONVERGENTE.....	52
3	OS MAPAS DE MARTÍN-BARBERO E A RECEPÇÃO.....	61
4	OS MÉTODOS TRAÇAM UM CAMINHO.....	80
4.1	APROPRIAÇÃO METODOLÓGICA.....	81
4.2	O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	85
4.3	A ÉTICA NA PESQUISA CIENTÍFICA.....	88
4.4	ESTRUTURA DA ANÁLISE.....	89
4.4.1	Desdobrando os questionários.....	90
5	DESVENDANDO MAPAS E JUVENTUDES.....	96
5.1	O JOVEM DO CRAS.....	99
5.2	RELAÇÃO COM O JORNALISMO PELO OLHAR DO JOVEM DO CRAS... 108	
5.3	O OLHAR PARA O JOVEM DA CUFA.....	113
5.4	O CONSUMO DE NOTÍCIAS ENTRE OS JOVENS DA CUFA.....	117
5.5	ANÁLISE PARCIAL DOS DADOS DOS JOVENS CRAS E CUFA.....	121
5.5.1	Entrevistados, Conteúdos e Perspectivas dos jovens CRAS e CUFA.....	121
5.5.2	Mapa norteador aplicado aos jovens CRAS e CUFA.....	125
5.5.3	Aspectos de certificação do conteúdo jornalístico.....	135
5.6	INDICAÇÕES SOBRE RESULTADOS DA ANÁLISE.....	142
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
7	REFERÊNCIAS.....	154
	APÊNDICES	163
	ANEXOS	175

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de acessibilidade digital, boa parte dos jovens brasileiros, até mesmo aqueles que residem nas comunidades afastadas da área central, possuem um telefone móvel. O celular deixou de ser apenas um aparelho para realizar e receber chamadas telefônicas para se tornar um equipamento de comunicação. Em 2016, conforme dados do IBGE¹, ele estava presente em 92,6% das residências brasileiras – a televisão está presente em 97,2% -, de um universo de 69,3 milhões de domicílios pesquisados. Deste total, 48,1 milhões tinham acesso à internet em casa e era por meio do celular que faziam uso dela. O que buscavam, conforme dados da pesquisa, era trocar mensagens de texto e voz (94,2%). Já 76,4% assistiam a vídeos, programas, séries ou filmes por meio do aparelho.

Não é preciso tantos dados estatísticos, pois quem observa os adolescentes e jovens, na faixa de 10 a 20 anos, circulando em ônibus, espaços públicos, ou mesmo convivendo em casa, constata que o comportamento deles é de intensas conexões tecnológicas. Um aparelho, o smartphone, passou a fazer parte de suas vidas quase como uma extensão do próprio corpo. Nos anos de 1950, quando McLuhan (1964) já comentava que os meios de comunicação se tornariam uma extensão dos homens, hoje se comprova que a realidade foi muito além da sua previsão.

Dados de 2019 mostravam que 5,1 bilhões² de pessoas no mundo utilizavam algum tipo de aparelho celular. Isso representava 67% dos habitantes. No continente europeu, esse índice é superior, com 85% da população usufruindo da tecnologia. Já na América Latina, os dados apontaram que 67% dos moradores faziam uso dos equipamentos.

A pandemia de Covid-19, que paralisou atividades profissionais, fechou países e isolou pessoas a partir do início de 2020, provocou também mudanças no consumo de mídia. Dados mostram que o acesso nas primeiras semanas de março teve alterações, especialmente nos sites de games e entretenimento, sendo que no primeiro o índice de visita foi 20% maior e a permanência nas páginas foi 15% superior ao que era registrado anteriormente³.

¹ Pesquisa PNAD Contínua 2016, realizada pelo IBGE no último trimestre de 2016, apurou dados em 69,3 milhões de residências. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20073-pnad-continua-tic-2016-94-2-das-pessoas-que-utilizaram-a-internet-o-fizeram-para-trocar-mensagens.html>. Acesso em: 21 mar. 2018.

² Os dados são do relatório Economia Móvel 2019, da GSMA. Informações disponíveis: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/mais-de-5-bilhoes-de-pessoas-usam-aparelho-celular-revela-pesquisa>. Acesso em 08 mar 2021.

³ Dados disponíveis em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Blog/Consumo-de-midia-durante-a-pandemia-de-coronavirus-no-Brasil>. Acesso em: 08 mar 2021.

É desafiador, em qualquer tempo, entender o que pensa o jovem, mas na atualidade, diante dos contextos complexos que são vivenciados, além de ser um desafio torna-se também uma necessidade, considerando que os jovens, na faixa etária entre adolescência e fase adulta, estão em processo de formação. Não só uma formação experiencial, de vida, mas uma formação escolar, educacional, de produção de conhecimento científico e cultural. Sabe-se que ele possui mais acesso ao entretenimento, proporcionado em demasia pelas novas ferramentas de comunicação e as opções de contato, compartilhamento e distribuição de diferentes conteúdos, tudo isso por meio dos smartphones.

O smartphone é um dispositivo móvel e, pelo preço mais acessível do que um computador portátil ou mesmo um computador de mesa, tornou-se um instrumento fundamental para as diferentes classes sociais na atualidade. De outro modo, o jornalismo e todo o seu sistema, diferencial e mercadológico, tem enfrentado nos últimos 20 anos os maiores desafios de sua história, considerando a mudança radical na natureza produtiva das formas de relação do jornalismo e das notícias com a sociedade.

Essa mudança radical deve-se ao desenvolvimento da internet com as possibilidades de conexão por ela estabelecidas, pelo barateamento dos equipamentos de conexão e comunicação, oportunizados pela digitalização de dados e os avanços nas pesquisas em nanotecnologia, a profusão de acesso a conteúdos ilimitados devido à falta de filtros sociais e éticos, bem como legislações específicas. E, por fim, a transformação do espectador/público em produtor de conteúdo oportunizado por todas estas situações anteriormente descritas.

Nesse contexto, o jornalismo, que sempre foi um espaço de referência para a sociedade, já que fortalece, com o seu trabalho, o compromisso social, moral e ético, passou a ser questionado pela imposição de posições. Enquanto o jornalismo precisa selecionar entre os fatos do mundo aqueles que podem ser recobertos pela sua estrutura e rotinas produtivas, há uma infinidade de outras situações e fatos que, por desejos de diferentes ordens, “querem” também estar no espaço de referência ou ser selecionados pelo jornalismo.

No cerne desta crise estão as próprias bases da educação e das relações sociais, bases estas que não raro trabalham com a exclusão e o desejo de uma única verdade prevalecente sobre os fatos, a ressaltar normalmente aquelas que mais interessam a grupos hegemônicos ou elites políticas.

Diante de tudo que se relata até aqui, torna-se imprescindível voltar o olhar para o jovem, mas não qualquer jovem, aqueles que estão longe dos grandes centros e que compõem uma grande maioria da população, residente em periferias do interior do Brasil. O que se quer observar é como ocorre a relação do jovem de idade entre 12 e 29 anos, participante de ações

envolvendo os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) e a Central Única das Favelas (CUFA) da cidade de Criciúma, no estado de Santa Catarina, com o jornalismo e os conteúdos jornalísticos que acessam via dispositivos móveis.

O jovem está em formação cultural, social, educacional, sendo permeado por vivências que o afetam, constroem sentidos e formam identidades. Não se pode dizer que, mesmo vivendo em ambientes semelhantes, os jovens são iguais ou se formam de maneira igualitária. A rotulagem que se coloca, especificando a fase de desenvolvimento pessoal entre idades determinadas, torna-se importante para saber quais períodos estarão envolvidos nesta pesquisa, porém, ressalta-se que dificilmente servirá para se colocar numa ou outra caixa específica (GOBBI, 2012). São jovens e juventudes.

A definição deste público, que engloba adolescentes e jovens, é delimitada dentro de duas leis. A primeira faixa de idade é a determinada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que atende a um perfil entre 12 (incompletos) e 18 anos. Já a segunda faixa é estabelecida pelo Estatuto da Juventude, que considera jovens as pessoas entre 15 e 29 anos. Essa junção de idades fez com que se optasse, neste estudo, por ampliar a faixa de investigação, trazendo dados de adolescentes e jovens, mas trabalhando com a nomenclatura jovem ao longo do texto.

Entender um pouco mais sobre esses jovens, residentes nas periferias urbanas e, ainda mais, as periferias localizadas em cidades que não são os principais centros populacionais do Brasil, também tem relevância. A cidade de Criciúma está localizada entre as duas principais capitais do Sul, Florianópolis e Porto Alegre. Possui 213 mil habitantes. O salário médio dos trabalhadores formais é de 2,5 salários-mínimos por mês, mas, segundo o IBGE, tem 26,2% de sua população que possui um rendimento nominal mensal de até meio salário-mínimo⁴.

É essa cidade, com suas disparidades, que abriga o jovem morador das periferias, objeto de estudo desta pesquisa. Um jovem que se difere dos demais espalhados Brasil afora, porque, a exemplo das outras cidades brasileiras, também possui sonhos, alegrias e projetos, mas que são moldados pela realidade em que vivem.

Esta pesquisa tem seus conceitos centrais nos autores que discutem os estudos da cultura latino-americanos, com base nos estudos de recepção, que contribuem para o entendimento de que o sujeito é um ser social (SOUZA, 1995), ou, como define Martín-Barbero (1995), é um ser que faz sua leitura de mundo a partir de suas próprias observações. As observações servem para compreender os conceitos de consumo (CANCLINI, 2010;

⁴ Dados do IBGE. Disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/criciuma/panorama>. Acesso em 27 dez. 2018.

SARLO, 2000), mediações (MARTÍN-BARBERO, 2009, 2015), fazendo a relação com jornalismo e juventude e contribuindo para que se entenda mais essa proposta de estudo.

Além disso, também se procura Ronsini (2007) e Jacks et al. (2014, 2017) para entender mais as relações de consumo e as identidades juvenis, que são fundamentais nesta sociedade tecnológica vivenciada na atualidade. Para compreender um pouco mais sobre a produção de conteúdo jornalístico para dispositivos móveis, Barbosa (2013) e Silva (2015) trazem os argumentos atuais, mostrando como essas questões perpassam gerações e condições de classe, interligando os públicos.

Entender o jovem e suas percepções em relação aos meios de comunicação são ações que envolvem os estudos dos pesquisadores mundo afora. A proximidade com a violência, a ausência de políticas públicas, seja na área social ou de cultura e esporte, coloca os jovens à margem da sociedade. Observar o universo jovem, suas relações sociais e integração com os meios de comunicação faz parte dos estudos na área das Ciências Sociais Aplicadas.

O consumo de notícias, a utilização dos dispositivos móveis e a produção de conteúdo próprio integram os levantamentos feitos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Dentro deste âmbito temático, buscou-se nas bases de dados e produções científicas disponíveis na área da Comunicação e usando como elemento de pesquisa as seguintes palavras-chave: jornalismo, jovem, periferia, dispositivos móveis. Entre os textos identificados, muitos trazem temáticas semelhantes e mostram como o assunto é fonte de pesquisa quase que inesgotável, se forem pensados tantos desdobramentos quanto são possíveis. No quadro abaixo, um breve resumo da quantidade de trabalhos encontrados.

Quadro 1 – Trabalhos relacionados com o tema

Autor	Local	Quantidade trabalhos	Ano
IBICT	Brasil	133 – 3 mais específicos	2015 – 2018
Banco Teses Capes	Brasil	257 trabalhos	2016 – 2018
Intercom	Brasil	101 trabalhos	2010 – 2019
Compós	Brasil	9 trabalhos	2010 – 2019
SBPJor	Brasil	7 trabalhos	2012 – 2018
Schmitz; Fantoni; Mazer	Brasil	91 trabalhos - estudos recepção avaliando teses e dissertações sobre juventude publicadas entre 1999 e 2015	2017
Revista Chasqui	Equador	12 trabalhos – edição especial sobre	Abril/Jul – 2018.

		juventude	
Revista Estudios de Juventud	Espanha	9 trabalhos	2018
Microsoft Academic Search	Estados Unidos	159 trabalhos (teses, dissertações, artigos, livros e resenhas)	2018 – 2020
Scielo	Brasil	11 trabalhos	2016 – 2020

Fonte: a autora.

Entre os materiais analisados há aqueles que trabalham com aspectos gerais da juventude e do jornalismo, outros permeiam o jovem em vários espaços de vivência, desde as classes mais ricas até as menos favorecidas. Dos textos que foram observados com mais profundidade há a intenção de trabalhar mais detalhadamente com os que serão descritos abaixo. Compreende-se que estes, de alguma forma, contribuem com o desenvolvimento desta pesquisa, seja para trazer mais dados sobre a juventude ou ainda experiências metodológicas.

Nilda Jacks (2014, 2017) trouxe dados importantes para que se avalie metodologicamente como proceder com as entrevistas com os jovens. Duas grandes pesquisas, a “Rede Brasil Conectado” e “Jovens do Brasil Profundo”, reúnem pesquisadores que discutem a juventude e os impactos das tecnologias, observando o consumo midiático, que a afeta cotidianamente.

A Rede Brasil Conectado envolve pesquisadores de universidades públicas e privadas do país para desenvolver estudos nacionais e comparativos. Os atuais tratam do “Jovem e o consumo midiático em tempos de convergência”. A proposta consiste em compreender as práticas do jovem brasileiro na internet. Em 2016 iniciou outro grande levantamento, “Jovens do Brasil profundo”, uma continuidade da primeira pesquisa, mas que pretende investigar mais a fundo o tema. “O ‘Brasil Profundo’, no nosso caso, se concretiza ao revelar o país do interior, a diversidade regional e as práticas juvenis tecidas em distantes rincões desse imenso, e quase desconhecido, território” (JACKS *et al.*, 2017, p. 2).

Ao reavaliar os estudos de recepção no Brasil, Jacks (2017) reúne pesquisadores que investigam essa reconfiguração no consumo midiático, observado em várias nuances. No aspecto da juventude, o panorama é avaliado por Schmitz; Fantoni; Mazer (2017), que identificaram 91 pesquisas, entre teses e dissertações, feitas entre 1999 e 2015, que envolvem o tema juventude de maneira mais ampla. A partir de 2010 o protagonismo do sujeito jovem ganha mais força, aparecendo em 41 das pesquisas num período de cinco anos.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (IBICT), na busca pelos termos “jovem” e “periferia” surgiram 133 trabalhos, como já mencionado no Quadro 1. Um

dos trabalhos é de Oliveira (2017), que analisou o acesso de conteúdo jornalístico por jovens estudantes de uma escola pública de Aracaju (SE). A pesquisadora procurou entender como esses jovens, considerados nativos digitais, utilizam o smartphone como principal meio para ler os conteúdos jornalísticos.

O estudo apontou que é no aparelho que esse grupo acessa os principais conteúdos jornalísticos e também amplia sua leitura para outras informações. Por conta disso, a pesquisa se torna interessante e contribui para esta própria análise, já que o smartphone também é foco deste estudo. Um diferencial, porém, é o público que será estudado, que é o jovem morador de periferia de uma cidade do interior do Brasil.

Diante dessas leituras e aproveitando a revisão sistemática realizada, definiu-se que os estudos conduzidos por Jacks (2016) “Jovens do Brasil profundo”, bem como a Pesquisa In(ter)venções Audiovisuais (GORCZEWSKI, 2015), já concluída em 2013, trazem subsídios relevantes para este trabalho. O artigo de Schmitz; Fantoni; Mazer (2017) observa as dissertações e teses que trabalham a questão da juventude. Já a dissertação de Oliveira (2017) também traz subsídios e contribui para que se analise uma realidade específica, que é a de uma escola pública de Sergipe.

O acesso a todos estes materiais permitiu entender dois aspectos importantes que definiram escolhas fundamentais da pesquisa: 1) como o objeto de estudo desta pesquisa propõe estudar a partir do jornalismo a relação que o jovem de periferia de cidades do interior estabelece com as notícias jornalísticas, via dispositivos móveis; 2) pode-se aferir que há muitos estudos preocupados em entender essas relações, porém, a maioria foca em jovens residentes em grandes cidades brasileiras ou nas periferias destas regiões centrais. Sendo assim, enfatiza-se a necessidade, diante de uma globalização de processos socioculturais, de investigar jovens de periferia de cidades do interior dos estados, tendo em vista que há especificidades que podem ou não os diferenciar de jovens moradores de periferias das grandes cidades brasileiras.

Com disponibilidade de conexão à internet gratuita em vários pontos das cidades brasileiras, mesmo nas cidades do interior, a juventude encontra meios para falar com os amigos, buscar conteúdos diversos, estudar, se entreter e participar de uma realidade midiática virtual muito maior do que a própria relação interpessoal dentro de comunidades ou bairros periféricos. O jovem se conecta, une interesses que vão desde o trabalho, ócio, jogos ou, como argumentam Jacks e Schmitz (2017, p. 9-10), são um local onde se divertem. “Permitem ainda que a multiplicidade de telas com que convivem atravesse e reconfigure as experiências da rua, já que não estão mais necessariamente reunidos, mas interconectados”.

Indagações levantadas anteriormente ajudam a definir a proposta de tese, cujo questionamento norteador é: **Investigar quais as características que estruturam o conteúdo jornalístico acessado via smartphone pelo jovem morador de periferia de cidades do interior de Santa Catarina.** A observação central se dará no conteúdo jornalístico a partir do uso dos smartphones, mas também será possível observar outros veículos que os jovens de periferia de cidades do interior de Santa Catarina buscam, se são meios tradicionais como televisão, rádio ou jornal, entre outros indícios que podem contribuir para esse mapeamento e para entender um pouco mais sobre esse tipo de jovem.

Criciúma tem uma área central grande, com prédios imponentes, mas muitos problemas estruturais, como qualquer cidade de médio porte. A diferença social é gritante, mas por vezes ignorada, representando o distanciamento que há entre os bairros do centro e os periféricos, e que não é apenas geográfico, mas econômico e social. Saber mais sobre quem mora nas comunidades periféricas, especialmente os jovens, é algo inquietante e fator que motiva esta pesquisa. Observar o jornalismo que chega até eles é desafiador, como é consumido é um dos pontos que desperta o interesse neste estudo.

O grupo que faz parte do *corpus* da pesquisa é o jovem morador de periferia de uma cidade de interior. Criciúma está localizada entre duas capitais, Florianópolis (206 km) e Porto Alegre (293 km), sendo uma cidade de médio porte (que são aquelas que possuem população entre 100 mil e 500 mil habitantes, segundo o IBGE), o que implica características diferenciadas dos grandes centros urbanos brasileiros. Conforme dados do IBGE (Censo, 2010), a população entre 12 e 29 anos residente em Criciúma era de 63 mil pessoas⁵, considerando um universo total de 192 mil. Em 2018, a população estimada foi de 213 mil pessoas.

O jovem, morador de cidades do interior ou de grandes centros, segue sendo influenciado pelo desenvolvimento cultural. Música, artes, movimentos sociais contemporâneos que o cercam são fatores que contribuem para moldar realidades e identidades. Mas isso não apenas de forma regionalizada. Com o acesso a equipamentos tecnológicos que permitem o contato com outros jovens, geograficamente distantes, há a inserção de aspectos culturais relativos a outras realidades que não a sua.

Ferramentas como computadores, em especial o smartphone, permitiram que essa comunicação se tornasse mais simples e acessível. Mais modernos, conectados e com multifunções, os smartphones chegam equipados de ferramentas que ajudam a entender o clima, saber por onde o seu portador está circulando, já que trazem a localização geográfica,

⁵ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/criciuma/pesquisa/23/24304>. Acesso em 12 jun. 2019.

sem contar que alguns fornecem ainda dados sobre as condições médicas de cada pessoa. Algo, como define Santaella (2007, p. 232), como se fossem “pequenas criaturas sensíveis, quase vivas”. Eles permitem novas conexões, inclusão de aplicativos e possibilidades que vão muito além do que a simples troca de mensagens.

A partir das leituras realizadas e do que se pretende apurar dentro da problemática defendida na presente pesquisa, foram definidos os objetivos, geral e específicos, que contribuirão para investigar, de maneira mais detalhada, a juventude de periferia. O **objetivo geral** desta pesquisa é investigar qual é o conteúdo acessado pelo jovem morador de periferia da cidade de Criciúma, interior do estado de Santa Catarina, atendidos no CRAS e pela CUFA, acessado via smartphone.

Dessa forma, os objetivos específicos são:

- Identificar o conteúdo noticioso das produções jornalísticas acessadas por estes jovens;
- Analisar e sistematizar, a partir desse conteúdo noticioso, as características gerais destas produções jornalísticas e a influência/impacto dos modos de acesso via smartphone.

Para dar conta das questões que desafiam a presente investigação, os **procedimentos metodológicos** aplicados foram divididos em etapas. A primeira foi a produção de material teórico e metodológico para fundamentar as etapas seguintes da investigação. Em seguida, ainda na primeira etapa, foi realizada a aplicação de um questionário semiestruturado com os jovens moradores da periferia atendidos pelos CRAS municipais e que frequentam o Bairro da Juventude.

O objetivo desta etapa interna de entrevista foi identificar melhor o público com que seria trabalhado. Partiu-se de perguntas básicas em um questionário teste inicial (MANZINI, 1990/1991). Na segunda etapa, a seleção do grupo para as questões mais aprofundadas. Esse momento foi dividido em duas ações, a primeira com aplicação de questionário e a segunda com entrevistas em profundidade (CARDANO, 2017).

Esta pesquisa também traz, a partir das leituras de Martín-Barbero, uma reconfiguração do seu mapa noturno de mediações, criando o mapa noturno da juventude periférica de Criciúma, e que será importante para que as percepções dos jovens que integram essa pesquisa sejam analisadas. Esse mapa fará a relação com as categorias de sistematização que foram definidas e estão propostas neste trabalho.

Então, para dar conta das investigações, a pesquisa foi dividida seis capítulos. O primeiro deles é a Introdução, que dá uma pincelada sobre os principais pontos que serão vistos a seguir. No Capítulo 2, Juventude, Conexões e Jornalismo, estão alguns dos principais conceitos centrais do trabalho, trazendo a construção da Juventude, o Jornalismo e também as tecnologias que perpassam por esses dois aspectos. Para ajudar a entender um pouco mais sobre os temas, as argumentações de autores como Gobbi (2012), Margulis; Urresti (2011), Melucci (2001), Abramo (2008) e Pappámikail contribuem para entender sobre o jovem, enquanto Souza (2005), Traquina (2005; 2016), Schudson (2010), Christofolletti (2019), Paulino (2016), Silva (2015) e Canavilhas (2017) trazem as questões do jornalismo, seus avanços e as novas tecnologias.

O Capítulo 3, “Os mapas de Martín-Barbero e a recepção”, é dedicado para compreender um pouco mais sobre o que defende Martín-Barbero (1995; 2009; 2014; 2015; 2017; 2018) e os estudos da cultura latino-americana. Junto a ele, autores como Canclini (2010; 2012) e Jacks (1995; 2014; 2017; 2020) contribuem para as discussões sobre recepção e suas implicações. O entendimento sobre os mapas propostos por Martín-Barbero e o mapa que foi reconfigurado para esta pesquisa também se fazem presentes neste capítulo.

O Capítulo 4, “Os métodos traçam um caminho”, aborda o percurso metodológico utilizado (RAUEN, 2015) e as observações apontadas durante as entrevistas com os jovens. Aqui está apresentado o caminho que foi percorrido, com as informações detalhadas de cada método aplicado. As discussões sobre a ética na pesquisa também foram incorporadas neste ponto.

O Capítulo 5, “Desvendando mapas e juventude”, traz o resultado dos questionários aplicados com os jovens moradores da periferia de Criciúma, observando aspectos de jornalismo e tecnologia no cotidiano de cada um deles. Por fim, as Considerações Finais e as Referências que foram utilizadas e encerram este trabalho.

2 JUVENTUDE, CONEXÕES E JORNALISMO

Entender a juventude ou caracterizar uma geração não é tarefa simples. O tema provoca debates e troca de ideias entre os estudiosos, sem que se chegue a definições exatas. O que se percebe são questões pontuais que revelam um anseio em compreender quem é o jovem, o que ele pensa e deseja, mas, de outra forma, há também situações de rotulagem, de estereotipação, de tentativas de significar os demais por um grupo, o que pode representar um equívoco, já que se fala de pessoas complexas na sua essência. Essas divisões podem ser observadas em peculiaridades que envolvem a juventude, inserida em extratos sociais distintos, realidades urbanas e rurais e, por que não dizer, faixas etárias que compreendem o amadurecimento ou a fase mais tenra da vida.

A vontade por entender um pouco mais do universo juvenil e assim observar as relações de mundo que ele também faz leva a discussões complexas e pontos de vista diferenciados. Quando aborda o tema juventude, Bourdieu (1983) avalia que há pontos arbitrários envolvidos, como a divisão de idades, por exemplo. Ser jovem ou velho partiria de construções sociais impostas.

Ao tratar do assunto em “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”, o autor pondera que é importante observar diferenças entre a idade biológica e a social, que são complexas e arbitrárias. “Quando digo jovens/velhos, tomo a relação em sua forma mais vazia. Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isto que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e são objeto de manipulações” (BOURDIEU, 1989, p. 112).

Resumir juventude a apenas uma palavra, como traz à discussão Bourdieu, é algo raso, já que não se orienta usar o termo para definir a unidade social ou um grupo constituído, reduzindo o seu significado. Outros autores vão mais além de Bourdieu, ao falar na multiplicidade de juventudes. Margulis e Urresti (2008) observam a necessidade de ir além da divisão por idade, indo a fundo em estudos que caracterizem pontos relevantes do cotidiano jovem, da sua cultura, vivências e tudo que há no seu entorno e que contribui para essa formação juvenil.

Já Pappámikail (2013) destaca que há o desejo de sair da juventude para ingressar na vida adulta, como se isso representasse a maturidade que o adulto se propõe a construir. Essa questão reforça pontos como se o jovem fosse um ser inacabado, que se completa somente quando chega à fase adulta. A autora discute a questão que se deseja sair da adolescência para chegar na vida adulta, deixando para trás o que a sociedade considera como um período inacabado, para uma maturidade que os adultos aparentam possuir.

Embora o jovem busque seu lugar, ele está inserido em uma estrutura social própria, também mutável e complexa. Por mais que queira construir sua própria identidade, esta acaba transpassada por seu entorno, mantendo ainda presentes “velhos paradigmas interpretativos” (PAPPÁMIKAIL, 2010, p. 29), que corroboram as representações sociais que são criadas em volta da juventude, confirmando velhos conceitos como o da imaturidade, inexperiência, imprudência e outros tantos que levantam dúvidas sobre a capacidade dos jovens de serem capazes de tomar suas próprias decisões.

Ao discutir questões e tentar não colocar o jovem em um local específico, já estabelecido, Pappámikail (2010) pondera que é importante lembrar que a juventude não corresponde a uma faixa etária pré-estabelecida, por mais que se queira denominar o período específico da vida. A autora (2010) trabalha com várias juventudes, inseridas em contextos diferenciados. Questões que envolvem a percepção entre o desenvolvimento físico e a maturidade que o corpo infantil vai assumindo, em contraponto com o crescimento psicológico. As duas situações se apresentam divergentes na sociedade moderna e ocidental onde o jovem amadurece fisicamente mais cedo, mas não se emancipa tão rapidamente quanto, permanecendo dependente dos pais.

O que cada um pode ou não fazer em determinado momento da vida é compreendido pela divisão das etapas vivenciadas. Bourdieu aponta ainda que é relevante observar o cenário em que está inserido esse jovem e as condições de vida que o envolvem, se apenas estuda ou se trabalha (TOALDO; JACKS, 2014). Deixar a escola e começar a trabalhar implicaria já assumir uma condição adulta, fato que ocorre, principalmente, nas classes sociais populares.

A condição da juventude não está apenas ligada à idade. Sua constituição também é atravessada pela cultura, por um modo de experimentar e estar no mundo. Perpassa pelas questões biológicas, mas também se refere aos fenômenos culturais que são relativos à idade. Para Margulis e Urresti (2011), a geração em que está inserido é ponto chave para esse processo de transformação do indivíduo.

Nas sociedades modernas, diferente de grupos tribais, não há um rito de passagem da fase infantil para a juvenil, o que se percebe é que o adolescente vai aos poucos amadurecendo e assumindo posturas mais adultas (MORIN, 1986, *apud* GROPPPO, 2015). Não são apenas fatores biológicos ou do setor social ao qual o jovem pertence que o caracterizam.

É preciso avaliar a época em que vive e o meio que o circunda. Com isso será possível perceber sua condição “de incorporar novas maneiras de perceber e apreciar, de ser competente em novos hábitos e habilidades, elementos que distanciam os recém-chegados do

mundo das gerações mais velhas⁶” (MARGULIS; URRESTI, 2011, p. 4, tradução da autora). Isso representa a capacidade juvenil de aprender mais rápido, incorporar as novidades e assimilar situações em um processo de adaptação inerente à condição jovem.

Na concepção de Groppo (2015), os jovens são considerados como agentes revitalizadores, uma fonte de energia que existe para renovar a sociedade em que estão inseridos. Mesmo tendo um papel tão relevante, sua participação de fato é relegada a segundo plano. Surge a discussão da tese da moratória social (GROPPO, 2015), que estabelece uma condição limite ao jovem, colocando-o à margem de espaços e rotinas do mundo. Por trás de uma preocupação dita para com a juventude está uma negação de seu papel social, já que a própria sociedade o considera imaturo para algumas funções (KRUSKIPF, 2004, *apud* GROPPPO, 2015).

A palavra moratória significa um aumento de prazo para pagar uma dívida. No contexto dos estudos que envolvem a juventude, os autores trabalham com a “moratória social”, que seria um adiamento da vida adulta. “Jovens de classe média e alta têm, geralmente, uma oportunidade de estudar, adiar o ingresso nas responsabilidades da vida adulta⁷” (MARGULIS; URRESTI, 2011, p. 2; tradução da autora), favorecendo o período em que pode ter novas experiências, formação e treinamentos (ABRAMO, 2014). Além disso, quando surge algum grupo que se opõe a essa passividade, ele é tachado de rebelde, de insubmisso (GROPPO, 2015).

O termo moratória não é utilizado por Pappámiail (2010), mas ela trabalha com o tema, ao discutir a saída tardia de casa e o fato de, na sociedade atual, o jovem depender materialmente por mais tempo dos pais. Reflexo da atualidade, hoje os jovens, principalmente os de classe média, optam por permanecer na casa paterna por mais tempo, retardando sua saída e recebendo esse auxílio financeiro. Isso pode fazer com que as decisões pessoais também venham a depender da opinião dos pais, o que, para a autora, “interfere com a capacidade de concretização da sua autonomia” (PAPPÁMIKAIL, 2010, p. 403).

Além desse adiamento para as responsabilidades de adulto, também há a moratória vital, já que, como jovem, ele tem um prolongamento da vida até a velhice. Como está distante da morte, “tendo a vida toda pela frente” (ABRAMO, 2018, p. 26), o jovem adquire vantagens e depende da condição da sociedade em reconhecê-lo como tal. Esses dois aspectos fazem parte da condição da juventude. Margulis e Urresti (2011) defendem que os estudos

⁶ No original: “*de incorporar nuevos modos de percibir y de apreciar, de ser competente em nuevos hábitos y destrezas, elementos que distancian a los recién llegados del mundo de las generaciones más antiguas*”.

⁷ No original: “*Los jóvenes de sectores medios y altos tienen, generalmente, oportunidad de estudiar, de postergar su ingreso a las responsabilidades de la vida adulta*”.

que envolvem a juventude devem se atentar a isso, não ignorar a idade cronológica, mas observar diferenças de classe e posição social, para entender o contexto.

Nos estudos sociológicos que buscam compreender melhor o sujeito juvenil há a discussão sobre esse ser singular que está em transformação e construção constante de sua própria identidade. Nos estudos que avalia, a autora trabalha com duas linhas distintas. A primeira envolve os modos de ser e agir que envolvem o indivíduo no grupo onde está inserido e dentro de sua faixa de idade. Os mais jovens seriam os primeiros, em muitos dos casos, e serem afetados por mudanças sociais e comportamentais de seu tempo. E aí há questões como surgimento de emprego, ou desaparecimento dele, e inserção de novas tecnologias.

Já o segundo ponto apontado por Pappámikail (2010) fala da relação de semelhança dentro dos grupos. Ela traz o termo “clivagem”, utilizado na área da medicina para designar o desenvolvimento de um organismo multicelular, também é uma ação de dividir e separar, e que, neste caso, vem para que se avalie a criação de espaços fechados, grupos bem constituídos e que trazem uma relação de proximidade e semelhança única. “Estas são materializadas em práticas quotidianas que enformam estilos de vida identificáveis, reproduzíveis através de heranças próprias a cada juventude, entre si demarcadas por fronteiras que cristalizam (PAPPÁMIKAIL, 2010, p. 400).

Não se pode ignorar, como argumentam os autores, o contexto social em que o jovem vive, e que interfere na sua condição juvenil. Onde mora, como é meio que o circunda, os acessos a equipamentos públicos de saúde, educação e lazer, tudo isso contribui para que se avalie esse contexto. Integrantes das classes populares teriam dificuldade em acessar a moratória social, já que ingressam mais cedo no mercado de trabalho, formam família e assumem responsabilidades adultas, o que as impediria de permanecer mais tempo morando com os pais e tendo menos preocupações. Mudanças culturais, o acesso mais fácil ao ambiente escolar, além da possibilidade de ampliar os anos de estudo, bem como as transformações do próprio mercado de trabalho, são causas apontadas e que interferem nessa relação, fazendo com que o jovem deixe o espaço familiar mais tarde.

[...] mesmo nos detendo meramente na acepção cronológica do termo, as concepções sobre a juventude e o jovem ultrapassam a simples padronização e divisão etária, indo ancorar na organização social em que esse segmento está inserido, no momento histórico que está sendo vivenciado e na estrutura das relações que são estabelecidas nas múltiplas frações da vida social (GOBBI, 2012, p. 14).

O que se avalia, em muitos casos, não é como se está vivendo a juventude, mas a maneira como se sai dela. A primeira discussão levantada é que se vai sair da juventude para entrar na vida adulta, como se isso representasse, por si só, um nível de maturidade. “Mais do que comprometidas em querer chegar a uma forma ou patamar de *idade adulta* pré-determinada, as gerações mais jovens estariam, portanto, empenhadas a *inventar* (novas) formas de viver uma fase do ciclo de vida, conhecida como idade adulta” (PAPPÁMIKAIL, 2010, p. 403).

O outro ponto coloca essa maturidade como um ritual concreto, uma espécie de marcador, como o casamento ou um emprego, e que daria conta dessa passagem para o nível seguinte, algo que é refutado por Pappámikail (2010, p. 402). “As transições, no entanto, ocorrem em qualquer fase do ciclo de vida, motivando ou não dinâmicas de recomposição identitária”.

Um ponto que autores como Abramo (2014), Baumworcel (2012), Gobbi (2012) e Pappámikail (2010) debatem é como a idade não pode ser considerada um fator para demarcar a juventude. Dizer que a juventude inicia e termina em determinados anos é limitar a fase a uma contagem simples. Entender a singularidade em que está inserido o indivíduo contribui para que se perceba se ele está jovem ou não.

Olhar para a juventude, como se propõe nesta pesquisa, é ter o entendimento de que está se lidando com um grupo desafiador, reconhecido como fase da vida onde há a transitoriedade entre a infância e o ser adulto, que culminaria com a sua emancipação financeira e profissional. Percebe-se que essa emancipação pode ser prolongada com frequência (PAPPÁMIKAIL, 2010). Quando se trabalha com o prolongamento da juventude, o que se discute é se essa é uma transformação social que acaba perpassando a sociedade ocidental.

[...] têm-se acentuado tendências que apontam para o prolongamento da co-residência familiar e para o adiamento, dessincronização, e reversibilidade de rituais de passagem que antes permitiam uma identificação *pacífica* da transição para a denominada vida adulta: a estabilização profissional, a residência autônoma, a conjugalidade, a parentalidade (PAPPÁMIKAIL, 2010. P. 401)

Ao se tratar da questão da moratória, como já citado anteriormente, é apresentado esse ponto de prolongamento da vida juvenil, atrelada a uma permanência maior na moradia dos pais, usufruindo de benefícios e reduzindo responsabilidades que seriam comuns à vida adulta. Margulis e Urresti (2011) trazem um aspecto que deve ser observado com atenção quando se trata dos estudos da juventude e da questão da moratória, a classe social. Embora

eles não usem esse termo, mas ponderam que o contexto social, o modo de vida, o acesso às oportunidades, ou a falta delas, é algo que precisa ser levado em consideração quando se observa o cotidiano juvenil.

[...] eles devem entrar no mundo do trabalho cedo – em trabalhos mais duros e menos atraentes – tendem a contrair obrigações familiares mais jovens (casamento ou união precoce, consolidada pelos filhos). Carecem de tempo e dinheiro – moratória social – para viver um período mais ou menos prolongado com relativa despreocupação e leveza⁸ (MARGULIS; URRESTI, 2011, p. 3, tradução da autora).

Aspectos discutidos aqui e que trazem como ponto a questão da moratória social ou moratória juvenil são peculiares deste momento contemporâneo. Gerações anteriores vivenciaram outros aspectos culturais e as futuras também terão os seus para argumentar. Esse processo de socialização, com seus códigos e diferenciais, é incorporado pela geração jovem que vive aquele momento, mas que poderá perder sua significância à medida que os anos forem avançando e novas gerações venham surgindo.

Aqui não se busca desvincular a questão da idade da condição de vida juvenil, mas também não se deseja que seja limitada a uma faixa etária específica. Já ficou claro que os padrões sociais e o meio interferem na condição do ser jovem e fazem com que ele fique mais tempo ou menos tempo desfrutando de alguns “benefícios” que essa fase proporciona. Um deles, já tratado na questão da moratória, é seguir morando com os pais e assumindo menos responsabilidades, como ter e manter sua própria casa, por exemplo.

Essa discussão envolve até o delimitar de quando inicia ou termina a juventude. Enquanto alguns defendem que ela inicie a partir do final do ensino fundamental, países latino-americanos, como o México, já consideram a partir dos 10 anos, sendo finalizada quando esse indivíduo sai de casa e vai morar sozinho (CANCLINI, 2012). No Brasil, conforme determinado no Estatuto da Juventude (lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013)⁹, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos.

Entender um pouco melhor o que o jovem pensa e como é influenciado pelos movimentos culturais, pelas tecnologias e pela comunicação é um dos pontos centrais desta proposta. Além disso, está se trabalhando aqui com um público pontual, o jovem morador de periferia de uma cidade de médio porte, não de uma metrópole ou capital, observando de que

⁸ No original: “[...] deben ingresar tempranamente al mundo del trabajo - a trabajos más duros y menos atractivos-, suelen contraer a menor edad obligaciones familiares (casamiento o unión temprana, consolidada por los hijos). Carecen del tiempo y del dinero - moratoria social - para vivir un período más o menos prolongado con relativa despreocupación y ligereza”.

⁹ A lei foi assinada pela então presidente Dilma Rousseff e trata dos princípios e diretrizes das políticas públicas voltadas ao jovem. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm.

maneira as tecnologias estão inseridas em sua vida e como se apropria dos conteúdos disponibilizados por meio delas.

A discussão que envolve o tema demarca um período na vida do jovem, rotulagem que se torna válida para identificar esse grupo, mas que não serve para demarcar uma identidade única se forem pensadas as multiplicidades de indivíduos que integram essa fase. Assim, como destaca Baumworcel (2012, p. 45), “[...] não há uniformidade e linearidade em etapas de transição para a vida adulta. As transições são múltiplas, distintas e diferentemente vividas pelos jovens a partir de descontinuidades e rupturas, seja nas vertentes conjugal, profissional, entre outras”.

Conhecer adolescentes e jovens vai além de entender as transformações físicas e psicológicas por que eles passam. É preciso participar do seu cotidiano, ouvindo e dialogando junto (GOBBI, 2012), é necessário que se observe como as ações do meio e as inter-relações de amizade e família perpassam por ele e contribuem para sua formação.

Instersubjectividade e individuação, tempos, espaços e lógicas sociais de construção de si à medida que o corpo cresce e tudo o resto se transforma, são, portanto, os ingredientes fundamentais para a configuração de um olhar diferente sobre os indivíduos que, pela sua idade e identidade, são considerados e se consideram jovens (PAPPÁMIKAIL, 2010, p. 407).

A questão da juventude estimula discussões e estudos mundo afora. Nas últimas décadas, essas observações implicam avaliar o jovem em sua classe social, observando as peculiaridades de cada uma. Também se procura entender o espaço social em que está inserido (CANCLINI; CRUCES; POZO, 2012), avaliando de que maneira a sociabilidade com seus pares é uma fonte de afeto, reconhecimento e que se constitui como de materialização da criatividade.

Levantamento feito na América Latina apontou dez paradoxos¹⁰ ou tensões que envolvem a condição juvenil (ABRAMO, 2014). São apontamentos que contribuem

¹⁰ O trabalho foi coordenado pelo professor Martín Hopenhayn, a pedido da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) e Organização Ibero-Americana de Juventude (OIJ), e foi denominado *La Juventud em Iberoamérica. Tendencias y urgências*. Os itens são: mais acesso à educação e menos acesso ao trabalho decente; muito acesso à informação e pouco acesso ao poder; mais expectativas de autonomia e menos opções de materializá-la; maior acesso aos equipamentos de saúde; maior mobilidade e mais possibilidades de circulação, mas afetadas por trajetórias incertas e migrações; maior identificação “para dentro” (entre jovens) e maior impermeabilidade “para fora” (entre jovens e adultos, no interior das instituições escolares); os jovens parecem ser mais aptos para responder às mudanças do setor produtivo atual; a juventude ocupa um lugar ambíguo entre os receptores de políticas e protagonistas da mudança; os jovens vivem maior expansão do consumo simbólico e grande restrição do consumo material; os jovens vivem com expectativas de autodeterminação e protagonismo, mas experimentam situações de precariedade e de desmobilização (ABRAMO, 2014).

para refletir sobre uma realidade peculiar, encarada pela juventude latino-americana que, independentemente do país em que se encontra, revela semelhanças e proximidades com a realidade brasileira. Entre os itens apontados pelo estudo estão alguns bem significativos, como o aumento no acesso à educação e a falta de abertura no mercado de trabalho.

Embora, nos últimos anos, os jovens tenham conseguido ampliar sua formação – no período de 2000 a 2010, na faixa etária entre 18 e 24 anos, a proporção de jovens que buscou o nível superior de ensino subiu de 9,1% para 18,7%¹¹ - é possível perceber que há ainda limitações no processo educacional e falhas que impedem que 100% desse público realmente tenha acesso à educação. A falta de formação, em alguns casos, e de oportunidade, em outros, impede ainda que esse jovem tenha oportunidades de ingressar no mercado de trabalho.

A autora pontua ainda que os jovens possuem, na atualidade, mais acesso à informação, característica proporcionada pela escolaridade e pela facilidade de acesso aos meios de comunicação, se comparados com a geração de seus pais. Mas isso não significa que eles têm o poder de tomar decisões. “[...] amplia-se o acesso de informações e redes e seguem restritas as condições de exercício de cidadania política” (ABRAMO, 2014, p. 15). Essas condições que permitem o ingresso nas escolas não se configuram em retorno de conquistas materiais, já que o estudo aponta que as oportunidades de emprego são reduzidas para os jovens.

Quando se definem como protagonistas de um tempo, inseridos nas grandes transformações sociais, os jovens surgem nos discursos externos de maneiras variadas. Ora são carentes e vulneráveis, ora são personagens de empoderamento e possuem rico capital humano (ABRAMO, 2014). Há um tensionamento entre realidade e expectativa, e nesse parâmetro o jovem tenta encontrar-se.

[...] no atual momento histórico, a juventude, com sua diversidade, não pode ser vista apenas como momento de passagem. Em diferentes ritmos e intensidades, tais fenômenos aproximam jovens das economias centrais e periféricas. Pode-se dizer que nunca houve tanta conexão globalizada e, ao mesmo tempo, nunca foram tão agudos e profundos os sentimentos de desconexão (ABRAMO, 2014, p. 20).

¹¹ Dados do documento IPEA – evolução do acesso de jovens à educação superior no Brasil. 2014. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3021/1/TD_1950.pdf. Acesso em 21 jul 2019.

Se por um lado as tecnologias permitiram conexões nunca antes imaginadas, também serviu para separar os desiguais. Nos movimentos contemporâneos, sejam culturais ou sociais, como em todos os fenômenos coletivos, combinam-se formas de ação que dizem respeito aos diversos níveis de estrutura social que implicam diversas orientações. “Trata-se, portanto, de compreender esta multiplicidade de elementos, sincrônicos e diacrônicos, e de explicar, como eles se combinam na concreta unidade de um ator coletivo” (MELLUCCI, 2001, p. 25).

Dentro desse universo de constante mutação, aprendizado e dúvidas está o jovem. A rotulagem que se coloca, especificando a fase de desenvolvimento pessoal entre idades determinadas, é importante para saber de que período se irá falar, mas dificilmente isso serve para que se coloque o jovem em uma caixa específica.

Integrar um grupo, uma ‘tribo’, conectar-se. Apesar de estar inserido em um mundo onde a dinâmica digital permite aproximações, a juventude busca seus pares, seus iguais, tenta se inserir em um contexto. São locais criados por ele, ora por afinidades, ora impostos pela dinâmica social contemporânea. O fato de morar na periferia o isola de lugares e conquistas. Ele vive sua comunidade e nem sempre interage com outros pontos da cidade. “As distâncias se encurtaram, não só porque a cidade deixou de crescer, mas porque as pessoas já não se deslocam por ela, de ponta a ponta” (SARLO, 2000, p. 14).

Os sentidos da juventude estão relacionados com o meio em que ela se constitui, suas relações e interferências sociais. São sentidos que se atribuem, ou como define Weisheimer (2013), são incorporados novos papéis sociais que fazem parte desse processo transitório da infância para a vida adulta. Espera-se mais do jovem, cobra-se mais atitudes à medida que ele entra em nova idade, mas, muitas vezes, as condições para que ele realmente avance como cidadão lhe são negadas.

O jovem procura sobressair-se à submissão que lhe é imposta por família, padrões, governos e sociedade. “Os jovens tendem a acreditar que, devendo construir um novo mundo, eles serão capazes de fazê-lo melhor, mais justo e mais livre do que o mundo em que vieram à luz” (SINGER, 2008, p. 29). Há essa esperança de mudar, fazer diferente, já que a intenção inicial é sempre fazer melhor do que os que vieram anteriormente.

Falar da juventude é falar de multiplicidade de pensamentos, opiniões e valores. Independente do período em discussão, seja no século passado ou na atualidade, “[...] a juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes” (ABRAMO, 2008, p. 44). É o momento em que há o reconhecimento por todas as tribos ou representações da sociedade de que há essa distinção entre a criança e o adulto.

Cabe a ela, como já dito anteriormente, o benefício da moratória vital, o prolongamento, a vida que está por vir. Por isso a necessidade de avaliar e entender mais sobre esse ser singular e ao mesmo tempo universal, com suas peculiaridades bem definidas. Limitar a juventude a pontos específicos é observá-la de maneira reduzida, ou, como define Gobbi (2012, p. 18), “[...] é fundamental acabar com a imagem de juventude preestabelecida e entender o sujeito social que se enquadra nesse período de tempo”.

Essa construção do sujeito segue sendo influenciada por situações do tempo presente, mas também do passado. Gobbi (2012) argumenta que as experiências individuais são escolhas que contribuem para ir formando a identidade do jovem, à medida que ele as define, e que o tornam um ser único. Olhar este ser único, porém plural, é algo que se pretende construir ao longo desta pesquisa. Fundamental lembrar que o estudo investiga a relação do jovem de periferia com o jornalismo, observando aqui uma faixa de idade entre 12 e 29 anos, englobando não apenas jovens, mas também adolescentes.

Weisheimer (2013) ainda argumenta que a juventude precisa ser observada de seu lugar de origem, já que as especificidades dos processos de socialização interferem diretamente sobre si. Esse lugar de origem é ponto de influência sobre sua construção identitária. Onde se vive, a forma como se vive, o acesso aos serviços públicos, ou a ausência deles, as construções familiares, tudo isso está no lugar de origem e contribui para a formação dos indivíduos.

O grupo que faz parte deste estudo é o jovem morador de periferia de uma cidade de interior. Criciúma, como já foi observado, está localizada entre duas capitais, Florianópolis (206 km) e Porto Alegre (293 km), sendo uma cidade de médio porte (que são aquelas que possuem população entre 100 mil e 500 mil habitantes, segundo o IBGE), o que implica características diferenciadas dos grandes centros urbanos brasileiros. Conforme dados do IBGE (CENSO, 2010), a população entre 12 e 29 anos residente em Criciúma era de 63 mil pessoas¹², considerando um universo total de 192 mil. Em 2021, a população estimada na cidade foi de 219 mil pessoas.

A percepção sobre os dias atuais é que o contexto histórico, cultural e social interfere na formação do jovem e tem feito, em alguns casos, com que se prolongue a juventude. “Em resumo: a passagem da condição de dependência à de autonomia não depende apenas de fatores individuais, sendo afetada também pelas condicionantes estruturais” (WEISHEIMER, 2013, p. 102). Essa questão será discutida um pouco mais à frente, quando se abordará a questão da moratória do jovem e do prolongamento dessa etapa.

¹² Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/criciuma/pesquisa/23/24304>. Acesso em 12 jun. 2019.

É importante que se avalie que o jovem vive um período de mudanças, imprecisões. Os estudos sobre o tema juventude são fundamentais para compreender que não há necessariamente uma separação, mas é importante que se compreenda os “processos estruturantes da vida social, fundados nas desigualdades sociais, nas relações de gênero e relações étnico-raciais, entre outras” (SPOSITO, 2009, p. 18).

Processos estes que interferem, criam, reconfiguram a juventude a cada momento. Seja no convívio familiar, no espaço geográfico delimitado onde residem, nos locais de lazer e nas multtelas, o jovem é perpassado cotidianamente por informações, dados, conexões e emoções que o constroem e transformam. Acompanhando as transformações cotidianas, o jovem é um dos primeiros a percebê-las e estar apto para encarar as novidades.

Para Jenkins (2010, on-line), isso ocorre porque ele quer se adaptar ao que está emergindo e não se intimida em experimentar o novo. “O jovem, então, personifica a mudança que as mídias estão trazendo e é, portanto, o guardião da maioria das práticas culturais”. Essa maneira de buscar o novo e encarar os desafios que se apresentam faz parte do jeito de ser da juventude.

2.1 PERIFERIA, LUGAR DE FALA

O termo “periferia” vem do grego e serve para designar: “contorno ou linha que limita uma superfície curvilínea; circunferência; o que fica nos arredores, nas circunjunções de algum lugar”¹³. Quem mora nos arredores dos centros sabe que nem sempre os serviços públicos chegam com a mesma qualidade. Entender um pouco mais sobre essas periferias urbanas e, ainda mais, as periferias localizadas em cidades que não são os principais centros populacionais do Brasil também tem relevância.

Neste estudo, será utilizado o termo periferia para designar as comunidades adjacentes ao centro urbano. O conceito é baseado no que define Rolnik (2010, online), e que se estrutura a partir do desenvolvimento urbano crescente na década de 1980, partindo de uma ideia geográfica, que afastou as famílias do centro. “Mas é preciso lembrar que a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização”. A delimitação de espaço é visual nas grandes cidades, podendo ser fácil identificar os bairros nobres pelas suas mansões e valorização dos metros quadrados, dos

¹³ Dicionário online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/periferia/>. Acesso em 22 dez. 2018.

locais inovadores e de negócios, daqueles ainda onde está a periferia com menos investimentos públicos.

A periferia é definida como uma região distante do centro urbano, “com pouca ou nenhuma estrutura e serviços urbanos, onde vive a população de baixa renda”¹⁴. O termo também é utilizado para referenciar países com pouco desenvolvimento, se comparados às grandes potências econômicas mundiais. A partir do Censo de 2010, o IBGE passou a desdobrar os resultados habitacionais, trazendo novos ‘recortes territoriais’, como eles mesmos definiram, para mostrar onde vivem os brasileiros. São os aglomerados subnormais que envolvem favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros¹⁵. Conforme o Censo 2010, havia 11,4 milhões de pessoas morando em favelas.

A designação periferia serve geograficamente para localizar bairros e loteamentos que não se concentram na área central. Domingues (1994) avalia que o termo periferia tornou-se o mesmo que lugar de exclusão, um espaço onde o poder público é ausente, sobram problemas estruturais e sociais. Além disso, pondera que essa distância, que antes era geográfica, tornou-se uma separação sociológica e de poder. Esse distanciamento se configura muito mais pela falta de acesso aos equipamentos públicos e pela rotulação que se impõem a essas comunidades do que, propriamente, a contagem de quilômetros dos principais centros urbanos.

São contrastes profundos que estão presentes em todas as cidades brasileiras, seja de maneira superficial, com pouca desigualdade social, ou de forma gritante, com os espaços excludentes cada vez mais demarcados.

Os morros e o asfalto na zona sul do Rio de Janeiro, o centro e as periferias da metrópole paulistana, o mangue e a orla na cidade à beira-mar são traduções territorialmente distintas da desigualdade de oportunidades urbanas que define nossas cidades. Mais do que expressar diferenças econômicas e sociais, este contraste tem implicações profundas na forma e no funcionamento das cidades (ROLNIK, 1999, p. 100).

Se em alguns bairros periféricos há a inserção dos serviços públicos básicos, como coleta de lixo e abastecimento de água, percebe-se que a ausência do poder público também é grande. É precária a assistência à população e, conforme destaca Rolnik (2010), o seu acesso

¹⁴ Dicionário Michaelis. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=periferia>. Acesso em 11 jun. 2019.

¹⁵ Aglomerados subnormais: Informações Territoriais. IBGE. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais_informacoes_territoriais/default_informacoes_territoriais.shtm. Acesso em: 18 jun. 2019.

a aparelhos tecnológicos e culturais, como espaço de lazer e diversão. Embora, no Brasil, o acesso à internet tenha avançado nos últimos anos, a disparidade entre as classes sociais é grande.

Ao se propor o “lugar de fala” voltado para uma periferia de cidade do interior brasileiro, busca-se no aporte de Ribeiro (2017, p. 32) o embasamento para observar o conceito, que trata dos discursos e posicionamentos. Há silêncios que são institucionalizados e que, mesmo quando se procura trazer perspectivas de quem está vivendo em ambientes específicos da sociedade, há a exclusão ou a diminuição da importância dessa voz.

A autora observa e discute a participação da mulher negra nos movimentos feministas e como essas vozes são silenciadas ou diminuídas, mesmo sendo as que possuem a autoridade para falar. “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 36).

Importante ter isso em mente ao seguir com a proposta em estudo, que possui como pano de fundo a periferia de uma cidade do interior, não uma metrópole ou capital de estado. O município de Criciúma, localizado geograficamente no sul do Estado de Santa Catarina, é a principal cidade entre duas capitais, Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). Teve o seu crescimento impulsionado a partir da década de 1960 pela extração do carvão mineral, que atraiu milhares de famílias de trabalhadores¹⁶ de outras cidades e estados em busca da oportunidade para trabalhar e enriquecer (CAROLA, 2020). Essa configuração fez surgir vilas operárias, reunindo nos arredores das minas de carvão as famílias dos mineiros (RABELO, 2007).

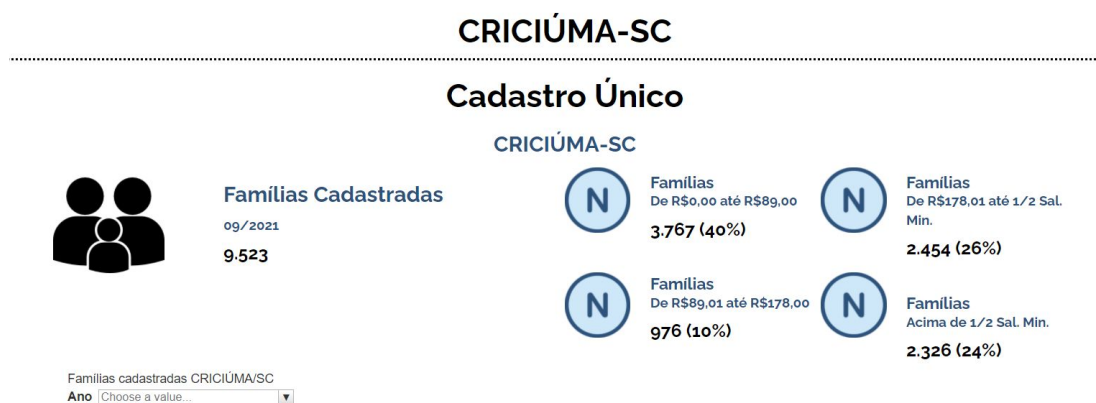
Também é a partir da exploração do minério que são criados depósitos de rejeitos, a popular pirita, um subproduto derivado do processo de lavra do carvão e que é depositado, inicialmente a céu aberto (RABELO, 2007). São esses espaços que começam, a partir das décadas de 1980 e 1990, a receber os moradores que não tinham residência. A ocupação irregular de territórios é formada e se torna, numa observação atual, os locais onde estão as maiores desigualdades sociais e econômicas da cidade e onde foram instalados os CRAS.

Em agosto de 2016, a equipe de Ação Social de Criciúma tinha 25.671 pessoas dentro do Cadastro Único, representando 8.891 famílias que estavam dentro dessa plataforma para acessar os programas sociais do Governo Federal. Entre 12 e 17 anos eram 3.948 jovens. A renda para ingressar é de três salários/família ou ½ salário-mínimo per capita.

¹⁶ Em uma década, entre 1940 e 1950, a cidade de Criciúma passou de 27 mil pessoas para mais de 50 mil habitantes (NASCIMENTO, 2004).

O número de famílias cadastradas em 2021 é maior do que o registrado em 2016. Conforme Figura 01, abaixo, em setembro de 2021 o registro era de 9.523 famílias no Cadastro Único do Ministério da Cidadania, o que permitia o acesso aos programas de assistência social governamentais.

Figura 1: Dados do Cadastro Único de Criciúma



Fonte: Reprodução site Ministério da Cidadania.

Os dados são referentes ao mês de setembro de 2021 e envolvem 24.972 pessoas. Dentro desse universo, os números apontam que 879 são adolescentes com 16 e 17 anos, enquanto 2.135 possuem entre 18 e 24 anos, totalizando 13,16% do total beneficiado na cidade de Criciúma. O mês que registrou o menor índice de famílias cadastradas foi setembro de 2017, quando havia 7.834 inscritas, beneficiando 22.328 pessoas¹⁷.

A periferia criciumense formou-se a partir da implantação das vilas operárias para as famílias dos mineiros. Rabelo (2007) lembra que os primeiros conjuntos habitacionais neste formato surgiram em Criciúma a partir de 1920, quando o minério já vinha sendo explorado. A partir da ampliação da atividade econômica e da vinda de mais trabalhadores, as regiões ao redor das minas tornaram-se locais de moradia desses homens. A partir do início dos anos de 1990, com a desregulamentação do setor carbonífero por parte do Governo Federal, a desativação das carboníferas e uma grave crise empregatícia, muitas das áreas adjacentes das minas foram ocupadas pelos antigos trabalhadores e suas famílias (MAFIOLETTI; VIEIRA, 2019).

São territórios como o caso do Bairro Cristo Redentor, que, conforme Mafioletti e Vieira (2019, p. 164), são “uma manifestação dessa segregação socioespacial na zona

¹⁷ Dados disponíveis no site do Ministério da Cidadania, dentro do município de Criciúma (SC) <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirms/bolsafamilia/painel.html>. Acesso em 10 nov. 2021.

periférica do município. O lugar, assim como boa parte do território criciumense, teve seu solo minerado e sua paisagem explorada”. Em muitos desses locais era colocado o rejeito do carvão, a conhecida pirita, que em contato com o ar e a água exala um cheiro de enxofre muito forte, o conhecido odor de ‘ovo podre’. Foi nesses bolsões que muitas famílias, em situação de miséria, passaram a morar.

Também são esses espaços que inicialmente quando ocupados recebem nomes pejorativos. Antes de ser Cristo Redentor, o local era conhecido como Corda Bamba. A antiga Mina 4, que recebia parte do rejeito, virou o Renascer. Da mesma forma o Pedregal, hoje bairro Tereza Cristina. Os dois primeiros, antigos rejeitos de carvão, ocupados irregularmente a partir do início da década de 1990, e o terceiro formado ao lado dos trilhos do trem que corta a parte Sul da cidade e também habitado de maneira irregular a partir de 1975. Espaços urbanos que não propiciam a oportunidade de desenvolvimento, por conta da “dificuldade de acesso a equipamentos de educação, saúde, cultura, transporte e emprego, isto é, excluído do contexto da cidade” (MAFIOLETTI; VIEIRA, 2019, p. 165).

Desde os anos 1990, quando os espaços periféricos passaram a ser um local de instalação de casas e foram recebendo as famílias que tinham menos condições financeiras, até os dias atuais algumas situações mudaram. Políticas públicas foram sendo ampliadas e contribuíram para melhorar a condição de vida dos moradores. Escolas, postos de saúde e as próprias unidades dos CRAS – que estão nestes três bairros, por exemplo – foram algumas das ações do Poder Público para reduzir problemas. Mas ainda há situações, como oportunidades de emprego, de ampliar os estudos e serviços públicos que facilitam o acesso às tecnologias, que permanecem ausentes do cotidiano desse público, especialmente o jovem.

Essa realidade, da falta de acesso à tecnologia, não é algo exclusivo de Criciúma. Conforme dados da pesquisa TIC Domicílios de 2019, em 54% das casas brasileiras havia o acesso à internet¹⁸. Observados os dados por classe, na faixa das classes D e E, esse percentual é de 30%, quatro pontos percentuais a menos que a pesquisa realizada em 2017, que mostrou que 34% dos domicílios destas classes possuíam o acesso. Bem distante dos 99% da A e 93% da B. Os números contribuem para que se pensem o quanto há distanciamento entre os ‘Brasis’ dentro do Brasil. São realidades que se configuram a partir de uma divisão de classes sociais e que demonstram que há ainda locais em que as tecnologias chegaram, mas não de maneira tão intensa.

¹⁸ Pesquisa sobre acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>. Acesso em: 19 jun. 2019.

Morar na periferia não é tarefa fácil. A primeira delas esbarra na questão logística, no deslocamento de um ponto a outro da cidade, até para resolver questões importantes, como a realização de um exame médico ou a busca por uma oportunidade de emprego. Se for levado em consideração o acesso a equipamentos de cultura e lazer que não estão inseridos na comunidade, isso se torna um desafio ainda maior.

Compreensível porque entre os próprios moradores dessas localidades o termo periferia não é bem aceito. O que o morador quer é o direito à cidade, mas, conforme Freitas (2014), isso implica considerar todas as peças de uma estrutura que não foi criada para conceber o que ele imagina. Segundo a autora (2014), a mídia tem contribuído para apresentar esse local marginalizado que é a periferia, que também recebe os nomes de favela ou gueto. Locais como as favelas cariocas que receberam as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) viram surgir a especulação imobiliária e se tornaram cenários de telenovelas, mas continuam sendo conhecidos pela grande massa como pontos de violência e pobreza.

Embora ocorram desigualdades, diferenças evidentes, Barreto (2009, p. 4) argumenta que esses espaços de encontro não são estanques. Eles interagem, se integram. “[...] eles existem em uma multiplicidade de pequenos agregados de lugares, no sentido do espaço geográfico e simbólico do termo, que se deterioram como um todo, assim como suas regras de constituição”.

As pessoas procuram se socializar, interagir entre si, seja no bairro central ou periférico (SANTANA, 2009). Ao fazer a troca de termos, de “morar na periferia” para “morar na comunidade”, as pessoas também buscam algo que lhe traga o sentimento de pertença. A comunidade agrega, acolhe, faz com que ele se sinta integrado, não mais um excluído (BAUMAN, 2003). Dizer que se faz parte de uma comunidade é revelar aconchego, sentir-se em segurança.

“Comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega — todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar mas que não alcança mais. Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante (BAUMAN, 2003, p. 7).

A busca pela união dos comuns, pelo fortalecimento do grupo é algo que a comunidade demonstra. Ali há uma procura de afinidades. “A defesa do lugar, vista da condição necessária de toda segurança, deve ser uma questão do bairro, um assunto comunitário” (BAUMAN, 2003, p. 102). Avaliando sob esse aspecto, entende-se que o sujeito encontra na comunidade, não na periferia, essa condição de pertencimento.

A comunidade é um lugar humanamente contraditório por definição: confortável e aconchegante, mesmo que não isento de conflitos ou carências, pois mesmo tais fenômenos, por serem naturalizados dentro do repertório de possibilidades de existência, acabam por ser interpretados como um modelo seguro (PAIM *et al.*, 2013, p. 838).

Por muito tempo a periferia foi olhada pela mídia não como esse espaço de união comum, mas pelo aspecto mais negativo. Pela imprensa vinham as notícias que reforçavam o que havia de ruim, a violência, as carências, o tráfico de drogas, a pobreza. Paim *et al.* (2012, p. 30) destaca que essa realidade violenta era reforçada todos os dias nos telejornais, e isso mudou pouco nos últimos anos. “[...] a dura realidade enfrentada pelos moradores das periferias continua existindo. O que mudou foi a leitura da mídia”.

Os meios de comunicação lançam um novo olhar sobre as comunidades periféricas, não ignorando os antigos conteúdos, como a pobreza e a violência, mas buscando temas diferenciados, como argumentam Paim *et al.* (2012, p. 36) ao destacar que “as produções culturais da periferia são um tema novo que surge, estimulado por “um novo tipo de consumo cultural em nosso país”.

Trazer a comunidade, ou a periferia, para a tela contribuiu para o processo de globalização que a própria mídia defende. Não porque acredita na igualdade das discussões, mas porque percebe que ali há um público que consome seus conteúdos, mas que também produz cultura. Paim *et al.* (2013) ressaltam que a realidade acaba se transformando em entretenimento a partir de um encontro que há entre o cotidiano e a ficção. Observando sobre o aspecto da televisão, Sarlo (2000) aponta que esse encontro busca uma “cultura de espelho”:

[...] reflete seu público e nele se reflete, como uma estrutura em abismo que confirmaria os traços barrocos que muitos acreditam verificar na condição pós-moderna. A televisão é laica e democrática, mas não deixa de ter fortes elementos de fundamento mítico (SARLO, 2000, p. 82).

A mídia e os meios de comunicação, especialmente o televisivo, traz fragmentos de histórias que abraçam as causas, gêneros e comunidades. “A televisão partilha do que antes repartiu, e reparte o que tomou um pouco de cada parte” (SARLO, 2000, p. 67). Ao retratar parte de um todo, os meios de comunicação tendem a criar comunidades simbólicas ou, como defende Barreto (2009, p. 2), comunidades periféricas midiáticas “concebidas pela mídia nas suas relações dialógicas com as comunidades do seu entorno”.

Os veículos de comunicação se aproximam de seu público, no caso das comunidades, porque essa é uma necessidade real, tanto mercadológica quanto cultural. Para isso, Barreto

(2009) traz o destaque de programas como Central da Periferia, Cidade dos Homens e Antônia (Rede Globo) ou Vidas Opostas (Record), que trouxeram um pouco da realidade das comunidades para as telas e serviram para que a mídia se aproximasse mais do público morador e consumidor das próprias comunidades.

Então, chegar mais próximo, voltar-se para as comunidades periféricas é uma estratégia de atendimento a um desejo. Mas, sobretudo, no caso, as mídias são cômicas da força que essas comunidades exercem na esfera social e cultural da atualidade. Esta questão torna-se evidente pelo espaço que as mídias vêm lhes concedendo (BARRETO, 2009, p. 3).

A proposta de Barreto (2009, p. 2) é que se reflita sobre o processo de configuração das comunidades periféricas midiáticas, observando o que ela chama de “desencaixe dos sistemas sociais”, já que não há unanimidade entre o que traz a mídia e o que a comunidade vivencia, “pois as interações entre esses dois sistemas não ocorrem em nível presencial e sequer os seus membros se conhecem”. Os meios determinam a ordem do dia da sociedade. Para Bertrand (1999, *apud* PAIM *et al.*, 2013), se a mídia não dita o que as pessoas devem pensar, ao menos determina no que elas vão pensar¹⁹.

Desta forma, o discurso midiático pode ser entendido como uma tecnologia de poder, pois gera sistemas de correlações de força e efeitos de verdade. Ele participa da formação da opinião, modifica valores e identidades. Através dos discursos da mídia, o sujeito estabelece contato com outros estilos de vida. Ao confrontar com essa diversidade sociocultural, ele é apresentado a uma nova realidade que poderá operar na construção da sua identidade, pois ao mesmo tempo em que a mídia individualiza modos de vida e comportamento, ela aproxima mundos distintos unindo esses sentimentos isolados e transformando-os em sentidos coletivos (PAIM *et al.*, 2013, p. 843).

Ao propor que todos se reconheçam em si, a mídia busca uma aceitação da comunidade, mas isso não ocorre. Cada local tem suas peculiaridades. Mesmo presente dentro de um universo próximo, demarcado geograficamente por um território municipal, o jovem é diferenciado. Assimila costumes, constrói sua identidade e é construído pelos comuns. Algo definido por Hall (2015) e que faz parte do sujeito pós-moderno, que tem sua identidade fragmentada em várias, em virtude da influência que sofre do meio em que mora, das tecnologias que têm disponíveis e da própria mídia.

¹⁹ Dizer o que a sociedade pensa é o princípio da teoria do Agendamento, ou Agenda Setting, desenvolvida a partir de estudos dos pesquisadores norte-americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw. Trata de como a mídia determina quais são os assuntos que farão parte das discussões na sociedade. Segundo eles, leitores, ouvintes e telespectadores dariam mais importância a um assunto se ele fosse tratado pela mídia (TRAQUINA, 2005).

2.2 TECNOLOGIAS NO CONTEXTO JOVEM

Inserida no meio tecnológico, a juventude continua sendo influenciada pelo desenvolvimento cultural. Música, artes, movimentos sociais contemporâneos que a cercam, são fatores que contribuem para moldar realidades e identidades. Mas isso não apenas de forma regionalizada. Com o acesso a equipamentos tecnológicos que permitem o contato com outros jovens, geograficamente distantes, há a inserção de aspectos culturais relativos a outras realidades que não a sua. Ferramentas como computadores, em especial o smartphone, permitiram que essa comunicação se tornasse mais simples e acessível.

Percebe-se que a forma do jovem ampliar seus horizontes foi estimulada pela tecnologia, trazendo novas questões, como aponta Canclini (2012, p. 5, tradução da autora): “O predomínio das indústrias da comunicação e da iniciativa privada no desenvolvimento cultural deve ser redimensionado quando as tecnologias digitais e os dispositivos em rede criam relações sociais mais horizontais e flexíveis do que as estabelecidas nas últimas décadas do século passado²⁰”.

Não se trata mais de comunicar-se apenas com a vizinho, o colega de escola ou do grupo de amigos. As possibilidades de convivência, amizade e influências ganharam uma amplitude poucas vezes imaginada. Os dispositivos móveis, especialmente o telefone celular, ganharam uma configuração única, tornando-se praticamente uma extensão do corpo humano. Se anteriormente as pessoas contavam com os computadores e seu emaranhado de fios, aos poucos foram tendo mais facilidade de acesso com computadores portáteis (SANTAELLA, 2007), e hoje o que se percebe é que os pequenos aparelhos, disponíveis a um toque das mãos, se configuram como um instrumento de comunicação rápida, ágil e praticamente inseparável de boa parte das pessoas.

Em 2019, o aparelho celular já estava presente na vida de 5,1 bilhões²¹ de pessoas no mundo, o que correspondia a 67% da população total do planeta. Diferente da Europa, onde esse índice chegava a mais de 85% da população, na América Latina os números eram menores, 67%, demonstrando que o acesso ao uso do aparelho celular ainda não era tão ampliado.

²⁰ No original: “*el predominio de las industrias comunicacionales y las iniciativas privadas en el desarrollo cultural debe ser redimensionado cuando las tecnologías digitales y los dispositivos en red crean relaciones sociales más horizontales y flexibles que las establecidas en las últimas décadas del siglo pasado*”.

²¹ Os dados são do relatório Economia Móvel 2019, da GSMA. Informações disponíveis:

<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2019-09/mais-de-5-bilhoes-de-pessoas-usam-aparelho-celular-revela-pesquisa>.

No pós-moderno, a era líquida e volátil, em que as mudanças ocorrem constantemente, muitas vezes sem que se perceba onde iniciam e terminam, homens e mulheres, adultos e jovens são influenciados pela tecnologia. Como sujeito inserido nesse universo, ele faz parte desse sistema de “comunicação na era digital global” (CASTELLS, 2017, p. 188), desde que seja um consumidor e também alguém que partilhe dessa mesma tecnologia. “Todas as pessoas e todas as coisas encontram uma maneira de existir nesse texto de comunicação entrelaçado, multimodal e interativo” (CASTELLS, 2017, p. 190).

A ubiquidade (PAVLIK, 2014), o ser encontrado em todo lugar, se revela como algo possível, já que as conexões entre redes e aparelhos permitem que se amplie a mobilidade a todos. Santaella (2007) discute que essa relação com a tecnologia e com a forma de se comunicar na atualidade criou o que a autora chama de ‘presença ausente’. “Alguém que fala no telefone celular é parte e ao mesmo tempo está mentalmente afastado, até certo ponto, do contexto dos indivíduos que ocupam a mesma área” (SANTAELLA, 2007, p. 236).

Estar fisicamente no local não quer dizer que se está realmente vivenciando o momento. A conexão tecnológica pode levar seu autor a se envolver com algo a dezenas ou centenas de quilômetros. Se antes esse papel de transportar o cidadão para outros locais era responsabilidade da televisão e do rádio, meios tradicionais de comunicação que traziam informações atualizadas sobre acontecimentos no outro lado do planeta, hoje cabe à internet fazer essa aproximação. E como os smartphones estão acessíveis a parte da população, é por meio deles que se cria essa rede de dados e essa imersão em outras experiências comunicacionais.

Os celulares proporcionam mais interatividade, ampliando a função do antigo telefone, que era apenas de promover a comunicação entre as pessoas, trazendo o diálogo que era papel do rádio e da televisão, ao informar e entreter, e oferecendo uma ampla gama de possibilidades. Aparelhos ubíquos, eles estão cada vez mais integrados à paisagem contemporânea (SANTAELLA, 2007), inseridos no cotidiano das pessoas e tornando-se uma extensão do próprio corpo.

Quando se discute essa modernidade, não é apenas de homens e mulheres mais velhos. A tecnologia está inserida desde o público infantil, passando pela juventude, que absorve com maior rapidez as novidades tecnológicas, incorporando conceitos e trazendo novas ferramentas para seu cotidiano. Se há um público que assimila muito bem a interatividade, a multimídia e as questões ubíquas, é a juventude.

Para uma geração que nasceu já com a internet em atividade, compreender a tecnologia é algo relativamente fácil. Esse grupo dispõe de mais argumentos quando esse é o

assunto e se adapta melhor às novidades. Mas isso não é suficiente para que tenha mais valorização perante a sociedade. As mutações tecnológicas criam novas relações entre a cultura, a comunicação e as pessoas, de uma maneira geral, fazendo com que novas fronteiras sociais surjam. Entre a geração juvenil, essa interferência ocorre significativamente, conceituando as identidades.

Dentro do *corpus* de estudo desta pesquisa estão os adolescentes e jovens moradores de Criciúma (SC). Como já citado na introdução desta pesquisa, na fase inicial foi aplicado um questionário preliminar para identificar o *corpus* de trabalho. Foram ouvidos 101 adolescentes e jovens, com idades entre 11 e 25 anos, do Bairro da Juventude e das unidades do CRAS. Observando as questões tecnológicas que já surgiram nesse grupo, foi possível identificar o aparelho de TV presente em 94% das casas e quase a totalidade dos jovens demonstrou acompanhar de perto do que é exibido. Noventa por cento deles afirmaram assistir aos programas da TV, muitos nomeando programas e séries de emissoras abertas, como Faustão, Fantástico, Globo Esporte e Big Brother Brasil, da emissora Globo, Silvio Santos e Poliana, da emissora SBT.

O smartphone também está inserido no cotidiano de 80% dos entrevistados dessa fase preliminar. Entre estes, 83% confirmaram que acessam a plataforma de vídeos YouTube em busca de conteúdos que gostam. A descrição desses conteúdos é a mais variada possível, mas ganham força os youtubers de entretenimento, games, músicas e esportes. Isso sofre alteração dependendo da região da cidade onde o questionário foi aplicado.

No CRAS do bairro Santa Luzia, por exemplo, o youtuber “Piuzinho” apareceu com frequência nas descrições (50% dos jovens dessa comunidade). Ele é um *gamer* conhecido por apreciadores do jogo *Free Fire* e possui um canal no YouTube²² que chegou a 11 milhões de inscritos em 2021. A busca por ele, a exemplo do que ocorre com outros jovens pelo país, revela como as batalhas dos jogos ao vivo desperta o interesse do público adolescente e jovem, o que reflete na quantidade de inscritos no canal. Além de Piuzinho, surgiram os nomes de outros youtubers que ganham seguidores por estarem inseridos no meio dos jogos online.

Buscar esse tipo de conteúdo é possível utilizando o aparelho, geralmente o smartphone, que permite o acesso, e o ponto de conexão. Sem internet não seria possível que o jovem da periferia tivesse como consumir esse tipo de conteúdo. Nos questionários preliminares, entre o grupo do Bairro da Juventude, 84% informou que possuía internet em casa. Já entre os entrevistados do CRAS, 52% contam com essa possibilidade.

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/c/piuzinho/featured>.

Essa diferença também reforça o aspecto social em que os dois públicos aqui levantados inicialmente estão inseridos, e que mostram uma condição financeira um pouco melhor das famílias atendidas pelo Bairro da Juventude. Entre os jovens ouvidos no CRAS, chamou a atenção o percentual que informou que busca no vizinho o acesso à internet, 23% deles. Isso demonstra o aspecto de compartilhamento e apoio que é perceptível nas comunidades periféricas.

Dentro do ciberespaço, como define Santaella (2007), estão as megacomunidades virtuais de jogadores em rede que conectam um grupo cada vez maior de espectadores que seguem assistindo às disputas. Se quando a autora tratava dessas discussões o foco eram os computadores e as relações se davam por meio desse equipamento, em 2020 a conexão é por meio do smartphone. Ou como ela mesma vislumbrava, essa conexão entre os jogadores se configura a medida que ocorre a “multiplicação das pequenas janelas digitais, bem menores que as dos computadores, mas ao mesmo tempo, bem mais voláteis e evanescentes” (SANTAELLA, 2007, p. 415). A fugacidade, a busca pelo diferente, pelo novo, é algo que faz parte do dizer jovem. A tecnologia e o acesso a ela permitem que ele realmente navegue pelo ciberespaço identificando conteúdos atrativos.

Interligados em sua rede de contatos, amigos, familiares, enfim, a rede que os une, os jovens vivem. Entender o que o jovem pensa da mídia é importante, porque faz com que se tenha ideia das percepções da juventude sobre o jornalismo e o papel do jornalista. Mas é necessário que se vá além do ponto de partida, ampliando o olhar sobre o território geográfico e cultural que esse público reside. Aspectos únicos estão presentes na mídia noticiosa, na sociedade e na cultura latino-americanas. E é isso que se verá a seguir.

2.3 JORNALISMO E SUAS MUDANÇAS

Com uma carga romântica sobre si, o jornalismo surge como defensor de uma sociedade. Isso se deve, em parte, por conta dos estereótipos criados pela indústria do cinema, que trazem o jornalista como super-herói, defensor dos fracos e das causas sociais, e a partir disso criou-se uma aura de romantismo ao redor da profissão. Excluindo os cenários ficcionais, defende-se que é papel do jornalismo fortalecer o estado democrático (LIPPMANN, 2010; TRAQUINA, 2005). Em tempos controversos, como os vividos neste encerramento da segunda década do século XXI, em que a mídia, principalmente a

informativa, sofre com agressões constantes e violentas²³, reforçar seu papel em defesa da sociedade parece ainda mais evidente.

Proporcionar o entendimento sobre temas que tenham relevância e que interfiram diretamente na condição da vida em sociedade continua sendo tarefa dos meios de comunicação e dos jornalistas. Algo que Lippmann (2010, p. 308) define muito bem ao dizer que a imprensa não se torna uma substituta das instituições, mas sim “um holofote que se move sem descanso, trazendo um episódio e depois o outro fora da escuridão à visão”. Ao trazer à luz essas questões, a mídia, seja ela de grande porte ou mesmo a interiorana, contribui para que as pessoas tenham mais informações sobre assuntos relevantes, possam ir além do básico e procurem saber mais sobre situações que podem afetar diretamente suas vidas.

Desde o início do século XX, quando Lippmann (2010) avaliava a postura dos profissionais da imprensa norte-americana, há pontos que se seguiram semelhantes e outros que foram sendo alterados, tanto na construção de notícias quanto no trabalho dos profissionais. Eles vão desde a discussão entre notícia e verdade, a procura por fontes de informação confiáveis e a tentativa dos jornalistas de fazer a seleção dos fatos de maneira correta.

Já questões que mudaram nesse mais de século após Lippmann escrever suas análises podem ser encontradas nas rotinas de trabalho. A produção do conteúdo, o dia a dia dos jornalistas está muito diferente daquele retratado pelo autor, impactados principalmente pelas tecnologias que modificaram o processo de produção da notícia, a velocidade da publicação da informação e o volume de dados que se multiplicam sobremaneira, exigindo que o repórter faça uma checagem minuciosa daquilo que recebe para poder divulgar algo corretamente.

A relação com a sociedade foi sendo fortalecida à medida que a imprensa também se fortaleceu. As empresas jornalísticas foram aperfeiçoando o trabalho, procurando por temas de interesse geral, levantando bandeiras em defesa da sociedade e agendando²⁴ assuntos que sejam relevantes.

A mídia jornalística tornou-se uma ferramenta de registro da realidade regional, nacional e mundial, porque é por meio de suas publicações que o cidadão percebe, descobre ou consegue observar os fatos mais relevantes que estão ocorrendo, seja geograficamente

²³ Relatório da violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil, divulgado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em janeiro de 2021, constatou que o ano de 2020 foi o mais violento da última década. Foram 428 casos de ataques contra os profissionais da imprensa. Um aumento de 105,77% de aumento em relação ao ano anterior. Disponível em: <https://fenaj.org.br/violencia-contra-jornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques/>. Acesso em: 04 fev. 2021.

²⁴ A teoria do agendamento, ou agenda-setting, define que as notícias divulgadas pela imprensa contribuem para que a sociedade debata esses assuntos, agendando conversas a partir do que a mídia divulga.

próximo a si ou mais distante, mas que também podem impactar em sua vida. Ao trazer as questões relevantes de uma sociedade e permitir que as pessoas interajam e discutam com o tema, os mídias noticiosos fortalecem a relação pessoal com o momento vigente.

[...] Por outro lado, estar a par do que acontece é estar ligado a algo maior, é fazer parte de um todo, um grupo, uma comunidade, um país. Sentir-se informado é pertencer a uma época, comungar valores, ocupar um lugar. Consumimos informações cotidianas não apenas para ter conversas comuns em situações sociais, mas nos inserimos num contexto histórico, econômico, político e cultural (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 12).

Sem a função do jornalismo, de abastecer a população de dados e informações, seria praticamente impossível estar inserido nesse contexto atual que o autor trata. Polêmico em determinados momentos, controverso em outros, o jornalismo se fortalece como ferramenta importante na sociedade moderna. Mas isso não impediu e nem impede que ele sofra críticas cotidianas sobre o que é trazido à tona, principalmente num período em que as fake news são propagadas com uma velocidade absurda e a imprensa sofre com ataques constantes de lideranças políticas que tentam diminuir a sua força. Estudos desenvolvidos pelo *Edelman Trust Barometer* (2021)²⁵ mostraram que 72% dos brasileiros ouvidos consideraram que a imprensa não é isenta e objetiva. Isso reflete muito mais o momento político e polarizado que se vive na atualidade do país.

A realidade brasileira, que neste momento questiona o posicionamento da imprensa, acaba desviando o entendimento sobre os assuntos relevantes que a mídia leva ao conhecimento da sociedade. Eles acabam sendo diminuídos ou até mesmo ignorados por conta de debates políticos que seguem defendendo lado “A” ou lado “B”. O próprio estudo avaliou, em 2020, que no início da pandemia provocada pelo novo coronavírus – identificado na China em dezembro de 2019 – o índice de confiabilidade na imprensa tradicional havia crescido, chegando a 69% no mundo, demonstrando que quando quer uma informação confiável é na mídia tradicional que a sociedade busca seus argumentos e entendimento.

A avaliação era que as pessoas estavam buscando nos meios de comunicação tradicionais a informação correta para entender o que ocorria naquele momento. Com o passar o tempo, essa credibilidade foi se deteriorando e hoje, de acordo com a pesquisa do *Edelman Trust Barometer* (2021), seis em cada dez pessoas ouvidas consideraram que as organizações noticiosas acabam se preocupando em apoiar uma ideologia ou uma posição política do que em levar a informação correta ao público.

²⁵ Dados disponíveis em: <https://www.edelman.com.br/estudos/trust-barometer-2018>. Acesso em: 24 fev. 2021.

A controversa do jornalismo, o questionamento de sua credibilidade e a importância na sociedade já era tema de discussão para Otto Groth, na década de 1960, na Alemanha. Conforme o autor (2011), o jornalismo é uma profissão que surge no século XIX e vai ganhando espaço aos poucos na sociedade alemã, onde era alvo de críticas contundentes e olhares atravessados, que em determinados momentos compreendiam sua importância e em outros não observavam relevância no trabalho realizado (GROTH, 2011). A busca por espaço e a consolidação de uma atividade que fortalece os estados democráticos, levando informações que sejam relevantes às pessoas, é tarefa diária que ultrapassa fronteiras de países e segue sendo cultivada pela imprensa, seja em décadas passadas, seja no momento presente.

Ao migrar o olhar para a sociedade atual, especialmente a brasileira, observa-se um momento de descrença, como já citado anteriormente, e em parte provocado pela disseminação de informações falsas que vão minando a propagação das notícias verdadeiras. Nos últimos anos muito se tem falado na crise do jornalismo, porém, esse não é um fenômeno recente, é uma situação que ocorre há tempos e que não está restrita a apenas uma condição. “Quer dizer, a crise é financeira, mas também é política e existencial, de ética e credibilidade, de governança e gestão” (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 17). São fatores que, conforme destacados pelo autor, somados, corroboram com o momento conturbado que a mídia vem passando, não apenas no Brasil, mas também no restante do mundo.

Apesar disso, o jornalismo segue superando adversidades e procurando se manter como ferramenta fundamental das sociedades democráticas, trazendo dados relevantes aos cidadãos, promovendo o debate de assuntos de interesse social e comunitário e seguindo como um instrumento que contribui para a discussão das ideias, algo que vem sendo feito nos últimos séculos e está enraizado entre as camadas da população, sejam jovens ou não (GROTH, 2011). Ou, ainda como trata Rossi (2005, p. 7), ao dizer que o jornalismo é uma “fascinante batalha pela conquista de mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes”, incluindo atualmente também os internautas.

E, nessa batalha, são utilizadas as armas que estão à disposição no momento da seleção das notícias, que são os fatos curiosos, polêmicos, diferentes, com a relevância que possuem, que venham carregados com imagens atrativas que chamem a atenção de um público cada vez mais atento e instigado a consumir conteúdos diferenciados. Além deles, também a inserção das tecnologias, cada vez mais presentes no fazer jornalístico.

Estas discussões, somadas ao que defende Lage (2004, p. 60), ao tratar da informação jornalística como o “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante”, reforça os

aspectos do conteúdo que é buscado para que se leve informação jornalística de qualidade ao público consumidor. São os valores-notícia (TRAQUINA, 2005) levados em consideração pelos profissionais da mídia na hora da seleção dos fatos, que observam ainda o cenário em que o meio está inserido, seu público ou audiência, questões de mercado e rotinas de trabalho.

Algo semelhante ao que argumenta Souza (2005, p. 75), ao propor a notícia como “um artefacto (*sic*) linguístico que representa determinados aspectos da realidade resulta de um processo de construção onde interagem factores (*sic*) de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico”.

São ponderações que estão presentes no cotidiano do jornalista e que, mesmo sem uma definição prévia, fazem com que o profissional pontue o que deve ser incorporado ao noticiário tradicional. A definição pelos critérios de noticiabilidade²⁶ segue regras gerais dentro do contexto de produção jornalística, principalmente se observada a linha editorial do veículo, sua abrangência e público.

Isso está inserido nos processos de trabalho dos jornalistas, que podem ser alterados de acordo com a dinâmica da redação, equipe e circulação. Souza (2005) defende ainda que as notícias apresentam uma parte da realidade, limitada pelas pessoas e pela própria linguagem. São esses fatores que a mídia utiliza sempre que eleva um fato ao status noticioso, fazendo com que ele seja conhecido pelo grande público.

A essência do trabalho jornalístico, que é levar informação às pessoas, e a busca pela notícia de qualidade e de interesse do público não mudou muito ao longo do tempo, apesar da observação sobre o que é notícia em determinados períodos tenha sofrido alterações. Em parte, as mudanças no conceito de o que é notícia estão relacionadas com as transformações observadas no processo de produção que, por sua vez, foram afetados, principalmente, pelas novas tecnologias impulsionadas pelo avanço da internet.

São elas que permeiam os meios de comunicação, principalmente nas duas últimas décadas, e proporcionaram que o público leitor/internauta/telespectador tivesse, literalmente à mão, a possibilidade de se informar. Nessa batalha para conquistar mentes e corações, os media noticiosos precisam ter mais cuidado, já que, diferente de décadas passadas, onde os conteúdos eram produzidos para a grande massa, hoje a busca é pela segmentação, direcionando informações e procurando trazer produtos específicos para determinados público. A juventude, a exemplo da própria sociedade, acessa o que lhe é atrativo, seja isso jornalismo, entretenimento ou outro tipo de conteúdo.

²⁶ Noticiabilidade é o conjunto de elementos com os quais o órgão informativo, jornal, rádio, televisão ou outro veículo de comunicação, controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos para selecionar as notícias (WOLF, 1995; TRAQUINA, 2005; SILVA, 2005; VIZEU, 2005).

É desafiador trabalhar com informações que envolvam a sociedade, de uma maneira completa e abrangente, trazendo os dados que sejam de interesse da maioria e ainda voltar o olhar para grupos segmentados, direcionando a produção de conteúdos específicos. Isso vale para usuários de todas as idades, moradores dos grandes centros urbanos ou de localidades distantes, que desejam consumir informações relevantes.

Buscando como exemplo a televisão, a produção de conteúdo se dá por escolhas, não apenas dos jornalistas, mas por influência da própria concorrência, do mercado (SARLO, 2000). Essas opções fazem com que temas bem específicos sejam repassados ao público televisivo. Não é a escolha de tudo, mas de algo que se julgue interessante à maioria das pessoas. E essa produção tem dominado as telas da grande mídia, produzindo conteúdo amplo, que atenda ao maior número de pessoas. Hoje, com o acesso às novas tecnologias e a possibilidade de escolha dos conteúdos, a mídia precisa se reinventar e trabalhar com os segmentos, focando em públicos específicos e não genéricos.

A relação dos veículos de comunicação com o público jovem da periferia não é algo simples, a exemplo de outros segmentos da sociedade. O que se percebe é um distanciamento entre a produção jornalística que efetivamente é publicada dessas localidades e a realidade dos bairros fora do eixo central. Não ocorre uma segmentação de conteúdo, procurando produzir algo que interesse a esses moradores e que busque evidenciar situações que tragam fatores positivos e mostrem, de maneira mais ampla, o que é desenvolvido junto a essas comunidades.

O que se torna perceptível são as notícias recorrentes que envolvem a violência, a criminalidade e a pobreza, temas constantes no noticiário, principalmente da grande mídia, mas também explorado de maneira local. Essa característica, a busca por esse tipo de pauta, como observam Ramos e Paiva (2007, p. 79) “[...] se baseia na linha editorial dos veículos que, na maioria dos casos, privilegia a cobertura de bairros nobres das cidades onde estão concentrados seus leitores”.

Escreve-se para um público determinado e específico, o melhor estabelecido financeiramente que, embora sendo minoria, é para onde os meios direcionam a atenção principal. Nem em veículos de maior abrangência, como a TV e o rádio, destacam as autoras, é possível observar que há uma ampliação de pautas, um olhar diferenciado para a periferia.

Para que isso fosse possível, seria necessário deixar de lado a comodidade do jornalismo diário, o que não é tarefa fácil e se torna um desafio constante para as equipes que estão atuando nos veículos, seja porque enfrentam uma precarização do processo de trabalho, com um número cada vez menor de profissionais atuando, ou ainda por comodismo

realmente. A análise de Traquina (2005, p. 34), sobre a profissionalização da profissão, faz com que se lembre que o jornalista reivindica para si o “monopólio do saber” e transforma a informação em mercadoria.

Mesmo limitado e constrangido, o poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento das suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também por parte dos donos das empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria, e ignorando a existência dos ideais mais nobres do jornalismo, que fornecem uma manta de legitimidade ao negócio (TRAQUINA, 2005, p. 207-208).

Esquece-se a real função do jornalismo, que é atuar em prol daqueles que mais precisam, que possuem voz e canais para que a sociedade seja ouvida, mas, muitas vezes, não encontra a reverberação certa para isso. Cabe então à mídia dar esse suporte e fazer com que o assunto repercuta e chegue aos locais onde deve chegar, não procurando apenas fortalecer o *status quo*, as fontes privilegiadas e os donos dos veículos de comunicação.

Os fatos que acabam sendo selecionados para se tornar uma notícia são um reflexo do processo de produção ou, como aponta Traquina (2016, p. 236), são resultado da “percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”. Essa prática jornalística é diária, requer esforço, concentração e dedicação constantes dos profissionais da imprensa, que atuam na busca e seleção das informações que, observando esses critérios de noticiabilidade, reúnem os requisitos necessários para serem levadas ao público leitor, internauta, ouvinte ou telespectador, enfim, aquele que consome as informações.

Com o crescimento da internet e o surgimento de novas mídias, criou-se um desafio ao profissional, mais um entre os tantos já enfrentados, já que há uma avalanche de informações que chegam às redações de inúmeros meios, e que devem ser filtradas, selecionadas e, posteriormente, divulgadas. É importante que ele observe critérios e métodos de organização para que selecione as informações mais relevantes, lembrando-se de que é preciso ainda colocar-se no lugar de quem receberá esse conteúdo, tendo atenção ao que o leitor/internauta/telespectador/ouvinte está demonstrando de interesse. Para Traquina (2005), a internet permite que não só o jornalista, mas o público geral, possa buscar canais alternativos para transmitir informações e para se atualizar.

Por conta disso, vem sendo observado que à medida que as novas tecnologias foram inseridas no cotidiano da sociedade os avanços foram percebidos em todos os níveis sociais. O smartphone deixou de ser apenas um aparelho para fazer chamadas telefônicas, como foram

os primeiros celulares, para se tornar um meio de permitir interconexões, “dando ao indivíduo maior capacidade de reconstruir estruturas de sociabilidade de baixo para cima” (CASTELLS, 2003, p. 111). Ao trabalhar com o que o autor chama de “sociedade em rede” pensa-se na reconfiguração da interação social usando a tecnologia como aliada, que não vem para suprimir algo, mas para permitir que novos contatos sejam realizados, aproximando pessoas e conectando semelhantes.

O surgimento da internet permitiu a criação desse novo meio de comunicação que interliga pessoas em todo o mundo (LÉVY, 1999), atraídas por conteúdos dos mais diversos e inusitados, desde que encontrem semelhanças entre eles. Dentro desse ciberespaço, ou rede, como Lévy (1999) denomina, está o usuário que ao mesmo tempo que consome também produz conteúdo, algo impensado anteriormente e totalmente possível nos tempos atuais.

O ciberespaço permite a transferência e armazenamento de dados, troca de mensagens, conferências eletrônicas, base de dados alimentadas continuamente. São conexões que se formam e possibilitam a comunicação entre os mais diferentes e distantes usuários que encontram pontos em comum para trocar dados. “Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna “universal”, e menos o mundo informacional se torna totalizável (LÉVY, 1999, p. 111)”.

Nessa construção e ampliação de espaços, o usuário passa de um mero receptor para alguém que interage (MARTÍN-BARBERO, 2009), que faz parte de um processo comunicacional que surgiu a partir das novas tecnologias e das mediações propostas com ela. O mundo da mídia está em um processo de transformação extraordinário (CASTELLS, 2003), com as tecnologias surgindo e se transformando, muitas vezes, em algo diferente daquilo que foram projetadas inicialmente para fazer.

Como vimos, a Internet é resultado da apropriação social de sua tecnologia por seus usuários/produtores. Uma história semelhante pode estar se desenvolvendo na interação entre a mídia a Internet [...] se tornando um meio privilegiado, levando à transformação das práticas culturais (CASTELLS, 2003, p. 160).

Quando Castells escrevia seu livro (concluído em 2003), os dados mostraram que a internet era utilizada por 378 milhões de usuários no mundo, algo bem baixo se comparado com a população do planeta que, naquele ano, era de 6,3 bilhões de pessoas. E números bem diferentes daqueles apontados pela Organização das Nações Unidas (ONU), no primeiro semestre de 2021, que davam conta que a internet já era uma realidade para 4,66 bilhões de

pessoas, representando 59,5% da população mundial, com 7,8 bilhões de pessoas²⁷. Desafios diferenciados, novas formas de se comunicar, de pensar e de fazer a notícia, mais mudanças que envolvem diretamente o jornalismo, que precisa se reinventar para chegar a esse público tão diverso e, ao mesmo tempo, tão seletivo.

2.4 UM JORNALISMO CONVERGENTE

Quando pensamos em convergência muito provavelmente a imagem que se forma na maior parte das pessoas são vários elementos distintos que se ligam a um mesmo ponto.

Convergência: palavra que define mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura. Algumas das ideias comuns expressas por este termo incluem o fluxo de conteúdos através de várias plataformas de mídia, a cooperação entre as múltiplas indústrias midiáticas [...]. Talvez, num conceito mais amplo, a convergência se refira a uma situação em que múltiplos sistemas de mídia coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente (JENKINS, 2009, p. 377).

A definição de convergência apresentada por Jenkins (2009) integra o glossário de termos que o autor apresenta em seu livro “Cultura da convergência” e que serve para trazer conceitos gerais que contribuem para se entender o contexto apresentado. Ao descrever o que é a convergência, ele aponta direcionamentos não apenas para as implicações que a tecnologia provoca na mídia, mas também em outras vertentes, como a cultura e a própria sociedade, “entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia, não uma relação fixa (JENKINS, 2009, p. 377). O que reforça que essa convergência muda constantemente, não ficando estagnada, mas se adaptando e atualizando conforme a própria sociedade vai se modificando.

Ao trazer para uma discussão mais profunda a “Cultura da convergência”, Jenkins (2009) se propõe a fazer com que se pense mais como ocorre a interação do público com os meios de comunicação. As novas tecnologias, que permitiram o afloramento de comunidades que se configuram de maneira virtual, criaram uma forma de comunicação diferenciada. Isso fez com que tanto o público quanto a própria mídia passassem por um processo de mudança.

Quando discute essas mudanças, o autor lembra que o acesso a elas nem sempre é fator comum entre todos e que a própria falta de acesso à internet é um problema. Do período em que a edição da obra de Jenkins é publicada no Brasil (2009) até o momento da defesa

²⁷ Dados obtidos em: <https://www.istoedinheiro.com.br/numero-de-usuarios-de-internet-no-mundo-chega-aos-466-bilhoes/>. Acesso em 19 nov. 2021.

desta tese (2022), pode-se perceber que esse aspecto do acesso às tecnologias é algo que já mudou. Avançou-se mais na possibilidade de permitir que a tecnologia e seus benefícios cheguem a mais pessoas.

Esse fato é detectável observando alguns aspectos do questionário preliminar que ajudou a embasar esta pesquisa. Como já citado anteriormente, o pré-teste, que serviu para delimitar o grupo de estudo, foi realizado com 101 adolescentes e jovens. Destes, 36 eram frequentadores das unidades do CRAS de Criciúma, entre 2016 e 2017. Entre eles, no período pesquisado, foi identificado que 35% não possuíam o aparelho celular. Isso ainda era mais evidente entre os mais jovens, na faixa de 12 e 13 anos, onde o percentual se aproximava dos 50%. Já no levantamento realizado em 2021, no CRAS Tereza Cristina, 87% dos jovens entrevistados já possuíam o aparelho.

O acesso ao smartphone, evidenciado nas entrevistas, bem como a facilidade de conexão com a rede pode ser considerado um avanço, mas faz com que se traga algo que Jenkins (2009) já discutia, que era a educação midiática. Conforme o autor, é fundamental “que os jovens possam vir a se considerar produtores e participantes culturais, e não apenas consumidores, críticos ou não” (JENKINS, 2009, p. 327). E isso não passa pela quantidade de horas que se assiste TV, acessa a internet para buscar conteúdos de entretenimento ou jogar. Para o autor, isso é bem mais amplo porque serviria para formar um cidadão com capacidade para entender o seu papel fundamental nas mídias. “Os consumidores terão mais poder na cultura da convergência – mas somente se reconhecerem e utilizarem esse poder tanto como consumidores quanto como cidadãos, como plenos participantes de nossa cultura” (JENKINS, 2009, p. 328).

O pensamento de Jenkins (2009) direciona a discussão para a formação desse cidadão que, com acesso às tecnologias, poderia usufruir de tudo que elas oferecem, entendendo as dinâmicas dos processos e agindo também como fomentador de conteúdo. O avanço da internet e sua abertura e uso para as mais diferentes classes sociais permitiu que novas conexões fossem formadas, não apenas no sentido tecnológico, mas dentro da relação interpessoal, promovendo a aproximação de pessoas que geograficamente estão afastadas.

Jorge (2013, p. 32) argumenta que a internet é “uma mídia, embora não mídia unitária, como o jornal, o rádio, a TV [...]”. É uma mídia no sentido de mediação”. Seu papel, assim, é interligar, estabelecer conexões entre as pessoas, fazendo com que consumam conteúdos diferenciados, municinando com dados e informações dos mais diversos e proporcionando aprendizados únicos.

Ao tratar do jornalismo que é praticado no ambiente online, há uma discussão entre os autores que buscam a melhor definição para compreender e identificar esse tipo de produção de conteúdo. Machado (2004) argumenta que o jornalismo digital é aquele que tem a rede telemática ou outro suporte de tecnologia que permita que ocorra essa transmissão de dados, fazendo também com que haja a interação dos usuários ao longo do processo. Já o webjornalismo (MIELNICZUK, 2003), termo utilizado pelo pesquisador português João Canavilhas (1999), trata da produção exclusiva para a web, semelhante ao ciberjornalismo (SALAVERRÍA, 2005), que envolve as tecnologias que utilizam o ciberespaço para a produção e difusão de conteúdos jornalísticos.

Ao se aprofundar no tema e entender de maneira mais detalhada cada conceito, Schwindel (2012) aponta que o ciberjornalismo seria a forma mais completa de entender o assunto, observando de que maneira interagem as narrativas multimidiáticas, as redações, os usuários, os modelos de negócios e os ritmos de produção. Esses são fatores que, unificados, contribuem para a formação de um estilo de fazer jornalístico que é peculiar às redes e conexões.

Dessa forma, no entendimento da autora, a “modalidade jornalística no ciberespaço fundamentada pela utilização dos sistemas automatizados de produção de conteúdos que possibilitam a composição das narrativas hipertextuais, multimidiáticas e interativas” (SCHWINDEL, 2012, p. 37) é compreendida como ciberjornalismo. Características peculiares dessa mídia, como interação, memória, atualização contínua, multimedialidade, uso de ferramentas automatizadas e hipertextualidade, estão presentes em todo o processo de produção das notícias.

Para as discussões nesta pesquisa, o conceito que se pretende usar é de jornalismo digital (MACHADO, 2004), mas, antes de chegar à atualidade é fundamental lembrar as fases que envolveram a prática jornalística influenciada diretamente pela chegada da web. Quando os veículos de comunicação começaram a apostar na internet para distribuir as notícias, o que se percebeu foi que o conteúdo apenas mudou de plataforma, passando do impresso para o online, exatamente como era.

A década de 1990 surge e com ela as primeiras iniciativas de se levar a informação jornalística que estava nos jornais impressos para sites de notícia. O formato inicial era o mesmo que estava no papel, bem como a forma de fazê-lo, replicando exatamente o que estava num veículo para o outro. Como Ferrari (2008) aponta, o jornalista ainda tinha a cabeça do impresso, a forma de produzir conteúdo e suas peculiaridades, e foi preciso se ajustar para perceber que com o online as coisas seriam diferentes.

O momento que sucedeu essa fase, de apenas replicar o conteúdo que já estava no impresso, é definido como o segundo no jornalismo online, e se apresenta com os conteúdos ainda sendo reproduzidos do impresso para o online, mas novos recursos começavam a ser incorporados nos sites. O principal deles é a inclusão do espaço que vai abrigar as notícias produzidas entre as edições do impresso. Era o “Plantão” (BARBOSA, 2004), ou algo semelhante às últimas notícias, que traziam as informações de acontecimentos relevantes que surgiam durante o dia, entre uma edição e outra do impresso.

Na terceira fase já surgem os veículos jornalísticos totalmente online, utilizando o potencial que a internet disponibiliza e criando um meio mais colaborativo (FERRARI, 2008), com inclusão de vídeos e áudios nas notícias, bem como a abertura de espaços para que o usuário pudesse enviar suas observações.

Proporcionar essa interação entre os profissionais da mídia e os usuários das múltiplas plataformas é característica presente no processo de configuração atual da notícia. Assim como é hoje, o jornalismo praticado no início da internet também procurava ser isento, trazer versões de um fato e deixar opiniões para colunistas e comentaristas (FERRARI, 2008). Mas a forma de fazer e interagir com a notícia trouxe mudanças significativas, principalmente quando o tema é a forma com que a informação é oferecida e também a interação entre os usuários. O segundo ponto, que vale ser reforçado, é que o acesso à internet, especialmente em redes sociais, deu voz e visibilidade a pessoas e opiniões das mais diversas.

A internet trouxe uma nova roupagem à mídia de massa. O título que antes era ostentado pela televisão, e que durou mais de 50 anos, mudou um pouco. Assim como a forma de consumo de conteúdo (FERRARI, 2008). Antes, os telespectadores assistiam e consumiam passivamente os programas exibidos pelas emissoras de TV, ou, como aponta Cadorin (2015), não havia a intervenção direta do telespectador sobre o que as emissoras exibiam, cabendo a ele apenas a função de contemplar a notícia.

A nova mídia proporcionada pela internet trouxe interatividade e dinamismo, integrando usuários e fazendo com que os próprios programas de televisão sofressem mudanças, como a definição, por exemplo, de um final exibido (FERRARI, 2008). Mas não é só no entretenimento que há mudanças provocadas pelas tecnologias. Os meios jornalísticos são afetados pelas interações que surgem a partir do avanço da internet.

Pesquisa recente, realizada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado²⁸ em dezembro de 2019, apontou que o aplicativo Whatsapp foi apontado como o canal onde 79% dos

²⁸ Pesquisa foi realizada com 2.400 pessoas. Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa>. Acesso: 20 jan. 2020.

entrevistados procuram se informar. Na sequência estão a TV, citada por 50% das pessoas, YouTube (49%), Facebook (44%), sites de notícias (38%) e emissoras de rádio (22%), que também surgem como fontes de informação.

Apesar do avanço nos aspectos de produção de conteúdo e utilização dos recursos de multimídia, o acesso por meio de dispositivos não era pensado de forma diferente. A quarta fase do jornalismo online proporciona a incorporação de banco de dados, trazendo avanços na programação e flexibilizando as estruturas (SANTI, 2009). Isso permite que a experiência do usuário, esteja ele em um computador, tablet ou smartphone, seja rica e igualmente positiva, já que há essa possibilidade de interação.

Esses dispositivos móveis – tablets e smartphones – tornam-se, especialmente o segundo, ferramentas importantes no processo de comunicação e de consumo de conteúdo na atualidade. Ao simples toque dos dedos, a taticidade (PAULINO; EMPINOTTI, 2017), uma das características principais do smartphone, são acessados os aplicativos que levam o usuário a novas experiências. Uma nova fase dentro do jornalismo digital, a quinta, surge a partir dessa integração entre os meios. Há, segundo Barbosa (2013, p. 36), o processo em que os meios de comunicação já compreenderam a dimensão das tecnologias digitais e as utilizam em todas as suas práticas.

[...] dessa maneira, nessa lógica de atuação conjunta, integrada, tem-se a horizontalidade perpassando os fluxos de produção, edição, distribuição, circulação, e recirculação dos conteúdos. O que se traduz, então, na noção de um *continuum* multimídia de cariz dinâmico.

Há uma convergência dos meios, não uma divisão, proporcionada pela tecnologia e que permite a junção de instrumentos e formas de se comunicar nos veículos, unindo ferramentas que antes eram exclusivas de um só, mas que hoje, com a tecnologia disponível, se tornam formas de levar uma informação mais eficaz ao público. Barbosa (2013) trabalha com um modelo próprio, o Paradigma Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD).

É justamente na base de dados que está organizada a estrutura dessa proposta, que permite a junção de pontos específicos do fazer jornalístico, ampliando a convergência e trazendo aspectos da multiplataforma. Esse processo se configura dentro dessa proposta de quinta geração do jornalismo nas redes digitais, o *continuum* multimídia, em que os fluxos de informação estão espalhados de maneira horizontal entre as plataformas distintas, integrando produtos e promovendo a multimidialidade.

Neste contexto, as mídias móveis, especialmente smartphones e tablets, são os novos agentes que reconfiguram a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas. As mídias móveis são também propulsoras de um novo ciclo de inovação, no qual surgem os produtos aplicativos (apps) jornalísticos para tablets e smartphones. Dentre eles, destacam-se como potencialmente mais inovadores aqueles que denominamos autóctones, ou seja, aplicações criadas de forma nativa com material exclusivo e tratamento diferenciado (BARBOSA, 2013, p. 42).

Os aplicativos autóctones, pensados especificamente para uma plataforma, demonstram o quanto é possível avançar em meios para se conquistar a atenção do público consumidor (BARBOSA, 2013). Isso não significa que se tem a fórmula perfeita para manter o público totalmente envolvido com a mesma ferramenta, mas significa que se pode experimentar novos modelos e formatos. A convergência dos meios, o uso de várias plataformas para distribuir conteúdo de um mesmo tema, a exploração de novos canais, são mecanismos utilizados para manter o usuário conectado e consumindo produtos.

Jenkins (2009, p. 29) trata disso ao argumentar que a convergência está “onde as velhas e novas mídias se encontram [...] Onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”. Atuar em várias frentes nem sempre é sinal de que o público permanecerá, porque a grande oferta de mídias fará com que ele busque aquilo que mais lhe atrai (CHRISTOFOLETTI, 2019).

Dentro desse aspecto, um ponto que atrai internautas é conteúdo, diferencial para quem aposta na busca e retenção de leitores. Se isso foi fator decisivo no início da prática do jornalismo digital, utilizado para lidar com as transformações que estavam ocorrendo na mídia, na atualidade é ainda mais importante, se for pensado na quantidade de opções que o público tem à mão.

Num momento que se configura cada vez mais digital, e que as pessoas não buscam a notícia apenas nos meios tradicionais, entender os outros canais de informação é relevante, bem como ter claro que esse público também é participante do processo (PAVLIK, 2014). O jornalismo deixou de lado a era analógica para viver a era digital. A característica ubíqua permite a conectividade tão buscada e faz com que o jornalismo tenha acesso a notícias que ocorrem em todo o mundo. É a chance de se integrar a um mundo cada vez mais globalizado. “Com a banda larga ubíqua, especialmente com a tecnologia wireless, a conectividade móvel está redefinindo os preceitos básicos do jornalismo e da mídia” (PAVLIK, 2014, p. 164).

O jornalismo que é praticado na internet segue buscando qualidade, bom conteúdo, assuntos atuais e procurando chegar ao público de maneira ampla. A ubiquidade é uma das características desse jornalismo, mas há outras, como a multimídia/convergência,

memória, hipertextualidade, interatividade, personalização e instantaneidade do acesso (MACHADO; PALACIOS, 2003) que configuram essa proposta de conteúdo jornalístico.

Para Salavérria (2014, p. 31), o conceito de multimídia, uso de várias mídias, nasce com a televisão, que “transmite linguagens visuais e sonoras mais complexas”, mas com o surgimento da internet o que se percebe é a incorporação de elementos novos aos processos de narrativa das notícias. Os meios de comunicação utilizam essa ferramenta para fazer com que a mensagem seja compreendida da melhor forma pelo público consumidor. O autor argumenta que é preciso utilizar as ferramentas para que “[...] a informação multimídia seja atrativa e inteligível” (SALAVÉRRIA, 2014, p. 31).

Tudo isso para que o público que vá consumir essas informações se sinta atraído e interessado em seguir fazendo uso daquele conteúdo. Para Longhi (2010), as questões que envolvem a multimídia não se configuram apenas na linguagem, mas também no gênero. Características dessa narrativa integram “gêneros como a entrevista, o documentário, a infográfica, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear” (LONGHI, 2010, p. 153).

Esse processo de convergência, constante e contínuo, afeta a sociedade e está inserido no jornalismo. As mudanças surgem a partir de 2005, quando se observa e estuda as primeiras referências ao *mojo* (*mobile journalism*) nos Estados Unidos, trazendo novos aspectos na produção das notícias e nas coberturas. “A partir do final da década passada, o consumo de notícias também se apresentou como vertente do jornalismo móvel a partir do surgimento de equipamentos dinâmicos como tablets e smartphones com interfaces mais amigáveis e telas sensíveis ao toque” (SILVA, 2015, p. 10).

Com as novas dinâmicas, processos e, principalmente, com a convergência, o jornalismo móvel²⁹, aquele que é produzido especificamente para multiplataformas, traz novas dinâmicas ao processo de trabalho. A junção das tecnologias e das formas de conexões sem fio contribuiu para que o jornalista incorporasse uma nova prática de produção mais contemporânea, permitindo “um rearranjo às rotinas produtivas no jornalismo e ao consumo de notícias” (SILVA, 2015, p. 11). Reconfigurações que servem para a disseminação de informações na hora em que ocorrem, ou ainda que se tornam uma forma de comunicar pela comunidade, que, além de consumir, também produz conteúdo próprio e que é de seu interesse.

²⁹ O termo jornalismo móvel que se trabalha aqui é discutido por meio da perspectiva de Silva (2015, p. 16) ao observar que ele se dá por meio dos “processos de fluxo de produção no jornalismo em ambiente convergente e móvel diante dos modos de movimentos investigados na intersecção entre jornalismo e a mobilidade”.

O jornalismo móvel fortalece a mídia comunitária, cidadã, que está mais próxima das pessoas e das suas realidades. Ao mesmo tempo, permitiu a escolha do que assistir, em qual horário e em qual plataforma. Essas escolhas surgem com o individualismo provocado pela internet (RECUERO, 2018), que, ao mesmo tempo em que aproxima, também isola. A comunidade pode não estar reunida geograficamente perto, já que as tecnologias aproximam os distantes que pensam de maneira semelhante.

A atividade jornalística se reorganizou à medida que as novas tecnologias foram sendo inseridas em seu cotidiano, desde o início da pesquisa, apuração, produção, circulação e consumo. Flores (2016, p. 207) relembra que para ampliar sua presença na internet os jornais também buscaram novas formas de fazer o jornalismo e apresentá-lo ao usuário, “convertem-se em mídias sociais, ampliando o hábito de ler notícias para uma experiência social ultraconectada”.

A convergência vem para pensar a atividade jornalística, desde a forma de produção até a distribuição do material (KOLODZY, 2006, apud FLORES, 2016). Sem essa proximidade com as redes sociais, que a autora aponta, seria praticamente impossível socializar a notícia e fazer com que ela chegasse a boa parte das pessoas que a consomem na atualidade.

O mundo tecnológico atua com conexões cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas. Castells (2003, p. 193-194) já tratava do tema ao pensar em cenários possíveis na época e hoje bem reais, quando discutia sobre os ambientes inteligentes, casas conectadas e interligadas, com sensores em roupas, automóveis e nos ambientes de trabalho. Tecnologias que “permitiriam a esses objetos comunicarem-se entre si, e conosco por solicitação nossa, num ambiente flexível de informação”.

Muito dessa mudança significativa na forma de consumir conteúdo é estimulada pelo uso do smartphone que está presente entre a juventude dos grandes centros ou moradora da periferia de cidades do interior. É por meio do aparelho que a propagação de informações e de entretenimento aumentou consideravelmente.

Se antes o morador das comunidades dependia do que era exibido na televisão ou transmitido pelo rádio para se informar, hoje isso é facilitado por meio do aparelho que está mais acessível a todos. Mas, antes de adentrar mais nessa realidade, pretende-se, a seguir, compreender melhor o que os principais autores dos estudos da cultura latino-americana trazem de aspectos que envolvem os estudos de recepção e a própria juventude.

3 OS MAPAS DE MARTÍN-BARBERO E A RECEPÇÃO

Os mapas sempre foram instrumentos importantes para que os povos entendessem sua localização geográfica, demarcassem as fronteiras e os territórios. A cartografia, mais que uma ferramenta de orientação, tornou-se um mecanismo que contribuiu para a expansão de povos e civilizações. Ao estudar a História da humanidade, observa-se que os mapas não são isentos, já que são desenvolvidos por pessoas que possuem interesses, desejos e querem reforçar aspectos específicos.

Eles surgem a partir dos seres humanos que pretendem situar locais ou espaços geográficos de interesse, seja para representar um momento atual ou para que isso fique preservado para as gerações futuras (SENA; CATELLI, GIMENEZ, 2011). O mapa se torna uma representação da realidade, já que foi construído a partir da visão daquele ser humano que o detalhou e no momento que foi criado.

Dar a direção, procurar pontos em comum, entender a representatividade do momento e de que forma a sociedade afeta e é afetada pelos meios de comunicação. Esses são pontos que os mapas noturnos propostos por Jesús Martín-Barbero (2015) trazem para contribuir com as discussões que envolvem os estudos da cultura latino-americana e que serão detalhados um pouco mais neste capítulo. O autor propõe que se observe as complexidades da sociedade moderna a partir de três pontos centrais de convergência: comunicação, cultura e política, e de que maneira esses pontos se inter-relacionam.

Os mapas, conforme Lopes (2018, p. 41), são uma maneira de Martín-Barbero “ressituar os estudos da comunicação e dos meios a partir das matrizes culturais (o popular) nos espaços sociais (América Latina)”. Essa proposta norteadora vai sendo formada e evolui à medida que os estudos sobre a sociedade e a comunicação também avançam. Tanto é que Martín-Barbero traça três configurações do seu Mapa Noturno, em 1987, em 1998 e em 2010, ajustando-os de acordo com suas percepções. Em 2017, a partir de uma entrevista que ele dá, o autor Omar Rincón (2019) traça uma nova proposta de Mapa Noturno, como está descrito abaixo.

No primeiro formato de Mapa, ao trazer os pontos de convergência, Martín-Barbero (2015) traz as Matrizes Culturais (MC) e os Formatos Industriais (FI) (Figura 2), que ele considera fazerem parte de um eixo diacrônico, de longa duração e que incide mais tempo sobre a sociedade.

Figura 2 – Primeiro Mapa das Mediações de Martín-Barbero (1987)



Fonte: Lopes (2018, p. 16).

Os três pontos – comunicação, cultura e política – ainda são influenciados por um segundo eixo, este sincrônico, onde estão as Lógicas de Produção (LP) e as Competências de Recepção ou Consumo (CR), que perduram por um espaço de tempo menor e são alteradas conforme a própria sociedade vai sofrendo essas modificações.

Figura 3 – Segundo Mapa das Mediações de Martín-Barbero (1998)



Fonte: Lopes (2018, p. 17).

Para Martín-Barbero (2015), o segundo mapa (Figura 3) ainda apresenta interferência entre os eixos, que são perpassados por mediações que envolvem a técnica, ritualidade, socialidade e institucionalidade, fatores que corroboram com a construção social atual. São elementos que demonstram de que maneira a sociedade é envolvida nas práticas da

comunicação, capturando aspectos pessoais do meio em que vive, bem como influenciada pelos discursos que vêm da parte oficial, do Estado, e que reforçam a ordem constituída.

Ao propor o mapa das mediações, Martín-Barbero (2015, p. 20) procura “reconhecer que os meios de comunicação constituem hoje espaços-chave de condensação e intersecção de múltiplas redes de poder e de produção cultural”. Mas ele alerta para a linha de pensamento que diz que a tecnologia tornou-se a grande mediadora da sociedade.

Para Martín-Barbero (2015), a tecnologia é responsável por ampliar a questão mercadológica, ao mesmo tempo em que oferece novas formas de mediar os processos, inserindo elementos já conhecidos e que influenciam no pensamento, como família, escola e igreja, e outros novos, como movimentos étnicos ou de gênero, que “introduzem novos sentidos do social e novos *usos sociais* dos meios” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 20).

O processo de construção dos mapas de Martín-Barbero (2015) passa, ele também, por uma reformulação e atualização. Do primeiro modelo apresentado em 1987 para este (Figura 3), o autor avança em aspectos que servem para se observar de maneira mais detalhada as mediações dentro da comunicação, perpassando por outras áreas da sociedade. Como aponta Lopes (2018, p. 18), afirmando que a importância do mapa consiste no reconhecimento que a comunicação é a mediadora de “todas as formas da vida cultural e política da sociedade”.

Há o entendimento do complexo movimento que existe entre os meios, as mediações e os consumidores. “A comunicação ocorre na interação que possibilita a interface de todos os sentidos, portanto, é uma intermediação, que é um conceito para pensar a hibridização das linguagens e dos meios (LOPES, 2018, p. 18). Na sequência, há a configuração de um novo mapa de investigação, com o autor retirando pontos e trazendo novas intermediações.

Figura 4 – Terceiro Mapa das Mediações de Martín-Barbero (2010)



Fonte: Lopes (2018, p. 19).

Duas novas mediações, identidade e cognitividade, são apresentadas por Martín-Barbero dentro dessa configuração atualizada que o mapa traz e que demonstra sua preocupação em introduzir elementos que fazem pensar os estudos. Nessa proposta, comunicação, cultura e política são intermediadas por temporalidade, espacialidade, mobilidade e fluxos. O primeiro traz a complexidade do tempo moderno, da pressa e correria em relação ao hoje, deixando um pouco de lado o passado.

No segundo ponto, Lopes (2018) traz a discussão sobre a necessidade de território, o espaço geográfico habitado, mas também o local de união de iguais, propiciado pelas redes de formação eletrônicas. A mobilidade se configura tanto no processo de navegação virtual como nas migrações físicas. Essas últimas interferindo também nos fluxos, que modificam e incluem novas culturas aos países adotados pelos imigrantes, como o fluxo de informações, dados e imagens.

A tecnologia digital desloca os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições do saber, conduzindo a um forte borrimento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência, saber especializado e conhecimento comum (LOPES, 2018, p. 19)

A discussão envolve a tecnicidade, termo usado por JMB não para significar a técnica, mas para relembrar o significado da palavra grega, que traz um conceito mais amplo, como argumentar, expressar. “No entanto, caminhou-se para a noção de técnica como aparato, como objetivação da *techné* nas máquinas ou nos produtos. Nem um nem outro desses sentidos de técnica parecem ser suficientes hoje” (LOPES, 2018b, p. 57). A autora não quer que se reduza a tecnicidade a um mero aparato tecnológico, “mas à competência na linguagem, às materialidades no discurso que remetem à constituição de gramáticas que dão origem a formatos e produtos midiáticos”.

E, à medida que os estudos vão avançando, Martín-Barbero também se preocupa em atualizar suas observações mediante o cenário tão complexo que é o da sociedade moderna. São muitas as interfaces que permeiam o processo comunicacional atual e, ao se observar a tecnicidade com esse prisma que vai muito além da tecnologia, percebe-se o quanto há novas experiências comunicativas nesse meio, enriquecidas pelos diferentes processos, veículos e consumidores.

E foi observando essas mudanças que formam e transformam a sociedade, especialmente as mudanças tecnológicas, que Martín-Barbero apresenta uma nova

configuração no mapa das mediações. Tanto que o autor eleva a tecnicidade para um dos eixos principais e não mais uma mediação. Isso pode ser observado em um novo mapa de mediações (Figura 5), apresentado por Omar Rincón (2017), a partir de entrevista com Martín-Barbero.

Figura 5 – Novo mapa de mediações de Martín-Barbero (2017)



Fonte: Lopes (2018b, p. 58).

Com base na entrevista que realiza com Martín-Barbero em 2017, Rincón apresenta a nova configuração da cartografia barberiana do mapa de mediações, mantendo nos eixos principais temporalidades e especialidades, agora no plural, e incorporando a elas as tecnicidades e sensorialidades. Novas mediações também surgem: narrativas, redes e cidadanias, mantendo as identidades. Também elas são apresentadas na pluralidade, como algo a demonstrar que não há o singular nas questões a serem investigadas.

São atualizações no mapa que se vislumbra (Figura 5) que a observação acadêmica deve ter, já que “se o mundo muda, olhar para aquele mundo também³⁰” (RINCÓN, 2019, p. 263). Essas configurações se alternam conforme o objeto pesquisado, algo como defende Lopes (2018b) ao propor que as mediações podem se articular melhor com um dos quatro pontos, narrativas, redes, cidadanias ou identidades, dependendo das pistas que se propõem a pesquisa científica a traçar.

³⁰ No original: “Si el mundo cambia, las miradas a ese mundo también”.

Martín-Barbero trabalha com um termo usado por Walter Benjamin, o *sensorium*³¹, para avaliar alguns aspectos da sociedade moderna, transformada por novas tecnologias e ambientes culturais em constante mutação. Esse modelo contemporâneo provoca transformações que ultrapassam as percepções de idade, estranhas para adultos, mas perfeitamente compreensíveis para os jovens, e que trazem experiências culturais novas e totalmente conectadas com o momento presente. O desafio, segundo Martín-Barbero, não é somente compreender essas experiências, mas também aceitá-las.

Novas formas de perceber e sentir, ouvir e ver, uma nova sensibilidade coletiva. [...] os meios de comunicação e as tecnologias de informação representam um desafio cultural, o que torna visível o fosso cada vez maior entre a cultura dos adultos e aquela a partir da qual os adolescentes entendem³² (MARTÍN-BARBERO, 2010a, p. 39).

As mediações se propõem a ser mais uma articulação daquilo que servirá para intermediar. Elas não estão entre algo, mas junto, construindo coletivamente, fazendo o que Rincón (2019, p. 266) trata de “articulações difusas, ambíguas, densas que dão conta de como a cultura repolitiza o espaço da comunicação e da tecnologia³³”. Mas ele pondera que isso segue sendo uma negociação, nada estanque nem definitivo. “Estamos no tempo, somos tempo, os espaços são nós digitais, experiências virtuais ou físicas de passagem. [...] Não precisamos sair de casa para habitar o mundo, um celular nos conecta e nos faz viajar por espaços reais ou imaginários³⁴” (RINCÓN, 2019, p. 267).

Os espaços físicos tornam-se configurações frágeis dentro dessa análise que faz Rincón (2019), porque é no tempo que se perpetuam as transições e que o cidadão conectado habita. Na relação entre tempo e espaço, nem tudo foi modificado pelo processo de consumo, já que os territórios ainda demarcam questões importantes, e é onde emergem memória e identidade de seus moradores (RINCÓN, 2019).

³¹ *Sensorium* é a sensação de como se experimenta e interpreta os ambientes culturais, tecnológicos e políticos. Benjamin usou o termo para descrever a experiência cultural e filosófica no século XX, quando ocorreu o surgimento da fotografia, cinema e rádio e, posteriormente, os meios de comunicação de massa (RINCÓN, 2019).

³² No original: *Unos nuevos modos de percibir y de sentir, de oír y de ver, una nueva sensibilidad colectiva. [...] los medios de comunicación y las tecnologías de información significan un reto cultural, que hace visible la brecha cada día más ancha entre la cultura de los adultos y aquella otra desde la que comprenden los adolescentes.*

³³ No original: *articulaciones difusas, ambiguas, densas que dan cuenta de como la cultura repolitiza el espacio de la comunicación y la tecnología.*

³⁴ No original: *Estamos en el tiempo, somos tiempos, los espacios son nodos digitales, experiencias virtuales o físicos de paso. [...] No hay que salir de casa para habitar el mundo, un celular nos conecta y hace viajar por espacios reales o imaginarios.*

Se, por um lado, os tempos que o capitalismo apresentava à sociedade, com suas regras de consumo, perde força, por outro surgem novas discussões que expõem, com significância, o momento contraditório da atualidade, com novas fronteiras geográficas, migrações em grande escala, empresas digitais fornecendo informações em massa. Sem contar outras frentes, como econômica, com o capitalismo, e política, com o fortalecimento de governos de extrema direita, como o presidente brasileiro Jair Bolsonaro, que tomou posse em janeiro de 2019. Todos esses pontos, observados por Rincón (2019), trazem essas contradições que fazem parte da política contemporânea, contribuindo para formar novas identidades a partir dos espaços tecnológicos e culturais presentes na atualidade.

É comum que surjam as tensões entre as tecnicidades, que envolvem desde as técnicas do fazer, pensar e narrar, observando isso pela ótica dos formatos industriais, e as tecnologias da comunicação, hoje inseridas totalmente no digital. Inclua-se neste ponto tv, rádio, cinema, internet, videogames, entre outros. E há ainda as sensorialidades, linguagens e sentidos expressos corporalmente, o toque da pele, os afetos e emoções.

Para Martín-Barbero, as questões tecnológicas são importantes, mas elas não podem ser observadas sem o sociocultural. É por isso que ele usa o termo tecnicidades e não tecnologias para dialogar com os estudos. Da mesma forma, a escolha por sensorialidades e não sensibilidades é uma proposta do autor. Para ele, a segunda opção traria uma sonoridade mais filosófica para o entendimento do mapa noturno, diferente do que se busca com a escolha da primeira palavra, sensorialidade, que dá mais ênfase à “densidade cultural e política do corpo e dos afetos³⁵” (RINCÓN, 2019, p. 270).

Entre as mediações que surgem então, a partir do mapa atualizado por Rincón (2017), a primeira a ser observada é a narrativa, que articula as relações entre as tecnicidades e o tempo (RINCÓN, 2019), e é significativamente um relato onde o tempo está presente. Os aparatos tecnológicos, com novas telas e dispositivos, permitem que essa narrativa tenha diversos enunciadores, mas que venha carregada com um discurso que se perpetua na própria sociedade, predominantemente branca e patriarcal. O que Rincón (2019) propõe, a partir dos estudos de Martín-Barbero, é que sejam explorados novos territórios, como das mulheres, de povos indígenas, e as narrativas que surgem a partir deles.

O segundo ponto tratado é o das identidades, que articulam tempos e sensorialidades. E são identidades mesmo, no plural, porque há diversidade pessoal em cada um, o que, para Rincón (2019), é observado em cada situação. Dependendo do momento que se está vivendo, uma identidade é buscada para se destacar e atuar na relação de poder. “E além de ser a

³⁵ No original: *densidad cultural y política del cuerpo y los afectos*.

identidade uma estratégia posicional é também uma política de autorreconhecimento”³⁶ (RINCÓN, 2019, p. 271).

Ao observar as articulações que faz entre tempo e identidades, a proposta de Rincón é que se perceba o quanto a diversidade faz parte disso, já que ela está intermediada entre a comunicação e a cultura. “Nossos corpos tornam-se comunicação inscrita na identidade”³⁷ (RINCÓN, 2019, p. 272). Com isso, reforça-se o aspecto de que as identidades se moldam pelo em torno, são construídas e se constroem, ao mesmo tempo em que alternam de acordo com posicionamentos e relações.

O terceiro ponto trata das redes e de como os fluxos articulam-se entre as tecnicidades e os espaços. O principal é observar a cultura digital que, por si só, é colaborativa, promove a interação entre os pontos, mas, sobretudo, permite que se crie o compartilhamento de dados e informações com todos que tenham esse interesse. Para o autor, as redes são um ponto fundamental nas tecnicidades, porque contribuiriam para uma divulgação coletiva da mensagem. A questão é que as redes fazem parte de um sistema econômico bem definido, formado por empresas e plataformas detentoras de tecnologia global, e, aquilo que se pensava ser um ambiente livre, de propagação de ideias e discussões, tornou-se um local de controle político por parte de muitos governos.

Na proposta das mediações, as cidadanias estão entre as sensorialidades e as espacialidades, onde as pessoas, mesmo sendo a massa que consome, estão inseridas num patamar que conhece seus direitos e sabe como exercê-los.

Martín-Barbero, por sua vez, imagina que existe um modo de cidadania global que ele chama de urbano, aquele que se move pelo mundo em defesa dos direitos humanos e em causas como a água, o meio ambiente, o feminismo. Assim, no *sensorium* cultural do século XXI, as cidadanias e os espaços urbanos ampliam o poder político do comunicativo e cultural³⁸ (RINCÓN, 2019, p. 273).

É a partir dessas visões sobre o outro, sobre colocar-se no lugar de quem está à margem e procurar, nas pesquisas científicas, os elementos que ajudem a compreender mais profundamente todas as transformações que ocorrem na própria sociedade, que se propõe a pensar Martín-Barbero, como será mais detalhado nas próximas páginas. Os mapas que nortearam os grandes navegadores nas expedições além-mar são resultado de estudos e

³⁶ No original: *Y además de ser la identidad una estrategia posicional es también una política de autorreconocimiento.*

³⁷ No original: *Nuestros cuerpos se hacen comunicación inscritos en la identidad.*

³⁸ No original: *Martín-Barbero, a su vez, imagina que hay un modo de ciudadanías globales a las que llama urbanías, esas que se mueve mundialmente en defensa de los derechos humanos y en causas como el agua, el medio ambiente, el feminismo. Así, que en el sensorium cultural del siglo XXI las ciudadanías y las urbanías expanden la potencia política de lo comunicativo y de lo cultural.*

análises que serviram para traçar cursos precisos e direcionar para novos territórios que pudessem ser conquistados.

Nos campos da comunicação, o mapa de mediações proposto por Martín-Barbero em 1987 e atualizado em mais três oportunidades também permite direcionamentos e contribui para que se vislumbre de que forma os meios de comunicação estão se reorganizando e como isso afeta e influencia a sociedade contemporânea. No caso dessa proposta e das defendidas por Martín-Barbero, o pano de fundo é a sociedade latino-americana com todas as suas peculiaridades.

Os pesquisadores tentam compreender de que maneira ocorrem interferências na forma de pensar, agir e discutir ideias da sociedade. Em 1922, quando Lippmann (2010) apresentava as primeiras discussões sobre a mídia estadunidense e sua relação com as pessoas, observava pontos sobre os estereótipos criados e fortalecidos pelos meios de comunicação. Para ele, essa configuração não era apenas uma projeção de valores ou ideias, mas algo que poderia ser incorporado em vários níveis da sociedade.

Lippmann (2010) argumentava que entender todas as questões do mundo está fora do alcance das pessoas, por conta da complexidade de ações que se desenrolam diariamente em todos os locais. Cada um, à sua maneira e com suas percepções, cria imagens do mundo que está ao seu alcance. Quando recebem outras imagens de grupos de pessoas, passam a considerar elas também como algo relevante que faz parte do que o autor definiu como “Opinião Pública” com letras maiúsculas, e que corresponderia a uma realidade de todos. É importante examinar como essas mensagens que chegam do mundo exterior “formam um padrão de estereótipos, são identificados com os interesses da pessoa à medida que ele as sente e as concebe” (LIPPMANN, 2010, p. 41).

O argumento de que o processo de recepção é considerado individual também é algo desenvolvido por Martín-Barbero, mediado pelo cenário, meio e escolha que cada um faz. Há nessa questão da informação uma alta carga de racionalidade, já que cada um define as mensagens que mais impactarão ou não a sua sensibilidade. Dentro da partilha da sociabilidade ocorre a troca de informações, as opiniões são compartilhadas e discutidas e pode até haver mudanças nas formas de pensar e conduzir.

Marcondes Filho (2011, p. 173) ressalta que todos são seres comunicativos e que estão sempre transmitindo algo, de maneira consciente ou inconscientemente. “A comunicação baseia-se numa decisão, numa decisão do receptor: eu defino se quero ou não ouvir essa notícia, essa emissora”. Não se pode pensar na recepção como algo inerte. A partir do

momento em que se decide atuar no processo, por vontade própria ou de maneira inconsciente, há a formação da comunicação.

A complexidade dos meios de comunicação na sociedade e sua relação com o público receptor foram temas de pesquisas em vários países. Saindo de uma discussão funcionalista, que defendia que a mídia se tornava um instrumento de regulação da sociedade, reproduzindo os valores propostos pelo sistema social vigente, as escolas de pensamento crítico e, por conseguinte, seus pesquisadores, propõem uma discussão maior, incomodados com as transformações vivenciadas pela sociedade moderna (MATTERLART; MATTERLART, 2010).

Se no início a observação dos pesquisadores recaía sobre as classes altas, aos poucos eles voltaram o olhar para os menos abastados. Em 1964, na Inglaterra, um desses grupos começa a dedicar tempo para esse grupo, com a implantação do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em Birmingham, que passa a observar a cultura das classes trabalhadoras. Tendo como um de seus autores Stuart Hall, os pesquisadores repensam questões de ideologia e identidade.

A proposta do CCCS encontra na sociedade inglesa contemporânea, e na linha de pensamento de seus estudiosos, ingredientes suficientes para conduzir um novo processo de estudo. Apresentando embasamento teórico diferenciado, os pesquisadores uniram forças para desenvolver uma problemática que buscava nas instituições culturais a sua relação com a sociedade, verificando de que maneira isso era construído e influenciava na capacidade de transformação social.

Essa linha de pensamento se distancia da proposta de análise funcionalista, apresentada e defendida pela escola norte-americana, e se propunha a olhar para os meios de comunicação de massa fazendo uma observação crítica (MATTERLART; MATTERLART, 2010). O ponto principal desse estudo está na obra de Hall (2003), *Codificação/Decodificação*, publicado originalmente em 1973, que trata do processo comunicativo da televisão, examinado sob quatro aspectos: produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução.

Trabalhando com um paradigma culturalista, Hall passa a discutir de que forma a cultura não é apenas uma soma de textos, mas sim um sistema de sentido, trazendo para a discussão o viés marxista, conceitos de ideologia e de uma classe subjungando outra. “Ele acha que ideologias são formas pelas quais ideias diferentes tomam conta das mentes da massa e, assim procedendo, tornam-se ‘força material’” (MARCONDES FILHO, 2011, p. 134). Observar os deslocamentos e transformações da sociedade, a partir do olhar dos pesquisadores

e da forma como direcionam os estudos, também demonstra que linha de pensamento estão seguindo e de que maneira pretendem conduzir sua proposta de estudo.

O modo de se observar essas transformações implica a junção de conhecimentos que transitam por várias áreas e é por isso que a comunicação busca em outras ciências formas para entender as relações dos meios com seus receptores e os processos que fluem entre esses caminhos, algo como defende o próprio Martín-Barbero (2015, p. 27), ao justificar a interdisciplinaridade que envolve o tema. “[...] vinha eu da filosofia e, pelos caminhos da linguagem, me deparei com a aventura da comunicação”. Os argumentos do autor reforçam a importância de unir conhecimentos de áreas distintas para que se consiga compreender melhor os meios e sua relação com o público pesquisado.

Aventurar-se em uma área complexa, rica e que traz inúmeras possibilidades de pesquisa é algo que se desvela com a comunicação. A partir das décadas de 1970 e 1980, com a volta do sistema democrático aos países da América Latina, que antes vivenciavam ditaduras em seus regimes políticos, e o retorno de autores que estavam exilados, as pesquisas em comunicação voltam o olhar para seu próprio território, procurando entender melhor a população local e os impactos da mídia sobre ela.

Martín-Barbero (2009) relembra que, nesse período, pesquisadores de direita buscavam nos estudos norte-americanos as teorias que mais se enquadravam nas propostas que mais contribuía com as análises desenvolvidas. Já os de esquerda se inspiravam na escola francesa e nas propostas desenvolvidas no *Centre for Contemporary Cultural Studies* para encontrar paralelos e trazer para seus estudos. Dentro da Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação (Alaic) começou a surgir “uma consciência clara de que era preciso criar um pensamento latino-americano” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 145), algo que pudesse ser adotado pelos pesquisadores e que contemplasse a realidade da região.

Quando apresenta “Dos meios às mediações”, publicado pela primeira vez em 1987, Martín-Barbero reposiciona as pesquisas em comunicação inserindo-as num universo peculiar (ESCOSTEGUY, 2018). Para ele, a mudança consiste em “reconhecer que a comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 153).

Não se pode olhar para um universo tão plural como é o da comunicação de uma maneira singular, é preciso compreender melhor a realidade local para verificar de que maneira ela também perpassa no cotidiano desses povos. Por isso, o autor defende que os estudos tenham um olhar interdisciplinar, já que a identidade da comunicação que anteriormente pensava-se estar centrada nos meios está na “interação que possibilita a

interface de todos os sentidos, portanto, é uma ‘intermedialidade’, um conceito para pensar a hibridação das linguagens e dos meios” (p. 153).

Aos pesquisadores é necessário olhar para a sociedade como um todo, mas também com suas peculiaridades e divisões. A observação sobre as classes populares por autores latino-americanos, da mesma forma como era feita pelos principais nomes do CCCS, busca a compreensão de uma camada da sociedade que nem sempre é lembrada. Ou, como argumenta Escosteguy (2018, p. 107), “os estudos culturais latino-americanos, alicerçados na reflexão barberiana, formam-se dando preferência à materialidade social da cultura e à sua dimensão simbólico-política”.

A autora lembra que há incômodos em unir as pesquisas de Martín-Barbero e o projeto dos estudos culturais e dizer que são semelhantes. Embora dialoguem em vários aspectos, como a interdisciplinaridade e a proposição de discutir objetos e problemáticas que anteriormente eram ignorados, as duas propostas também apresentam divergências. “Parti da perspectiva de que estudar a comunicação era estudar os meios, que era o que nos chegava do norte, e eu dizia ‘não!’” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 150).

O que Martín-Barbero apresenta, mesmo admitindo a influência de Birmingham, são estudos de cultura latino-americana. “[...] Nesses estudos de cultura, todo o desenho da sociedade, todas as suas características estão presentes” (MEIRELLES, 2008, p. 9). São estudos que observam aspectos peculiares da América Latina, de seus países e moradores, com suas particularidades econômicas, culturais e sociais e que, conforme Martín-Barbero (2009), interferem na forma como se olha para os meios de comunicação e as relações de consumo na sociedade.

O que propõe o estudioso e sua forma de olhar para a sociedade foi bem assimilado no Brasil. A influência de Jesús Martín-Barbero, sua forma de pensar, discutir e conduzir os estudos, é inegável nas pesquisas em comunicação no país. Ele aparece como sendo o principal autor em 52% das teses e dissertações que envolvem as pesquisas de recepção (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005). Junte-se ainda os autores Canclini (2010, 2012) e Orozco Gómez (1996), e está constituído o trio de um dos principais referenciais teóricos quando a discussão envolve os estudos de recepção dentro da proposta de análise da cultura latino-americana.

Em sua argumentação defende que as pesquisas em comunicação voltem o olhar para seu entorno, por isso a necessidade de olhar a América Latina como de fato ela é, com suas origens que são mestiças, não deixando de observar os processos de inclusão e de exclusão cultural em que os receptores estão envolvidos (MARTÍN-BARBERO, 1995). Adentrar no

campo dos estudos de recepção não significa apenas utilizar métodos ou formas de explorar a pesquisa, mas consiste em buscar maneiras de aprofundar temas e levar em consideração essa participação do receptor no processo, independente de qual universo ele está inserido.

Com o embasamento teórico nessa linha de estudo é que se pretende direcionar esta pesquisa, investigando a relação do jovem morador de periferia de uma cidade do interior com o jornalismo, observando o conteúdo que é consumido por meio do smartphone, equipamento que está presente na vida de 79% dos brasileiros. Em 2018, dados apontaram que o Brasil é o quinto país do mundo em tempo que as pessoas disponibilizam para usar o celular³⁹.

São, em média, três horas diárias utilizando o aparelho. À frente estão apenas Indonésia, Tailândia, China e Coreia do Sul. Se for observado o total de aparelhos celulares – incluindo os que não são smartphones – em janeiro de 2021, segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o país possuía 235,4 milhões de celulares, representando uma densidade de 110,62 cel/100 habitantes⁴⁰.

A proposta segue investigando a juventude, como já especificado, de uma cidade do interior de Santa Catarina, voltando a atenção para realidades distintas e, neste caso, próximas da pesquisadora, já que ao estudar os adolescentes e jovens da cidade de Criciúma também procura-se oferecer subsídios novos às pesquisas em comunicação, entendendo sobre conteúdos e acessos que os jovens utilizam, aqui reforçando-se que não se trata de qualquer jovem, mas aquele que frequenta os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) e faz parte dos grupos organizados pela Central Única das Favelas (CUFA).

Dados divulgados pela Anatel demonstram que em Criciúma o número de celulares ativos é de 192.919, conforme números de janeiro de 2021, representando uma densidade de 88,78 cel/100 hab⁴¹. Um comparativo menor do que se avaliado o apontado pela Agência no país no mesmo período e que demonstra diferenças relevantes no contexto social e econômico local e que poderão ser observadas de maneira mais detalhada a seguir.

Porém, antes de seguir com as observações sobre os equipamentos, é relevante entender mais sobre os estudos de recepção e o público que será investigado. No levantamento feito por Schmitz; Fantoni; Mazer (2017), que avaliou as pesquisas em recepção e consumo midiático envolvendo a juventude, os cenários que surgem são poucos, se observado o contexto da faixa etária mais jovem. “Nos últimos 25 anos, a produção discente

³⁹ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-01/brasil-foi-5o-pais-em-ranking-de-uso-diario-de-celulares-no-mundo>. Acesso em: 25 maio 2019.

⁴⁰ Dados disponíveis em <https://www.teleco.com.br/ncel.asp>. Acesso em: 25 mar. 2021.

⁴¹ Idem.

foi abandonando gradativamente o adolescente (enquanto terminologia e faixa etária) para voltar-se ao estudo da juventude” (SCHMITZ; FANTONI; MAZER, 2017, p. 249).

Os dados apurados pelas pesquisadoras mostraram essa tendência nos estudos brasileiros, em especial na parte da recepção, que demonstraram um aumento na busca pelo entendimento do consumo do público jovem, deixando um pouco de lado o que é consumido pelos adolescentes. Outro fator que também perde força é o extrato social, principalmente as classes mais populares, que não são contempladas dentro das pesquisas investigadas, concentrando o foco na classe média.

O receptor é bem mais que um indivíduo que recebe as mensagens e as assimila integralmente, mas um sujeito que interage no processo de comunicação e interpreta de acordo com seus valores éticos, morais e sociais. Souza (1995, p. 23) argumenta que esse receptor é colocado numa área limite e conflitiva: “De um lado é o sujeito-indivíduo, o apelo ao usufruto, ao valor de uso dos bens da sociedade disponível; de outro lado, é o sujeito-social, mas no limite do aqui e agora, na valorização do tempo e do espaço em que de fato vale a pena investir e viver intensamente”.

O uso do termo receptor tem sua influência nos estudos norte-americanos sobre os meios de comunicação e seu público. Isso remonta ao início do século XX (SOUZA, 1995). Inicialmente, as pesquisas tratavam o receptor como alguém passivo, sendo bombardeado pela comunicação, absorvendo a tudo que recebia. Em “Dos meios às mediações”, Martín-Barbero traz reflexões de que é preciso olhar o receptor de outra maneira. Primeiramente, ele chama a atenção para a recepção, que considera não apenas uma etapa dentro do processo de comunicação, mas um espaço novo onde as pesquisas de comunicação devem ser direcionadas (MARTÍN-BARBERO, 2015).

O autor reforça que há uma ruptura de modelos, que anteriormente dava conta que o processo de comunicação era fazer chegar uma informação com significado já pronto, construído. “O receptor era ‘tábua rasa’, apenas um recipiente vazio para depositar os conhecimentos originados ou produzidos em algum lugar” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 41). Mas não é centrando todos os olhares sobre o consumidor que também se conseguirá a perfeição nos estudos.

A proposta do autor é que não se direcione o olhar nem exclusivamente para os meios, nem apenas para as audiências, mas que se observe as mediações que há entre os dois, que se avalie a produção, o poder ideológico, econômico, as questões sociais e culturais que permeiam esse espaço. Olhar para a realidade que se apresenta, e a partir disso direcionar este estudo, investigando qual é o jornalismo que interessa a esse jovem morador de periferia de

uma cidade do interior de Santa Catarina, e que utiliza o smartphone como suporte para isso. Ele se equipara, nesse ponto, aos demais jovens brasileiros, de outras classes sociais, que também utilizam o aparelho como uma ferramenta de comunicação, seja para acessar conteúdos como para produzi-los.

Aprofundando a análise que faz sobre as mediações culturais, a partir do que defende Martín-Barbero (1995, 2010, 2015) e também amparada em Williams e Ronsini (2018), há uma inter-relação entre conflitos sociais, as disputas entre as classes, apresentando, de um lado, o que é hegemônico, contra o que não é. Há uma reconfiguração do olhar do pesquisador para com a comunicação e as mediações, na medida em que os próprios mapas vão evoluindo e contribuindo para esse processo de análise (LOPES, 2018b).

Na sociedade moderna, o que se percebe são os movimentos de negociação constantes, em que as forças pulsantes ora se retraem, ora impulsionam os próprios movimentos. Para Figaro (2019), há uma construção simbólica que trata o povo de forma romantizada, avaliando se ele é bom ou mal, o que reduz a análise do contexto a aspectos superficiais.

A ideia de povo ingênuo e bom por natureza nos impede de compreender o movimento – via relações de comunicação – contraditório, expressão das relações sociais. O conceito de indivíduo/social histórico é mais produtivo para os estudos de recepção, porque permite a compreensão das lutas de classes e como se dá a hegemonia no poder. Nesse desenho teórico, o conceito de sistema é recolocado sob as leis da dialética (FIGARO, 2019, p. 12).

A contribuição das pesquisas de recepção é reunir elementos que permitam entender movimentos que vão sendo formados na sociedade, que se configuram como contraditórios ou hegemônicos, que tragam questões do senso comum ou inovadoras a ele. A percepção está em avaliar como o sujeito, assim como já apontou Martín-Barbero (2015), é fator integrante do processo e, dessa forma, responsável por suas ações, mesmo que ele esteja reproduzindo aquilo que a cultura social hegemônica e dominante determina como o certo (FIGARO, 2019).

Em um texto mais autoral que científico, Ronsini (2018) levanta a discussão sobre a convergência dos meios e as interferências na sociedade atual, lembrando que a mídia está conectada com o mercado e, por conseguinte, estimula os negócios e fortalece o consumo. “O poder se reformula para atender aos ditames do capital financeiro e empresarial de braços dados com o desmantelamento do Estado, e as tecnologias digitais são um de seus instrumentos” (RONSINI, 2018, p. 116). Apesar de trazer esse alerta, importante que se avalie ainda que a convergência digital não é apenas observada no aspecto negativo, quando inserida

no cenário atual, mas ela reflete um modelo de comunicação que transmite a informação de forma interativa, reconfigurando e recriando espaços e permitindo que novas conexões se fortaleçam.

Explicada por Jenkins (2009) como a palavra que define as mudanças tecnológicas, industriais e sociais que envolvem as mídias, a origem da palavra convergência está no latim⁴², e significa a condição do que caminha para o mesmo ponto ou objetivo, o que converge para um ponto comum ou ainda, na informática, a integração das mídias que se agrupam para funcionar num mesmo ambiente. Definições que permitem um entendimento melhor para o universo multidigital vivenciado na atualidade e que representa bem a união das mídias na comunicação (BRIGGS; BURKE, 2006).

O processo de globalização trouxe o conhecimento sobre a vida e a cultura de diferentes povos e nações, ainda assim a geometria do poder, como define Hall (2015), reforça questões desiguais que detém aspectos de controle e dominação ocidental, fortalecendo identidades das grandes potências mundiais sobre outros povos. De início, se supunha que o processo da modernidade contribuiria para formar identidades mais universais, já que traria a oportunidade de conhecimento do amplo, do todo.

Entretanto, a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do “global” nem a persistência, em sua velha forma nacionalista, do “local” (HALL, 2015, p. 56). Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes. Isto também sugere que, embora alimentada, sob muitos aspectos, pelo Ocidente, a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, descentramento do mesmo.

Martín-Barbero (2014) trata do tema assimilando pontos de Hall (2015) e divergindo em outros. Para ele, a globalização está integrada à lógica do mercado, que estimula o consumo desenfreado e aprofunda diferenças locais, ocasionando ainda mais pobreza e desigualdade num sistema que é capitalista. A diferença para o fundador do CCCS é que Martín-Barbero avalia que esta mesma globalização também permite que ocorra uma troca de conhecimento e cultura entre as pessoas, deixando de ver apenas o que ele chamou de “hegemonia do racionalismo ocidental” para trazer novas visões de mundo. Muito disso resultado de novas tecnologias que surgiram e são aplicadas por grupos que estavam à margem e hoje procuram apresentar um discurso contra-hegemônico.

⁴² Sobre o significado de convergência. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/convergencia/>. Acesso: 25 mar. 2021.

Mesmo com a velocidade das transformações tecnológicas, que implicam diretamente o modelo de vida atual da sociedade, e por mais que haja a interferência do poder constituído, especialmente pelos países que integram as grandes potências mundiais, o autor (2014) vê um processo de reconstrução das coletividades, de busca por união de iguais e fortalecimento de identidades regionalizadas que defendem e atuam por causas semelhantes.

[...] a revolução tecnológica das comunicações agrava o fosso das desigualdades entre setores sociais, entre culturas e países, ela também mobiliza a imaginação social das coletividades, potencializando suas capacidades de sobrevivência e de associação, de protesto e de participação democrática, de defesa de seus direitos sociopolíticos e culturais e de ativação de sua criatividade expressiva (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 19).

O argumento é que a tecnologia proporcionou a criação de um novo ecossistema comunicativo, algo entre o que é natural e o social, e que permite a reconfiguração dos modos de ser e viver no mundo, alterando as formas de se relacionar entre si. Ao tratar da convergência digital, Martín-Barbero (2014) lembra o quanto ela proporciona de renovação no processo de comunicação ao sair de um modelo que antes se configurara unilateral e linear para algo que traz a conectividade e a interação como principais elementos. Esse movimento faz com que a diversidade cultural presente na atual sociedade, e afetada diretamente pela convergência digital, se reconfigure de novas formas.

Uma delas é com a possibilidade de reunir em uma rede dados, imagens, sons e outros elementos que antes não estavam agregados. O outro ponto tem a ver com a própria possibilidade de dar voz a quem antes não tinha, como os movimentos sociais e as comunidades periféricas, e se tornaram opções “configuradas por uma enorme e diversa pluralidade de atores, mas que convergem para um compromisso emancipador e uma cultura política na qual a resistência é ao mesmo tempo criadora de iniciativas e alternativas” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 28).

Surgem quatro conceitos relevantes que as redes digitais promovem na sociedade e que o autor procura explorar de maneira mais detalhada. O primeiro diz respeito à apropriação dos meios, como rádio e televisão, pelas comunidades, porque é ali que elas conseguem mandar seu recado e trazer um pouco do seu cotidiano para o restante da sociedade.

O segundo ponto é organizado pelos imigrantes latinos nos Estados Unidos que encontraram, na convergência digital, o espaço para poder fortalecer e divulgar sua cultura. O cenário seguinte está diretamente ligado com a escola pública, que passa a utilizar um pouco mais as tecnologias, permitindo que ocorra uma formação mais completa do jovem que a

integra. Isso serve para que novas habilidades, agora estimuladas pela tecnologia contribuam para a formação da juventude. Para Martín-Barbero (2014, p. 30), essas transformações são fruto dos avanços da sociedade e se tornam “novas modalidades de aprendizagem formais e não formais. Ao avaliar a ampliação dos direitos à informação, o autor detalha o que observa como o quarto cenário nesse processo de convergência digital, e que contribui para que as comunidades não ficassem apenas recebendo a informação que era conveniente aos grandes grupos, mas que pudessem também produzir conhecimento, principalmente relacionado aos direitos dos cidadãos.

É neste cenário icônico, convergente, digital e em constante transformação que o jovem brasileiro, aqui voltando-se o olhar para o morador de periferias de cidades do interior, está localizado. Impactado pelas tecnologias e vivendo a era da convergência, o jovem procura se inserir nesse universo tecnológico, de maneira abrangente – para quem possui condições financeiras para isso – ou de forma mais simplificada. Ele tem acesso às ferramentas que facilitam o seu contato com quem não está próximo, seja para a troca de informações irrelevantes ou conteúdos que sejam de interesse comum.

Estudioso dedicado às nuances que envolvem os países da América Latina, Martín-Barbero conhece como poucos a questão juvenil. Isso porque o tema com frequência está presente em suas obras. Partindo de um sujeito que não deve ser observado pela idade, mas que tem a interferência de outros fatores, como o contexto sociocultural, e na atualidade, como apontam Jacks e Schmitz (2017, p. 6-7), “é preciso entendê-los, então, também como nômades, que não habitam mais na cidade como espaço territorial, pois desde a infância eles estão no mundo. Eles têm sua própria geografia que é traçada pela música, personagens/personalidades, etc.”.

O próprio conceito de espaço é tratado de outra forma na configuração das redes e assume uma nova dimensão, observado por esse prisma juvenil, deixando de ser um mero território físico para se tornar o espaço onde o jovem habita. Com o acesso às tecnologias, ele se conecta, une interesses que vão desde o trabalho, ócio, jogos ou, como argumentam Jacks e Schmitz (2017, p. 9-10), são um local onde se divertem. “Permitem ainda que a multiplicidade de telas com que convivem atravesse e reconfigure as experiências da rua, já que não estão mais necessariamente reunidos, mas interconectados”.

O que os jovens argumentam é que a sociedade não os percebe como cidadãos que podem contribuir mais do que meramente como espectadores. Ou, como define Martín-Barbero (2014, online, tradução da autora), “os jovens seguem querendo ser cidadãos, mas de

outro planeta, outra sociedade, outra família, outra rua...⁴³”, a intenção é ser diferente mas, ao mesmo tempo, também igual aos demais.

Dessa forma, encontram nas redes as proximidades com os semelhantes que pensam e interagem, o que faz com que a juventude localize ali os seus iguais, mesmo que essa aproximação se dê no campo virtual e não, necessariamente, no físico. O próprio termo “comunidade” se reconfigura nessa produção digital, reforçando o que Castells (2003) pondera ao discutir o lugar de encontro. Para ele, esse enfraquecimento do território não diz respeito a formar relações baseadas na proximidade geográfica, mas sim de acordo com afinidades.

⁴³ Em entrevista disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=VdvwSHvEob0>. No original: “*los jóvenes todavía quieren ser ciudadanos, pero de otro planeta, otra sociedad, otra familia, otra calle*”.

4 OS MÉTODOS TRAÇAM UM CAMINHO

Este estudo se propõe a trabalhar com a base teórica dos estudos de recepção a partir dos autores latino-americanos Martín-Barbero (1995, 2009, 2015, 2017), Canclini (2010, 2012) e Jacks (1995, 2014, 2017, 2020), que contribuem para que se tenha um entendimento mais aprofundado do tema. Já quando o assunto é juventude, os autores Abramo (2008), Gobbi (2012), Margulis; Urresti (2011) e Pappámikail (2010) são fundamentais para contextualizar e compreender melhor o público.

Observar uma sociedade, seus deslocamentos e transformações são pontos que instigam os pesquisadores e despertam o interesse em buscar o entendimento que envolve tantas perguntas. A comunicação busca em outras ciências os conceitos e formas de entendimento para compreender como se dá a sua relação com os receptores. A influência de Martín-Barbero, suas ideias e direcionamentos, estão presentes nas pesquisas de comunicação do Brasil, como já citado anteriormente (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005).

Os estudos que avaliam a recepção e o consumo midiático entre os jovens brasileiros apontou que os adolescentes foram sendo deixados de lado nos últimos 25 anos para se dar lugar àqueles com um pouco mais de idade (SCHMITZ; FANTONI; MAZER, 2017). Dentro desse aspecto, as pesquisadoras também observaram que o extrato social foi direcionado para a classe média, perdendo um pouco das classes mais populares da sociedade.

O universo do jovem, seja morador do Centro ou da periferia, é tecnológico, independentemente de onde ele reside a tecnologia está presente em seu cotidiano. Ele tem acesso às ferramentas que facilitam seu contato com quem não está próximo. A proposta de estudar a recepção, como ferramenta metodológica, contribui para que se observe o indivíduo, hoje não apenas recebendo as informações, mas como um sujeito que faz parte do processo comunicacional (SOUZA, 1995).

Como formatação metodológica, a presente tese está inspirada nos estudos de recepção, usa de métodos e técnicas das pesquisas qualitativas e quantitativas, reunindo as ferramentas que contribuíram para uma identificação mais detalhada do processo (RAUEN, 2015). A qualitativa está preocupada com os significados das ações humanas, como observa Martino (2018), lidando com as questões subjetivas. Já a quantitativa quer medir, calcular ou quantificar alguma questão comportamental.

Por buscar a precisão, utiliza técnicas como o questionário, que é formulado de acordo com os objetivos do pesquisador. Trabalha-se com a pesquisa participante, em que há a inserção do pesquisador dentro do ambiente investigado, fazendo com que ele interaja com o

objeto de estudo. Peruzzo (2003) aponta que o pesquisador acompanha e, em determinados casos, até vive a situação que envolve o foco de sua investigação. A partir do momento em que está dentro do grupo, o pesquisador precisa ter consciência de que sua inserção pode modificar o contexto que será investigado.

Da mesma forma que, por observar os fatores que o cercam, também o pesquisador pode ser influenciado por aquele grupo que está estudando. São esses fatores que são considerados os pontos frágeis e questionáveis nas pesquisas participantes. Para reduzir problemas, Peruzzo (2003) reforça que é fundamental que problema, objetivos e procedimentos metodológicos estejam bem delimitados para evitar que ocorram distorções ao longo do caminho que comprometam os resultados finais da pesquisa.

4.1 APROPRIAÇÃO METODOLÓGICA

Neste item é importante demonstrar que foram diferentes propostas articuladas, cada uma a seu turno e partes, estipulando um todo e fortalecendo a investigação e as análises, bem como a forma como elas podem ser descritas. Buscar traços nas respostas de adolescentes e jovens a partir de questionários e de observação participativa não é tarefa fácil em nenhum contexto, ainda mais num período atravessado por uma crise sanitária sem precedentes nos tempos modernos, como a pandemia mundial de Covid-19, enfrentada mais fortemente nos anos de 2020 e 2021. Não obstante, os esforços foram de, a partir desta apropriação de diferentes forças teórico-metodológicas, alcançar uma operacionalidade e um fluxo analítico potente aos estudos do jornalismo em telas multiplataforma e convergente.

Assim, considera-se o mapa das mediações de Martín-Barbero como ponto de partida e peça importante para o desenvolvimento de um percurso de entendimento contextual, histórico, social e cultural que envolve o jovem morador da periferia de cidades do interior do Brasil, assim como permite também construir caminhos para as investigações que possibilitam melhor compreensão dos aspectos da comunicação e do jornalismo por eles acessados/consumidos. Dessa base eficaz e, na sequência deste percurso, utilizou-se também as atualizações propostas por Rincón (2017; 2019), construído a partir da sua interpretação sobre Martín-Barbero, e seguindo com essa premissa, reiterando e compactuando com o que defende Martín-Barbero ao entender a cartografia como uma ferramenta que permite a percepção sobre o mundo atual e suas nuances.

Ressalta-se que é importante lembrar tais elementos neste trecho do trabalho tendo em vista que esta tese propõe uma apropriação metodológica operacional com vistas a dar

eficácia e viabilidade ao trabalho de investigação, com base no que foi teoricamente sedimentado por estes dois autores referidos anteriormente⁴⁴. Assim, a partir da atualização apresentada por Rincón (2017), após entrevistas com o próprio Martín-Barbero, é que se trabalha com a proposição e, por isso, nesta etapa, se recupera, novamente, a imagem do mapa das mediações com suas concepções.

Figura 6 – Novo mapa de mediações de Martín-Barbero/Rincón (2017)



Fonte: Lopes (2018b, p. 58).

Como tais concepções foram amplamente apresentadas e discutidas em capítulos anteriores, aqui não serão retomadas, mas discutidas no decorrer das considerações a seguir. O propósito é enfatizar que tendo a presente pesquisa o desafio de procurar compreender a relação da juventude de periferia de uma cidade do interior brasileiro e o consumo de jornalismo por meio do smartphone e, ainda, desenvolver uma forma de como buscar os dados e analisar o processo de investigação para a pesquisa, é que se considerou uma adaptação. Dentro do que já apresentaram Martín-Barbero (2015) e Martín-Barbero/Rincón (2017), e observando a importância e eficácia do Mapa Noturno de Mediações como suporte para analisar essa cartografia, ocorreu que poderia ser uma proposta viável utilizar uma apropriação metodológica do Mapa ampliando e adequando alguns de seus elementos.

⁴⁴ As discussões e aspectos que envolvem os Mapas das Mediações, especialmente o atualizado, proposto por Rincón (2017) a partir das discussões com Martín-Barbero, foram aprofundados no Capítulo 3, especialmente entre as pág. 64 e 68 deste trabalho.

Assim, esta tese apresenta não um novo mapa, mas um mapa “apropriado” metodologicamente para dar conta dos desafios a que esta investigação se propõe a fazer, bem como as possibilidades complexas de mapear acesso de produtos jornalísticos via smartphone por jovens cujas redes móveis não são mapeáveis, a não ser pelos seus depoimentos e registros. Tais limitações e restrições impeliram mais afincado à investigação e demonstraram, numa primeira tentativa, que a aplicabilidade desta apropriação do Mapa Noturno das Mediações poderia ajudar a potencializar os achados, explicar os atravessamentos que se vislumbram e que trazem aspectos que devem ser observados.

Um deles dá conta que o jovem que integra este estudo é de periferia, está afastado geograficamente do centro mais populoso e onde estão concentrados os principais equipamentos públicos, mas não está isolado, pois também integra um universo globalizado, conectado via smartphone, com acesso a novos ambientes, relacionamentos e redes de conexões mais amplas.

Diante do exposto, apresenta-se a seguir esta proposta de apropriação metodológica: o que se está denominando Mapa Noturno das Mediações da Juventude Periférica de Criciúma (MJC), cujo desenho se apresenta a seguir e, na sequência, suas explicações conceituais e concepções.

Figura 7 – Proposta de mapa a partir da juventude periférica de Criciúma



Fonte: Elaboração da autora, 2021.

No centro do mapa estão os principais mediadores da sociedade - Comunicação, Cultura e Política -, que seguem a proposta defendida por Martín-Barbero (2015), e embora novas configurações surjam e se atravessem, os três pontos centrais continuam gerindo, mediando e interferindo. Apesar de defender que os meios de comunicação ampliaram sua força de mobilização na sociedade, e têm forte relação com as questões culturais e de poder, eles não podem ser tomados com “único mediador”, já que há outros fatores transversais, como as lutas das mulheres, as inquietudes da juventude e “as novas maneiras de estar juntos” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 21), que se tornam novos mediadores.

No eixo vertical, Temporalidades e Espacialidades apresentam-se para trazer mais compreensão à proposta de estudo. Os dois aspectos se interligam, como Martín-Barbero (2015) e Rincón (2017) trabalham, dizendo respeito às experiências e novas conexões que a tecnologia permite que sejam feitas. O ser humano faz parte de tempos e espaços que são reorganizados, mutáveis e permeados pelos aparatos tecnológicos. E, para este olhar, aqui passamos a compreender também as mediações do eixo vertical como fluidas, que permitem conexões nunca antes imaginadas, mas que também servem para reconfigurar uma nova proposta de comunidade, de grupo.

Na relação entre Sensorialidades e Tecnicidades, que demarcam a cartografia no eixo horizontal, os autores não defendem apenas as questões técnicas, mas o modo de pensar, narrar e a fragmentação dos sentidos. Dentro do mapa proposto para esta tese, as Tecnicidades ajudam a compreender as novas interfaces no processo de formação da juventude, bem como a relação que o smartphone tem, tornando-se uma extensão do próprio corpo.

Os outros quatro pontos que são apresentados entre as mediações dos eixos principais, Narrativas, Redes, Cidadanias e Identidades, representam as articulações intermediárias dentro do processo de transformação pelo qual passa a sociedade, globalizada, tecnológica e em constante transformação. Todas são apresentadas no plural porque há uma multiplicidade de questões interligando tudo.

Na proposta do mapa configurado para este estudo, o que se observa como características nas articulações são os olhares para o local, com as Narrativas apresentando as histórias e os personagens que surgem na realidade dos próprios jovens participantes. Já as Redes demonstram que há o surgimento de novos fluxos de informação e consumo de conteúdo por diferentes meios. As percepções de mundo também se alteraram e as Cidadanias são reconfiguradas constantemente, já que há a valorização do estar presente no local, mas também fazer parte da comunidade virtual. E, por fim, mas com uma relevância única, as

Identidades, que são transformadas constantemente pelos agentes tradicionais, como família, amigos e escola, mas que hoje recebem a carga do ambiente virtual, cada vez mais presente.

A busca por entender a contemporaneidade faz com que se tenha nas mediações não apenas articulações que se situam entre determinados pontos, mas como questões mais densas e complexas, que servem para fazer os entremeios entre a comunicação e a tecnologia (RINCÓN, 2019). O que o autor observa é que há uma negociação constante entre os principais eixos da cartografia barberiana, que ora tensionam numa direção, ora afrouxam mais em outra.

Por conta disso, Martín-Barbero (2015) quer que não se dê ênfase em demasia ao produto da mídia, mas sim ao modo como esse conteúdo é apropriado e acaba sendo consumido pelo público. É o olhar para o entremeio e como isso tem reflexo no receptor, por isso as questões que envolvem a juventude periférica são inter-relacionadas com as negociações. O jovem busca o seu lugar de pertencimento, morando na periferia, mas fazendo parte de uma comunidade virtual, ampla e globalizada.

Desdobramento do verbo negociar, a negociação vem para ser um processo de conhecimento mútuo que tem como objetivo chegar a um consenso, a uma solução entre as partes envolvidas, de maneira que ambas consigam obter soluções para o problema em comum, ou pelo menos chegar perto disso. Essa questão, o negociar, faz parte do processo contínuo da juventude de periferia, que se estabelece como sujeito em busca de afirmação e oportunidades perante a sociedade.

Observando pela ótica de Martín-Barbero (RINCÓN, 2019), a cartografia apresenta as mediações como lugares onde essa negociação é constante e se faz presente tanto na vida social como nos espaços pessoais de cada indivíduo. Não há, nesse contexto, verdades que são consideradas únicas, mas pontos que são construídos e reconstruídos com o auxílio dos meios de comunicação, da localidade, da configuração familiar, do círculo de amizades e das culturas urbanas. Olhar para esses vetores é uma maneira de compreender que a mediação é um lugar de negociação, que se transforma constantemente, dependendo do momento e dos sujeitos que estão envolvidos.

4.2 O *CORPUS* DA PESQUISA

A proposta investiga a juventude da periferia da cidade de Criciúma, voltando a atenção para realidades distintas e, neste caso, próximas da pesquisadora, já que ao estudar os adolescentes e jovens também se procura oferecer subsídios novos às pesquisas em

comunicação e jornalismo, entendendo sobre conteúdos e acessos que os jovens utilizam. Aqui reforçando-se que não se trata de qualquer jovem, mas aquele que frequenta os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) e faz parte dos grupos organizados pela Central Única das Favelas (CUFA).

Para isso, tem-se como objetivo principal investigar qual é o conteúdo acessado pelo jovem morador de periferia da cidade de Criciúma, interior do estado de Santa Catarina, atendidos no CRAS e pela CUFA, acessado via *smartphone*. Com 219 mil habitantes⁴⁵, Criciúma é a maior cidade do sul de Santa Catarina. Conforme dados do IBGE, em 2019, o salário médio mensal era de 2,5 salários-mínimos. Isso levando-se em consideração que 38% da população total era considerada ocupada. Já se for observado a quantidade de domicílios onde os rendimentos mensais são de até meio salário-mínimo por pessoa, isso chega a 26% da população.

Embora esteja em 8º lugar entre as cidades consideradas mais ricas de Santa Catarina⁴⁶, levando-se em consideração o Produto Interno Bruto (PIB), Criciúma apresenta uma má divisão dos recursos, já que 26% dos moradores têm rendimento mensal de até meio salário-mínimo. É essa cidade, colonizada no final do século XIX por famílias de imigrantes italianos, que cresceu impulsionada pela extração do carvão mineral (CAROLA, 2020), com suas disparidades, que abriga o jovem morador das periferias, objeto de estudo desta pesquisa. Um jovem que se difere dos demais espalhados Brasil afora.

A proposta de estudo tem como objeto central o jornalismo e o jovem da periferia, observando que tipo de jornalismo é consumido por ele, utilizando como meio o *smartphone*. Para dar conta disso, a proposta tem como *corpus* definido 10 entrevistas em profundidade, realizadas com os adolescentes e jovens da periferia, buscando dois grupos delimitados dentro do CRAS Tereza Cristina e no bairro Santo André, onde há a atuação da CUFA Criciúma.

A investigação foi feita com um público que possui idades entre 13 e 27 anos, participantes de ações dos CRAS e também da CUFA. A definição deste público, que engloba adolescentes e jovens, é delimitada dentro de duas leis. A primeira faixa de idade é a estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que atende a um perfil entre 12 (incompletos) e 18 anos. Já a segunda faixa é pelo Estatuto da Juventude, que considera jovens as pessoas entre 15 e 29 anos. Essa junção de idades fez com que se optasse, neste

⁴⁵ Conforme projeção de 2021 do IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/criciuma/panorama>. Acesso em 05 set. 2021.

⁴⁶ Na lista das principais cidades pelo PIB estão Joinville, Itajaí, Florianópolis, Blumenau, São José, Chapecó, Jaraguá do Sul e Criciúma, conforme dados do IBGE de 2018. Dados disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/criciuma/pesquisa/38/47001?tipo=ranking>. Acesso em 05 set. 2021.

estudo, por ampliar a faixa de investigação, trazendo dados de adolescentes e jovens, mas trabalhando com a nomenclatura jovem ao longo do texto.

Freire (1981) argumenta que não se pode reduzir os grupos que estão sendo pesquisados a meros objetos de estudo. Isso, segundo ele, seria ir contra a dinâmica que defende que cada ser também possui sua parcela de interação social e que isso influencia a vivência do pesquisador.

“Se me interessa conhecer os modos de pensar e os níveis de percepção do real dos grupos populares, estes grupos não podem ser meras incidências de meu estudo” (FREIRE, 1981, p. 35). Por isso, a necessidade de tratar os integrantes do estudo com responsabilidade, observando as orientações e procedimentos éticos da pesquisa científica, conforme exemplificado a seguir.

Como será observado a seguir, a escolha por identificar parcialmente os participantes, excluindo nomes, se dá para que sejam preservadas as informações pessoais, já que os relatos, embora voltados para as questões pertinentes à pesquisa científica, retratam situações do cotidiano que podem provocar algum tipo de constrangimento pessoal. Dessa forma, optou-se por utilizar a identificação “Jovem CRAS” para os adolescentes e jovens que frequentam o Centro de Referência. Após esse nome, o número de 1 a 5, possibilitando assim diferenciar cada um deles. Já para os participantes que integram os projetos da CUFA, a identificação será “Jovem CUFA”, também diferenciando cada um deles pelo número, de 1 a 5.

A opção por mapear os dois grupos veio a partir dos desdobramentos que surgiram durante a investigação científica. O CRAS Tereza Cristina é um dos mais atuantes dentro do campo da assistência social da Prefeitura de Criciúma. No contraturno escolar oferece oficinas culturais, esportivas e educativas para adolescentes e jovens. Além disso, faz um trabalho social intenso, distribuindo cestas básicas para as famílias em situação de vulnerabilidade, auxiliando na emissão de documentos pessoais e também encaminhando jovens e adultos para o mercado de trabalho.

Essa unidade do CRAS está geograficamente localizada em uma das áreas de vulnerabilidade da cidade de Criciúma. A menos de 100 metros do local passa o trilho por onde circula o trem que transporta o carvão mineral das minas para o complexo Jorge Lacerda, na cidade de Capivari de Baixo, numa distância de pouco mais de 70 quilômetros. Ao lado do trilho do trem se concentram bolsões de pobreza, com moradias precárias, sem água e esgoto, além de intenso movimento de tráfico de drogas.

O outro mapeamento envolveu jovens que fazem parte dos projetos desenvolvidos pela Central Única das Favelas (CUFA), que tem seu braço em Criciúma desde 2019. Mas foi

em 2020, por conta da pandemia do novo coronavírus, que a atuação foi sendo ampliada e se configura atualmente como um suporte indispensável para centenas de famílias que residem em bairros catarinenses.

Um dos principais projetos em Criciúma é o Mães da Favela, que criou um fundo para ajudar milhares de mulheres, chefes de família, a sustentar seus filhos durante a pandemia. Conforme dados do programa, o Mães da Favela já distribuiu desde o início da mobilização, em 2020, até agosto de 2021, mais de R\$ 400 milhões em cestas básicas. São mais de 3,27 milhões de famílias beneficiadas⁴⁷. Somente em Santa Catarina, segundo dados de agosto de 2021, são 15 mil famílias atendidas pelo programa.

Na cidade de Criciúma o atendimento se dá em áreas de vulnerabilidade, como os bairros Tereza Cristina, Renascer, Paraíso, Vila Miguel e também em novas ocupações que são formadas, como é o caso da área escolhida para a realização da pesquisa. O bairro Santo André, na zona sul da cidade, já foi, no início dos anos 2000, formado por uma ocupação irregular. Desde 2020 novas construções foram sendo erguidas em terreno ao lado do Santo André, formando nova ocupação. É nesse espaço que moram os jovens entrevistados nesta pesquisa.

4.3 A ÉTICA NA PESQUISA CIENTÍFICA

Trabalhar com ética é pauta constante na atuação do jornalista. Sua relação com o tema é diária, já que impacta totalmente a construção e produção das notícias, por conta disso, o profissional da comunicação sabe que precisa sempre atuar de maneira coerente e dentro dos princípios éticos.

Também no trabalho que envolve a pesquisa científica, a ética é indispensável. No Brasil, as diretrizes que regulamentam a ética na pesquisa com seres humanos iniciaram com os estudos envolvendo a área da saúde e são tratadas pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (CAMPOS, 2020). É a partir dessa Resolução que são construídas as demais que envolvem a pesquisa científica e a participação direta das pessoas, o que abrange inclusive os estudos na Comunicação.

Embora não sendo um experimento como na área da saúde, a presente tese foi inscrita no Comitê de Ética na Pesquisa com seres humanos (CEP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e aprovada (conforme Anexo 1) pelo parecer nº 4.858.123, em 20 de julho de 2021. O estudo segue as normas aplicadas às pesquisas em ciências humanas e sociais,

⁴⁷ Dados disponíveis no site <https://www.maesdafavela.com.br/>. Acesso em 05 set. 2021.

conforme estabelecido pela Resolução CNS nº 510/2016, que trata dos procedimentos metodológicos que envolvem a utilização dos dados obtidos diretamente com os participantes, o que foi realizado neste caso.

A inscrição da proposta a ser pesquisada no Comitê de Ética na Pesquisa da UFSC iniciou no segundo semestre de 2019 com a inserção dos seguintes documentos: Projeto de pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (conforme Apêndice 2 e 3) que é voltado para adolescentes e jovens com menos de 18 anos, proposta do questionário que seria aplicado e folha de rosto. Nessa fase ainda não se pretendia aplicar a pesquisa com os jovens integrantes da CUFA porque a intenção era seguir apenas com os frequentadores do CRAS.

Após a análise dos documentos e do projeto enviado, o parecerista do Comitê de Ética solicitou que novos documentos fossem incluídos e outras informações atualizadas. Uma parada no processo de pesquisa por conta de problemas relacionados à saúde da pesquisadora e também em virtude da pandemia de Covid-19 inviabilizaram as respostas imediatas. Um novo processo foi atualizado e permitiu que documentos adicionais fossem anexados.

Nessa atualização foram enviados o ofício do secretário municipal de Assistência Social e Habitação da Prefeitura Municipal de Criciúma (Anexo 2), que é responsável pelos CRAS, bem como do coordenador regional da CUFA em Criciúma (Anexo 3). Na versão final, aprovada em julho de 2021, estão inseridos oito documentos, contando com o projeto de pesquisa, que são TCLE, TALE, ofício da Prefeitura Municipal de Criciúma autorizando o estudo junto aos CRAS, ofício do coordenador regional da CUFA em Criciúma dando ciência do apoio ao estudo, folha de rosto, cronograma de trabalho e modelo do questionário aplicado junto aos jovens.

A aprovação contribuiu para que o processo de pesquisa transcorresse de maneira transparente e segura, sendo uma garantia tanto para a pesquisadora quanto para os próprios jovens que aceitaram fazer parte do *corpus* pesquisado. Ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ou ter a assinatura dos pais no documento, eles também se mostram interessados em contribuir com o tema em estudo. Suas respostas trazem dados relevantes para compreender a proposta de pesquisa.

4.4 ESTRUTURA DA ANÁLISE

A presente investigação parte agora para os itens mais operacionais da análise quando explica as etapas a serem desenvolvidas a seguir. Os questionários, como já se explicitou,

fizeram parte de três processos específicos em períodos diferentes no trabalho. Esta escolha se deu por motivos metodológicos e, por último, pela necessidade de adequação do prazo do trabalho e do período de cerceamento de mobilidade por conta das restrições impostas pela pandemia de Covid-19 no mundo e no Brasil.

Assim, a primeira etapa desenvolveu um questionário com 23 perguntas para ser aplicado, a princípio, apenas a estudantes atendidos pelos CRAS e pelo Bairro da Juventude no município de Criciúma (SC). Ao longo do processo, percebemos que este grupo não seria suficiente, por isso optou-se por voltar o olhar para outros núcleos, quando se incluiu os moradores que integram a CUFA de Criciúma (SC), perfazendo um total de 104 entrevistados.

Na sequência, desenvolveu-se um segundo questionário, com 34 perguntas objetivas, que foi aplicado a um grupo específico de jovens participantes do CRAS e da CUFA. E ainda, sobre estes, foi realizada uma terceira seleção, subdividindo-se em 10 entrevistados, sendo 05 de cada núcleo, de modo a realizar uma análise mais aprofundada, com um terceiro questionário com mais 28 perguntas, trabalhados com a técnica de grupo focal e observação participativa.

4.4.1 Desdobrando os questionários

Os Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) atuam especificamente nos bairros identificados como territórios de vulnerabilidade onde os jovens moram. No final de 2016, a equipe de Ação Social de Criciúma tinha 25.947 pessoas dentro do Cadastro Único. Todas as famílias que integram os programas sociais do Governo Federal precisam estar cadastradas. Entre 12 e 17 anos eram 3.948 jovens. Isso representa aproximadamente 9 mil cadastros (famílias), que incluíam todos os benefícios oferecidos pelo poder público, desde o Bolsa Família até outras formas de transmissão de renda. A renda para ingressar é de até três salários/família ou até $\frac{1}{2}$ salário-mínimo per capita.

Dados de 2021, obtidos junto ao Ministério da Cidadania, trazem informações atualizadas sobre a quantidade de pessoas em situação de vulnerabilidade na cidade de Criciúma. Inscritos no Cadastro Único, em junho de 2021, estavam 9.211 famílias, o que representava um universo de 24.251 pessoas. Desse total, 41% sobrevivem com uma renda per capita (por pessoa) de até R\$ 89,00/mês. Importante trazer essas informações, já que esta tese se concentra no universo onde reside o público jovem que faz parte dos programas sociais e é atendido pelos equipamentos públicos que dão suporte a isso.

Os procedimentos metodológicos foram divididos em etapas, conforme pode ser observado abaixo no Infográfico 01, de maneira mais detalhada e resumida.

Gráfico 01: percurso metodológico



Fonte: a autora.

A primeira delas foi realizada com dois grupos distintos, como já especificado ao longo da pesquisa, e serviu para trazer os primeiros apontamentos e permitir que o *corpus* fosse mais delimitado. Envolveu adolescentes e jovens do Bairro da Juventude e das unidades dos CRAS nos bairros Tereza Cristina, Renascer e Santa Luzia. Um total de 104 questionários foram aplicados e resultaram em dados que contribuíram para estratificar o grupo que se desejava estudar de maneira mais aprofundada.

Esse levantamento ocorreu entre 2017 e 2018 (Apêndice 1) e foi necessário para conhecer melhor o público que seria escolhido para integrar a análise aprofundada. Foi a

partir desse questionário inicial, cujos apontamentos já foram trazidos em momentos anteriores, que foi possível chegar ao grupo definido como ideal. Nessa primeira etapa, adolescentes e jovens do Bairro da Juventude e dos CRAS responderam ao questionário. A investigação inicial tinha 23 perguntas e traçava um caminho dentro da tecnologia e da sua inserção na vida dos jovens.

O início trouxe informações pessoais, como idade, bairro onde mora e onde estuda. Na sequência, vieram perguntas sobre tecnologia, uso da televisão e do aparelho celular. A televisão estava presente em 94% das residências dos jovens ouvidos, sendo que 90% deles confirmaram consumir conteúdos da TV aberta, principalmente da Rede Globo, citando programas específicos como Globo Esporte, Big Brother Brasil, Domingão do Faustão⁴⁸ e Fantástico. Também surgiu a emissora SBT e as novelas voltadas ao público infantil e juvenil, como Poliana, que passava à época (2018).

A sequência do questionário trazia perguntas pertinentes aos celulares e uso dos aplicativos. O acesso ao Youtube era realizado por mais de 83% dos participantes, bem como a utilização do Facebook e WhatsApp, que chegavam a 90% dos jovens que possuíam celular, que representava 80% do *corpus* entrevistado. Uma rede que crescia entre eles era o Instagram, apontado como usado com frequência por 29% dos jovens.

A etapa seguinte envolveu a aplicação de questionário fechado com grupo específico. A amostragem foi realizada com 10 jovens, sendo cinco deles pertencentes ao grupo que frequenta o CRAS Tereza Cristina e cinco que estão ligados aos projetos desenvolvidos pela Coordenação Regional da Central Única das Favelas, no bairro Santo André, em Criciúma. Importante ressaltar que, por conta da pandemia provocada pela Covid-19, que ocorre desde 2020 até o momento em que as entrevistas foram realizadas em 2021, a aplicação dessa etapa seguiu as recomendações sanitárias, com uso de máscaras pelos participantes, álcool em gel e distanciamento. Em todas as entrevistas contou-se com o apoio de coordenadores que atuam nestes espaços.

O questionário proposto foi formulado de maneira sistemática, numa sequência para atender às demandas que surgiram com a intenção da pesquisa, trazendo as perguntas para que sejam respondidas de forma fácil e tranquila (RAUEN, 2015). Para isso, houve uma divisão em duas etapas. Num primeiro momento os jovens participantes responderam a um questionário (Apêndice 4) do próprio punho, sinalizando e marcando as respostas que consideravam mais adequadas ao seu cotidiano. A primeira parte do questionário trouxe os

⁴⁸ Entre a aplicação do questionário e a conclusão do trabalho, o nome do programa mudou, bem como o apresentador. A atração das tardes de domingo passou a se chamar Domingão com Huck, sendo comandada por Luciano Huck. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/domingao-com-huck/>. Acesso em jan. 2022.

“Dados socioeconômicos”. Essa fase inicial, com 11 questões, procurou saber um pouco mais sobre eles, onde moram, se estudam, com quantas pessoas residem, a renda familiar e se a pandemia trouxe algum problema para a família.

Na segunda parte, “Uso da tecnologia e consumo de informações”, foram definidas perguntas que servem para compreender mais o universo tecnológico do jovem. Com 28 questões, procurou entender melhor quais as tecnologias que estavam disponíveis aos jovens, o que e de que forma ele consumia. Essa divisão traz perguntas fechadas, onde havia as opções para assinalar, e as abertas⁴⁹, onde o participante pode escrever suas observações (RAUEN, 2015).

Para aprofundar um pouco mais o assunto e entender melhor o consumo de conteúdo por parte dos jovens entrevistados, optou-se pela realização de entrevistas em profundidade. A técnica do grupo focal permitiu trazer discussões por parte do pesquisador, observando como os participantes desenvolvem seus próprios questionamentos a partir das respostas dadas (CARDANO, 2017).

Os grupos focais são importantes para que se aprofundem questões importantes levantadas no estudo e servem para contribuir com a análise em questão. Essa etapa (Apêndice 5) foi conduzida pela pesquisadora, mais como um bate-papo para tentar aprofundar os temas. O roteiro foi dividido em cinco seções – Observações iniciais, deixando mais livre para que o jovem pudesse falar um pouco sobre si. O segundo ponto foi “Conhecendo a realidade”, e que trazia sete perguntas, mas com 23 desdobramentos. São questões que tratam do bairro onde reside, a questão da pandemia e também com a escola.

A terceira seção “Tecnologia e Informação” foi subdividida em sete questões e possuía 24 desdobramentos internos, que procuravam entender a inserção dos aparelhos tecnológicos e sua utilização pelos jovens. O quarto ponto em destaque foi “Veracidade e informação”, que contou com cinco perguntas-chave e um total de oito desdobramentos. A intenção foi entender os caminhos que os participantes percorriam quando o assunto era jornalismo e a veracidade da informação. A seção 5, a última proposta, trouxe o tema “Jornalismo e Comunidade”, e possui oito perguntas-chave e 12 divisões, que procuraram observar a relação das notícias jornalísticas com o local onde eles residem.

⁴⁹ As perguntas abertas foram: Que programas assiste na TV? Quem assiste com você? O que mais gostaria de ver na televisão? Quanto você (ou alguém da família) gasta por mês para colocar crédito no seu celular? O que mais gosta de ver no Youtube? Quais os youtubers que você assiste? O que você acha que é jornalismo? Quais os programas de notícia que você acompanha? Sobre o que gosta de ler? Quando quer ler sobre esse tema, onde procura? Que outras notícias você gostaria de ver na imprensa falando de sua comunidade?

A primeira fase de entrevistas em profundidade foi fundamental para permitir delimitar o *corpus* e definir quem seriam os jovens envolvidos mais diretamente na investigação. Optou-se por demarcar a ação em um CRAS, como já citado no bairro Tereza Cristina, e ampliar o olhar para uma comunidade atendida pela CUFA. Esse grupo final de 10 pessoas – cinco do CRAS e cinco da CUFA – configura o grupo de aprofundamento para esta pesquisa.

As entrevistas no CRAS Tereza Cristina foram realizadas em dois momentos, com os jovens definidos pela Coordenação do serviço, que levou em consideração critérios como frequência, bom comportamento e comunicação. Na primeira etapa, realizada em maio de 2021, participaram dois jovens com idades de 13 e 15 anos. Foi uma hora de interação com o grupo e depois mais uma hora e 35 minutos com momentos individuais, chegando a um total de duas horas e 35 minutos. A sala onde a conversa ocorreu também é utilizada como refeitório do Centro de Referência, mas estava em um horário em que não havia o movimento intenso de pessoas, no período vespertino.

O segundo grupo, com três pessoas com idades entre 16 e 27 anos, foi realizado em julho de 2021. As três entrevistadas também foram selecionadas pela Coordenação do CRAS por meio de critérios definidos por essa Coordenação, como disponibilidade de tempo, acessibilidade e facilidade em comunicação. Nessa oportunidade foi optado por realizar entrevistas individuais com as jovens, durante 40 minutos, 50 minutos e 52 minutos cada um, totalizando nessa etapa duas horas e 22 minutos. Os dois grupos foram ouvidos no refeitório do CRAS, espaço de fluxo contínuo e passagem de outras pessoas, mas que foi o local indicado pela Coordenação para a realização da conversa.

O terceiro grupo, esse de jovens ligados à CUFA, foi ouvido no mês de agosto de 2021. Ele foi selecionado pelo coordenador da CUFA em Criciúma, a partir de critérios próprios, como a participação dos jovens nos projetos sociais e disponibilidade de tempo para atuar na conversa. Foram ouvidos jovens de 12 a 24 anos, todos moradores do bairro Santo André ou da área ocupada recentemente junto àquela localidade.

As entrevistas foram realizadas em um bar, disponibilizado pela proprietária, que é para onde são levadas as doações de cestas básicas quando há o momento de distribuição para as famílias. O espaço foi aberto exclusivamente naquela tarde para receber a pesquisadora e os entrevistados e não havia circulação de clientes no local. Cerca de 10 pessoas aguardavam no momento da realização da pesquisa, mas, inicialmente, apenas quatro aceitaram participar.

No final, um adolescente, de 12 anos, também quis responder aos questionamentos. As entrevistas foram realizadas individualmente, mas próximas ao grupo maior que ficou

assistindo. Cada uma durou, em média, 30 minutos, exceto a última, que foi mais curta, com 20 minutos de duração, com um total de duas horas e 20 minutos de entrevista na CUFA.

Somando os tempos dos três grupos, foram gravadas sete horas e 17 minutos de entrevistas com as respostas e apontamentos. Essas observações vão contribuir, a partir de agora, para entender um pouco melhor o universo da tecnologia e também do consumo de informações entre os jovens dessas localidades. O detalhamento dessas respostas e algumas pistas para entender um pouco mais sobre o consumo da informação por estes jovens serão observados a seguir.

Para contribuir com as percepções e compreender melhor os dados apurados nos questionários, seja na primeira etapa, com o grupo maior, ou na segunda fase, foram definidas categorias que serão apresentadas a partir de agora e que contribuem para sistematizar os resultados gerais dos questionários. A categorização permite potencializar a discussão e articular com o Mapa Operacional proposto nesta tese. Serão observadas três categorias, Seleção dos entrevistados, Conteúdo e Perspectivas, cada uma subdividida em novos critérios, como será observado a seguir:

- Seleção dos entrevistados: Gênero; Idade; Conexão; Renda Familiar; Celular; Escolaridade.
- Conteúdo: Canais/emissoras/aplicativos; Programas; Temática; Âmbito (local, estadual, rede); Modalidade (TV ou celular); Tempo de acesso.
- Perspectivas: O que é jornalismo; O que são Fake News; O que quer ver; Acredita nos jornalistas.

Essas categorias, construídas a partir dos dados apurados junto às pesquisas com os jovens e também por meio do Mapa das Mediações proposto para esta tese, ajudarão a entender um pouco mais das relações do jovem da periferia de Criciúma com o jornalismo.

5 DESVENDANDO MAPAS E JUVENTUDES

A comunicação está em transformação, assim como o mundo está, ora volátil, ora densa, modificada pelos aparatos tecnológicos, pelas novas formas de produzir e propagar conteúdos, bem como consumi-los. O extrato social que compõe esta pesquisa se configura interessante porque permite que se aponte alguns caminhos na pesquisa de recepção em comunicação que envolve os jovens de periferias de cidades do interior, que não os grandes centros urbanos. A escolha pelo público, faixa etária e localização são pontos importantes que contribuem para que se observe o jornalismo, o consumo de notícias e os conteúdos que esses jovens acessam, utilizando o smartphone como ferramenta de comunicação.

Esse é o questionamento norteador deste trabalho, investigar qual é o conteúdo acessado pelo jovem morador de periferia da cidade de Criciúma, interior do estado de Santa Catarina, atendidos no CRAS e pela CUFA, acessado via smartphone. Para dar conta dessa verificação, conta-se com o suporte de autores, principalmente Martín-Barbero (2010, 2014, 2015, 2018, 2019), que ajudam a entender a dinâmica da sociedade, envolvida pela comunicação, cultura e política.

Mas, valendo-se dos mapas que contribuíram para que os navegadores chegassem a terras novas, esta pesquisa também se vale de uma cartografia própria, o Mapa Noturno das Mediações da Juventude Periférica de Criciúma (MJC), adaptado dos estudos e discussões que apresenta Martín-Barbero, e que auxilia na hora de interpretar os caminhos por onde a juventude percorre e como se entrelaça com o jornalismo. A partir de agora, de maneira mais detalhada, e com base na sistematização de “Categorias” apresentada na Proposta Metodológica, serão observados os dados do grande grupo de jovens investigado.

Na primeira etapa, como já citado anteriormente, as perguntas foram realizadas com adolescentes e jovens do Bairro da Juventude e dos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) da cidade de Criciúma (SC). A segunda etapa, com o aprofundamento nas questões e definição do grupo focal de estudo, foi realizada em 2021 com 10 jovens, sendo cinco do CRAS e cinco da CUFA, inserida nesta etapa por conta do trabalho feito em território cricumense durante a pandemia de Covid-19.

A pergunta sobre gênero, seja o que possui ou com o qual se identifica, não foi feita no questionário em nenhum dos momentos, mas pelo nome apresentado supõem-se que são 46 masculinos e 68 femininos. A faixa etária entre 13 e 16 anos foi a que mais concentrou público, respondendo por 74% dos entrevistados. Os demais estão entre 11 e 12 anos, 9%, e entre 17 e 27 anos, 19%.

Entre os jovens ouvidos, do universo de 114 entrevistados, 107 responderam que possuem aparelho de TV em casa. Já o acesso à internet está presente na realidade de 101 deles, seja em casa, no CRAS, na escola ou com o compartilhamento do vizinho. No grupo do CRAS ouvido em 2017, 52% não tinham internet em casa e utilizavam outros espaços para fazer uso. Em 2021 esse índice mudou, e 83% apontaram que já possuíam acesso à internet em casa.

O smartphone está presente na vida de 87% dos integrantes desta pesquisa, em ambas as etapas de entrevista, mas, a exemplo do dado anterior, que demonstrou a facilidade de acesso, isso foi ampliado entre uma fase e outra. No grupo de 2017, especialmente entre os jovens do CRAS entre 12 e 13 anos, a ausência do aparelho chegava a 50%. Em 2021, apenas 13% não contavam com um smartphone próprio. O item “Renda familiar” não foi inserido no primeiro grupo de questionários, por isso, fica prejudicada uma análise mais completa e detalhada. Na segunda fase, já com a inserção desse questionamento, o índice maior - 70% - afirmou concentrar renda entre 1 e 2 salários-mínimos.

O critério de escolaridade é fator presente na vida dos jovens, já que 94% estão estudando, o que é indispensável para os que acessam os programas e serviços realizados pelo CRAS. O restante, 6%, que não estuda são mulheres, jovens mães, de 17 a 27 anos, que constituíram família.

A segunda categoria de divisão dá conta do Conteúdo e, em relação a ele, traz respostas múltiplas quando o questionamento envolve os canais que são acessados em busca de conteúdo, seja da informação ou do entretenimento. A “televisão” surge com frequência, sendo que foram 38 citações de “Globo” e 20 de “SBT”. A emissora local, RTV Criciúma, também foi citada quatro vezes. Há referências ainda para acessos no Facebook, Youtube e WhatsApp.

A descrição dos programas que são assistidos traz a confirmação de que as duas emissoras nacionais são as que possuem a maior audiência do grupo pesquisado, já que nomes de programas como Faustão, Fantástico, Globo Esporte, Só toca top, Altas Horas, O Sétimo Guardião, Jornal Nacional, Jornal Hoje e Jornal do Almoço são da Rede Globo. Já Silvio Santos, As aventuras de Poliana, Sam e Cat, Primeiro Impacto, são produções exibidas pelo SBT e que aparecem detalhadas nas respostas dadas pelo grupo ouvido nesta pesquisa.

A plataforma do Youtube também é um ponto de acesso constante dos jovens. No grupo da primeira fase desta pesquisa, 83% confirmaram acessar o Youtube para buscar conteúdos específicos e 77% faziam isso todos os dias. Já no grupo da segunda fase todos acessam a plataforma, mas o índice que faz isso diariamente caiu para 54%. O que os jovens

buscam no Youtube é bem variado, desde youtubers famosos, como Whinderson Nunes, Felipe Neto, Aline Barros, Kevinho, Desimpedidos, Dani Russo, Paula Stephania, Mansão Maromba, Lucas Lira, Isadora Pompeo, Os Gêmeos, são nomes que surgem nos detalhes dos questionários.

Mas há uma grande quantidade de youtubers e canais ligados ao mundo dos jogos, como GTA Live, Mussoumano, Piuzinho, PH (Play Hard), Patife, Lipão Gamer, Clash War, Brother AGI, Belgas TV, 7 Minutoz, Cerol, El Gato, TTwo9, Nobru, Skorpions Gamers, Rato Borrachudo. Entre assuntos, os jovens das duas fases trazem temas diversos como música, documentários, vlogs, filmes, notícias, curiosidades, séries de jogos, carros, fazer slime, humor, moda, mundo desconhecido, tutorial, esportes, cinema, receitas, hinos.

Ainda no âmbito do conteúdo que os jovens entrevistados consomem, todos os que assistem a TV fazem isso com alguém do núcleo familiar e, entre esse grupo, 65% informaram que o período noturno é o principal onde isso normalmente ocorre. Quando os canais de consumo envolvem aplicativos, como o Youtube, a ferramenta utilizada é o smartphone, embora um pequeno número - 5% - afirme possuir também notebook e tablet. Como não foi feita uma pergunta sobre o tempo específico em que passam em cada segmento - televisão, celular, auxílio nas tarefas de casa, escola e momentos de lazer - é difícil precisar exatamente o tempo utilizado em cada um desses momentos.

O tipo de notícias que costumam ler e/ou assistir foi indagado e foi apresentado em respostas múltiplas, surgindo os temas: entretenimento/filmes com 34%, violência com 29%, esporte/futebol 22%, tecnologia/games com 8%, comunidade com 3% e outros com 4% de afirmações. Já entre o grupo ouvido na segunda fase dos questionários os itens que mais surgiram foram entretenimento, com 28% da preferência, tecnologia/games, violência e comunidade, os três com 19%, e, por fim, esportes, com 14% do indicativo de notícias que costuma ler e/ou acessar.

Na terceira categoria, que envolve as Perspectivas, especialmente as do jornalismo, o tema é tratado em quatro subdivisões e permite que se trate de alguns aspectos. No primeiro, o que você acha que é jornalismo, há um percentual alto de respostas em branco, com 54% dos participantes que deixaram de responder. Entre as respostas que surgiram o termo “notícias” está presente em 22% das indicações, como “um programa que passa as notícias”, “jornalismo é uma forma de falar de notícia”, “notícias do mundo”, “onde assistimos as notícias”, “fazer pesquisas e espalhar notícias importantes”.

Há ainda os que detalharam um pouco mais, como “Jornalismo é um negócio que informa coisas que as pessoas não sabem”, “bem importante”, “meio de comunicação que

busca conversar com as pessoas”, “jornalismo é nosso meio de comunicação com o que está acontecendo”, “passar informações para o povo sobre o mundo”, “é uma profissão que serve para pesquisar e informar fatos e acontecimentos do mundo, visando sempre nos transmitir a verdade”, “mostrar o que é pra mostrar, quando precisa ele vem no bairro, mostra o que a gente pede, ajuda bastante”.

O consumo digital permitiu que os jovens aprendessem a identificar as *Fake News*, e 80% do grupo informaram saber diferenciar um conteúdo que é desse estilo. Para isso, conforme afirmaram, observam comentários nas publicações e fazem pesquisas em sites de busca para verificar se o assunto já foi tratado em outro meio, como a mídia tradicional. Essa relação de confiança com a imprensa é observada na pergunta ‘Os jornalistas falam a verdade?’, e que recebeu o Sim de 74% dos jovens entrevistados.

Já quando a pergunta era sobre notícias da sua comunidade que gostaria de ver, os jovens que responderam, 63% do grupo, apontaram dois grandes aspectos. O primeiro, e mais citado, envolve as questões da comunidade, como melhorias em ruas, campo de futebol, praça e parque, saneamento básico, recuperação do rio, além de oportunidades de emprego. O outro ponto, citado por 33% dos jovens, diz respeito a iniciativas dos moradores que atuam no auxílio a outras pessoas, além da valorização do trabalho do CRAS e da CUFA.

Esses desdobramentos apontados aqui servirão de base para detalhamentos mais aprofundados que serão feitos na análise a partir de agora. São relevantes ainda para que se observe a interação do jovem da periferia criciumentense com a tecnologia e as novas ferramentas de comunicação.

A partir de agora, seguem as respostas obtidas nesta tese com os dois grupos do CRAS e da CUFA, em que foi realizada a pesquisa aprofundada. Essas respostas são articuladas com o referencial teórico discutido até aqui e que trazem ganhos, principalmente, para análise dos dados coletados. Optou-se em dividir os grupos neste primeiro momento e organizar as respostas de maneira separada, para depois unificar as informações. Assim, será possível também entender melhor o contexto de cada grupo participante da pesquisa.

5.1 O JOVEM DO CRAS

O primeiro grupo que participou da pesquisa em profundidade foi composto por cinco jovens. Eles integram as famílias que participam dos projetos sociais e educacionais desenvolvidos no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) do bairro Tereza Cristina. Essa unidade – uma das seis instaladas no município de Criciúma – atende não

apenas a comunidade no entorno, mas também os moradores dos bairros Paraíso e Pinheirinho e as famílias que vivem na margem da via férrea.

Como explicado anteriormente, a proposta inicial de trabalhar com jovens da periferia de Criciúma foi sendo ajustada. Após aplicar o primeiro questionário com alunos do Bairro da Juventude e dos CRAS, observou-se a diferença de realidades entre os dois públicos, demonstrando uma falta de acesso às tecnologias e também aos espaços públicos por parte do segundo grupo.

Dessa forma, a opção foi para direcionar o estudo para os adolescentes e jovens que frequentavam os CRAS. Do ano de 2017 para 2021, quando ocorre a delimitação do *corpus* definitivo e a inclusão de um novo grupo, o dos jovens da CUFA, percebem-se mudanças no acesso aos equipamentos tecnológicos, hoje algo bem mais presente no universo juvenil.

Porém, antes de detalhar cada um desses aspectos, pretende-se compreender um pouco mais sobre esses jovens. Para entendimento nesta pesquisa, eles foram divididos em dois grupos: o Grupo CRAS e o Grupo CUFA. O primeiro é composto por cinco pessoas, sendo dois do sexo masculino e três do sexo feminino. As idades variam de 13 a 27 anos, trazendo um grupo heterogêneo, diferenciado e com particularidades. Importante compreender um pouco mais sobre cada um dos jovens ouvidos, porque, embora sejam adolescentes – faixa de idade considerada até os 18 anos incompletos – optou-se por chamar todos de jovens para facilitar o entendimento deste trabalho.

O jovem CRAS 1, que será identificado dessa forma a partir de agora, tem 15 anos, mora no bairro Tereza Cristina e estuda no 9º ano do ensino fundamental em uma escola pública no bairro vizinho, que fica próximo à sua casa. Como apontado na pesquisa desta tese, ele se desloca a pé e leva em torno de 10 minutos para chegar na instituição de ensino da rede municipal. Para se divertir ele afirma que gosta de jogar bola com os amigos, mas também alguns jogos pelo celular. Frequenta o CRAS, onde participa de oficinas culturais, esportivas e reforço escolar.

O jovem CRAS 2 tem 13 anos, mora no bairro Paraíso e também participa das oficinas culturais e esportivas do CRAS Tereza Cristina. Ele estuda no 7º ano do ensino fundamental em escola pública da rede municipal que fica a uns cinco minutos de casa. Sua principal diversão é jogar no celular, principalmente o jogo *Free Fire*. Uma de suas tarefas diárias é cuidar do cavalo da família, alimentar, dar água, levar para espaços onde pode pastar, isso é sua responsabilidade. Ele considera ruim o bairro onde mora, porque “tem sujeira, lixo, o rio é lugar de despejar esgoto. Não gosto de polícia, que já chega batendo em todo mundo. Meus

tios já foram agredidos pela polícia. Ela já chega batendo, botando no paredão” (JOVEM CRAS 2, 2021).

A jovem CRAS 3 tem 16 anos. Ela mora no bairro Paraíso e estuda no 1º ano do ensino médio em escola da rede estadual de ensino no Centro da cidade, distante cerca de cinco quilômetros de onde reside e vai de ônibus para o colégio. Sua relação com o CRAS ocorreu porque o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) fez parceria, oferecendo vagas de emprego e estágio, e ela queria trabalhar. Um dia depois da entrevista para esta pesquisa, a jovem começou a trabalhar como estagiária em uma escola, vaga oportunizada por meio desse convênio. Como diversão, afirma que gosta de cozinhar para a família, fazer bolos.

A jovem CRAS 4 tem 17 anos, mora no bairro Paraíso e está grávida de seis meses de uma menina. Por conta da gravidez ela não está estudando. Frequentou o 1º ano do ensino médio em 2020 e chegou a iniciar o 2º ano em 2021, mas parou por conta da gravidez. O colégio é o mesmo que a Jovem CRAS 3 frequenta, que fica a pouco mais de cinco quilômetros de onde reside e onde ia utilizando o transporte público. Disse que quer continuar estudando. “A mãe sempre pediu pra gente não abandonar os estudos” (JOVEM CRAS 4, 2021).

A relação com o CRAS, principalmente com a equipe técnica, é muito forte. Ela argumenta que sempre estão ali, buscando auxílio. “Precisamos bastante de ajuda. Ligo pra ver se tem cesta de alimentos, de frutas, eu e a mãe não saímos daqui. Eles conseguem ajudar e a gente vai atrás” (JOVEM CRAS 4, 2021). Por conta da gravidez deixou a casa da mãe, que é perto, e foi morar com o companheiro, pai do bebê.

A jovem CRAS 5 tem 27 anos, é casada e mãe de duas filhas, uma com sete e outra com oito anos. Ela é natural de Florianópolis, mas veio morar em Criciúma há dois anos, depois que a mãe se mudou para cá também. Veio com as filhas e o marido. Atualmente está desempregada. Ela trabalhava como empregada doméstica, mas no início da pandemia foi demitida pela “patroa”. No período da entrevista sua função era cuidar da casa e das filhas. A renda familiar vem do marido. Eles moram bem em frente ao CRAS Tereza Cristina, e usam os serviços oferecidos pela unidade. A diversão que apontou é sair e passear com a família.

Conhecendo um pouco mais o grupo que integra o *corpus* do CRAS entende-se novas configurações que serão apresentadas a seguir, como sociais, econômicas e tecnológicas que envolvem os estudos. Observando a primeira parte do questionário e da entrevista em profundidade que foi aplicada com eles, tem-se os aspectos socioeconômicos do grupo que frequenta o Centro de Referência. Entre eles, 75% estudam em escolas públicas, seja cursando o ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, ou o ensino médio. Os 25% que não estudam fizeram

isso há algum tempo, como o caso da Jovem CRAS 5, ou pararam recentemente, como a Jovem CRAS 4. Quando perguntados sobre quantidade de pessoas que residem com eles, 63% apontam que moram com quatro ou mais pessoas na mesma casa.

Outro ponto observado, que demonstra a peculiaridade do grupo investigado no CRAS, surge na verificação da renda média salarial das famílias. Na casa de 37% dos jovens entrevistados a renda está identificada como de até 1 salário-mínimo⁵⁰, enquanto em 25% dos lares os rendimentos ficam entre 1 e 2 salários. Esse mesmo percentual, 25%, não soube precisar quanto era a renda da família. E 13% confirmaram que o valor dos rendimentos familiares está entre 2 e 3 salários-mínimos. Se observado o dado anterior ao econômico, com a condição de lotação da moradia, em que 63% moram em quatro ou mais pessoas, é complexo já entender o quanto as rendas familiares estão comprometidas e como é necessário o suporte de órgãos públicos como o CRAS.

Para entender um pouco mais desse universo, são apresentados aqui os apurados junto ao Cadastro Único do Governo Federal e que envolve as famílias de Criciúma. São moradores da cidade que têm acesso aos programas sociais e é o público base que procura pelo atendimento nas seis unidades do CRAS do município. Embora não haja essa estratificação por unidade, com essas informações mais gerais é possível ter um ideia do atendimento que é realizado e da quantidade de pessoas atendidas. Uma das principais transferências de renda para esses moradores ocorre através do Bolsa Família⁵¹. No mês de agosto de 2021, foram 3.696 famílias beneficiadas pelo programa, o que representou um repasse de R\$ 425.588,00⁵² no total, conforme dados oficiais disponibilizados no site do Ministério da Cidadania.

Desde quando começou a ser aplicado no Brasil, em 2004, o Bolsa Família atendeu moradores de Criciúma. O mês em que foi registrado o menor número de cadastrados após a implantação do programa foi em novembro de 2008, quando havia 2.543 famílias integrantes. Em 2020, quando iniciou a pandemia provocada pela Covid-19, percebeu-se pelo gráfico do Ministério da Cidadania⁵³ um salto nos cadastros. Em março havia 2.693 cadastrados, já em abril isso passou para 3.382, demonstrando que mais famílias procuraram o benefício para complementar a renda que foi perdida. O maior número de cadastros foi alcançado em abril

⁵⁰ O valor do salário-mínimo em 2021 é de R\$ 1.100,00.

⁵¹ O Bolsa Família é um programa de transferência de renda do Governo Federal criado por lei (nº 10.836, de janeiro de 2004). Possui três eixos principais: complemento de renda, acesso a direitos e articulação com outras ações para o desenvolvimento das famílias. Hoje, está sob a atuação do Ministério da Cidadania. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-familia>. Acesso em 7 set. 2021.

⁵² Os dados dos beneficiados pelo Bolsa Família podem ser acessados no site do programa. Disponível em <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirmeps/bolsafamilia/painel.html>. Acesso em: 7 set. 2021.

⁵³ Idem.

de 2021, com 3.711. Em junho, havia apenas uma família cadastrada a menos, com 3.710 registros. Os dados apontavam que o benefício chegou para 10.486 pessoas, de acordo com informações oficiais do Ministério.

Parte dessas famílias busca também os CRAS para o acesso aos mecanismos de atendimento na área da assistência social. Esse apontamento ficou claro nas entrevistas realizadas com os jovens que integram esta pesquisa e falaram sobre o tema. Os jovens ouvidos na pesquisa utilizam esses programas, que vão desde doações de itens básicos, como alimentos e roupas, até atividades educativas e recreativas no contraturno escolar.

A Jovem CRAS 3 não participa das oficinas culturais ou esportivas, mas procurou a unidade para ter o encaminhamento para o CIEE, abrindo portas para o mercado de trabalho e fazendo a ligação entre o jovem, ou o adulto, e as empresas. O suporte oferecido pela unidade permitiu que ela conseguisse a vaga para estagiar em uma escola. Há ainda casos como os das Jovens CRAS 4 e 5, que recebem o atendimento no programa com a entrega de cestas básicas e cestas de frutas para completar a alimentação em casa.

Embora com algumas situações mais graves, neste grupo, a pandemia provocada pela Covid-19 afetou apenas 37% dos entrevistados, como apontado nos resultados da pesquisa. Em três famílias houve casos de contaminação decorrentes do vírus e o tio de um deles faleceu por conta da doença. A perda de renda veio no caso da Jovem CRAS 5, demitida do emprego de empregada doméstica e que ainda não havia conseguido outra ocupação.

A segunda parte dos questionários direcionou as perguntas para as questões da tecnologia e informação, procurando entender a relação deles com a TV aberta, com os conteúdos consumidos e também com o uso do smartphone. No grupo, 100% dos jovens possuem aparelho de TV em casa, sendo que 63% confirmaram possuir TV a cabo, embora metade disso não especificou que marca ou aparelho proporcionava isso.

Entre eles, 100% confirmaram assistir aos programas da Rede Globo⁵⁴, sendo que 25% citaram também o SBT. A maioria deles, 75%, afirmou assistir à TV junto com algum membro da família – pai, irmão, mãe – ou ainda com a família toda. Esse momento em que todos param para assistir algo em conjunto foi elencado como sendo “novela”, “Globo”, “desenho”.

Pontos que podem ser observados a partir das respostas servem para identificar que hoje a tecnologia tornou-se mais acessível ao grupo. Nos questionários da primeira fase,

⁵⁴ Em Santa Catarina, a emissora filiada à Rede Globo é a NSC TV. Até 2016 era a RBS TV responsável por retransmitir o sinal no estado, mas a concessão foi vendida ao grupo NSC. Eles atuam hoje na cobertura das 295 cidades catarinenses, com uma potência de sinal que atinge 3,4 milhões de telespectadores/dia. Dados disponíveis em: <https://www.nsccomunicacao.com.br/marcas-nsc/nsc-tv/#sobre>. Acesso em 8 set. 2021.

aplicados entre 2017 e 2018 (Apêndice 1) e que serviram para delimitar o *corpus*, entre os participantes dos CRAS, 35% não possuíam aparelho celular. O índice era ainda maior se observados os mais jovens, com idades de 12 e 13 anos, onde a ausência do aparelho se aproximava dos 50%. Hoje, apenas 13% não possuem o smartphone.

Outro fator que também difere da primeira fase dos questionários é o acesso à internet na própria casa. Em 2017, 48% dos participantes que estavam nos CRAS não contavam com essa opção. Já na fase de perguntas aplicada em 2021 isso é comum a 87% dos participantes. A jovem que confirmou não estar com aparelho celular no momento é a Jovem CRAS 4, que está grávida de uma menina. “Já tive celular, mas hoje não tenho. Nossa renda não dá. Então não tem como pensar nisso, principalmente agora. Tem coisas que são muito mais necessárias” (JOVEM CRAS 4, 2021).

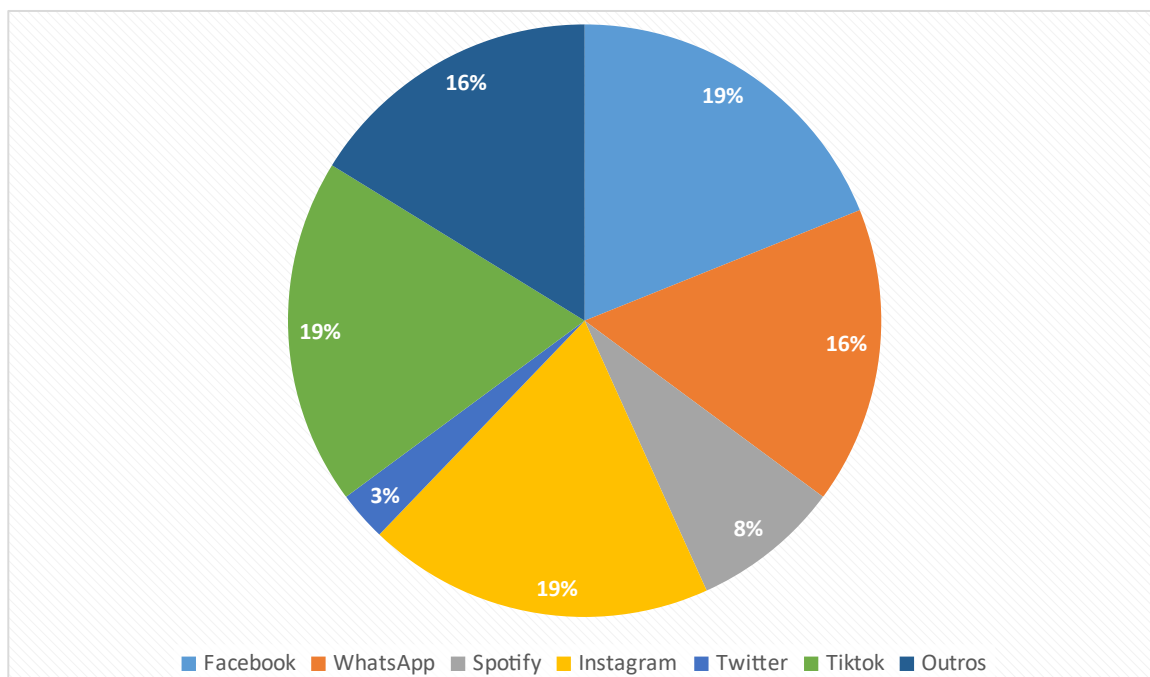
Mesmo não tendo um aparelho próprio ela admite que, às vezes, pega o da mãe para realizar pesquisas. “Eu gosto de ficar vendo notícias, aí aparece alguma coisa que gosto de ver, de pesquisar, e olho” (JOVEM CRAS 4, 2021). Diferente dela, que usa algumas vezes o aparelho da mãe, os demais entrevistados utilizam o smartphone todos os dias. Fazem uso de aplicativos que estão disponíveis no celular para entretenimento e comunicação. Como mostra o gráfico abaixo (Gráfico 1), três deles estão presentes em todos os aparelhos: Facebook⁵⁵, Instagram⁵⁶ e Tiktok⁵⁷.

Gráfico 02: Aplicativos que possuem no celular Jovens CRAS

⁵⁵ O Facebook é uma rede social que permite o compartilhamento de mensagens, links, vídeos e fotografias. A ferramenta foi criada em 2004 pelos norte-americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hufghes e pelo brasileiro Eduardo Saverin. A plataforma possui 2,85 bilhões de usuários ativos no mundo. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1486/como-funciona-o-facebook>. Acesso em 7 set. 2021.

⁵⁶ O Instagram também é uma rede social que permite o compartilhamento de fotografias e vídeos. Foi criado em 2010 por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger. São 1,22 bilhão de usuários ativos no mundo. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>. Acesso em 8 set. 2021.

⁵⁷ Já o Tiktok é uma ferramenta de compartilhamento de vídeos curtos, de 15 a 60 segundos, mas que oferece recursos para edição, como filtros, legendas e trilhas sonoras. Surgiu em 2014, com o nome de Musical.Iy, desenvolvido por uma empresa chinesa. Em 2019 foi baixado 750 milhões de vezes. São hoje 689 milhões de usuários ativos no mundo. Disponível em: <https://tecnoblog.net/337651/o-que-e-tiktok/>. Acesso em 8 set. 2021.



Fonte: Elaboração da autora.

Os três aplicativos indicados por todos que possuem celular mostram que os jovens seguem a tendência mundial⁵⁸, já que essas redes sociais estão sendo acessadas mundialmente. Os dois primeiros de maneira consolidada e o último, o Tiktok, como algo novo que vem despertando o interesse de muitos jovens. Somente o Facebook, que lidera o ranking de acesso às plataformas digitais, reúne 2,85 bilhões de usuários ativos no mundo, sendo que ele também é o primeiro no Brasil, com 120 milhões⁵⁹ de pessoas conectadas.

Os dados desta tese demonstram mudanças no uso do smartphone e na escolha por novos aplicativos. Em 2017, no primeiro levantamento, as informações apontaram que 38% dos jovens entrevistados haviam baixado o WhatsApp no celular, já 31% possuíam o Facebook. O Instagram estava em 10% apenas dos aparelhos, diferente de agora, em que surge como um dos principais aplicativos de acesso dos entrevistados. Outro ponto que diverge, e conforme aponta o Gráfico 1, é a utilização do Tiktok, que divide as atenções e atrai a curiosidade dos jovens, como se observa a seguir.

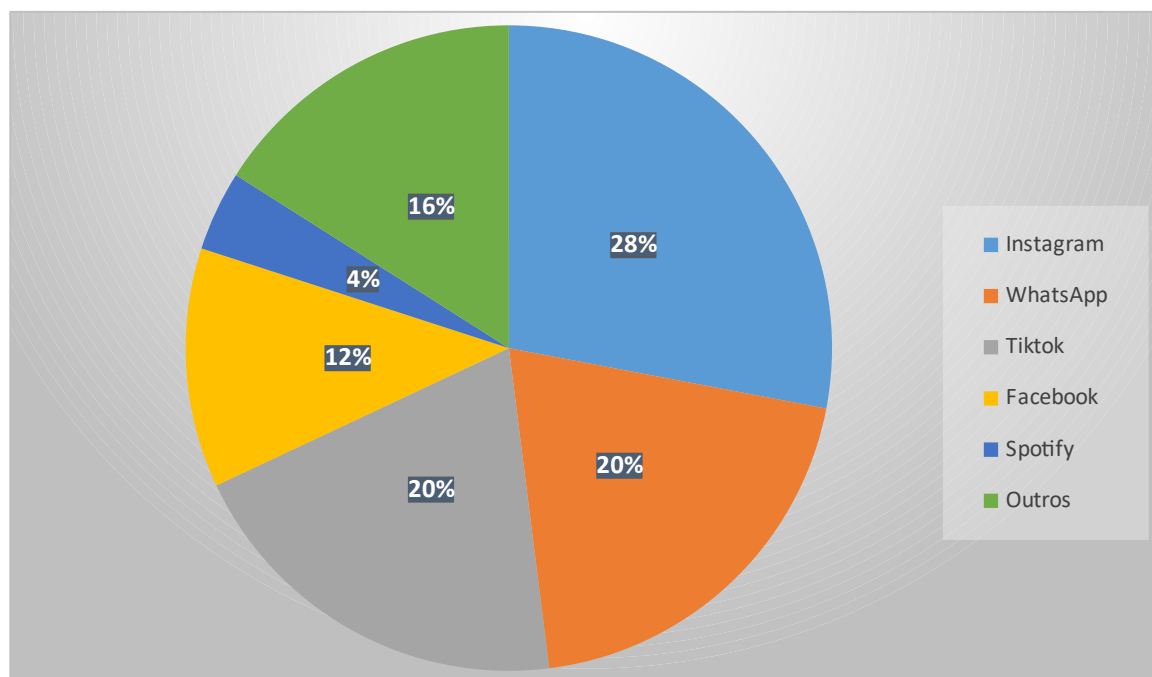
No aprofundamento da investigação atual, observando quais os aplicativos que são acessados diariamente, a configuração muda (Gráfico 2). Entre os jovens, a utilização é maior do Instagram, WhatsApp e Tiktok. Com 28% das indicações dos entrevistados nesta pesquisa, o aplicativo Instagram é citado como um dos mais acessados pelo grupo que está

⁵⁸ Conforme dados disponíveis aqui: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064- quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Acesso em 14 abril 2022.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/diferencas-entre-as-principais-redes-sociais/>. Acesso em 8 set. 2021.

frequentando o CRAS Tereza Cristina, em Criciúma, que faz isso todos os dias em busca dos conteúdos que são publicados no app.

Gráfico 03: Aplicativos que acessa todos os dias Jovens CRAS



Fonte: Elaboração da autora.

Seguindo o exemplo do público brasileiro – já que o Instagram é a segunda rede social que é mais acessada no país, por 77 milhões de usuários –, o jovem do CRAS continua na plataforma, mas não deixa de se atualizar. No levantamento desta pesquisa, eles apontaram ainda, com 20% das menções, o uso diário do WhatsApp e do Tiktok. Em 2020 o Tiktok foi um dos apps mais baixados durante a quarentena de Covid-19 e caiu no gosto dos jovens que compõem a pesquisa. Isso se manteve durante 2021, levando o aplicativo a ser o mais baixado no mundo, com 3 bilhões de downloads⁶⁰, superando também o Facebook.

No levantamento anterior desta pesquisa, realizado em 2017 e 2018, ele sequer foi citado nos questionários respondidos, fazendo com que se observe que o jovem, mesmo o de periferias, está conectado às novidades tecnológicas e consumindo os principais produtos disponíveis. Ainda sobre o Facebook, que é acessado por 12% do grupo diariamente, era, em 2017 e 2018, o app preferido dos jovens ouvidos à época.

Outro ponto interessante para se observar diz respeito à resposta espontânea que surgiu nas respostas sobre quais aplicativos acessavam diariamente. O jogo “Free Fire” e o serviço

⁶⁰ Dados disponíveis em: <https://canaltech.com.br/apps/tiktok-supera-facebook-e-se-torna-o-aplicativo-mais-baixado-do-mundo-192060/>. Acesso em 8 set 2021.

de *streaming* por assinatura Netflix aparecem indicados por 16% dos jovens ouvidos no item “Outros”, sendo que, dentro desse grupo, o “*Free Fire*” tem 12% das indicações. O envolvimento dos jovens desta pesquisa com o universo gamer é muito forte.

Além de demonstrar espontaneamente o acesso contínuo ao jogo, o grupo pesquisado traz em suas respostas conteúdos que estão relacionados ao mundo do *Free Fire* especificamente, como citando youtubers e canais onde encontram informações sobre esse jogo. Dois fatores podem ser observados por essa popularidade que ganhou força a partir de 2017, quando ele foi lançado, a gratuidade para jogar e o bom desempenho em aparelhos celular de menor potência⁶¹.

A escolha pelo consumo de conteúdos em vídeo é observada ainda no acesso ao Youtube. A plataforma de compartilhamento de vídeos, que pode ser baixada no celular ou acessada via site, é utilizada por todos os entrevistados. A Jovem CRAS 4, que não possui celular, confirmou que acessa a plataforma todos os dias. A única que não faz isso diariamente é a Jovem CRAS 5, mãe de duas crianças, que usa, em média, três vezes por semana. A busca constante revela que o consumo de vídeos segue em alta entre eles, que procuram na plataforma os conteúdos que mais lhes interessam, como animes, jogos, youtubers que comentam sobre jogos, receitas culinárias e músicas.

Entre os youtubers que foram apontados como buscados pelo grupo a maioria está relacionada a jogos, seja de *Free Fire* ou outros games online, como Nobru, Cerol, TWo9, El Gato, Piuzinho, ou ainda o canal Tropa, que se diz voltado para auxiliar quem quer se tornar um jogador online profissional. Surgem ainda outras indicações para a área do entretenimento, como 7 Minutoz, canal de rap nerd, TK Raps, que fala sobre raps, jogos e animes, Load, de quadrinhos e hip-hop. Outros nomes, que envolvem conteúdos diversos, como Rezende Evil, Caçadores de Lendas, canal de Renato Garcia, que trata de situações engraçadas, de aventura e suspense, apareceram nas indicações. Os jovens ainda citaram Lucas Lira, youtuber do canal Invento na Hora, que cria vídeos que ele diz como se fossem em tempo real. Um dos principais youtubers do Brasil, Felipe Neto, que conta hoje com mais de 42 milhões de seguidores, também é citado.

Nativo digital e totalmente tecnológico, o jovem da geração “next” ou “Z” (TAPSCOTT, 2010) adapta-se bem às ferramentas disponíveis e consegue absorver as

⁶¹ O jogo *Free Fire* é do gênero Battle Royale, um jogo de tiro online da Garena, que foi lançado no segundo semestre de 2017 e se popularizou muito entre os jovens. Ele tem o download grátis para celulares Android e iOS e também para PCs. Um fator importante é que o jogo roda bem em smartphones menos potentes. Há versões pagas ou outros acessórios, como roupas e armas que podem ser compradas no mundo virtual. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/11/o-que-e-o-famoso-jogo-free-fire-esports.ghtml>. Acesso em 21 abril 2022.

tecnologias. Essa integração com o mundo digital faz com que ele aprenda mais rapidamente, observe os novos produtos e plataformas que estão sendo disponibilizados e faça uso daquilo que lhe interessa. Mesmo estando em alta, o podcast não é algo comum entre eles. Apenas um dos jovens participantes afirmou fazer uso com certa frequência do aplicativo Spotify e o utiliza para ouvir músicas e não em busca de conteúdo diferenciado. A dinâmica sobre o que consomem de conteúdo será um pouco mais aprofundada a partir de agora.

5.2 RELAÇÃO COM O JORNALISMO PELO OLHAR DO JOVEM DO CRAS

“Jornalistas não falam mentiras, mas às vezes a gente vê falando coisas sobre o bairro que a gente passa, e estranha porque sabe que não é bem assim do jeito que fala. [...] não sei se é por falta de procurar, por não estar presente ali todo dia”. A frase é da Jovem CRAS 4 (2021) e traz um pouco de sua percepção sobre o trabalho dos profissionais da imprensa, principalmente quando ela volta o olhar para a cobertura jornalística que presencia da sua periferia. Algo que reflete o que Christofolletti (2019) pontua, ao reforçar que há questões intangíveis no fazer jornalístico, que são a confiança e a credibilidade.

Não é fácil a relação entre imprensa e moradores da periferia em muitas regiões brasileiras. Em Criciúma a mídia⁶² mantém-se centralizada, trazendo as notícias que considera serem de maior interesse da sociedade. Mas, antes de aprofundar a relação dos moradores da periferia com as notícias de sua comunidade, é interessante observar o que apontaram os jovens participantes da pesquisa quando o direcionamento foi para o jornalismo.

No questionário que os jovens que frequentam a unidade do CRAS Tereza Cristina preencheram nessa fase mais aprofundada foi feita a seguinte pergunta: “O que você acha que é jornalismo?”. Surgiram as seguintes respostas: “Jornalismo é um negócio que informa coisas que as pessoas não sabem”; “Entregar jornal e fazer entrevista”; “Fazer pesquisa”; “Jornalismo pra mim é entrevista, estudos, documentários, descobertas e informações”; “Fazer pesquisas e espalhar notícias importantes”; “Bem importante”; “Meio de comunicação

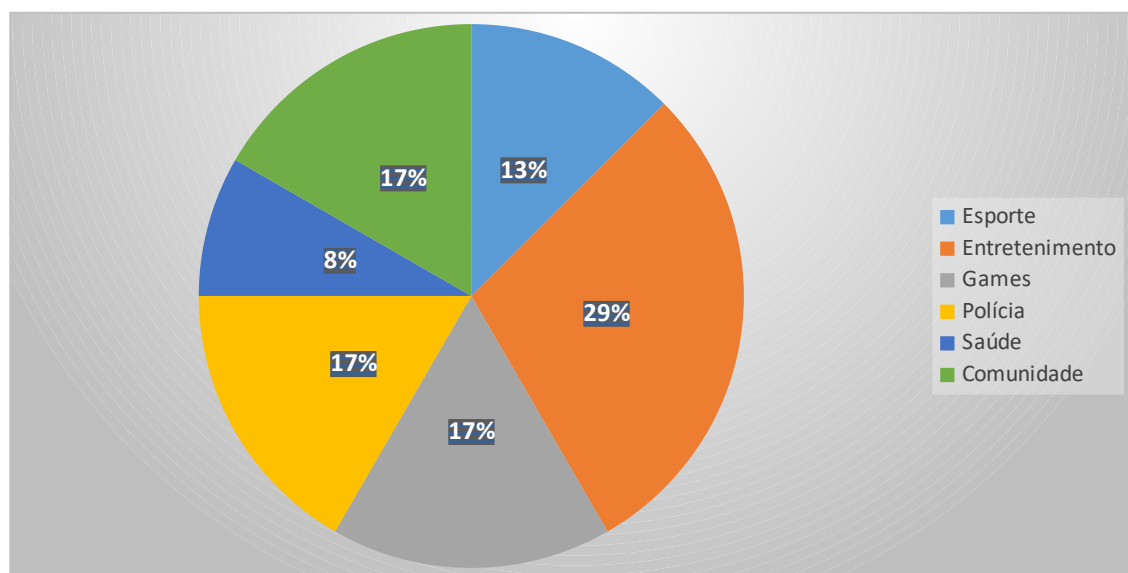
⁶² Em Criciúma, no primeiro semestre de 2022, os veículos de comunicação que estão atuando são as sucursais da NSCTV (afiliada da Rede Globo), NDTV (afiliada da Record), que possuem programação local no horário do meio-dia. Como TV também há a Primavera, ligada à Igreja Internacional da Graça de Deus, e a emissora local RTV Criciúma. O SCC/SBT possui apenas um correspondente. O único jornal diário impresso é o Tribuna de Notícias. No segmento radiofônico, as emissoras que atuam com jornalismo são Rádio Eldorado, Rádio Som Maior, Rádio Cidade em Dia, Rádio Massa, que mesmo sendo em rede mantém um programa jornalístico todas as manhãs, Rádio Jovem Pan e Rádio 92 FM. No jornalismo online, os principais sites são Engeplus, Litoral Sul, Sul Notícias, TN Sul (ligado ao jornal impresso), 4Oito (ligado à Rádio Som Maior) e OCP News (ligado à Rádio Jovem Pan).

que busca conversar com as pessoas”; “Jornalismo é nosso meio de comunicação com o que está acontecendo”.

Se as respostas demonstram uma certa confusão entre o jeito de fazer e o produto em si, que é a notícia, por outro lado revelam ainda que há um grau de importância observado por eles para a produção jornalística. A seu modo, eles compreendem o quanto é relevante a prática do jornalismo diário para a sociedade, seja fazendo entrevistas, trazendo descobertas ou informando o que as pessoas não sabem.

Para entender um pouco mais sobre como e quais conteúdos consumiam, a pesquisa apontou alguns questionamentos que envolveram diretamente o jornalismo. O primeiro deles trouxe a questão “Que tipos de notícia costuma ler e/ou assistir?”, permitindo que o jovem participante apontasse uma ou mais opções entre as delimitadas, que eram: Esporte, Entretenimento (música, novelas, cinema), Games (jogos eletrônicos), Polícia (acidentes, crimes), Política, Saúde, Assuntos da Comunidade (melhorias nas ruas, nos postos de saúde, novas praças...) e Outros. Com essas opções eles poderiam escolher as que se encaixavam em seus hábitos de leitura (Gráfico 3), e isso pode ser observado abaixo.

Gráfico 04: Que tipos de notícias costuma ler e/ou assistir? Jovens CRAS



Fonte: Elaboração da autora.

O entretenimento surge como o assunto que mais interessa ao grupo, citado em 29% das respostas, seguido por Games, Polícia e Comunidade, que somaram 17% cada. O fato de Entretenimento e Games estarem na ponta não causa surpresa, já que se trata de uma geração

tecnológica que gosta dos jogos eletrônicos. A relação com os assuntos policiais também fica evidente, já que o tema que envolve a violência surge com naturalidade nas falas.

Entre os que lembram ter visto algo da própria comunidade, todos fazem menção a assuntos que envolvam a área policial. São prisões, assassinatos, tráfico de drogas, perseguições policiais envolvendo motos que ocorreram no bairro onde residem ou próximo e que foram depois observados nos meios de comunicação. Como observado por Ramos e Paiva (2007), a mídia se ocupa dos assuntos amplos, concentrando esforços nos temas pertinentes aos moradores dos principais centros, deixando de lado o que acontece na periferia.

Questionados sobre o meio que utilizam para se informar, para buscar essas notícias, a maioria apontou a televisão como o principal ponto de acesso à informação, com 29%. Depois vêm os sites, com 23%, Facebook e Grupos de WhatsApp, com 18% cada, e ainda Rádio e Google, cada um com 6% da preferência. Observando a soma dos dois meios mais tradicionais, TV e Rádio, o índice é de 35%. Já os demais que são acionados por meio da internet e, na maioria das vezes, pelo celular, chegam a 65%, mostrando que o smartphone é utilizado com mais frequência para permitir o acesso às informações e conteúdos.

Na sequência, ao apontar qual o programa de notícias que acompanha, os jovens participantes foram bem específicos. Rede Globo e NSC ou telejornais como Jornal do Almoço, transmitido no horário do meio-dia para Santa Catarina e que conta com programação local, e o Jornal Nacional, transmitido em rede nacional à noite, é citado por 73% dos jovens ouvidos. Os demais, 23%, citam SBT ou o jornal Primeiro Impacto, telejornal exibido nas manhãs da emissora.

Eles foram questionados sobre quais notícias da sua localidade já haviam visto na imprensa e puderam apontar que Polícia e Problemas da Comunidade, como buraco de rua, alagamentos e esgoto a céu aberto, eram mais comuns. Ambos receberam 30% das menções. Na sequência vieram questões positivas, como notícias relacionadas ao esporte e também à melhorias na infraestrutura, como reformas de postos de saúde, centro comunitário e nas ruas, com 20% cada. Entre os que responderam algo sobre o tipo de notícia que gostaria de ver na imprensa e que falava da sua comunidade, o direcionamento era para melhorias nas ruas do bairro, ajuda às pessoas que precisavam e valorização dos projetos comunitários, pautas positivas e que possuem relevância para os jovens participantes e suas famílias.

Durante a realização do grupo focal, com as perguntas aprofundadas, foi possível compreender um pouco melhor o relacionamento dos jovens com o jornalismo. Na seção 4, que tratou da Veracidade e Informação, a primeira pergunta era sobre se eles conseguiam distinguir uma informação falsa (*Fake News*). Entre eles, apenas um respondeu não saber.

Os demais afirmaram poder identificar, demonstrando conhecimento ao relatar que “aprendeu na escola a identificar”, “usa o Google para checar data e o autor que lançou”, “faço pesquisa”, “sei só quando olho na internet”, “olho os comentários da notícia e também pelo site, se é seguro ou não. Aprendi a ver isso sozinha”, “se é algo que não sei, que não vi na televisão, entro no Google”, “vou nos comentários, vejo o que estão falando”. Um deles admitiu ter compartilhado informações falsas e diz que só descobriu isso porque “era algo que ganhava dinheiro se compartilhasse. Como nunca ganhei, é falsa” (JOVEM CRAS 2, 2021).

A desconfiança em relação às informações também está presente quando se avalia a conduta dos amigos e a dos jornalistas. No primeiro caso, apenas um jovem confia naquilo que os amigos compartilham. “Eles também podem se enganar, mas eu confio” (JOVEM CRAS 2, 2021). Já os demais participantes da pesquisa e integrantes do núcleo do CRAS desconfiam daquilo que é divulgado pelos amigos. “Nem todos têm essa preocupação de ir atrás, de checar” (JOVEM CRAS 4, 2021).

A relação com os jornalistas também não é unânime, já que 62% deles acreditam que os jornalistas falam a verdade, 25% não acreditam e 13% avaliam que, às vezes, há exageros nas informações. Em um cenário onde a desinformação se propaga com rapidez e há muitos atores se utilizando de dados falsos para disseminar discursos específicos, o papel da imprensa é colocado em dúvida.

O cenário da desinformação contamina o meio jornalístico e faz com que, apesar do bom trabalho feito nas redações, haja uma propagação de notícias falsas que compromete a atividade e, dessa maneira, o produto final que é a notícia. “Um ambiente encharcado de falsidades e manipulações nubla a imagem do jornalismo como um porto seguro no oceano que nos inunda de notícias todos os dias” (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 63).

Entre os relatos que foram apontados pelos jovens participantes da pesquisa estão alguns que demonstram esse grau de desconfiança. “Jornalistas não falam a verdade, só mentira. Covid, disseram que a vacina não morria mais, mas um homem tomou as vacinas e morreu” (JOVEM CRAS 5, 2021). “Acredito que aumentam mais do que é. Uma coisa que aconteceu, botam um pouco mais do que é” (JOVEM CRAS 5, 2021).

Mesmo quando o sentimento é de confiança em relação ao trabalho da mídia, há dúvidas em relação à forma como o conteúdo final é apresentado. “Jornalistas não falam mentiras. Às vezes a gente vê falando coisas sobre o bairro, que a gente passa e estranha, porque sabe que não é bem assim do jeito que fala. Não sei, não sou jornalista, não sei se é por falta de procurar, por não estar presente ali todo dia” (JOVEM CRAS 4, 2021). A declaração da jovem participante traz um aspecto importante que demonstra o afastamento

entre a mídia e os moradores das comunidades periféricas. O fato de não estar mais presente compromete, na avaliação dessa jovem, o olhar mais detalhado e correto na cobertura dos fatos.

Os jovens do CRAS participantes desta pesquisa lembram de já ter visto notícias das suas comunidades na mídia local ou estadual. O principal valor-notícia dessas publicações foi a violência, tanto que alguns descrevem as ocorrências policiais que envolvem os fatos, como mortes, perseguições policiais, roubos. Essas situações em mídias variadas, como apontado por eles, que vão desde o Youtube, com o armazenamento dos casos antigos, mas que citam a comunidade, aos telejornais das emissoras Globo e SBT, que em Santa Catarina têm nas afiliadas NSC e SCC, respectivamente, as produtoras de conteúdo para os telejornais regionalizados.

Também há duas referências nas respostas ao “Melhores Publicações”, uma página de notícias que surgiu no Facebook⁶³, produzida por um estudante de Direito que possui fontes de informação junto à Polícia Militar de Criciúma⁶⁴. A percepção é que, mesmo não conhecendo os critérios de escolha dos jornalistas, eles observam que a repetição dos temas negativos é mais presente.

“Já vi no Melhores Publicações, morte, tráfico, pessoas sendo presas. Gostaria de ver quando melhorar o rio, mas acho que seria impossível” – JOVEM CRAS 2.

“Teria outras notícias pra divulgar, melhorias de ruas, a escola que tem ali e é bem boa. Porque só mostra a violência do bairro e deu, não mostra a parte boa. E teria coisa boa pra mostrar” – JOVEM CRAS 3.

“Não precisava aparecer tanta coisa de polícia porque a gente vive isso todo dia. Qualquer coisa do bairro, que marque aqui, a gente procura saber, porque conhece todo mundo” – JOVEM CRAS 4.

⁶³ Disponível em: https://www.facebook.com/InRealTime/?ref=page_internal.

⁶⁴ A página foi criada com o objetivo de enaltecer o trabalho realizado pela Polícia Militar da região de Criciúma. Apesar de não ter informações públicas que confirmem esses dados, é possível perceber essa conotação ao avaliar as publicações. Termos como “heróis anônimos”, “Sem polícia não há segurança. Apoie quem te protege”, “Ótimos soldados estão nas ruas para servir e proteger, 24 horas por dia, sete dias por semana...” são encontrados nas postagens públicas. A primeira publicação é de julho de 2016. Em 2017 eles migraram para um site próprio. Disponível em: <https://www.melhorespublicacoes.com.br/>. Acesso em 15 set 2021.

As frases trazem um pouco do que vivenciam e acompanham na mídia e de como a violência está presente nos noticiários locais, trazendo informações das periferias de Criciúma e reforçando alguns aspectos da criminalidade. A Jovem CRAS 4 ressalta ainda algo que desperta o interesse deles, porque quando há o envolvimento com pessoas do bairro há essa curiosidade em saber o que aconteceu.

A proximidade da comunidade também faz com que os assuntos sejam de interesse coletivo. Algo que a Jovem CRAS 5 também aponta em suas observações, ao dizer que há outros fatos, além da criminalidade, que poderiam resultar em cobertura da imprensa. “Tem bastante coisa que poderia sair em relação aos jovens, aos projetos, falta muito aqui na comunidade. Tem uma senhora que tem uma filha que é dependente química, ela sustenta as crianças, eles poderiam falar, ajudar. Ela é uma guerreira” (JOVEM CRAS 5, 2021).

Trazendo os aspectos de projetos e ações sociais que poderiam receber mais destaque na mídia, a Jovem reforça que isso não a impede de destacar problemas evidentes, muitas vezes ocasionados pela marginalidade e a falta de oportunidade que se refletem no bairro. “A gente passa no trilho e vê situações, vê as crianças, é complicado. O dia a dia nosso é assim, o que a gente passa, as crianças no trilho que às vezes não tem o que comer, não tem um sapato para usar. Sabemos que eles vêm aqui no CRAS, têm comida, quase um restaurante, mas em casa não têm” (JOVEM CRAS 5, 2021).

A observação reforça os cuidados e a atenção que a equipe do CRAS mantém junto às crianças e adolescentes que frequentam a unidade em busca de apoio. O trilho citado é por onde passa o trem da Ferrovia Tereza Cristina que faz o transporte de carvão mineral das minas nas cidades vizinhas para o complexo Termelétrico Jorge Lacerda, na cidade de Capivari de Baixo, onde é usado para a geração de energia elétrica.

Os projetos sociais que fazem falta para alguns desses jovens ganhariam destaque na mídia se fossem implantados. Pelo menos é o que pensam os jovens que participaram da pesquisa e que apontaram melhorias no esgoto, no rio que está sujo e na reforma do campo de futebol como situações que precisam da intervenção do poder público para se tornar realidade.

É a atenção para a comunidade, para os que estão próximos a si, que convivem geograficamente no mesmo espaço e que fazem com que se pertença a algo (BAUMAN, 2003), que são observados nas falas dos jovens que apontam os problemas, mas também alguns caminhos para soluções que poderiam melhorar o dia a dia da localidade e das pessoas.

5.3 O OLHAR PARA O JOVEM DA CUFA

Também jovens e moradores da periferia, o grupo que integra esta pesquisa está ligado à Central Única das Favelas em Criciúma e é composto por cinco integrantes, sendo quatro do sexo feminino e um do sexo masculino. As idades variam entre 12 e 24 anos e todos residem no bairro Santo André, comunidade que fica na área mais ao sul da cidade de Criciúma e que é atendida por projetos desenvolvidos pela Coordenação Regional da CUFA.

Os principais projetos envolvem a doação de cestas básicas e de crédito e chip para celulares, permitindo o apoio à diminuição da fome, mas também a inclusão digital. Dentro do Santo André há um espaço que foi ocupado irregularmente em 2020 por famílias que perderam renda e não conseguiram mais pagar aluguel. Os participantes desta pesquisa não confirmaram residir nessa ocupação, mas sim no bairro. Já há aqui uma demonstração, como aponta Bauman (2003), de pertencimento, de fazer parte daquela comunidade, independentemente das condições de moradia em que cada um reside.

A primeira do grupo será identificada como Jovem CUFA 1, tem 14 anos e estuda em escola pública da rede estadual de ensino que fica próximo à sua casa, cursando o 8º ano do ensino fundamental. Desloca-se a pé para a escola, numa caminhada de aproximadamente 15 minutos. Ela conseguiu uma bolsa de estudos para fazer atletismo na universidade, que fica a aproximadamente três quilômetros de onde mora e para onde se desloca de ônibus. A bolsa garante o transporte e o apoio para participar de competições esportivas. Para se divertir, afirma que joga bola, vôlei, sai e vai para a igreja. “Faço coisas normais”.

A jovem CUFA 2 tem 16 anos e estuda no 1º ano do ensino médio na escola pública que fica perto de sua casa, sendo que vai a pé para o colégio. Ela é mãe de uma menina de cinco meses e mora com seus pais. No início da pandemia estava trabalhando no período de experiência em uma fábrica de confecção, mas como ficou alguns dias em isolamento foi demitida ao retornar. Para se divertir ela joga bola e quando tem tempo livre sai com as amigas.

A jovem CUFA 3 tem 24 anos, é casada há 10 anos e tem três filhos, de 10 anos, quatro e dois. Ela estudou até o 6º ano do ensino fundamental. Faz parte dos projetos da CUFA que doam cestas básicas e chip para o celular. Ela afirma que não sobra tempo para diversão porque vive em função dos filhos. O menor, de dois anos, a acompanhava na entrevista e os outros dois estavam na escola no período da tarde, o mais velho já no ensino regular e o de quatro anos em centro de educação infantil da rede pública, quando ocorreu o contato.

A jovem CUFA 4 tem 12 anos e frequenta o 6º ano do ensino fundamental na mesma escola pública que os demais colegas também estudam. Ela vai a pé para o colégio que fica a

aproximadamente 15 minutos de caminhada de sua casa. Também possui acesso ao celular, mas afirma que sua principal diversão é brincar com os amigos e jogar bola com eles.

Já o jovem CUFA 5 também tem 12 anos e está no 6º ano do ensino fundamental. A escola que ele frequenta é a mesma das colegas, uma escola pública, que fica no bairro ao lado de onde moram, por isso a facilidade no deslocamento. Risonho, mora com os avós e comenta que sua diversão é jogar bola e GTA no celular, mas que também gosta de andar de bicicleta.

As configurações sociais vão se apresentando à medida que as respostas dos questionários foram sendo preenchidas. Oitenta por cento deles estão estudando em escola pública, cursando o ensino regular. Outro ponto interessante é que em 80% das respostas sobre quantas pessoas moram na residência, os jovens responderam que são cinco ou mais. O fato de estarem residindo com mais pessoas não contribui para melhoria na renda familiar, já que a maioria, 60%, confirmou ter renda entre dois e três salários-mínimos. O restante, 40%, ficou entre um e dois salários. A pandemia trouxe problemas para 60% deles, que registraram ter contraído a doença ou alguém da família e ter tido perdas financeiras. O caso mais significativo foi da Jovem CUFA 2, que perdeu o emprego.

Quando o questionário entra nas questões de tecnologia e informação os dados trazem que todos possuem aparelho de TV em casa e 80% confirmam que assistem todos os dias. O único que afirma não assistir TV é o Jovem CUFA 5. Os demais confirmam que o ato de “assistir TV” é algo feito em família e o consumo se dá, pela maioria - 60% - em conteúdo aberto, citando especificamente Globo e SBT. A outra menção que surge é de usar a TV para assistir Netflix. A utilização do smartphone também está presente diariamente para 80% dos participantes. Um deles, a Jovem CUFA 1, informou que não possui celular e precisa utilizar o da mãe, quando necessário. Ela confirmou que o que possuía quebrou.

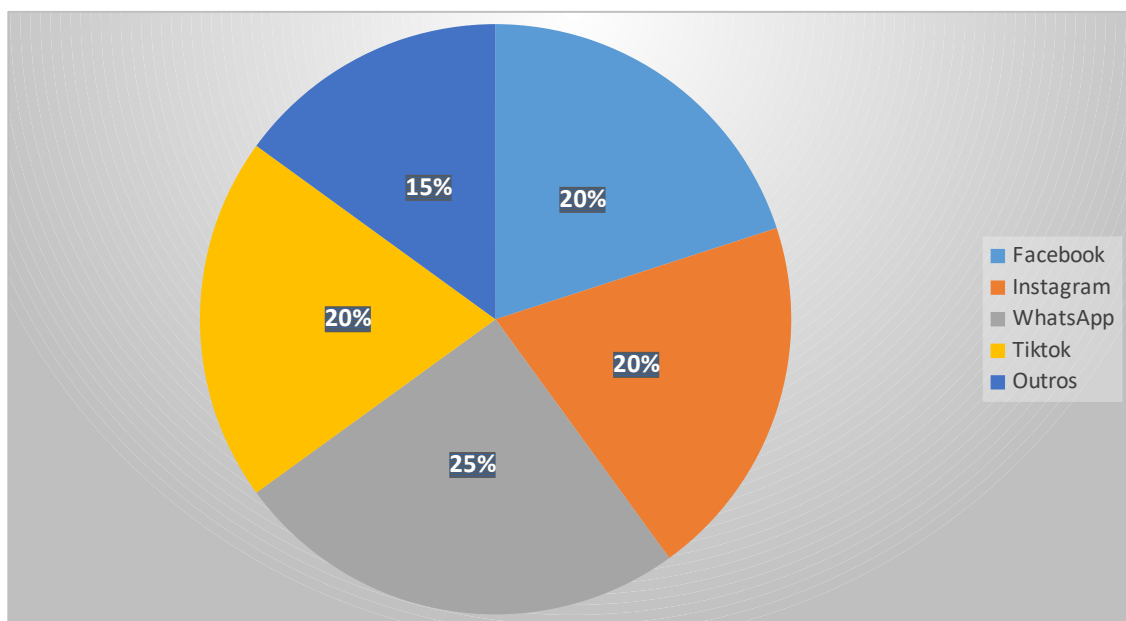
Entre os jovens que fazem parte dos projetos da CUFA, a utilização de aplicativos no smartphone é constante. O uso do WhatsApp está presente nos aparelhos dos quatro que confirmaram ter. A única jovem que não possuía o celular durante a entrevista confirmou usar o da mãe para acessar algumas redes sociais e também o Google Sala de Aula, plataforma adquirida e disponibilizada pelo Governo do Estado de Santa Catarina⁶⁵ para as aulas na modalidade remota durante a pandemia.

Depois do WhatsApp, são baixados (Gráfico 4) nos aparelhos dos jovens o Facebook, Instagram e Tiktok, que também se configuram como as principais redes sociais que os jovens

⁶⁵ Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/secretaria/imprensa/noticias/30585-saiba-como-acessar-a-plataforma-de-atividades-nao-presenciais-da-rede-estadual-de-educacao>. Acesso em 12 set 2021.

acessam em outros países, como já mencionado. No item outros foram citados Kwai⁶⁶, um aplicativo de música, e o jogo *Free Fire*.

Gráfico 05: Aplicativos que possuem no celular Jovens CUFA

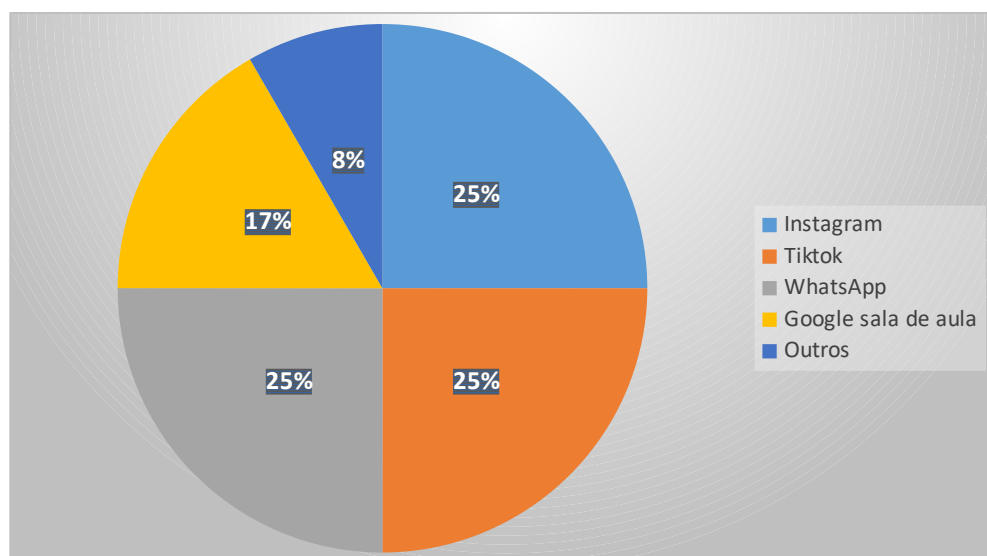


Fonte: Elaboração da autora.

Quando questionados sobre os aplicativos que acessam todos os dias há uma mudança (Gráfico 5). O Facebook não é mais citado e seguem com força Instagram, WhatsApp e Tiktok, que surgem com 25% cada das indicações, a exemplo do grupo do CRAS, que também apontou essa tendência no uso dos apps. Já aqui, o Google Sala de Aula voltou a aparecer com frequência, sendo citado por 17% dos jovens, já que o universo do grupo da CUFA que frequenta o ensino regular é de 80%.

Gráfico 06: Aplicativos que acessam todos os dias Jovens CUFA

⁶⁶ O Kwai é um aplicativo de vídeos, concorrente do Tiktok e que também permite a criação de vídeos curtos, que podem ser editados no próprio celular.



Fonte: Elaboração da autora.

Os dados apontados nesta pergunta do questionário aplicado também trazem citações para o Youtube e o jogo *Free Fire*, que são indicados dentro do item “Outros” e que seguem sendo acessados diariamente por parte do grupo. Como não houve contato anterior com jovens atendidos pela CUFA, essa é a primeira vez que se tem informações sobre os aplicativos e ferramentas que eles utilizam, mas o que se percebe, a exemplo dos demais jovens já entrevistados, é o crescimento no Instagram e, principalmente no Tiktok, um aplicativo que segue fazendo sucesso entre os públicos mais jovens. Uma delas, a Jovem CUFA 2, afirmou que entra no Tiktok todos os dias para ver os vídeos e usa o celular também para gravar os seus. Já o Facebook, embora esteja presente em todos os aparelhos, não é mais acessado diariamente.

O Youtube, para este grupo, não é o principal mecanismo para acessar conteúdos em vídeo. Apenas 20% admitem ver o canal todos os dias. Os demais assistem de duas a três vezes na semana. E o que acessam é variado: Mansão Maromba, que trata de fisiculturismo e musculação, a cantora gospel Aline Barros, desenhos, músicas e *Skorpion Gamer*, este último voltado para jogos como *Free Fire* e GTA⁶⁷.

5.4 O CONSUMO DE NOTÍCIAS ENTRE OS JOVENS DA CUFA

⁶⁷ O GTA vem da sigla *Gran Theft Auto* e quer dizer roubo de automóveis de alto valor agregado. É muito popular entre os jovens brasileiros. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/jogo-gta/>. Acesso em 12 set 2021.

A relação entre jornalismo e as questões da comunidade é algo que para a Jovem CUFA 3 é muito próxima. O jornalismo “mostra o que tem que mostrar. Quando precisa ‘ele’ vem no bairro, mostra o que a gente pede. Ajuda bastante” (JOVEM CUFA 3, 2021). Ela integra os 60% que acreditam que o jornalismo contribui para a sociedade ao trazer pontos importantes que precisam ser abordados.

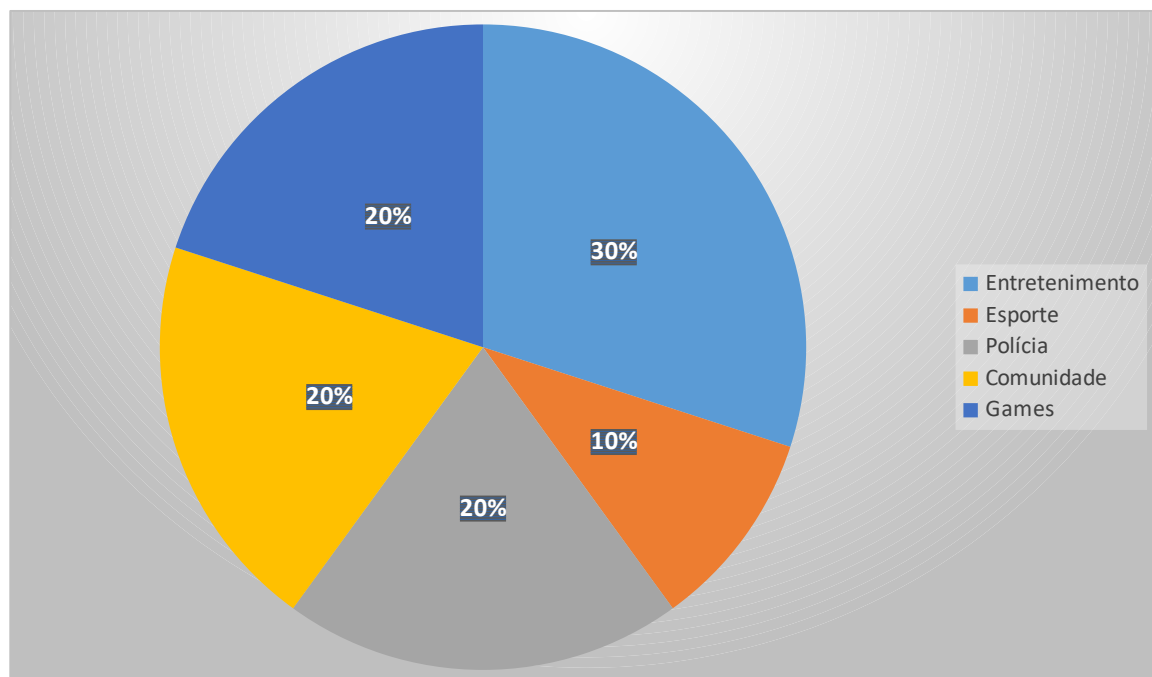
“Jornalismo é quando uma pessoa entrevista outra, tipo o que você está fazendo agora. E ela dá sua opinião pelo que pensa” (JOVEM CUFA 1, 2021).

“Jornalismo é noticiário, notícias que acontecem no Brasil, nos estados. São as pessoas que trabalham para poder dar a notícia de como tá o mundo” (JOVEM CUFA 2, 2021).

Os dois jovens, de 12 anos, não souberam opinar sobre essa pergunta. Mas as três, de 14, 16 e 24 anos, trouxeram suas ponderações sobre o que acreditam ser relevante falar quando o tema é jornalismo. Observações que reforçam o que argumenta Groth (2011), ao trazer aspectos do papel da imprensa na cobertura dos fatos relevantes e de interesse da sociedade.

Para os jovens, os assuntos de interesse que buscam são: Esporte, Entretenimento (música, novelas, cinema), Games (jogos eletrônicos), Polícia (acidentes, crimes), Política, Saúde, Assuntos da Comunidade (melhorias nas ruas, nos postos de saúde, novas praças...) e Outros. O entretenimento (Gráfico 6) se destaca novamente como o conteúdo que mais desperta a curiosidade e a atenção dos jovens. Na sequência vêm Games, Assuntos da Comunidade e Polícia, os três com 20% das indicações de leitura. O esporte também foi citado.

Gráfico 07: Que tipos de notícias costuma ler e/ou assistir? Jovens CUFA



Fonte: Elaboração da autora.

Sobre o meio que utilizam para se informar, 60% informaram que a TV é o principal para isso, sendo que são citados telejornais locais e nacionais, como Jornal Nacional, Jornal do Almoço (NSC TV) e o programa Linha Verdade⁶⁸, que é transmitido no final das tardes pela emissora RTV Criciúma, um canal local. Os demais 40% informaram não assistir a programas jornalísticos na TV e que quando precisam de informações recorrem ao Google, Facebook e Instagram, ou ainda procuram no Youtube. Também há uma menção à página no Facebook do “Melhores Publicações”, espaço de cobertura policial que traz informações da área de segurança pública, especialmente as que envolvem a Polícia Militar da região de Criciúma, como já mencionado anteriormente.

Sobre as questões que já viram na imprensa, 40% não lembram de nada que foi citado e envolvia a comunidade. O restante lembra de assuntos ligados à violência e às questões comunitárias. “Falava de morte, de pessoas que morreram” (JOVEM CUFA 1, 2021); “Tinha sobre violência, mas também um dia o Roberto Cabrini⁶⁹ veio ajudar ali atrás, onde estava alagando as casas” (JOVEM CUFA 2, 2021); “Notícias que falaram sobre o trabalho da

⁶⁸ O programa Linha Verdade é comandado pelo apresentador Ricardo Strauss, de segunda a sexta-feira, das 18h às 19h30. Numa linha mais popular aborda os assuntos de comunidade e segurança. Disponível em: <https://portalrtv.com.br/programas/linha-verdade/>. Acesso em 12 set. 2021.

⁶⁹ Nota da autora: aqui, acredita-se que houve uma troca no nome dos jornalistas. Há, em Criciúma, o jornalista João Zanini, que atua na RTV Criciúma e produz notícias na área comunitária e policial. A suposição é que ele tenha ido no bairro e feito a reportagem. Importante destacar que o jornalista Roberto Cabrini esteve em Criciúma em julho de 2020 quando gravou reportagem falando sobre os casos de Covid-19 no sistema prisional catarinense. Disponível em: <https://ocp.news/seguranca/reportagem-especial-do-jornalista-roberto-cabrini-em-criciuma-vai-ao-ar-nessa-segunda>.

CUFA” (JOVEM CUFA 3, 2021). A realidade, que nem sempre é tranquila, é trazida na mídia local com os aspectos que, normalmente, estão presentes na grande imprensa, que retrata a violência e as situações negativas (PAIM *et al.*, 2012).

Entretanto, os jovens sabem que há outras situações que podem ser destaque na imprensa. Entre os assuntos que gostariam de ver publicados em sites, ou com coberturas da televisão, estão os temas comunitários, intervenções do poder público que poderiam contribuir para as famílias. “Tem muitas notícias que poderiam ser divulgadas, como o campinho de areia que não tem parquinho. Falta ali a academia que tem em outros bairros” (JOVEM CUFA 3, 2021). Além disso, há pessoas que precisam de auxílio e uma divulgação na imprensa poderia ajudar esses moradores.

A relação dos jovens com a mídia contribuiu para que eles aprendessem a identificar as notícias falsas, as *Fake News*, como 80% do grupo apontou. Para avaliar se o fato possui as características de ser mentiroso, os jovens recorrem a mecanismos específicos para fazer essa identificação. Um deles é observar a forma como foi publicado, onde foi e se há comentários que já trazem dúvidas. A maneira como foi escrita, com erros, também levanta suspeita entre eles.

Os outros pontos envolvem a pesquisa direta, indo para buscadores como o Google e verificando se já há outras publicações desmentindo a primeira. “Pesquise pra ver se é verdade. Às vezes passa no jornal que é Fake News”; “Para checar pesquiso mais, vou nos comentários”; “Tem que olhar a forma como foi escrita”, foram algumas das frases apresentadas pelos jovens ao tratar do tema.

Embora os índices de confiança na imprensa não sejam os melhores, porque há uma enxurrada de desinformação, o grupo confia no que os jornalistas apresentam como informações, não acreditando que eles mentem. A confiança na mídia é revelada por 80% dos entrevistados. “Acho que não tem porque eles passarem uma coisa que não é real, se isso depende do serviço deles” (JOVEM CUFA 2, 2021).

O jornalismo continua sendo único em alguns aspectos: oferece a oportunidade do contraditório, propõe-se a informar de maneira perene (e não episódica), insiste em perseguir o interesse público e ambiciona proporcionar condições para um debate mais amplo (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 68).

A percepção é de que os meios de comunicação tradicionais, como televisão, rádio ou sites de notícia, e o jornalista destes veículos transmitem as informações de qualidade, corretas e relevantes para o conhecimento do público. O fato de 80% dos jovens da CUFA

acreditarem nos fatos noticiados pela imprensa é divergente da opinião da maioria dos brasileiros, conforme estudo do *Edelman Trust Barometer* (2021), que apontou que a mídia não é isenta e objetiva para 72% do público brasileiro.

Em contrapartida, a desconfiança sobre o que os amigos compartilham é presente em 80% dos entrevistados, que nem sempre confiam naquilo que é repassado pelos amigos. É fundamental que o jovem, bem como a sociedade, busque nos meios de comunicação, pautados pela seriedade e ética no relato dos fatos, a coerência da informação.

A partir das observações dos jovens da CUFA e dos jovens do CRAS surgiram aspectos relevantes sobre o jornalismo, notícia e consumo de conteúdos. A partir da investigação entre os dois públicos, serão discutidos pontos de convergência que envolvem a proposta em análise.

5.5 ANÁLISE PARCIAL DOS DADOS DOS JOVENS CRAS E CUFA

Propondo um detalhamento maior sobre os principais pontos desta pesquisa, se terá, nas próximas páginas, as configurações aprofundadas dos dois grupos integrantes deste estudo. Com base nas categorias que foram elencadas como marco de trabalho e também na configuração de um mapa norteador específico para este estudo, serão observadas algumas questões que ajudam a compreender melhor esta análise.

5.5.1 Entrevistados, Conteúdos e Perspectivas dos jovens CRAS e CUFA

Com os dados observados nas respostas dos jovens CRAS e CUFA e trazendo o aporte do Mapa Noturno das Mediações da Juventude Periférica de Criciúma (MJC) serão detalhadas a seguir as respostas do grupo focal, realizado com os 10 jovens. As categorias de sistematização propostas contribuem para fazer essa relação entre os dados apurados. O primeiro ponto da categorização trata da Seleção dos Entrevistados. Ele foi subdividido em: Gênero, Idade, Conexão, Renda Familiar, Celular e Escolaridade.

Como já especificado, a questão “Gênero” não foi feita abertamente, por isso os dados que se intui são a partir dos nomes apresentados e que são 70% femininos e 30% masculinos. A idade se concentra entre 12 e 27 anos, sendo que 80% são jovens entre 12 e 17 anos. A renda familiar está concentrada entre 1 e 2 salários-mínimos, onde ficam 70% dos participantes. Já os restantes 30% possuem renda entre 2 e 3 salários-mínimos.

A frequência escolar, que é fundamental para ter acesso aos equipamentos públicos de assistência, como os serviços prestados pelo próprio CRAS, faz com que os jovens frequentem o ensino regular. Do grupo focal, 70% estão estudando, enquanto o restante 30% pararam. Esse grupo ausente da escola engloba as jovens mães que já constituíram família. Sobre as conexões e acessos, é importante trazer que 80% possuem smartphone próprio, embora 100% confirmem ter acesso ao aparelho utilizando o de parentes próximos (mãe). Entre eles, 90% estão com acesso à internet na própria residência.

O segundo ponto de categorização diz respeito ao Conteúdo e, para compreender melhor os pontos observados e os objetivos que se pretende desvendar, traz os itens: Canais/emissoras/aplicativos, Programas, Temáticas, Âmbito (local, estadual, rede), Modalidade (TV ou celular), Tempo de Acesso. No primeiro item dessa categoria, que envolve Canais/emissoras/aplicativos, 90% do grupo que integra o *corpus* desta pesquisa assiste TV e 80% confirmaram assistir à Rede Globo.

Em 30% das citações o SBT também foi lembrado. Nos seus celulares eles possuem os principais aplicativos de entretenimento que os conectam às redes sociais, mas admitem usar diariamente Instagram, Tiktok e WhatsApp, que fazem parte do cotidiano diário de 70% dos participantes. Com menos frequência Facebook, 20%. Já outros aplicativos surgiram com destaque no levantamento, são o Google Sala de Aula, citado pelos estudantes, especialmente os que integram o Grupo da CUFA, e que foi utilizado para as aulas da rede estadual de ensino. O jogo Free Fire é mencionado por 40% dos participantes e Netflix também é citado por 10% como um aplicativo que é utilizado diariamente.

No item Programas, há uma divisão dependendo do meio em que isso ocorre. Quando perguntados sobre os programas que assistem, 80% deles mencionaram novamente uma emissora tradicional, da TV aberta, fortalecendo a predominância da Globo e SBT como canais principais. Também são citados “novela” como um conteúdo que é assistido frequentemente e ainda “Netflix” (20%), que aparece nas menções do grupo. Quando se percebe que muda o meio de acesso, passando do aparelho de TV para o aparelho celular, o Youtube ganha força, sendo acessado diariamente por 50% do grupo. O restante ingressa na plataforma menos vezes, mas continua buscando, pelo menos, três vezes na semana.

Na escolha pelo que assistir, os jovens apontam programas relacionados a jogos e também a youtubers famosos. Nesse ponto é possível perceber que a Temática - outro ponto de categorização dentro do Conteúdo - escolhida por cada um é perceptível, demonstrando o tipo de conteúdo que mais desperta a atenção do grupo pesquisado. Então, o que surge são canais como TK Raps, 7 Minutoz, Nobru, Cerol, El Gato, TWo9 e Skorpions Gamers, mas há

citações de youtubers conhecidos como Felipe Neto, Lucas Lira, Rezende e Aline Barros. Duas das participantes, que são mães, citam usar o canal para buscar conteúdo para os filhos, como desenhos.

Ainda dentro da Temática, e buscando o aporte do referencial teórico (SALAVÉRIA, 201; LONGHI, 2010; MACHADO e PALACIOS, 2003), são observadas as características das narrativas jornalísticas que estão disponíveis para os jovens, que se distinguem dependendo do meio de acesso. No meio tradicional, como a televisão, a narrativa traz histórias cativantes, pautas que tenham relevância para o maior número de telespectadores, é a escolha daquilo que seja de interesse do público. Já no meio digital, com o acesso via aparelho celular, os dados apontam para narrativas que envolvam conteúdos dinâmicos, que sejam instantâneos e tragam entrevistas de temas de interesse da juventude.

Importante trazer o dado de que, quem assiste a televisão, faz isso em conjunto com algum familiar. No caso das jovens mães, esse ato se torna um momento de reunião familiar. Falando ainda sobre a Temática que desperta o interesse do grupo envolvido, os assuntos que são apontados como os preferenciais na hora de ler e/ou assistir são o Entretenimento, que foi apontado por 29% do grupo, e em segundo, empatados com 17%, estão Games, Polícia e Comunidade. Na sequência surge Esporte, com 12% da preferência, e Saúde, com 8%.

Quando quer se informar sobre algumas dessas notícias, os jovens apontam que a televisão é o meio predominante, com 29% das citações. Em seguida vêm os sites, 23%, Facebook e grupos de WhatsApp, com 18% cada, Rádio com 6% e Outros, onde o Google é mencionado, com 6% também. Ao se fazer uma divisão entre meios que são mais tradicionais, como Rádio e Televisão, o total fica em 35%, enquanto os que são acessados por meio do smartphone correspondem à maioria, com 65% das indicações dos jovens. Unindo Facebook e WhatsApp tem-se 36%, uma demonstração de que o celular é uma ferramenta de comunicação importante no cotidiano do jovem da periferia criciumense.

No quesito Âmbito, que envolve de onde parte essa informação, se de um veículo local, estadual ou de rede, a identificação se dá na televisão com mais força. Do grupo que integra esta pesquisa, 90% confirmaram assistir à programação da Rede Globo e do SBT, com destaque para conteúdos jornalísticos em telejornais de rede. Mas há demonstração em pelo menos 40% do grupo do acesso por conteúdos estadualizados e locais, como a citação do Jornal do Almoço, que é o telejornal da NSC TV em Santa Catarina. E há ainda a programação local, com 20% de menções do programa Linha Verdade, da RTV Criciúma. Quando muda a plataforma, passando para o aparelho celular, o âmbito local ganha força, com a busca por conteúdos jornalísticos que envolvem questões da área de segurança pública.

O tempo de acesso não é possível mensurar porque isso não surge nos questionamentos ao grupo. O que eles deixaram claro é que, além de estudar, para os que frequentam o ensino regular, já possuem outras tarefas que são de sua responsabilidade e que envolvem afazeres da casa. As jovens mães também têm a responsabilidade de cuidar dos filhos pequenos e da casa.

A terceira categoria que trabalha com as “Perspectivas” tem no seu primeiro ponto o item O que é Jornalismo e traz algumas observações do entendimento do grupo envolvido, já que 70% trazem ponderações sobre a importância do Jornalismo e a divulgação de notícias que são relevantes para a comunidade. Os demais ou não sabem precisar o que é Jornalismo ou são críticos ao afirmar que não acreditam no que os profissionais falam.

Nesse ponto, de credibilidade dos jornalistas, 80% enfatizam que confiam no que os jornalistas dizem, mas há, mesmo entre os que apresentam a confiabilidade, os receios, como a Jovem CRAS 4 (2021), que argumenta que, às vezes, percebe que a notícia, especialmente a que traz algo que seja de seu conhecimento, não retrata exatamente o que aconteceu. O mesmo ponto de desconfiança é apontado pela Jovem CRAS 5 (2021), que aponta que o jornalista “aumenta mais do que é” ao trazer a notícia.

A tecnologia que permitiu encontrar conteúdos diferenciados também é fator apontado pelos jovens para entender e identificar o que são *Fake News*, já que 90% apontaram que realmente sabem quando se trata de algo que é falso ou mentiroso. Para isso, observam os comentários ou fazem pesquisas para confirmar a suspeita. Essa desconfiança sobre conteúdos duvidosos faz com que 80% do grupo de jovens ouvidos também aponte que não acredite em tudo o que os próprios amigos compartilham, observando atentamente o que é disseminado por quem faz parte do círculo de amizades.

Já no item que questiona o que quer ver sobre a sua comunidade, 80% conseguem apontar temas e assuntos de relevância local e que poderiam pautar a mídia. Eles vão desde questões que envolvem melhorias na infraestrutura básica, como saneamento e recuperação ambiental de rio, até o trabalho de pessoas e entidades que atuam em prol de outras famílias.

Se na categoria “Conteúdo”, que observou a Temática de interesse dos jovens, e que trouxe o Entretenimento como o principal ponto entre o grupo, aqui, os apontamentos demonstram que o principal é o fator social, que norteia as pautas sugeridas pelos jovens. Mas nas respostas ainda surge a crítica à imprensa: “Tem coisas que poderiam fazer, bastante gente que procura ajudar as outras pessoas. Não precisava aparecer tanto as coisas de polícia, porque isso se vive todo dia” (JOVEM CRAS 4, 2021).

5.5.2 Mapa norteador aplicado aos jovens CRAS e CUFA

Seguindo com as observações de Martín-Barbero, que defendem o olhar para a cartografia como uma ferramenta que permite a percepção sobre o mundo atual e suas nuances, definiu-se traçar, observando o último mapa de mediações apresentado por Rincón (2017; 2019), construído a partir da sua interpretação sobre Martín-Barbero, um caminho de estudos. No centro, ainda seguem os pontos principais: comunicação, cultura e política, que são norteadores das principais questões da sociedade, independentemente se falamos das grandes cidades ou de uma cidade de médio porte e no interior do Brasil, como é o caso de Criciúma.

Esse mapa noturno, que está representado na Figura 6 deste trabalho (detalhado na página 84) serviu para que fosse construído um mapa “apropriado” metodologicamente para dar conta dos desafios do objeto de estudo que se desenhou para esta análise. Espera-se que, a partir dessa apropriação, seja possível potencializar os dados e trazer aspectos que se atravessam nas discussões sobre a juventude da periferia cricumense.

A proposta de um Mapa Noturno das Mediações da Juventude Periférica de Criciúma (MJC) vem para traçar um paralelo entre a juventude, o consumo de conteúdos e a atualidade. Este mapa está detalhado na página 85 (Figura 7), e demonstra que o jovem da periferia também está conectado, seja nas grandes cidades ou nas de menor porte e, para isso, usa como novo mediador o aparato tecnológico, especialmente o smartphone. Ele é uma ferramenta de comunicação importante para o entrevistado e faz parte do dia a dia de 100% dos jovens, embora apenas 83% tenham um aparelho próprio. Os demais confirmam utilizar, quase diariamente, aparelhos de familiares próximos, como a mãe (JOVEM CRAS 4; JOVEM CUFA 1).

As Temporalidades que marcam o presente, fluidas e mutáveis, interferem no cotidiano do morador das comunidades periféricas. Entre os seus diálogos, ele se permite transitar por diferentes universos, acessando multiplataformas e consumindo conteúdos diferenciados. O tempo da conexão com o mundo exterior está presente no cotidiano dos jovens que participaram desta pesquisa.

Percebe-se essa mudança na ampliação do acesso à internet, que hoje já está presente na casa de 85% dos entrevistados, diferente do primeiro questionário, aplicado em 2017 e 2018, e que revelou à época que essa facilidade era usufruída por 52% dos jovens ouvidos. Embora o campo não tenha sido o mesmo da mostra atual, mas serve para que se trace um paralelo e observe que os avanços que se dão na facilidade da conexão com um ponto de rede

em casa, por meio de crédito no aparelho celular (JOVEM CUFA 3), ou ainda na casa da mãe que mora próximo (JOVEM CRAS 4).

O compartilhamento de internet e a facilidade de conexão nos espaços mais variados surgiram nas respostas dos jovens participantes. A escola, os espaços públicos como praças e os comércios, lojas e supermercados são locais que se configuram como pontos onde é possível acessar a internet. Isso apareceu em mais de 63% das menções.

Mas é na casa de amigos ou parentes que se encontra um local onde há esse compartilhamento de uso. Em 85% dos casos, os jovens usam ou já utilizaram a internet que estava disponível nesses locais para facilitar o acesso. É nessa socialização que o ato da comunicação se configura para 85% deles que possuem o smartphone e o utilizam como uma ferramenta diária de lazer e diversão. Um fator novo, relevante neste momento, também surgiu na pesquisa, especialmente entre o grupo CUFA. Como já observado anteriormente, o smartphone se tornou uma ferramenta de ensino, já que é por meio dele que os jovens ouvidos no grupo acessam os conteúdos disponibilizados na plataforma estudantil que o Governo do Estado de Santa Catarina passou a usar por conta das aulas remotas durante a pandemia de Covid-19.

Estar conectado, se interligar com esse universo de possibilidades que a internet permite leva o jovem a se relacionar com novos amigos, fazer avanços nesse mundo interligado e ampliar os diálogos no espaço virtual. O território deixou, também para ele, de ser apenas geográfico para se tornar amplo e multiplataforma. Não se trata apenas de lidar com os amigos que frequentam o CRAS Tereza Cristina ou que moram na região do bairro Santo André, em Criciúma. No eixo sincrônico proposto no mapa de Martín-Barbero (RINCÓN, 2019), a Espacialidade que é apresentada faz com que esse jovem se integre a outras comunidades, abrace novas causas e faça parte de grupos, mesmo que apenas de maneira virtual.

A relação para isso está nos encontros dos semelhantes, daqueles que trazem a mesma linguagem ou os mesmos gostos. Interessante observar como os jogos online permeiam a face jovem desse público, já que 54% afirmaram jogar praticamente todos os dias, principalmente utilizando o smartphone como ferramenta para isso. Os jogos, especialmente o *Free Fire*, estão presentes entre eles de maneira intensa. “Sou viciada ainda hoje, às vezes peço o celular da vó emprestado para jogar” (JOVEM CUFA 1, 2021). E isso desperta o desejo de seguir carreira: “Quero ser jogador de *Free Fire* no futuro” (JOVEM CRAS 2, 2021).

A formação dessas novas “comunidades” virtuais, que se reorganizam nas Espacialidades que vão sendo reconfiguradas, promovem o que Castells (2008) apontou como

sendo uma nova forma de observar esse cenário, em que a comunidade se redefine, se torna mais um espaço de apoio a indivíduos e famílias, do que algo geograficamente constituído. O sentimento de pertencer a uma comunidade amplia as possibilidades com o online, já que permite a união de iguais que estão separados fisicamente.

No grupo participante, é possível destacar a relação que os jovens possuem com seu espaço de vivências, que vem, na maioria das vezes, carregada com aspectos positivos que remetem aos amigos, à família e aos momentos de brincadeira. A comunidade traz estes significados, é o lugar aconchegante (BAUMAN, 2003), mas isso não quer dizer que seja algo sem problemas ou situações adversas.

E são essas questões negativas que surgem também nas respostas dos jovens participantes, que apontam a criminalidade como um fator determinante quando pensam em deixar o espaço. “Não gosto de morar aqui. Tem o trilho, tem traficante, a polícia passa direto. É ruim” (JOVEM CRAS 1, 2021). “O bairro onde moro é ruim. Tem sujeira, tem lixo, o rio é lugar de despejo de esgoto” (JOVEM CRAS 2, 2021).

Os argumentos para ver na comunidade também o que há de negativo fazem parte das narrativas dos jovens, especialmente os frequentadores do CRAS, que apontam a violência, a falta de ações do poder público e até dos próprios moradores, com o despejo irregular de lixo e esgoto, como causas que consideram desagradáveis e que prejudicam o lugar de moradia. Já entre os do grupo CUFA, os significados são mais positivos, trazendo aspectos do “jogar bola”, “brincar com os amigos”, “sair com as amigas”, mas também trazem pontos que destacam as carências sociais, “tem pessoas que precisam de bastante coisa, de ajuda” (JOVEM CUFA 1, 2021) e ainda de melhorias na infraestrutura local como “o campinho de areia que não tem parquinho, falta a academia que há em outros bairros” (JOVEM CUFA 3, 2021).

Martín-Barbero (2018) sempre se propôs a observar a sociedade e os mecanismos que interferem na sua construção. Nos textos mais recentes, ele defende que hoje um dos mediadores atuais entre as pessoas é a tecnologia, principalmente se observada a questão de consumo. Nessa nova configuração que apresenta em seu mapa (RINCÓN, 2018), as Tecnicidades estão num dos eixos principais e, embora não devam ser resumidas apenas à tecnologia, estão interligadas a ela.

Lopes (2018) defende que reduzir a questão das tecnicidades apenas a um aparato tecnológico é deixar de lado tudo que envolve o discurso midiático por trás delas. É nas Tecnicidades, observadas aqui como novas interfaces que estão no processo de formação da juventude, que se percebe a formação de produtos midiáticos.

O jovem deixa de ser apenas o consumidor do conteúdo e passa, também ele, a produzir. Entre os participantes da pesquisa e que possuem aparelho celular, todos estão com o APP Tiktok baixado e, destes, 80% fazem o acesso diário, seja para consumir o conteúdo ou para produzir algo próprio – Jovem CRAS 2, Jovem CRAS 5, Jovem CUFA 2, Jovem CUFA 3 e Jovem CUFA 4. Mãe de três meninos, a Jovem CUFA 3 trouxe ainda a informação de que o APP é um dos aplicativos que os filhos utilizam para ver os conteúdos disponibilizados, mais voltados para a “área de jogos e danças” (JOVEM CUFA 3, 2021).

A geração Z – formada pelos nascidos a partir de 1998 – é uma das que experimenta de maneira mais efetiva o contato com as novas tecnologias. Os nativos digitais, como são conhecidos, estão totalmente integrados a um universo tecnológico, cada vez mais presente na realidade mundial. Essa geração vê a tecnologia como algo “tão natural quanto respirar” (TAPSCOTT, 2010, p. 30). Para os jovens da periferia cricumense, participantes do CRAS ou da CUFA, a facilidade de manuseio dos aparatos tecnológicos, especialmente do smartphone, demonstra a integração aos equipamentos e a habilidade que a taticidade (PAULINO; EMPINOTTI, 2017) proporciona, já que é algo comum a eles.

A sociedade em rede (CASTELLS, 2003) se redireciona por meio dos aparatos que permitem ao jovem, independentemente de onde ele esteja, se tornar protagonista da sua própria realidade, mesmo que ela seja uma reprodução de um *frame*, um quadro, uma pequena mostra do que é atual no momento. São 15, 30, 60 segundos em que o jovem ‘tiktokker’ consegue se transpor do seu cotidiano para uma realidade virtual, fazendo com que ele se proponha a construir de baixo para cima algumas das estruturas de sociabilidade (CASTELLS, 2003) e se torne, naquele momento, o personagem principal da narrativa.

É interessante pensar que esse momento em que ele se revela e traz um pouco de uma realidade peculiar, que é a sua, e onde são perceptíveis as Sensorialidades, já que compartilha o seu “eu” particular para a microtela, o jovem apresenta um pouco da sua realidade, já que faz essa demonstração via vídeo. Mas, mesmo quando se entrelaça com a tecnologia, ainda se permite ser ele mesmo, o jovem da periferia, que traz o seu cotidiano. Nas Sensorialidades, que integram o eixo diacrônico do mapa noturno proposto nesta pesquisa, observa-se que ocorre o entrelaçamento de corpos e afetos, fator principal das conexões humanas.

A percepção entre os jovens é de que há a formação de uma sensibilidade coletiva, que vem reforçada em duas interconexões dentro do mapa de Martín-Barbero (2018), que são as Identidades e Cidadañas, e que serão detalhadas melhor a seguir. Mas é nelas que estão elementos que contribuem para essa construção coletiva de sentidos, trazendo a família,

aspectos do local onde moram e dos projetos que frequentam, para criar uma visão mais ampla de sociedade.

Ainda é possível observar como o entendimento sobre si, enquanto ser jovem, se limita aos pontos de responsabilidade que são impostos. Na pergunta “Fale um pouco sobre você, o que gosta de fazer, como é seu dia” (Apêndice 5 - Entrevista em profundidade, Seção 1, Observações pessoais), acaba se sobressaindo nas respostas o ponto “como é seu dia”, com uma descrição por parte dos jovens do que costumam fazer, quais tarefas são de sua responsabilidade.

Estudar, cuidar da casa, arrumar o quarto, levar os sobrinhos para a creche, ajudar em tarefas domésticas, são pontos que surgem na maioria das vezes. As jovens mães - que já possuem filhos ou que estão grávidas - demonstram a preocupação em cuidar da prole e assumir outras responsabilidades, como o cuidado com a família. Para elas, os momentos de diversão são mais raros e envolvem situações com os demais membros do núcleo familiar. “Não sobra tempo pra diversão porque vivo em função dos filhos” (JOVEM CUFA 3, 2021).

As brincadeiras juvenis, o jogar bola com os amigos, andar de bicicleta, mexer no celular, ou brincar de “lutinha” com os amigos, são ações que surgem nas falas dos mais jovens. A aldeia global (MCLUHAN, 1974), assim como propõe a ideia de expansão, que conecta e unifica, promove uma junção de novas configurações que ajudam a transformar e moldar as identidades.

Ao mesmo tempo em que o jovem joga bola com os amigos, ele consome conteúdos via smartphone dos principais tiktokers da atualidade, ou ainda dá risadas com as brincadeiras e piadas que os youtubers do momento estão contando. Ele é impactado e disputa os jogos eletrônicos, a tal ponto de também se ver como um jogador profissional no futuro (JOVEM CRAS 2).

São essas configurações, de uma realidade que fortalece o sentimento de comunidade, ao mesmo tempo que surgem novas interferências do externo acessado via celular, que vão contribuir para moldar os jovens. Essa capacidade de aprender rápido, incorporando as novidades, são fatores presentes na condição da juventude (MARGULIS; URRESTI, 2011). Na cartografia barberiana, as Identidades são mediações que estão posicionadas entre Sensorialidades e Temporalidades, demonstrando que corpos e afetos são configurados no tempo presente, de acordo com as construções individuais e coletivas.

Os amigos, a família, os relacionamentos próximos interferem e moldam as identidades pessoais, ajustáveis a cada momento e para cada um deles. Há o momento de ser filho, em que eles demonstram as responsabilidades individuais que lhes foram designadas –

cuidar dos sobrinhos, cuidar da casa ou alimentar o animal que contribui para a renda familiar, o cavalo – são atribuições que, como filhos, assumem. Ou ainda como pais, em que demonstram o cuidado com a prole. “Antes de engravidar eu esperava mais pela mãe. Agora tenho que me virar” (JOVEM CRAS 4, 2021).

São as identidades jovens que vão sendo estruturadas a partir das configurações de cada momento e situação. O ser humano é mutável e pode se ajustar às pressões, casualidades e questões do cotidiano, conforme argumenta Rincón (2019), fazendo com que sejam afloradas novas identidades, dependendo da situação que se articula. Diferente do jovem de classe média, que vislumbra na continuidade dos estudos um futuro e até uma forma de permanecer residindo com os pais, o jovem da periferia sabe que precisará buscar outras possibilidades.

A moratória social (MARGULIS; URRESTI, 2011), que empurra mais para a frente a saída de casa, não é algo comum ou vivenciado por quem mora nas comunidades periféricas. Isso fica claro nas falas que demonstram a necessidade de buscar o emprego, como a Jovem CRAS 3, que procurou o Centro de Referência para intermediar o ingresso no mercado de trabalho. Ou ainda da Jovem CUFA 2, que estava no período de experiência no início da pandemia de Covid-19 e perdeu o emprego, mas quer voltar a procurar novas oportunidades. Essa juventude não passa pelo adiamento da fase adulta, como ponderam os autores (MARGULIS; URRESTI, 2011; PAPPÁMIKAIL, 2010) que discutem essa opção de ficar na casa dos pais, retardando a saída e a independência financeira.

Para a maioria dos jovens da periferia, obter uma fonte de renda própria é muito importante. Grávida de seis meses na época da entrevista, a Jovem CRAS 4 quer voltar a estudar, cursar uma graduação e ter um emprego. “[...] quero ir pra frente, quero me formar. Sempre quis ser professora” (JOVEM CRAS 4, 2021). O desejo da jovem revela um pouco dos sonhos que surgem nas falas dos entrevistados. Questões que demonstram o desejo de mudar de vida, seja no campo pessoal, profissional ou até geográfico, abandonando o bairro onde residem. É nesse aspecto que surgem as Cidadanias, mediação articulada entre as Sensorialidades e as Espacialidades, que se configuram peças fundamentais na construção do ser jovem.

Entre corpos, afetos e construção de sentidos, são as Cidadanias que permitem que se faça essa interconexão entre os eixos do mapa barberiano, observando posicionamentos e tensões, e fazendo as articulações com cultura e sociedade. Dentro desses aspectos, fatores como a família, amigos, meio social e a própria escola são pontos preponderantes de fortalecimento ou até enfraquecimento de relações. No quesito educacional, embora o avanço

nos estudos possa significar mais conquistas no futuro, nem todos observam que isso é viável. Lembrando que as entrevistas envolvem jovens de 12 a 27 anos.

Dentre eles, 70% estão estudando. A Jovem CRAS 4, grávida, parou de estudar, mas confirmou que deseja retornar. Entre os que estudam, 50% demonstraram interesse em seguir para o ensino médio – os que estão cursando o ensino básico – e fazer uma graduação. Mas esse ponto não é unânime.

O Jovem CRAS 2 (2021) argumenta que “sou obrigado a estudar, se não já parava”, o que demonstra a falta de perspectivas com o ensino. Se a educação, para alguns, não é importante, ela vem com novas perspectivas para a Jovem CRAS 4 (2021). “Quero continuar estudando. A mãe sempre pediu pra gente não abandonar os estudos e quero terminar, fazer faculdade”. São direitos e deveres que as Cidadanias permitem que se tenha, mas que nem sempre serão uma realidade para todos.

Ao mesmo tempo em que se vê a globalização permitindo novas e amplas conexões, percebe-se “agudos e profundos sentidos de desconexão” (ABRAMO, 2014, p. 20) que envolvem a juventude. E isso fez com que a forma de contar as histórias tenha mudado. Antes elas se perpetuaram por desenhos, oralidade, escrita e, no mundo moderno, com o auxílio dos meios de comunicação, que levaram às massas as informações mais relevantes sobre a humanidade.

Desde 2007, quando Steve Jobs⁷⁰ apresentou o primeiro smartphone e reformulou o jeito de utilizar o celular até os dias de hoje, como o aparelho é utilizado pela população, percebe-se muitas mudanças, principalmente se forem comparadas as formas de se comunicar, com mais telas, dispositivos e, indiscutivelmente, mais comunicadores. É por esse aspecto que as Narrativas, ou relatos, são um ponto de articulação do mapa de Martín-Barbero (RINCÓN, 2019) e estão posicionadas entre as Temporalidades e as Tecnicidades.

Impossível não observar como as Narrativas são articuladas entre os dois aspectos na atualidade, sendo reconfiguradas constantemente e permitindo aos jovens que se tornem, também eles, produtores de conteúdo. O mercado passa a identificar o jovem morador de periferia como um sujeito que consome, que busca algo diferenciado, que deseja experimentar o que está “em alta”, a exemplo do que ocorre com a juventude de outras camadas sociais.

⁷⁰ Em 9 de janeiro de 2007, Steve Jobs, da Apple, apresentou o iPhone, que permitia novas possibilidades de uso, conexões e, o singular, toque na tela. Era o início do smartphone. Disponível em: <https://canaltech.com.br/smartphone/ha-12-anos-steve-jobs-mudava-o-mundo-ao-apresentar-o-primeiro-iphone-130471/>. Acesso: 02 out. 2021.

Algo que se torna evidente se observado o aplicativo da moda entre os jovens, o Tiktok, presente em 100% do grupo entrevistado que possui smartphone.

Ainda observando as Narrativas que afloram entre os jovens, principalmente fazendo a relação com o consumo de conteúdo jornalístico, há uma diferença entre o que eles gostam de ver e o que encontram sobre suas comunidades nos meios de comunicação, como já apontado anteriormente. Os temas entretenimento, que envolve cinema e novelas, e os games, lideram a preferência, com mais de 40% dos apontamentos. Na sequência, empatados com 17% cada, estão os assuntos que envolvem a área policial e a comunidade. Já quando a pergunta envolve os temas que ele, jovem morador, já viu na mídia sobre o local onde mora, 60% já viram situações que envolvem as forças de segurança ou que trazem algum problema que afeta as famílias.

Se o relato traz uma situação que lhe é comum, não significa que ele não esteja atento aos fatos que podem ser positivos. Questões pontuais, como melhoria na infraestrutura básica, acesso a novos equipamentos públicos de convivência, dão a dimensão de que as ações de impacto do poder público podem ser simples. Quando informam quais os conteúdos que procuram para consumir em uma plataforma de vídeos, como o Youtube, os assuntos pertinentes envolvem os temas já citados, como jogos, entretenimento e música. Dentro da multiplicidade das telas (JACKS; SCHMITZ, 2017) os jovens trazem as experiências vividas e as reconfiguram de acordo com sua própria realidade.

Interessante observar o que Rincón (2018) propõe, ao dizer que com tantas informações disponíveis na atualidade cada vez menos se tem algo a dizer. São milhares de postagens, de vídeos, de dados circulando no ambiente virtual, multiplicando-se na velocidade com que são digitados e postados pelos usuários, muitos sem sentido, sem argumento, sem conteúdo, que para se destacar em meio a essa avalanche de informação apelam para o sensacionalismo. Nas boas histórias, segundo o autor, é importante buscar aquilo que faz sentido às comunidades, e que pode variar muito de acordo com cada espaço.

Na busca por se reconhecer, o jovem da periferia ouvido nesta pesquisa aponta alguns caminhos que podem ajudar a entender mais sobre si e sobre onde vive. Ele quer fazer parte de algo e quer que sua comunidade também esteja integrada ao macro da sociedade, não apenas nos aspectos negativos, mas em questões relevantes. “Tem pessoas na comunidade que precisam de bastante ajuda” (JOVEM CUFA 1, 2021). “Há coisas que poderiam fazer, mostrar, como pessoas que ajudam os outros. Não precisava aparecer tanto as coisas de polícia, porque isso se vive todos os dias” (JOVEM CRAS 4, 2021). “Muita coisa poderia ser feita em relação aos jovens, aos projetos, já que faltam coisas na comunidade. Tem uma

senhora que tem uma filha que é dependente química, ela sustenta as crianças. Eles (imprensa) poderiam falar, ajudar” (JOVEM CRAS 5, 2021).

A demonstração é de argumentos, histórias que são percebidas pela juventude e que fazem parte do seu cotidiano, mas não estão necessariamente presentes na mídia. Situações que poderiam contribuir para mudar a realidade não apenas dela, mas de pessoas do seu convívio. Para eles, o “jornalismo mostra o que é pra mostrar. Quando precisa ele vem no bairro, mostra o que a gente pede, ajuda bastante” (JOVEM CUFA 3, 2021). Isso reafirma a necessidade de os meios de comunicação continuarem sendo o holofote que Lippmann (2010) destacava no início do século XX, trazendo para a luz e o conhecimento da sociedade os assuntos relevantes que estavam obscuros.

Obter a atenção e a escuta nesse universo multimidiático é, por si só, tarefa complexa, já que as Redes oferecem uma grande circulação de dados, proporcionando novos fluxos de informação (MARTÍN-BARBERO, 2019). E é justamente nesse novo foco de mediação, localizado entre as Tecnicidades e as Espacialidades, que se desdobram pontos sobre o consumo de mídia.

O fato de existirem novas formas de se comunicar – e o smartphone é a ferramenta utilizada para isso na maioria dos casos, presente para 80% dos entrevistados – não significa que a mídia tradicional é ignorada pela juventude. Todos possuem aparelho de TV em casa e 90% deles assistem a programas de notícias na TV aberta com as famílias. Jornal da NSC (filiada da Rede Globo) ou do Canal 19 (RTV Criciúma, canal local), filmes, novelas, Primeiro Impacto (programa jornalístico do SBT), Jornal Nacional (Rede Globo) são alguns dos exemplos que surgiram nas respostas do grupo.

Nesta pesquisa, 80% dos jovens entrevistados afirmaram confiar na imprensa e no jornalismo. As definições sobre o que seria isso demonstram uma forma simples de compreensão do fazer jornalístico, como apontam as respostas: “Jornalismo é um negócio que informa coisas que as pessoas não sabem” (JOVEM CRAS 1, 2021); “Jornalismo é noticiário, notícias que acontecem no Brasil, nos estados. São as pessoas que trabalham para poder dar a notícia de como tá o mundo” (JOVEM CUFA 2, 2021).

As percepções do que é diferente, curioso e atrativo ao jovem são hoje determinadas não apenas pelos meios de comunicação de massa, mas, sobretudo, pelo uso do smartphone. Dentro das respostas observadas pelo grupo participante desta pesquisa, quando se observa o consumo espontâneo dos meios, e por que não dizer diário, surgem as redes sociais, os aplicativos mais utilizados no momento – Instagram e Tiktok -, que conectam o jovem com amigos, com conhecidos e desconhecidos, com o mundo. Mesmo entre os que estão

momentaneamente sem celular, há uma relação próxima com os aplicativos, que são buscados em aparelhos de outros familiares.

Mas isso não significa que os jovens não se informem, não busquem aquilo que é curioso. Pelos apontamentos, o Youtube é uma ferramenta muito utilizada para esse fim. O acesso rápido a informações, quando e na forma como desejam, são pontos considerados positivos. Dentro dos dois grupos pesquisados, 60% dos integrantes do CRAS acessam a plataforma todos os dias em busca de conteúdos em vídeo. Já no grupo da CUFA esse acesso se dá de três vezes por semana a todos os dias.

O consumo de conteúdo em vídeo, como já observado nos desdobramentos anteriores, é algo crescente e que envolve a juventude. Não apenas pelo Youtube, mas por meio de outros aplicativos, como o Tiktok, o jovem assiste aos conteúdos, mesmo que sejam mais de entretenimento e menos de informação jornalística, já que 80% do grupo confirmou ter o APP baixado e utilizado diariamente.

Quando as perguntas direcionam para as produções noticiosas, os jovens entrevistados apontam para programas tradicionais na televisão. Jornal Nacional, Jornal do Almoço, Primeiro Impacto, NSC, Jornal Hoje, Globo e SBT são respostas que surgem na fala deles. Entre o grupo da CUFA, há respostas que se assemelham, direcionando para os meios tradicionais na TV. Mas eles incluem ainda o Programa Linha Verdade, que é transmitido pela RTV Criciúma, emissora da cidade que atua no jornalismo local, e a página do Facebook Melhores Publicações, já citada anteriormente. Ainda no grupo da CUFA, dois jovens afirmaram não ver jornal na TV e, quando buscavam algo noticioso, procuravam no Youtube (JOVEM CUFA 4) ou no Google, Facebook e Instagram (JOVEM CUFA 5).

Cada vez mais dependentes dessa conexão com as redes, os jovens sabem que ali, por meio de um clique, conseguem encontrar a informação desejada, o que há de individual e que lhe atrai (RECUERO, 2018). É dessa forma, observando as respostas dos dois últimos jovens, que apontam aplicativos e redes sociais quando querem se informar, que se percebe como a hiperconectividade reduziu a dominância dos meios de comunicação sobre a detenção da informação, seja jornalística ou não. O surgimento de aplicativos autóctones (BARBOSA, 2013), que são pensados exclusivamente para as plataformas online, permitem a integração de produtos e servem para promover a multimídia.

Com a possibilidade de escolher conteúdo, forma de consumo e horário de acesso, cabe ao usuário – neste caso o jovem da periferia – decidir onde irá consumir esse conteúdo. São Redes, ou fluxos, como apontou Martín-Barbero (RINCÓN, 2019), que estão sendo

reconfigurados entre as Tecnicidades e as Espacialidades, entre as formas do pensar e fazer, que se estruturam num espaço que é mais virtual que palpável.

As culturas digitais caracterizam-se por serem interativas, colaborativas, hipertextuais, fluidas, mas acima de tudo por serem redes, lugares de encontro, produção de comunidades, rituais de compartilhamento, socialidades sem localização. As redes são o espaço privilegiado das tecnicidades e sua grande promessa de liberdade, democracia, enunciação coletiva da mensagem⁷¹ (RINCÓN, 2019, p. 272).

A definição proposta faz pensar em todas as possibilidades que as Redes oferecem, novas opções que se descortinam à medida que são acessados os conteúdos. No grupo de jovens que integra esta pesquisa, o que se percebe é que as tecnologias unificaram mundos, permitiram o acesso ao ciberespaço e a tudo que está armazenado nele – o que representa infinitas possibilidades. É a chance de chegar em locais não imaginados, fazer conexões, descobrir diferenças e semelhanças ou, inclusive, entender e se conectar com aquilo que o amigo real está falando.

Se as Redes permitem a conexão com o mundo, também há essa percepção de união entre os próximos, já que todos falam a mesma língua, entendem e discutem sobre o mesmo jogo. É uma chance de alcançar o mundo ao mesmo tempo em que segue interagindo de perto com os amigos do cotidiano, como o jogo de *Free Fire*, citado por 40% dos jovens do CRAS e da CUFA, como algo muito presente no dia a dia deles.

O que os jovens observam pouco é o controle sobre os aplicativos e redes sociais, algo pontuado por Rincón (2019), ao alertar sobre os grandes grupos que estão por trás das redes, controlando e observando o fluxo de mensagens, informações e gostos do público consumidor. Para o autor, os dados coletados fazem com que essas organizações saibam mais do seu usuário do que ele mesmo, fazendo com que isso comprometa comprometa os espaços e as liberdades de cada um.

5.5.3 Aspectos de certificação do conteúdo jornalístico

O problema norteador desta pesquisa consistiu em investigar quais as características do conteúdo jornalístico acessado via smartphone pelo jovem morador de periferia de uma cidade do interior. Neste item, entende-se por aspectos de veracidade o questionamento se o

⁷¹ No original: “Las culturas digitales se caracterizan por ser interactivas, colaborativas, hipertextuales, de flujo, pero sobre todo por ser redes, lugares de encuentro, producción de comunidades, rituales del compartir, socialidades sin localización. Las redes son el espacio privilegiado de las tecnicidades y su gran promesa de libertad, democracia, enunciación colectiva del mensaje” (RINCÓN, 2019, p. 272).

conteúdo é jornalístico ou não. Para isso, foi desenvolvido um modelo de mapa de mediações a partir das leituras de Martín-Barbero e da realidade apontada por meio dos questionários e entrevistas em profundidade. O mapa, aqui reconfigurado, traz ponderações para que se observe de que forma as mediações interagem com a juventude e como ela vai sendo moldada a partir dessas articulações.

O grupo que participou de maneira mais aprofundada deste estudo é heterogêneo, com particularidades perceptíveis em respostas distintas e que dizem muito do ser individual de cada pessoa. Outro ponto que também é relevante é a faixa etária, já que as idades variaram de 12 a 27 anos. Neste universo, composto por 69% de público feminino e 31% masculino, já há mulheres que estão casadas ou em relacionamentos estáveis (23%), bem como são mães ou estão grávidas (31%). Essa diferença de idade e também de configuração familiar - deixa de ser filha e passa a ser mãe - faz com que se observe nos relatos mudanças na forma de encarar a própria participação na pesquisa, tratando os temas com maturidade e tendo uma visão diferente dos assuntos relacionados.

Nos diálogos com essas mulheres que integram o grupo focal é perceptível o contraponto sobre a questão da moratória que os autores (PAPPÁMIKAIL, 2010; MARGULIS; URRESTI, 2011; GROppo, 2015; ABRAMO, 2014) que trabalham com juventude tratam e que diz que, na sociedade atual, o jovem deixa a residência familiar mais tarde em busca de sua independência financeira. Essa é uma realidade mais frequente nas classes sociais mais favorecidas.

Na periferia de uma cidade de médio porte⁷², como é o caso de Criciúma, a demonstração é que os recursos financeiros próprios são buscados assim que possível pelos jovens. E essa condição econômica é algo que eles tratam de maneira clara, definindo o que é prioridade, como relatou a Jovem CRAS 4, grávida de seis meses, que está sem aparelho celular. “Nossa renda não dá, então não tem como pensar nisso agora. Tem coisa que é muito mais necessária” (JOVEM CRAS 4, 2021).

E mesmo sem ter filhos, a Jovem CRAS 3 também reforça essa significação da busca pela independência financeira. Aos 16 anos e cursando o 1º ano do ensino médio, ela já começou um estágio remunerado e quer trabalhar. Ao mesmo tempo em que segue sendo jovem, ela já experimenta os desafios e responsabilidades da vida adulta, diferentes tensionamentos, que assim como contribuem para a ampliação de conexões servem para demonstrar abismos profundos e distanciamentos (ABRAMO, 2014). A necessidade de

⁷² O IBGE considera cidades de porte médio as que possuem entre 100 mil e 500 mil habitantes. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-70122013000200011>.

buscar oportunidades também pode se dar por conta da renda salarial média das famílias que participaram desta pesquisa, e que ficou entre 1 e 2 salários-mínimos para 70% do grupo focal envolvido.

Percebe-se as diferenças, principalmente, nessa maturidade que a idade, ou a condição familiar, impôs ao jovem. Se mais velho ou já formando sua própria família – no caso das jovens mães –, tempo e espaço estão mais ligados ao hoje, ao agora, e às relações de proximidade. “Chegamos a (acreditar em nós mesmos) habitantes do mundo porque somos tempos (essa é a nossa fé). Você não precisa sair de casa para habitar o mundo, um celular nos conecta e nos faz viajar por espaços reais” (RINCÓN, 2019, p. 267).

Esse mundo virtual, conectado, que transporta o jovem por outras espacialidades, é realidade para os mais jovens entrevistados. Do grupo total deste estudo, 80% possuem smartphone e 90% já têm acesso à internet em casa. Isso faz com que todos que possuem o aparelho o utilizem todos os dias.

Isso serve para confirmar que, na atualidade, o smartphone é presença constante entre o jovem morador da periferia de Criciúma. Uma realidade que mudou em menos de cinco anos, se observados os primeiros apontamentos realizados no questionário aplicado inicialmente (2017/2018), e já tratada anteriormente, que demonstrou que 35% não possuíam o aparelho, contra 20% no grupo atual.

O equipamento que serve para unir o jovem ao universo virtual é disponibilizado para 80% do grupo focal que integra a segunda parte do estudo, embora o restante aponte que utiliza de algum familiar, sempre que necessário. Além disso, outro fator que colabora para que as conexões sejam mantidas é o acesso à internet, presente também em 90% dos lares dos entrevistados no grupo focal. Algo bem diferente do levantamento anterior desta pesquisa, em que 48% dos jovens não contavam com essa flexibilidade em suas casas.

Nesse aspecto, é importante que se traga o eixo horizontal do mapa das mediações – que reúne as Sensorialidades e as Tecnicidades – para observar o quanto o telefone móvel se tornou uma extensão do corpo (CASTELLS, 2003). As formas de fazer e de narrar os fatos, ou as vivências, se tornaram comuns para os jovens da periferia cricumense, já que eles consomem diariamente conteúdo disponibilizado em aplicativos como Instagram, Tiktok e WhatsApp.

Também há menção, especialmente entre o grupo pesquisado com menos de 15 anos (40%), da relação diária com jogos eletrônicos online, das disputas, competições e vontade de seguir carreira. “Quero ser jogador de *Free Fire* no futuro” (JOVEM CRAS 2, 2021). O *Free*

Fire, especificamente, é citado por 40% dos participantes do grupo focal, demonstrando a proximidade desses jovens com o jogo em questão.

O mundo que vem para a tela, por escolha da juventude, é diversificado, permeado por assuntos que despertam o interesse e demonstram uma busca por questões amenas, como jogos, histórias em quadrinhos, músicas, receitas culinárias, descobertas científicas e até casos de investigação criminal. Quando Martín-Barbero (2019, p. 196) fala em novas formas de sentir, de perceber o entorno, traz aspectos de como a realidade hoje está globalizada, com mudanças que, segundo ele, “desordenam os tempos e reconfiguram os espaços”, mas que reestruturam a ideia de morar em sociedade, de conviver com os próximos, mas também de integrar comunidades geograficamente distantes.

As Redes, no mapa de mediações, é uma das articulações reorganizadas dentro das novas tecnologias e que permite que fluxos de informação abasteçam o jovem com dados de várias plataformas. Mesmo quando 80% possuem o smartphone, a totalidade do grupo que fez parte da pesquisa de profundidade admite utilizar o aparelho, fazendo uso do celular de outro membro da família. De posse dele, o jovem escolhe o que vai consumir de conteúdo e isso é feito de maneira individual.

Assim, percebe-se a diferença entre o tipo de notícia que o jovem costuma ler para os assuntos que eles já viram da sua comunidade na imprensa. Os conteúdos que despertam o interesse desse jovem da periferia cricumense têm os temas Entretenimento (29%), Games (17%) e Comunidade (17%) como os mais frequentes. Já no item “Notícias que viram na imprensa da sua comunidade” o que surge em primeiro é o tema Polícia, com 30% das menções. Já em segundo vêm os Problemas da Comunidade, com 27%.

Os meios de comunicação buscam os fragmentos da realidade para a apresentação ao grande público, fazendo essa seleção por meio de aspectos técnicos, como os critérios de noticiabilidade e, em algumas vezes, intuitivo, mas procurando sempre manter o foco na audiência. A periferia foi observada e retratada pelo aspecto negativo, mas essa leitura da mídia vem mudando (PAIM *et al.*, 2013), em parte, porque os media noticiosos perceberam ali também um público consumidor e produtor de cultura, mas também por conta da ampliação no acesso a conteúdos diferenciados.

Isso ajuda a compreender os pontos centrais desta pesquisa porque há o uso do smartphone entre os jovens, bem como o acesso à conexão que se dá com a internet na própria residência, mas a relação de consumo de conteúdo jornalístico é diferenciada. Eles admitem consumir notícias, sendo que o assunto principal que mais atrai é Entretenimento (29%), seguido de Games, Comunidade e Polícia (com 17% cada um). Mas isso não significa que

quando se trata de notícia é somente pelo aparelho celular que ele faça esse consumo, já que os apontamentos demonstraram que em 35% das observações há ainda a utilização de meios tradicionais para se informar, como pode ser observado no Gráfico 7, abaixo.

Gráfico 08: Meio onde se informa CRAS e CUFA



Fonte: Elaboração da autora.

Conforme observado no Gráfico 7, que faz referência à pergunta “Quando você quer se informar sobre alguma dessas notícias, que meio procura?” (Questionário em profundidade – Apêndice 4), a televisão segue sendo um instrumento de informação muito forte entre os jovens da periferia. Se unir as indicações de televisão e rádio, os meios tradicionais, ocupam 35%, conforme apurado nesta pesquisa, os demais meios – sites, Facebook, WhatsApp e o próprio Google, com 65% da preferência dos jovens, são acessados pelo smartphone. A busca pelo conteúdo que lhe atrai se dá, na sua maioria, pelo uso do aparelho celular, que permite essa conexão com diferentes plataformas e aplicativos e faz com que o jovem encontre aquilo que está buscando.

Quando o conteúdo é compartilhado juntamente com a família, já que 90% confirmou assistir televisão, os programas tradicionais, como jornal e novelas, aparecem nas citações do grupo focal. Programas jornalísticos como Primeiro Impacto, Jornal Nacional, Jornal Hoje e Jornal do Almoço, que é transmitido pela emissora afiliada à Globo em Santa Catarina, a NSC TV, surgem nos apontamentos e demonstram que o grupo tem por hábito acessar SBT e Globo com frequência.

Também há a identificação de programa com conteúdo jornalístico produzido pela RTV Criciúma, emissora local, que é o Linha Verdade. Ele é citado por 20% dos jovens que integram o grupo focal e traz informações locais, com foco principal em pautas da área policial e comunitária. Conduzido pelo apresentador Ricardo Strauss, o Linha Verdade é o principal programa da emissora e já adotou, em anos anteriores, uma forma de exibição sensacionalista e policialesca, apresentando corpos estirados ao chão em busca de audiência.

Na atualidade, a postura é mais profissional, com a condução das reportagens abordando conteúdos jornalísticos relevantes. No corpo profissional, hoje há dois jornalistas, uma estudante de Jornalismo e dois repórteres sem formação que se dividem fazendo o conteúdo que é exibido durante a transmissão do Linha Verdade. O programa também é transmitido em seu canal no YouTube e ainda pelo Facebook da emissora. Somando a visualização nos dois locais, observando a transmissão de um dia, observa-se uma média de 900 visualizações. Mas o fato de estar também em redes sociais faz com que a facilidade de conexão e acesso se dê de maneira muito prática pelos telespectadores/internautas.

Nessa junção pelo conteúdo e conexão observa-se ainda outro ponto que é forte nos apontamentos dos jovens da periferia de Criciúma, que é utilizar o Facebook como ferramenta de informação, especialmente entre os que citaram uma página específica, o “Melhores Publicações” como o local onde esse acesso é mais constante. Como já explicado anteriormente, a página, que não é administrada por jornalistas, mas por um bacharel em Direito, que é assessor parlamentar de um deputado estadual, reproduz ações policiais quase que em tempo real, já que conta com apoio de policiais militares que atuam nas ocorrências para repassar os dados. “Se quero saber mais acesso o Melhores Publicações” (JOVEM CUFA 1, 2021). “Olho o Melhores Publicações pra saber alguma coisa aqui do bairro. Então, é mais criminalidade” (JOVEM CRAS 5, 2021).

A observação que a Jovem CRAS 5 faz, dizendo que quando sai algo é sobre criminalidade, reflete bem o sentido das publicações que a página citada traz e que são voltadas exclusivamente para ações policiais. Raras exceções a fatos positivos, como visitas aos policiais ou iniciativas solidárias, mas que, na maioria dos casos, estão ligados às forças de segurança pública. O Melhores Publicações possui um site onde estão publicadas as informações e a página no Facebook, com 100 mil curtidas, é utilizada para direcionar para esse conteúdo, bem como a conta no Instagram, que não possui nenhuma postagem, mas conta com 81 mil seguidores.

Ao optar por buscar esse tipo de meio para se informar, o jovem da periferia cricumense sabe que vai encontrar notícias que envolvem a área da segurança pública. Entre

o grupo ouvido, 70% diz lembrar de questões que envolveram a comunidade em que moram. A maioria delas dizem respeito à violência e à área policial: “Jornal mostrou conflito com a polícia”, “Melhores Publicações trouxe pessoas presas, roubando”, “Melhores Publicações trouxe morte, tráfico, pessoas sendo presas”, “Isso é o que mais sai, da violência”, “Falaram de alagamento das casas e de violência”, “No Melhores Publicações saiu notícia falando de pessoas que morreram”, “A única coisa que vi foi do CRAS”, “Vi notícias que falavam do trabalho da CUFA”. Perceptível nas observações de cada jovem que a visão da imprensa sobre seu local de moradia está diretamente ligada aos assuntos de violência. Os aspectos que compõem a Cidadania, no mapa das mediações, reforçam essa característica que é construída pela mídia, de uma maneira geral.

Na atualidade, com o acesso à tecnologia disponível e a facilidade de obter dados, informações, de poder se comunicar, observa-se que a percepção de mundo parece mais próxima também da juventude periférica. Ao apontar que gostariam de ver outras notícias da sua própria comunidade, como melhorias das ruas, recuperação do rio, saneamento básico, reforma do campo de futebol, auxílio a moradores mais necessitados, ou ainda ações realizadas pela CUFA e pelo CRAS, eles dão pistas de conteúdos que consideram relevantes. É nesse ponto em que ele, jovem de periferia, entra no contexto de “urbano” proposto por Martín-Barbero (RINCÓN, 2019, p. 273), que consiste no cidadão que, independentemente de onde resida, consegue ter percepções sobre seus direitos, especialmente no que diz respeito a uma melhor qualidade de vida.

São esses aspectos que ajudam a construir as Identidades juvenis, que traduzem o senso de responsabilidade já presente entre os jovens. Do grupo focal entrevistado nesta pesquisa, todos apontaram afazeres que envolvem sua prática cotidiana e que vão além do estudar. Mesmo aqueles que não possuem filhos ou não vivem uma união estável, apontaram tarefas que vão desde auxílio aos pais ou avós em casa, levar e buscar sobrinhos na creche e cuidar do cavalo que é da família. Amigos, escola, projetos sociais e família, ou seja, o meio em que convivem, são todos fatores que ajudam a moldar e construir a identidade, ou fragmentá-la em várias (HALL, 2015). Mas há ainda, nesse aspecto, a interferência tecnológica, que permite o acesso a novos dispositivos e faz com que a juventude também reproduza novas formas de ver as coisas.

Observando um pouco do que eles acessam pode-se entender, a partir do conteúdo que é jornalístico, quais são os aspectos dessa narrativa. Hoje, o jovem da periferia criciumense consome conteúdo jornalístico pelo smartphone voltado à área policial, porque é no Facebook que está um dos meios onde encontra as notícias da sua comunidade. Além disso, há outros

tipos de conteúdo que ele demonstrou buscar, que envolvem, especialmente, temas como Entretenimento, Games e informações da Comunidade, e que são acessados, geralmente, também por meio do aparelho celular.

Fazendo uso de aplicativos criados especificamente para o universo digital (BARBOSA, 2013) e que são acessados a um simples toque dos dedos (PAULINO; EMPINOTTI, 2017), a facilidade com que o jovem da periferia cricumense encontra conteúdos relevantes e de seu interesse é a mesma que outros, da mesma idade, espalhados mundo afora. Nesse aspecto não há qualquer diferença. Outra semelhança é o uso dos aplicativos da “moda” no dia a dia desse universo jovem. Se na pesquisa de 2017/2018 era o Facebook que dominava a preferência deles, hoje isso se resume a Instagram, WhatsApp e Tiktok.

Mas há, como já trazido nas respostas deles, o consumo do conteúdo em vídeo. O Youtube, que apareceu no levantamento de 2017/2018 como um dos principais buscadores de informação (90% dos jovens que possuíam smartphone e responderam à pesquisa afirmaram acessar a plataforma todos os dias), já não é tão procurado agora, já que 50% confirmaram fazer o seu uso diário. Ao revelar quais são os youtubers que mais gostam de assistir, e trazer nomes como TK Raps, 7 Minutoz, Nobru, Cerol, El Gato, TWo9 e Skorpions Gamers, percebe-se a relação do grupo, especialmente o que possui menos de 16 anos, com o universo dos jogos online. E há, ainda, a citação de youtubers que dominam o cenário nacional entre a juventude, como os já conhecidos Felipe Neto, Lucas Lira, Rezende e a cantora gospel Aline Barros, uma mescla entre entretenimento e música.

Mesmo que o uso de conteúdos por meio do YouTube não seja tão forte no grupo focal, como era no primeiro levantamento feito para esta pesquisa, o consumo de vídeos ainda permanece elevado. O jovem não deixa de buscar outros aplicativos para consumir os vídeos que mais lhe interessam, como o Tiktok ou o Instagram, acessados todos os dias por 70% do grupo envolvido neste estudo e que quer continuar conectado e atualizado dos conteúdos de maior relevância no momento.

Mediada pela Narrativa, a juventude se apresenta como uma produtora de conteúdo, não o jornalístico, mas o seu próprio, o que expõe parte do seu cotidiano, ao dizer que ela também faz vídeos para o Tiktok e encontra ali uma possibilidade de mostrar um pouco do que vive. Nenhum dos jovens entrevistados que confirmou produzir vídeos e subir na plataforma deu detalhes sobre o tipo de conteúdo que posta ou a regularidade dessa publicação.

Por mais que estejam vivenciando uma realidade que pode ser diferente das grandes cidades, no aspecto de oportunidades, a juventude da periferia criciumense também consegue ter acesso à tecnologia e passa a consumir e produzir conteúdos como os jovens dos grandes centros urbanos, por exemplo. “Gosto de acessar o Tiktok e faço isso todos os dias. Faço vídeos meus e publico” (JOVEM CUFA 4, 2021). Além dela, mais três participantes também confirmaram a produção de conteúdo em vídeo para a plataforma. São as suas realidades, curiosidades, danças do momento e o que for considerado interessante que vai para a microtela.

5.6 INDICAÇÕES SOBRE RESULTADOS DA ANÁLISE

O passo aqui discriminado trará os dados obtidos neste estudo e que serão apresentados de maneira direta e por meio de um quadro. Isso permitirá que se tenha uma visão mais completa dos principais pontos que surgiram nesta pesquisa.

Tabela 1 – Dados compilados da pesquisa com jovens CRAS e CUFA

Renda família de 1 a 2 s/m	70%
Tem smartphone	80%
Tem internet em casa	90%
Usa celular todos os dias	100%
Assiste TV	90%
Assiste a Globo	70%
Assiste com a família – vê jornais tradicionais (Nacional, Hoje, Primeiro Impacto, Linha Verdade) e novelas	90%
Assiste sozinho (Youtube – todos os dias) – youtubers de jogos	60%
Assiste sozinho (Tiktok e Instagram – todos os dias) vídeos	70%
Assiste sozinho (<i>Free fire</i>) – todos os dias	40%
O que gosta de assistir (Entretenimento/ Games/ Comunidade /Esporte)	75%
O que gosta de assistir (Polícia)	17%
Viram notícia da sua comunidade na mídia	70%
O que viram na mídia da sua comunidade (Polícia e problemas da comunidade)	57%
Onde vai quando quer se informar (sites, Facebook, WhatsApp,	65%

Google)	
Acredita nos jornalistas	80%
Sabe identificar Fake News	90%
Quer ver notícias da sua comunidade	80%

Fonte: A autora.

De posse de todos esses dados, o próximo item, que são as Considerações finais, vai permitir que se trace alguns paralelos com as informações apuradas e as perspectivas que se tinha no início do estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jovem parece ser o centro da atenção da mídia e do mercado consumidor de forma geral. Todo mundo quer “vender” conteúdo e produtos para os jovens. Porém, o mesmo interesse não aparece em políticas públicas, nem mesmo em mudanças efetivas na sociedade, como infelizmente comprovam os índices de escolaridade (em 2019, na faixa entre 18 e 24 anos, 75% estavam atrasados ou abandonaram os estudos), de desemprego (acima dos 20%) e desenvolvimento social da faixa etária entre 13 e 27 anos, que compõe este estudo.

Na mídia ocorre não só o forte movimento nas redações para a contratação de jovens profissionais com o intuito de aproveitar a velocidade das novas tecnologias e os conteúdos ditos inovadores, visando exatamente esse público considerado jovem, porém, o investimento em formatos, temáticas e, até mesmo, modalidades de acesso que de fato permitam que estes jovens possam “consumir” estes conteúdos não correspondem à expectativa e à promessa comunicativa vendida pelos meios de comunicação da atualidade.

Estas condições deram início ao interesse desta pesquisa em 2016 e hoje, em 2022, ainda estamos nas mesmas condições. Ao longo da pesquisa, nosso objetivo central foi identificar as características que estruturam o conteúdo jornalístico acessado via smartphone pelo jovem morador de periferia da cidade de Criciúma. Se, nas grandes cidades, não só os jovens, com possibilidade de acesso e mais condições econômicas e culturais, já têm uma certa restrição, como será que estas condições e estes conteúdos chegam para estes jovens que residem no que podemos chamar de interior do interior. Para além desse aspecto, partimos da premissa que não só este jovem não diferenciava informações apresentadas por jornalistas, por empresas profissionais ou outras de naturezas distintas, como também costumava acessar conteúdos diversos identificando-os como jornalismo.

Portanto, o objetivo principal, que foi o de identificar as características que estruturam a produção de conteúdo jornalístico acessado via smartphone pelo jovem morador de periferia da cidade de Criciúma, no interior de Santa Catarina, foi alcançado na medida em que se observou, por meio da pesquisa, que entre os que possuem acesso ao celular, todos buscam conteúdos diversos, mas 60% demonstraram a percepção por conteúdo jornalístico.

E as características envolvem atualidade, conteúdos dinâmicos, por isso a busca pelo vídeo, e, principalmente, a proximidade com a notícia. O fato local interessa. Nesse aspecto, a Temática que atrai a juventude da periferia de Criciúma e que está relacionada no Âmbito local tem sua construção na editoria policial, já que são os assuntos da área de segurança pública que mais são replicados na mídia. Importante ressaltar o ineditismo que se consolida

por meio desta pesquisa, já que traz os dados de um segmento que é pouco investigado, que é o jovem da periferia de Criciúma e que foi o foco central da investigação.

Na fase introdutória desta pesquisa foram traçados objetivos para serem o fio condutor do estudo. O primeiro, mais amplo, tratava de investigar qual o conteúdo acessado pelo jovem morador de periferia da cidade de Criciúma, interior do estado de Santa Catarina, atendidos no CRAS e pela CUFA, acessado via smartphone. O próximo, específico, identificar o conteúdo noticioso das produções jornalísticas acessadas por estes jovens e, por fim, analisar e sistematizar, a partir desse conteúdo noticioso, as características gerais destas produções jornalísticas e a influência/impacto dos modos de acesso via smartphone.

Para dar conta dos dados apurados e se chegar aos objetivos traçados, foram trabalhadas com três categorias, conforme exemplificado no item 5.5.1, que traz a seleção dos Entrevistados, Conteúdos e Perspectivas. No item que diz respeito aos Conteúdos são discutidas as questões que envolvem os Canais, Programas, Temáticas, Âmbito, Modalidade e Tempo de Acesso dos jovens.

Por meio desses pontos e fazendo a relação com o Mapa Noturno das Mediações da Juventude Periférica de Criciúma (MJC), foi possível tecer algumas observações sobre a relação do grupo envolvido na pesquisa e o jornalismo. O jovem participante está inserido na era digital. A convergência que permite o encontro de velhas e novas mídias (JENKINS, 2009) faz com que os conteúdos, jornalísticos ou não, de games, entretenimento ou policiais estejam disponíveis a apenas um toque. Isso fez com que os preceitos básicos da mídia fossem revistos, mostrando que a grande imprensa não é a única detentora da informação, e permitiu que novos canais de comunicação fossem abertos.

Por conta disso, alguns aspectos podem ser levados em consideração quando se tenta observar quais as características que estruturam a narrativa dos conteúdos acessados via smartphone por esses jovens. Eles buscam o que lhes interessa ver, primeiramente observando notícias que tratam da sua comunidade. Então, o primeiro aspecto é quanto ao conteúdo, já que há interesse em saber o que acontece próximo a si, mas não é fácil conquistar corações e mentes (ROSSI, 2005) desse público, ainda mais com tanta oferta de conteúdo disponível.

Faz sentido para o jovem da periferia cricumense consumir informações que ele considera jornalísticas, mas que não necessariamente são feitas por jornalistas. Ao dizer que consome os assuntos de mídias tradicionais, como a televisão, por exemplo, ele também aponta que isso ocorre quando está junto com mais alguém da família, geralmente no período noturno, quando há o encontro de outros membros familiares que retornam do trabalho. O

universo de 90% que apontou assistir TV faz isso com algum familiar e assiste aos conteúdos da TV aberta, como os telejornais e as novelas.

Mas dentro do grupo surge com força a menção de observar e consumir os conteúdos das redes sociais, especialmente da página do Facebook “Melhores Publicações” e que, como já citado, não é produzida por jornalistas. Ao incluir esse conteúdo também dentro da perspectiva jornalística, o grupo de jovens integrante deste estudo reforça que não está ciente das diferenças na produção da notícia, mas que apenas consome o material que é disponibilizado.

Informação, para o grupo ouvido, é geral, ampla e pode ser encontrada da forma como vier, desde que atenda à necessidade que ele possui naquele momento de esclarecer uma dúvida. Isso foi demonstrado nas vezes em que eles apontaram que consomem informação do Facebook, por meio da página “Melhores Publicações” (40%) ou em outras plataformas, como Youtube, Instagram e Tiktok. A informação é o conteúdo que esse jovem deseja consumir, o que, necessariamente, não precisa ser conteúdo jornalístico, já que pode ser um bate-papo entre youtubers e seus convidados.

À medida que a convergência das mídias modificou a forma de fazer o jornalismo, também proporcionou que o consumidor, no caso aqui o jovem, tivesse a opção de acessar novos conteúdos em diferentes plataformas. Ou, como eles demonstraram, quando querem se informar sobre determinada notícia, 65% encontram no smartphone o meio para buscar esses dados.

Mas a facilidade no acesso e a busca pelas outras plataformas não podem diminuir a força que o meio de comunicação televisão ainda possui nas comunidades, seguindo o que ocorre no país, onde 79%⁷³ dos brasileiros dedicam o seu tempo para assistir à TV aberta ou por assinatura nas suas residências. É o veículo que tem penetração nos lares da periferia e consegue, em alguns momentos, reunir as famílias em torno de programas de interesse comum.

Em todos os lares a TV está presente e é nela onde se informam de conteúdo jornalístico, apontando, principalmente, os telejornais mais tradicionais como os programas em que isso ocorre, como Jornal do Almoço, da afiliada da Rede Globo em Santa Catarina, a NSC TV, Jornal Nacional, da Rede Globo, ou ainda o Primeiro Impacto, do SBT. Esses foram os dois canais que surgiram de maneira mais significativa entre os apontados pelos jovens, o que demonstra inclusive a potência e qualidade do sinal das emissoras, que consegue chegar

⁷³ Conforme dados do levantamento Kantar Ibope Media de 2022. Disponível: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/noticia/2022/05/tv-aberta-e-canais-por-assinatura-concentram-79percent-do-consumo-de-video-do-brasileiro.ghtml>. Acesso em 18 ago 2022.

aos bairros mais afastados do Centro da cidade. Também o destaque para o programa Linha Verdade, da emissora local RTV Criciúma, que apareceu nos apontamentos dos jovens.

O conteúdo que é acessado via smartphone é mais voltado ao entretenimento, a assuntos que o jovem gosta de consumir. Destaque também para as informações relacionadas ao mundo dos games, já que 40% do grupo entrevistado demonstrou familiaridade e acesso constante ao jogo *Free Fire*, e a visualização de canais de youtubers voltados a esse segmento. Sobre a questão dos games, vale ressaltar o quanto eles estão presentes no cotidiano dos jovens da periferia cricumense. Isso é algo que se assemelha em muito aos demais jovens, de outros bairros e classes sociais, e que serve para reforçar o quanto esse aspecto de conteúdo chama a atenção da juventude e poderia ser incorporado a outros tipos de conteúdo.

Esses dados, do que o jovem gosta de consumir, demonstram que o smartphone se tornou um meio de comunicação entre eles e de uso para consumo de conteúdos bem específicos. Por conta da pandemia de Covid-19 e da reestruturação no sistema de ensino público, o aparelho também se tornou uma ferramenta de ensino já que era por meio dele que os jovens, estudantes de escola pública da rede estadual, conseguiram ter acesso às disciplinas e tarefas propostas pelos professores.

Como responderam ao questionário aplicado no grupo focal, quando a questão envolve o que observa da sua comunidade na mídia e o que gostaria de ver há uma disparidade gritante. Entre os jovens que lembram de ter visto algo da sua realidade retratada na imprensa local/regional a maioria traz aspectos ligados à violência. Surgem termos como “pessoas presas”, “morte”, “tráfico”, “o que mais sai é violência”, “alagamentos”, situações adversas, negativas e de conflito.

Embora eles pontuem situações que envolvem ações positivas do CRAS e também que enaltecem o trabalho da CUFA, é nas reportagens sobre violência que estão concentradas as principais recordações e que reforçam os estereótipos criados pela sociedade sobre a marginalidade e violência nessas localidades. Características que eles gostariam de mudar, já que apontaram outros assuntos que poderiam ser tratados na imprensa e que estão bem longe da área policial. Para isso, esse mesmo jovem traz temas que gostaria de ver na mídia local e que dizem respeito às ações positivas do seu bairro, do CRAS e da CUFA, bem como melhorias em infraestrutura, saneamento básico ou histórias de vida.

Como se mostrou no capítulo 2, Juventude, Conexões e Jornalismo, ficou claro que os produtos em vídeo possuem um apelo muito mais forte, tanto que as multiplataformas apostam nesse formato para cativar ainda mais o público, usando as linguagens visuais e

sonoras de maneira ainda mais completa (SALAVÉRRIA, 2014). Não à toa que mesmo quando há a sinalização sobre o meio de comunicação mais acessível a eles, a televisão surge como ferramenta informativa e que reúne a família. Quando direcionado o olhar para o smartphone, é nos aplicativos em vídeo que eles demonstram ter maior interesse, acessando Youtube e, principalmente agora, o Tiktok com frequência.

Essa característica do consumo dos vídeos é algo que se assemelha aos demais jovens de outras cidades, de porte médio ou grande, já que reflete uma realidade comum, em que há a disposição de receber e assistir mais a esse tipo de conteúdo. Não à toa que o aplicativo Tiktok foi um dos mais baixados nos últimos dois anos no mundo. Então, quando pode escolher o que consumir, o jovem integrante desta pesquisa procura por esse tipo de produção em vídeo. No grupo envolvido neste estudo, 70% acessam o Tiktok todos os dias para buscar os conteúdos que mais lhe interessam.

Ficou claro que as características que atrairiam o jovem para produções jornalísticas envolvem mais o tema que o formato. Claro que se forem conteúdos em vídeo, seguindo o modelo do que eles consomem no Youtube ou no Tiktok, seria interessante. Mas, quando eles apontam que gostariam de ver mais notícias da sua comunidade, e notícias positivas, eles definem que tipo de conteúdo pode interessar. Trazer aspectos relevantes do bairro, pessoas que precisam de apoio ou projetos bem-sucedidos que estão em andamento são fatores considerados interessantes pelo jovem integrante deste estudo. Embora não tenham eles noção do que significa valor-notícia no jargão jornalístico, eles trazem sugestões que poderiam ser buscadas pela mídia para valorizar pessoas e lugares, deixando de lado a violência e a ação policial.

Dentro das estruturas narrativas observadas, pode-se dizer que as características que mais atraem os jovens, dentro daquilo que eles consomem via smartphone, estão no campo audiovisual. Quando há a identificação de conteúdo jornalístico isso é feito no momento da família, em que a maioria dos residentes na casa se reúnem para assistir televisão, e fazem isso em conjunto, no horário dos jornais mais tradicionais. O conteúdo que eles buscam por meio de um clic é diferente, porque ali há a opção da escolha pessoal, da definição que permite que eles façam a seleção daquilo que pretendem assistir. E os conteúdos em vídeo seguem sendo os principais, os que despertam, neste momento, o maior interesse deles.

As conexões com a família, com o lugar em que moram é algo relevante e surgem com um destaque interessante, bem como a importância e a relação estreita que possuem com os dois programas envolvidos aqui – CRAS e CUFA. A amizade, o carinho com as pessoas que frequentam esses espaços, é evidente. Mas, ao mesmo tempo em que o local tem muita

significância, é possível perceber o quanto o mundo tecnológico está inserido na realidade individual, seja por meio dos jogos online, especialmente o *Free Fire*, ou ainda dos aplicativos mais populares, como Instagram e Tiktok. Essa hiperconectividade que o tempo presente permite aos jovens se deixa transparecer de maneira fácil e comum nas respostas apresentadas.

As estruturas narrativas das produções jornalísticas acessadas por eles envolvem a mídia tradicional, especialmente quando observado o conteúdo que é divulgado pelo meio televisão e que é consumido pelos jovens nos momentos em que faz isso coletivamente. A união da família em torno do aparelho “TV” ainda é comum nas férias de Criciúma. Também há o consumo de notícias que estão no universo da internet e que são compartilhadas por meio de aplicativos de mensagens e redes sociais. Nesse aspecto, quando há uma busca espontânea por esse tipo de informação, o consumo se dá dos conteúdos que eles mais gostam, com entretenimento e games, e que não estão, necessariamente, em veículos de comunicação tradicionais, que também têm ocupado esses espaços nos últimos tempos.

Outra categoria proposta para esta pesquisa são as Perspectivas. Elas reúnem as questões que envolvem o jornalismo, como a compreensão do tema, a relação com as *Fake News* e a credibilidade da mídia. Para os jovens, a forma como os jornalistas apresentam as notícias não traz o que é importante, o que significa dizer, em linguagem técnica, como se os jornalistas usassem critérios de noticiabilidade diferentes dos jovens. As percepções sobre o que seria relevante noticiar, na avaliação dos jovens integrantes desta pesquisa, são diferentes do que normalmente observam noticiado na mídia tradicional.

Para os jovens do CRAS e da CUFA, contar histórias de quem vive o seu cotidiano, como a senhora que ajuda outras famílias quase tão carentes como ela, projetos desenvolvidos para a comunidade e a valorização das ações da escola, poderiam sim ser boas pautas, “porque só mostra a violência do bairro e deu, não mostra melhoria das ruas. E teria coisa boa pra mostrar” (JOVEM CRAS 3, 2021).

Esse é um dos dilemas que jornalistas enfrentam todos os dias nas redações, sobrecarregadas de informação e deficitárias de repórteres, em que buscam identificar os principais fatos, observar os critérios de relevância e levá-los ao conhecimento do público. Algo que, para os jovens do CRAS e da CUFA, teria mais valor se os personagens dessas histórias que vão sendo descortinados estão mais perto das comunidades. Para a juventude seria possível contar outras histórias, com novos olhares para essas localidades, se a imprensa estivesse mais presente.

Um aspecto relevante para trazer à discussão é o ponto que trata da percepção sobre a credibilidade na informação trazida pelo jornalista. Ao serem questionados sobre o tema (“Na sua avaliação os jornalistas falam a verdade?” Questionário Grupo Focal, seção 4 – Veracidade e informação), 80% dos jovens afirmaram que sim, que confiam na informação dada pelo jornalista. Mas alguns trouxeram ponderações, especialmente a crítica sobre como o assunto é abordado na imprensa, fazendo com que ele surja maior ou distorcido do que realmente aconteceu. Esse aspecto reforça o que se entende sobre a cobertura da mídia, voltada geralmente para as áreas mais centrais, trazendo os assuntos que são relevantes aos moradores dessas localidades.

E esse ponto é entendido quando os jovens apontam os assuntos que saíram na imprensa sobre as suas comunidades e que estão, na maioria das vezes, ligados à violência. Na avaliação deles, a reportagem, os jornalistas, só aparecem ou só comentam assuntos dos seus bairros quando há violência ou questões adversas envolvidas, como alagamentos, por exemplo. E, como eles mesmos apontaram, há outros assuntos que poderiam ser tratados e que eles gostariam de ver com frequência.

Nas citações vieram os projetos relacionados aos Centros de Referência em Assistência Social, os CRAS, e a própria CUFA. Mas há ainda aspectos de solidariedade, como o auxílio a outros moradores que estão numa condição social pior que a deles e que deveriam receber apoio, pontos mais positivos e que demonstram que há boas histórias que poderiam ser contadas na mídia, além dos fatos policiais.

Sobre o uso do smartphone fica muito claro que o aparelho é parte diária da vida da juventude, seja de grandes centros urbanizados ou da ocupação irregular do bairro Santo André, em Criciúma. Durante a pandemia de Covid-19, esse aparelho também foi muito importante para que os jovens pudessem ter um pouco de acesso ao ensino público, já que foi por meio de uma plataforma digital que a Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina e a de Educação de Criciúma seguiram fornecendo os conteúdos escolares para os alunos. Mas, mais que uma ferramenta de ensino, o smartphone é uma forma de conexão – hoje mais acessível ainda, já que 90% do grupo possui acesso à internet em casa –, pois facilita o contato entre si e com o mundo, abrindo portas e permitindo o consumo de conteúdos diferenciados, quando desejam que isso ocorra.

Isso permite a criação de um cidadão que tem uma compreensão um pouco melhor da realidade, como observado na questão das *Fake News*, termo comum a eles, independentemente da idade. Nas respostas, 80% disseram saber identificar quando se trata de uma desinformação, de um conteúdo que foi adulterado, e, para isso, apontam que foi nas

redes sociais, em sites de busca e na escola que aprenderam a fazer essa identificação, separando o conteúdo verdadeiro da informação incorreta.

Navegar por um universo tão complexo como é o da juventude da periferia e tentar fazer as conexões com o próprio jornalismo, que hoje também passa por transformações e avanços, não é tarefa simples. A proposta de se reconfigurar o mapa noturno, que vem permeado com mediações diurnas (MARTÍN-BARBERO, 2019), se fez necessária para compreender um pouco melhor o universo diferenciado e, ao mesmo tempo, específico do jovem aqui observado. Sem a definição das mediações e do entendimento de como isso se apresenta no cenário da pesquisa, ficaria difícil analisar um pouco mais a fundo as percepções da juventude da periferia criciumense e sua relação com o jornalismo.

Ter um mapa em mãos nem sempre é certeza de que o caminho certo será encontrado. No tempo das grandes navegações, que levaram os exploradores para terras distantes, fazer a leitura dos mapas disponíveis não foi tarefa fácil, pois novos fatores, adversos à vontade dos navegadores, surgiam para trazer outras rotas e reconfigurar o caminho à frente. Durante a pesquisa que se desenvolveu, surgiu uma nova doença, uma pandemia, que fez o mundo inteiro repensar sua rota. O vírus da Covid-19, que assustou populações no mundo inteiro e deixou mais de 6 milhões de mortos⁷⁴, continua sendo uma preocupação, embora hoje já tratado com mais tranquilidade.

Essas são situações adversas que impactam tudo e todos e servem para reorganizar questões importantes, como a própria pesquisa que foi realizada, e exigiu novos cuidados no desenvolvimento e aplicação de questionários, por exemplo. Definir por uma cartografia, estudar, procurar entender o tema da pesquisa científica são fatores fundamentais, servem para contribuir com os resultados, mas é indispensável que se leve em consideração a participação humana, as questões peculiares que envolvem os participantes.

Ao tentar buscar nas referências de Martín-Barbero (RINCÓN, 2019) uma cartografia que pudesse dar conta de entender melhor a juventude da periferia de Criciúma, encontra-se uma vertente ampla e, ao mesmo tempo, única, que desnuda aspectos relevantes da sociedade atual. Se cultura, comunicação e política seguem sendo pontos principais no centro do mapa das mediações, elas são constantemente envolvidas por reconfigurações externas. Martín-Barbero (2019) reforça que o virtual traz consigo uma força que interfere na distribuição de poder e significados, que está presente nos mapas noturnos e nas mediações diurnas, haja vista que essas transformações estão em constante mudança.

⁷⁴ O número de mortos pela Covid já superou os 6 milhões de pessoas. Dados disponíveis em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/03/07/mundo-ultrapassa-6-milhoes-de-mortes-por-covid-19-diz-universidade.ghtml>. Acesso em 20 abril 2022.

Mas, nos rearranjos da pesquisa, Martín-Barbero e seus mapas foram se desnudando à medida que os estudos, que iniciaram ainda em 2016, foram avançando. Estudar a juventude é algo que permeia a construção da pesquisadora desde o mestrado, realizado na área da Educação. Embora a definição do objeto, o jovem morador de uma periferia, tenha se dado ao longo do estudo, a ligação pessoal com esse universo é bem anterior a isso. Foi numa das entidades pesquisadas inicialmente – o Bairro da Juventude – que surgiu a primeira oportunidade de emprego da pesquisadora e, dessa forma, o contato com crianças e adolescentes de bairros em situação de vulnerabilidade na cidade de Criciúma.

Posteriormente, por meio do jornalismo, foi possível acompanhar e visitar de perto algumas das pessoas que moram nesses locais. O retrato de uma Criciúma que geralmente não está nas páginas da imprensa regional, que é pobre, que tem problemas com saúde e saneamento básico, que só aparece quando há ocorrências da área policial. Esses são pontos que sempre incomodaram e ainda hoje incomodam a pesquisadora.

Por isso, a pesquisa mostrou-se maior do que somente observar a juventude da periferia, mas também entender um pouco mais sobre o seu cotidiano e sua relação com o jornalismo. Do primeiro levantamento, realizado em 2017/2018, para o segundo, em 2021, foi possível observar mudanças significativas no acesso à tecnologia.

Embora o índice de renda familiar ainda esteja predominante entre 1 e 2 S/M, a grande maioria dos jovens que frequentam o CRAS e a CUFA em Criciúma já possuem acesso ao smartphone e contam com a internet em suas casas. Todos eles, até aqueles que não possuem seu próprio aparelho celular, conseguem fazer o uso diário porque utilizam aparelhos de outras pessoas da família. O smartphone tornou-se uma extensão do corpo (CASTELLS, 2003), já que ele é um meio para a diversão, contato com amigos, produção de conteúdo e conexões diversas.

Como sugestões de trabalhos futuros, o indicativo é aprofundar as pesquisas, especialmente voltando o olhar para o conteúdo em vídeo que os jovens da periferia consomem e também o que eles estão produzindo. Embora a produção própria não seja conteúdo jornalístico, ela permitirá que se avalie, em maior profundidade, as características desse material. Isso fará com que o jornalismo também possa buscar meios e referências para se atualizar e aprender a se comunicar mais e melhor com esse jovem.

Chegar a essa reta final não é fácil, principalmente pela vivência de um período em que a humanidade passou por uma pandemia. Se para a pesquisa há pontos que podem ter ficado para trás, prejudicados pela Covid-19, que afetou o processo de apuração, pelo lado dos

jovens entrevistados a pandemia trouxe perdas ainda mais significativas, como de familiares e de renda.

Para quem já possuía uma renda salarial baixa, já que buscava nos equipamentos sociais o apoio para fazer o complemento, passar pelo período de pandemia de Covid-19 e ter novas perdas financeiras foi ainda pior. Por isso a importância de ressaltar o trabalho desenvolvido, tanto pelas equipes do CRAS como da CUFA, para dar esse suporte e atender melhor às famílias. Isso reforça ainda mais a importância das ações que são realizadas por esses profissionais e que, conforme o olhar dos moradores, seriam assuntos relevantes para estarem na pauta cotidiana dos meios de comunicação. Quem sabe essa será uma boa pauta.

7 REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. P 37 – 72. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

BANAI, Shakuntala; CAMMAERTS, Bart. Citizens of Nowhere Land. **Revista Journalism Studies**, 16:1, 115-132, DOI: [10.1080/1461670X.2014.890340](https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.890340). 2015. Reino Unido. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1461670X.2014.890340>. Acesso: 10 ago. 2018.

BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: Canavilhas, J. (Org.). **Notícias e Mobilidade**. Labcom Books. 2013.

_____. Banco de Dados: Agentes para um webjornalismo inteligente?. **V Congresso IberoAmericano de Periodismo em Internet**, FACOM/UFBA 2004. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_barbosa_agentes_inteligentes.pdf>. Acesso em 10 fev. 2020.

BARRETO, Virgínia Sá. Culturas televisivas e sociabilidade: configurações, pactos e sentidos de comunidades periféricas na TV. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba**. Vol. II, n. 1 – jan./jun./2009. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/11693>. Acesso em 05 jan. 2017.

BAUMWORCEL, Ana. O campo acadêmico de juventude e mídia sonora no Brasil. **Rádio Leituras**. Ano III, nº 01, Jan/Jul, 2012. Disponível em: <https://radioleituras.wordpress.com/>. Acesso em: 7 jun. 2018.

BAUMAN, Zygmund. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias**. Intexto, Porto Alegre, n. 43, p. 119-134, set./dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201843.119-134>. Acesso em 20 ago 2021.

CADORIN, Fábio Bitencourt. **Imagem amadora no telejornalismo em tempos de cultura digital: implicações sobre o valor-notícia visualidade, na perspectiva de editores-chefes de telejornais de abrangência estadual de Santa Catarina**. Tese de Doutorado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Tubarão, 2015.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **A pesquisa em ciências humanas, ciências sociais e educação: questões éticas suscitadas pela regulamentação brasileira**. EDU, Pesqui, São Paulo, v. 46, e217224, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046217224>. Acesso em: 15 ago 2021.

CANCLINI, Néstor García; CRUCES, Francisco; POZO, Maritza Urteaga Castro (orgs.). **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Fundación Telefónica & Editorial Ariel: Espanha, 2012.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadão: conflitos multiculturais da globalização**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

_____. Introdução. De la cultura postindustrial a las estrategias de los jóvenes. In: CANCLINI, Néstor García; CRUCES, Francisco; POZO, Maritza Urteaga Castro (coord.). **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Barcelona, Espanha: Editorial Ariel, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **O poder da comunicação**. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

CHASQUI, Revista Latino-americana de Comunicação. **Jóvenes y Cultura Digital**. nº 137, abril/julho 2018. Ciespal, Quito (EQ). Disponível em: https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/issue/viewIssue/137_2018/142. Acesso em 25 mar. 2019.

Chizzotti, Antonio **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, vol. 16, núm. 2, 2003, pp. 221-236 Universidade do Minho Braga, Portugal. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37416210.pdf>. Acesso em 25 jun 2021.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A Crise do Jornalismo tem solução?** Barueri, SP: Estação das Letras, 2019.

DELGADO, Francisco Martínez. **Revista de Estudios de Juventud**, nº 119, março 2018. Injuve: Espanha. Disponível em: http://www.injuve.es/sites/default/files/2019/03/publicaciones/revista_injuve_119.pdf. Acesso em 25 mar. 2019.

DICKENS, Luke; COULDRY, Nick; FOTOPOULOU, Aristeia (2014) News in the community? Investigating emerging inter-local spaces of news production/consumption. **Journalism Studies**, Online. ISSN 1461-670X (In Press) DOI: 10.1080/1461670X.2014.890339. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1461670X.2014.890339>
Acesso: 30 ago. 2018.

DOMINGUES, Alvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I Série**. Porto, vol. 10/11, p. 5-18, 1994. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

DROK, Nico; HERMANS, Liesbeht; KATS, Karijin. Decoding youth DNA: The relationship between social engagement and news interest, news media use and news preferences of Dutch millennials. **Journalism**, 19(5), 699–717. <https://doi.org/10.1177/1464884917703469>.

Disponível em: <https://repository.ubn.ru.nl/bitstream/handle/2066/160162/160162.pdf?sequence=1>. Acesso: 25 ago. 2018.

EMPINOTTI, M. L.; PAULINO, R. de C. R.; CAMINADA, T. de A. (2018). Estratégica transmídia em plataformas digitais: a experiência das palavras cruzadas no The New York Times. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura** (ISSN: 2358-212X), 7(1). Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1905>. Acesso em 20 jan. 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputas. **Revista Matrizes**, V.12 – Nº 1, jan./abr., 2018, São Paulo. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p99-113>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/137432/139746>. Acesso em 3 maio 2019.

FELIPPI, Ângela; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Jornalismo e estudos culturais: a contribuição de Jesús Martín-Barbero**. Rumores. Nº 14, vol. 7, Jul-Dez, 2013.

FELIX, C., MENDES, L., & FONTES, H. (2018). Juventude e consumo de notícias: comportamento geracional e hábitos culturais. **Novos Olhares**, 7(1), 22-32. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/novosolhares/article/view/131880>. Acesso em 27 mar 2019.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Ana Marta Moreira. Jornalismo em um novo tempo: a inquietação da atividade jornalística com o futuro do consumo de notícias. In: LONGHI, Raquel; PAULINO, Rita (orgs.). **Gêneros e formatos no ciberjornalismo, estudos e práticas**. Florianópolis: Insular, 2016.

FREITAS, Guaciara Barbosa de. O discurso “Periférico” no Centro da Narrativa Midiática. **Revista Novos Olhares – Vol. 3, nº 2**. São Paulo: 2014. <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/90205>. Acesso em: 11 jan. 2017.

GOBBI, Maria Cristina. **Na trilha juvenil da mídia: dos suplementos teen para as tecnologias digitais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GORCZEWSKI, Deisimer (org.). **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.

_____. Codificação/Decodificação. In: Hall, S.; Sovik, L. (Orgs.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HENRIQUE, Samaisa dos Anjos Xavier; PATRÍCIO, Edgard. A percepção de ‘periferia’ na produção audiovisual de grupos comunitários em Fortaleza. **Revista Latinoamericana de**

Ciencias de la Comunicación. — Ano 14, n.26 (1º sem. 2017). — São Paulo: ALAIC. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/issue/viewIssue/29/3>. Acesso em 27 mar 2019.

JACKS, Nilda. Pesquisa de recepção e cultura regional. In: SOUZA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Braziliense, 1995.

JACKS, Nilda; *et al.* Jovem e Consumo Midiático: dados preliminares do estudo piloto e da pesquisa exploratória. In: **XXIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS.** Anais... Belém, 2014

JACKS, Nilda; *et al.* **Pequeno relato de um grande esforço:** jovem e consumo midiático em tempos de convergência, Revista Contemporânea (UFBA. on-line), v. 13, p. 10-26, 2015.

JACKS, Nilda; *et al.* Jovens do “Brasil profundo”: explorações sobre usos tecnológicos e consumo midiático em Tavares (RS). Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **XXVI Encontro Anual da Compós,** Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2017.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. **Revista Matrizes,** V.12 – Nº 1, jan./abr., 2018, São Paulo. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p115-130>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/137525/139748>. Acesso em 4 maio 2019.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela Maria. **Sujeitos juvenis e protagonismo social em Jesús Martín-Barbero.** Famecos. Porto Alegre, v. 24, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2017. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.2.25435>. Acesso em 17 ago 2021.

JENKINS, Henry. O jovem é o guardião da cultura. **O Globo:** 25 maio 2010. Entrevista concedida a Bruno Porto. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/megazine/henry-jenkins-jovem-o-guardiao-da-cultura-3002904>. Acesso em: 10 jul 2019.

JORGE, Thais de Mendonça. **Mutação no jornalismo:** como a notícia chega à internet. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia.** São Paulo. Editora Ática: 2004, 5ª ed.

_____. **Ideologia e técnica da notícia.** Série Jornalismo à rigor. V. 5. Florianópolis: Insular, 4ª ed. rev. e atual., 2012.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica:** Técnicas de pesquisa. 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LEÃO, Lucia. **O chip e o caleidoscópio:** reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora Senac, 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva:** por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES, Daniel Barsi. **Juventude e cidadania:** usos das mídias digitais na ONG Aldeia, em Fortaleza, e no projeto KdM, em Barcelona. Tese de Doutorado. Porto Alegre, Unisinos: 2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Uma aventura epistemológica.** MATRIZES. V. 02, ano 02, 2009. São Paulo. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38228/41001>. Acesso em 20 out 2021.

_____. **Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação.** Intexto, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201843.14-23>. Acesso em 25 set 2021.

_____. **A teoria barberiana da comunicação.** MATRIZES, V. 12, nº 1, jan./abr. São Paulo, 2018b, p. 39-63. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160>. Acesso: 2 out. 2021.

MAFIOLETTI, Dyene; VIEIRA, Jorge Luiz. **De problema à ressignificação:** a transformação de um córrego em um eixo estruturador de urbanidade na ocupação Vila Natureza. In: LADWIG, Nilzo Ivo; CAMPOS, Juliano Bitencourt (org.). Planejamento e gestão territorial: o papel e os instrumentos do planejamento territorial na interface entre o urbano e o rural. Criciúma (SC): UNESC, 2019. Cap. 5.

MARTÍN BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo de recepção em comunicação social. In: SOUZA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Braziliense, 1995.

_____. **Oficio de cartógrafo:** travesías latino-americanas de la comunicación en la cultura. Santiago del Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. Uma aventura epistemológica – entrevistado por Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **MATRIZES**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009, p. 143-162. Disponível em: www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38228/41001/. Acesso em: 30 mar. 2019.

_____. (2010). Jóvenes: entre la ciudad letrada y el mundo digital. In: Lluch, G.(coord.). **Las lecturas de los jóvenes.** Un nuevo lector para un nuevo siglo, Barcelona, Anthropos. pp. 39-58.

_____. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2015.

_____. **Jóvenes.** Entre el palimpsesto y el hipertexto. Barcelona: NED Ediciones, 2017.

_____. **Dos meios às mediações:** 3 introduções. Matrizes. V.12 - Nº 1 jan./abr. 2018, São Paulo. Disponível em: [Dos meios às mediações: 3 introduções | MATRIZES \(usp.br\)](http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38228/41001/). Acesso em 20 ago 2021.

_____. **Mapas nocturnos y mediaciones diurnas**. Philosophical Readings XI.3 (2019), pp. 193-198. Disponível em: DOI: 10.5281/zenodo.3560373. Acesso em 30 set. 2021.

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

MEDITSCH, Eduardo; AYRES, Melina de la Barrera; BETTI, Juliana Gobbi. Dez anos do POSJOR UFSC: relato do percurso e perfil da produção. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. 14, nº 2, Jul a Dez/2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p75>. Acesso em 30 out 2017.

MEIRELLES, C. F. Entrevista com Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **E-compós**, Brasília, DF, v. 11, n. 2, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/324>. Acesso em: 25 abril 2019.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: Movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MISSAU, Lucas Dürr; RONSINI, Veneza Mayora. **A representação de identidades juvenis no audiovisual comunitário**. CUADERNOS DE INFORMACIÓN Nº 31 / diciembre 2012. file:///C:/Users/marli/Downloads/A_representacao_de_identidades_juveins_n.pdf

OLIVEIRA, Cláudia Santos de. **Jovens sergipanos e jornalismo: uma análise sobre o acesso de conteúdo jornalístico por meio do smartphone em uma escola pública de Sergipe**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe, 2017. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/7510>. Acesso em: 5 jul. 2019.

OROZCO GOMÉZ, Guillermo. **Televisión y Audiencias: un enfoque cualitativo**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1996.

PAIM, Denise da Cruz; *et al.* Luzes, câmera... Ação! No ar, a transformação midiática do conceito de periferia no conceito de comunidade. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro: V. 13, n. 3, p. 835-854. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000300003. Acesso em: 11 jan. 2017.

PAIM, Denise da Cruz; *et al.* A organização midiática de um ethos de periferia a partir de narrativas televisivas. **Revista Barbaroi** nº 36, Santa Cruz do Sul. Jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100003. Acesso: 7 fev. 2017.

PAPPÁMIKAIL, Lia. **Adolescência e autonomia: negociações familiares de construção de si**. Instituto de Ciências Sociais. Lisboa: ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2013.

_____. Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. In: **Juventude(s), autonomia e Sociologia Sociologia**: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 395-410

PAULINO, Rita; LONGHI, Raquel (org.) **Gêneros e formatos no ciberjornalismo**. Estudos e práticas. 1. Ed. Florianópolis: Insula, 2016.

PAULINO, Rita; EMPINOTTI, Marina Lisboa. **Interatividade e visualização de notícias em apps**: um design baseado em cards. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJor. São Paulo, Nov. 2017.

PEREIRA, Tissiana. **Sobre como ver com os outros em uma era globalizada e intercultural**. Matrizes. V.12 - Nº 1 jan./abr. 2018, São Paulo. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p205-209>. Acesso em 20 ago 2021.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2018.

RELATÓRIO A mídia dos jovens. Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) e Instituto Votorantim. Edição Especial 10 anos, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017

RINCÓN, Omar. **Mutações bastardas da comunicação**. Matrizes. V.12 - Nº 1 jan./abr. 2018a, São Paulo, p. 65-78. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145682/139742>. Acesso em 29 out 2021.

_____. **Ensayo en forma de tuits**: sentidos y relatos de Martín-Barbero. Intexto, Porto Alegre, n. 43, p. 223-236, set./dez. 2018b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201843.223-236>. Acesso em 22 jul 2021.

_____. **Mi invención sobre el mapa para comprender el sensorium de la contemporaneidad**. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura (orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**. Diálogo com la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito, Ecuador: Ciespal, 2019.

ROLNIK, Raquel. Exclusão territorial e violência. **São Paulo em Perspectiva**. Vol. 13, nº 4. São Paulo, Out/Dez. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000400011>. Acesso em: 18 jun. 2019.

_____. **O que é periferia?** Continuum/Itaú Cultural, São Paulo, jun. 2010. Entrevista concedida a: Mariana Sgarioni e Rafael Tonon. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/> Acesso em 17 jun. 2019.

RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Trajetos com Jesús (e para além): autoanálise da pesquisa dos usos sociais da mídia**. Intexto, Porto Alegre, n. 43, p. 107-118, set./dez. 2018.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005, 10ª ed.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da modernidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTANA, Fernanda Castilho. Favela como espaço de identidade: representações na telenovela Duas Caras. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Vol. 1, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/viewFile/919/706>. Acesso em 8 fev. 2017.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. **O processo de apuração no Webjornalismo de quarta geração**. ECO-Pós, v.12, n.3, setembro/dezembro 2009, p. 181-194.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

SCHMITZ, Daniela; FANTONI, Andressa; MAZER, Dulce. Juventude(s) e os meios: um cenário pouco plural. In: JACKS, Nilda. **Meios e audiências III: reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SENA, C. C. R. G.; CATELLI, Mariane; GIMENEZ, C. **Os primeiros desafios do grupo de cartografia da UNESP**. Ourinhos. In: XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia. Anais, 2011. p. 1-3.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. P. 27-35. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SOARES, Rosana de Lima; SILVA, Gislene (org.). **Emergências periféricas em práticas midiáticas** (online). São Paulo: ECA/USP, 2018.

SOBRAL, Karine Martins; RIBEIRO, Ellen Cristine dos Santos. A concepção de hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci. Cadernos GPOSSHE On-line, Fortaleza, v. 3, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/3361>.

SOUZA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. **Estudos em Jornalismo e Mídia** Vol.II Nº 1 - 1º Semestre de 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SOUZA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUZA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Braziliense, 1995.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**, volume 1. Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.

_____. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO 2017

Pesquisa Doutorado em Jornalismo – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Responsável: Marli Vitali marli_vitali@hotmail.com

Nome: _____ Idade: _____

Bairro onde mora: _____

Estuda? () Não () Sim. Onde? _____

Trabalha? () Não () Sim. Onde? _____

Tem aparelho de TV na sua casa? () Não () Sim

Que programas assiste? _____

O que gostaria de ver mais na televisão? _____

Tem aparelho de celular? () Não () Sim. Marca: _____

Tem acesso à internet () Não () Sim. Onde? _____

Quais os aplicativos que possui no seu celular? () Facebook () Whatsapp

() Twitter () Instagram () Snapchat () Outros. Quais? _____

Quais os aplicativos que acessa diariamente? () Facebook () Whatsapp

() Twitter () Instagram () Snapchat () Outros. Quais? _____

Assiste o Youtube? () Não () Sim. O que mais gosta de ver? _____

Quais os youtubers que você assiste? _____

O que você acha que é jornalismo? _____

Que tipos de notícia costuma ler e/ou assistir? _____

Como você chega até essas notícias? () Televisão () Facebook () Grupos de Whatsapp

() Rádio () Outros. Quais? _____

Sobre o que gosta de ler? _____

Quando quer ler sobre esse tema, onde procura? _____

Quais as notícias da sua comunidade já viu na imprensa (TV, rádio, Jornal e Internet)? _____

Você sabe editar vídeos no celular? () Sim () Não. Gostaria de aprender? () Sim () Não.

Quando quer se divertir, o que você faz? _____

Quantas vezes você foi no Parque das Nações em 2018? () Uma vez () Duas vezes () Cinco vezes

() Mais de cinco vezes () Mais de dez vezes () Nenhuma

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: O jovem e o jornalismo: a periferia do interior de Santa Catarina e o consumo de notícias via smartphone

Este documento é voltado para o responsável pelo adolescente que está sendo convidado para participar como voluntário (a) de pesquisa integrante da Tese de Doutorado “O jovem e o jornalismo: a periferia do interior de Santa Catarina e o consumo de notícias via smartphone”, que será conduzida pela doutoranda MARLI PAULINA VITALI, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina.

OBJETIVO E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Objetivo: O objetivo geral desta pesquisa é compreender qual o conteúdo jornalístico que interessa ao jovem morador de comunidades periféricas, observando o uso do smartphone como uma ferramenta utilizada para a busca dessas notícias. Para tanto, a pesquisa quer compreender o universo, vivências e experiências dos jovens moradores de periferia de cidades do interior, observar os conceitos de jornalismo que são identificados por esses jovens considerando as questões tecnológicas que interferem no tipo de leitura bem como mapear e sistematizar as características gerais do acesso desses jovens aos conteúdos jornalísticos.

Justificativa: Em tempos de notícias falsas e uma grande confusão entre produção de jornalismo e entretenimento, a presente pesquisa propõe estudar uma parcela importante da população brasileira que é pouco abordada em pesquisas científicas no campo do jornalismo: jovens de periferia de cidades do interior. Mais ainda, estudar a escolha de informações destes jovens via smartphone comprovado uma das ferramentas mais utilizadas por esta faixa etária. Ao discutir essa relação dos jovens moradores de periferias com a notícia acessada via celular a pesquisa pretende compreender o que acessam, como acessam e como significam ou ressignificam os conteúdos sobre o ponto de vista dos preceitos do Jornalismo. O município de escolha para este estudo é a cidade de Criciúma, na região sul de Santa Catarina, é a sétima maior cidade em nível de renda do estado. Um município que tem uma área central grande, com prédios imponentes, mas muitos problemas, pois a diferença social é gritante, mas por vezes ignorada. Saber mais sobre quem mora nas comunidades periféricas, especialmente os jovens, é algo inquietante para o pesquisador, principalmente, para o jornalista pesquisador tendo em vista que observar como o jornalismo chega e é acessado por eles é desafiador.

Participação no estudo (método de pesquisa)

Tendo em vista a pandemia de coronavírus mundial, desencadeada a partir de janeiro de 2020, e estando em 12 meses após o início desta situação e vivenciando o agravamento constante e uma letargia no tratamento desta crise, é necessário planejar duas formas de participação: 1) a aplicação do questionário e da realização de entrevistas de forma presencial; 2) a aplicação do questionário e a realização de entrevistas de forma remota. No primeiro caso, de participação presencial, os jovens entrevistados poderão participar de uma ou outra fase das entrevistas ou, ainda, até mesmo, das duas fases de realização de entrevistas. Estas fases dividem-se em: 1) entrevistas através de questionários fechados com os jovens cadastrados nos Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) de Criciúma (SC) e

também junto à Coordenação Regional da Central Única das Favelas (CUFA), na mesma cidade, e 2) entrevistas em profundidade com grupos focais a serem mapeados e selecionados como resultado da primeira fase de entrevistas com questionários.

As coordenações dos CRAS e da CUFA farão uma seleção dos jovens por faixa etária e, em combinação com a pesquisadora, disponibilizarão uma forma de acesso remoto aos jovens para que, respeitando os protocolos de biossegurança da UFSC e das autoridades federais, estaduais e municipais, estipulados em razão da pandemia, permitam que sejam aplicados os questionários deixando os jovens mais seguros e confortáveis, assim como os dirigentes, coordenadores e a própria pesquisadora.

Na sequência, nas etapas de pesquisa, de posse dos resultados da primeira fase, serão selecionados alguns dos participantes da primeira fase e agregados em grupos focais, para a sequência das entrevistas. Estas serão aplicadas, em locais adequados, ou da forma presencial ou remota, que seja possível de se ter acesso a estes jovens, buscando seu conforto e bem-estar. Neste grupo serão utilizados equipamentos para gravação de imagem e voz dos participantes, em rodas de conversa.

Riscos, ações mitigadoras e benefícios

A realização desta pesquisa tende a gerar desconforto ou constrangimento caso as questões abordadas e a própria realização da entrevista em local específico, possam causar

ou trazer temas sensíveis aos entrevistados/participantes. Considerando que: a condição socioeconômica e de moradia em periferias trata-se apenas de um recorte específico para o estudo, tendo em vista que as temáticas a serem abordadas investigam o conteúdo jornalístico acessado pelos jovens via smartphone. O questionário a ser aplicado não traz perguntas ou temáticas que adentrem a intimidade, privacidade ou realidade sociocultural e econômica que possam trazer constrangimentos aos jovens entrevistados. Não há também nenhum problema no que tange a possível identificação, pois se ocorrer, não cria situações de mitigação ou de riscos aos entrevistados.

Mesmo com todas essas situações enfatizadas acima, a pesquisadora se compromete, com o objetivo de minimizar e amenizar tais riscos e constrangimentos que possam ocorrer a: 1) a agendar entrevistas em momentos e locais convenientes aos participantes; 2) não identificar nominalmente os entrevistados participantes; 3) não utilizar informações entre as coletadas que possam gerar prejuízos aos entrevistados/participantes e ao seu contexto social. Para além dos dados gerais de localização e comunidade específica, necessárias à exposição no projeto, todos os outros dados que possam nominar, identificar ou classificar os grupos a serem entrevistados, serão tratados de forma ficcional, ou seja, serão cadastrados como letras, números ou mesmo nomes fictícios, sem prejuízo aos participantes em aos dados e resultados da pesquisa.

Sigilo e privacidade

A pesquisadora se compromete em zelar pela privacidade dos participantes e a proteção de sua identidade, durante e após o término da pesquisa. Reitera-se que não será feita a identificação nominal dos participantes. E só serão divulgadas informações que não tragam prejuízos aos participantes.

Assistência e acesso aos resultados da pesquisa

A pesquisadora garante a assistência aos participantes durante toda a pesquisa bem como o livre acesso a esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, pessoalmente ou pelos contatos fornecidos ao final desse Termo. Ao participante, será garantido o acesso aos resultados da pesquisa, sendo devidamente resguardadas a privacidade e a identidade de todos os participantes. Os resultados serão armazenados pela pesquisadora

por tempo indefinido e disponibilizados para pesquisas que envolvam o tema no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC.

Ressarcimento e indenização

Não estão previstos gastos com a realização da pesquisa. Caso ocorra algum dano decorrente de sua participação no estudo, o participante será devidamente indenizado, conforme determina a lei. Salientamos que sua participação não terá compensação financeira. No entanto, quaisquer despesas que porventura surjam, decorrentes da sua participação na pesquisa, serão ressarcidas pela pesquisadora.

Liberdade de não participação ou de retirada do consentimento

O participante poderá, a qualquer momento, solicitar esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa, independentemente das informações prestadas pela pesquisadora presencialmente ou por meio deste documento. Além disso, informa-se, aqui, que o participante pode se recusar a participar do estudo, bem como retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e sem nenhuma penalização, bastando informar a decisão por meio dos contatos que estão ao final desse termo.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC)

A pesquisadora, por meio deste termo manifesta seu respeito à ética no desenvolvimento desta pesquisa. Esta pesquisa observa a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetida para análise ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH. Vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, o Comitê foi “criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (<http://cep.ufsc.br/> para mais informações).

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH
Universidade Federal de Santa Catarina
Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, Reitoria II
Trindade – 88040-400 – Florianópolis – SC – (048) 3721-6094
cep.propesq@contato.ufsc.br

Contato com as pesquisadoras

Marli Paulina Vitali (pesquisadora): (48)999786620 marli.vitali@gmail.com
Cárlida Emerim (orientadora): (48) 3721- 6610 carlida.emerim@ufsc.br

APÊNDICE 3 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)
PESQUISA: O jovem e o jornalismo: a periferia do interior de Santa Catarina e o consumo de notícias via smartphone

Dados do Projeto: Pesquisa: O jovem e o jornalismo: a periferia do interior de Santa Catarina e o consumo de notícias via smartphone

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) para participar de pesquisa integrante da Tese de Doutorado “O jovem e o jornalismo: a periferia do interior de Santa Catarina e o consumo de notícias via smartphone”, que será conduzida pela doutoranda MARLI PAULINA VITALI, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina.

- **Dados do participante:**

Nome: _____

Idade: _____

- **Objetivos:** O objetivo geral desta pesquisa é investigar qual é o jornalismo que interessa ao jovem morador da periferia da cidade de Criciúma, interior do estado de Santa Catarina, com vistas a capturar elementos e características que possam subsidiar a proposição de um modelo de produção de conteúdo jornalístico mobile para este público e acesso informações via smartphone. Para tanto, a pesquisa quer compreender o universo, vivências e experiências dos jovens moradores de periferia de cidades do interior, observar os conceitos de jornalismo que são identificados por esses jovens considerando as questões tecnológicas que interferem no tipo de leitura bem como mapear e sistematizar as características gerais do acesso desses jovens aos conteúdos jornalísticos.

- **Escolha dos participantes:** Hoje em dia as pessoas possuem o acesso mais fácil às notícias produzidas pelos jornalistas. Nossa intenção com esta pesquisa é saber o que os adolescentes e jovens moradores das comunidades de Criciúma olham ao acessar os celulares. Queremos entender se eles buscam notícias, conteúdo musical, de entretenimento ou algo diferente. Estamos fazendo essa pesquisa com adolescentes, a partir dos 12 anos, e jovens até dos 29 anos que frequentam os CRAS de Criciúma e também com integrantes dos projetos da Central Única das Favelas (CUFA) de Criciúma.

- **Voluntariedade de Participação:** Estamos convidando você para participar desta pesquisa de maneira voluntária. É você que decide se deseja ou não participar. Se por acaso, ao longo da pesquisa, se desejar deixar de participar isso também é um direito seu.

- **Procedimentos:** Se você optar por fazer parte desta pesquisa irá participar de atividades que envolvem o preenchimento de questionários, assistir a reportagens de TV, rodas de conversa em grupo e conversas individuais com a pesquisadora. Algumas conversas serão gravadas por meio de câmeras e microfones. As entrevistas serão realizadas no CRAS,

com a presença das orientadoras e monitoras, em horários que os adolescentes e jovens estejam participando. A pesquisa também será realizada em locais determinados pela coordenação regional da CUFA, que estará acompanhando as entrevistas. A pesquisa respeitará as normas estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Por conta da pandemia provocada pelo novo coronavírus, serão adotadas medidas de prevenção como distanciamento, uso de máscaras, luvas e álcool em gel.

- **Riscos:** Mesmo que o contato direto entre os entrevistados e a pesquisadoras possam gerar algum tipo de desconforto ou constrangimento, as ações serão desenvolvidas para evitar isso. Para preservar a todos, a intenção é fazer o contato sempre nos CRAS com o auxílio da equipe de orientadores e monitores, com horário agendado. Da mesma forma junto à CUFA. Os participantes não serão identificados nominalmente para evitar algum tipo de desconforto.
- **Benefícios:** Sua contribuição vai permitir que se compreenda melhor qual o tipo de conteúdo que o jovem das comunidades periféricas busca quando utiliza o smartphone.
- **Confidencialidade:** A pesquisadora se compromete a não utilizar os dados coletados para gerar algum tipo de prejuízo aos entrevistados/participantes e ao seu contexto social. As informações que você vai prestar não serão entregues a ninguém. Seu nome, imagem ou voz não vai aparecer em nenhum lugar.
- **Direito de recusa ou retirada do assentimento informado:** É importante que você saiba que não é obrigado a participar desta pesquisa. Ninguém ficará bravo com você se não quiser participar. É uma escolha sua. Assim como você pode escolher participar e depois desistir. Você pode mudar de ideia e tudo continuará bem.
- **Divulgação dos resultados:** Depois que a pesquisa acabar os resultados serão informados para você e sua família, bem como para a equipe do CRAS e também da CUFA. Ele também será publicado em uma revista ou livro e apresentado em seminários e eventos científicos.
- **Incentivos:** Esta pesquisa não tem a previsão de gastos. Caso ocorra algum dano decorrente de sua participação no estudo, o participante será devidamente indenizado, conforme determina a lei. Lembramos que sua participação é gratuita e não terá nenhum retorno financeiro.
- **Ressarcimento:** Ressaltamos que a legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisas, mas você poderá ser ressarcido por despesas previstas ou imprevistas comprovadamente decorrentes da pesquisa.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC)

A pesquisadora, por meio deste termo manifesta seu respeito à ética no desenvolvimento desta pesquisa. Esta pesquisa observa a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetida para análise ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH. Vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, o Comitê foi “criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (<http://cep.ufsc.br/> para mais informações).

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH
Universidade Federal de Santa Catarina
Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, Reitoria II
Trindade – 88040-400 – Florianópolis – SC – (048) 3721-6094
cep.propesq@contato.ufsc.br

Contato com as pesquisadoras

Marli Paulina Vitali (pesquisadora): (48)999786620 marli.vitali@gmail.com

Cárlida Emerim (orientadora): (48) 3721- 6610 carlida.emerim@ufsc.br

Certificado de Assentimento

Eu _____ entendi que a pesquisa é sobre jornalismo e qual o conteúdo que os jovens moradores das comunidades de periferia buscam quando utilizam o smartphone, observando os jovens que frequentam os CRAS e também participam de atividades da CUFA em Criciúma/SC. **Autorizo o uso dos dados, imagem e voz gravados na entrevista.**

Nome da criança/adolescente: _____

Nome e assinatura dos pais/responsáveis: _____

Nome e assinatura do pesquisador: _____

Criciúma, _____ de _____ de 20_____.

APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO DADOS SOCIOECONÔMICOS

DADOS SOCIOECONÔMICOS

Os dados individuais fornecidos não serão objeto de divulgação

Nome: _____ Idade: _____

Bairro onde mora: _____

É atendido em qual CRAS ou participa de qual projeto da CUFA? _____

Estuda? () Não () Sim. Onde? _____

Se não, estudou até que ano? _____

Trabalha? () Não () Sim. Qual função? _____

Quantas pessoas moram em sua casa (contando com você)

() Mora sozinho () Duas () Três

() Quatro () Cinco ou mais

A pandemia provocada pelo coronavírus trouxe problemas para sua família?

() Sim () Não

Se sim, quais?

() Um familiar perdeu o emprego?

() Você saiu da escola para trabalhar?

() Alguém da família ficou doente com Covid? Quem _____

() Alguém da família faleceu por causa de Covid? Quem _____

() Outro _____

Qual a renda mensal da família?

() Até um salário mínimo (R\$ 1.100,00)

() Entre um e dois salários (R\$ 1.100,00 a R\$ 2.200,00)

() Entre dois e três salários (R\$ 2.200,00 a R\$ 3.300,00)

() Entre três e cinco salários (R\$ 3.300,00 a R\$ 5.500,00)

() Acima de cinco salários (mais de R\$ 5.500,00)

Quando quer se divertir, o que você faz? _____

Quantas vezes você foi no Parque das Nações em 2020 e 2021? () Uma vez () Duas

vezes () Cinco vezes () Mais de cinco vezes () Mais de dez vezes ()

Nenhuma

USO DA TECNOLOGIA E CONSUMO DE INFORMAÇÃO

Tem aparelho de TV na sua casa?

() Não () Sim. Quantos? _____

Tem TV a cabo na sua casa?

() Não () Sim: Qual _____

Que programas assiste na TV? _____

Quem assiste com você? _____

Quantas vezes na semana assiste televisão?

- () Todos os dias
 () Uma vez na semana
 () Duas vezes na semana
 () Três vezes na semana
 () Só nos finais de semana

O que gostaria de ver mais na televisão? _____

Tem acesso à internet

- () Não () Sim. Onde? _____

Quanto você (ou alguém da sua família) gasta por mês para colocar crédito no seu celular?

Se tem acesso à internet em casa, onde assiste seus programas: () Celular () Notebook () Computador () Tablet () Outro: _____

Onde mais consegue acessar à internet?

- () CRAS
 () Escola
 () Espaços públicos (praças, parques)
 () Comércio (shoppings, restaurantes)
 () Casa de amigos ou parentes
 () Outros: _____

Tem aparelho de celular?

- () Não () Sim. Marca: _____

Você acha seu aparelho de celular bom?

- () Não. Por que? _____
 () Sim. Por que? _____

Quais os aplicativos que possui no seu celular? () Facebook () WhatsApp () Spotify () Twitter () Instagram () TikTok () Outros: _____

Quais os aplicativos que acessa diariamente? () Facebook () WhatsApp () Spotify () Twitter () Instagram () TikTok () Outros: _____

O que mais você faz com seu aparelho celular? () Grava e edita vídeos () Faz pesquisas () Liga para as pessoas () Faz fotos () Outros: _____

Assiste o YouTube? () Não () Sim.

O que mais gosta de ver? _____

Quais os youtubers que você assiste? _____

Quantas vezes por semana acessa o YouTube?

- Todos os dias
- Duas vezes na semana
- Três vezes na semana
- Mais de cinco vezes por semana
- Só nos finais de semana

Você ouve podcast?

- Não
- Sim. Quais: _____

O que você acha que é jornalismo? _____

Que tipos de notícia costuma ler e/ou assistir?

- Esporte
- Entretenimento (música, novelas, cinema)
- Games (jogos eletrônicos)
- Polícia (acidentes, crimes)
- Política
- Saúde
- Assuntos da comunidade (melhoria nas ruas, nos postos de saúde, novas praças...)
- Outros: _____

Quando você quer se informar sobre alguma dessas notícias, que meio procura?

- Televisão
- Facebook
- Grupos de WhatsApp
- Rádio
- Sites online
- Outros. Quais? _____

Quais os programas de notícias que você acompanha? _____

Sobre o que gosta de ler? _____

Quando quer ler sobre esse tema, onde procura? _____

Quais as notícias da sua comunidade que já viu na imprensa (TV, rádio, Jornal e Internet)?

- Esporte
- Polícia
- Melhorias na infraestrutura (reforma de posto de saúde, centro comunitário, ruas)
- Problemas da comunidade (buraco de rua, alagamentos, esgoto)
- Pessoas da comunidade que são destaque. Quem: _____
- Outras: _____

Que outras notícias você gostaria de ver na imprensa falando sobre a sua comunidade?

Você sabe identificar se uma notícia é falsa (Fake News)?

- Não
- Sim

APÊNDICE 5 – QUESTIONÁRIO GRUPO FOCAL - ROTEIRO

ROTEIRO

Entrevista em profundidade realizada com adolescentes e jovens das unidades do CRAS e de projetos da Central Única de Favelas (CUFA), em Criciúma (SC)

SEÇÃO 1 – Observações pessoais

1. Fale um pouco sobre você, o que gosta de fazer, como é o seu dia.

SEÇÃO 2 – Conhecendo a realidade

2. Como é o bairro onde você mora? Sempre morou nele? Se não, onde você morou antes de vir para ele?
3. Você estuda em qual ano e qual a escola? Fica muito longe de casa? Como faz para chegar na escola?
4. Que problemas mais graves você percebe no seu bairro? Isso já foi melhor ou piorou nos últimos anos?
5. Que atividades você desenvolve no CRAS e há quanto tempo participa? Ou então, como você ficou conhecendo a CUFA e o que realiza de atividades com o pessoal?
6. O que mudou na sua vida desde março de 2020, com o início da pandemia, fechamento de escolas, empresas....? Houve algum impacto financeiro na sua família? Vocês perderam renda ou tiveram que vender coisas em casa? Você precisou trabalhar para ajudar sua família? Como fez com as aulas, conseguia acompanhar pela internet? De que jeito? Alguém da família pegou Covid?
7. Se você estuda quer seguir estudando? Pretende fazer faculdade do que? Se não estuda, está trabalhando? Qual a sua profissão? Você faz o que gosta? Que profissão gostaria de ter?
8. O que faz nas suas horas de lazer, nos momentos livres?

SEÇÃO 3 – Tecnologia e informação

9. Você assiste a televisão? Quantas vezes por semana? Quais são os canais ou os programas que você mais acompanha? Tem alguém que assiste com você? Quantas horas por dia você passa vendo televisão?
10. Tem acesso à internet na sua casa? E onde mais você acessa?
11. Você tem celular? Gosta do seu celular? Quais os aplicativos que têm nele? Quais os que você mais acessa? Quantas vezes por dia? Seus pais controlam o tempo que você passa olhando o celular? Tem alguma rede social que você não consegue ficar um dia sem ver?
12. Você faz alguma outra atividade com o celular (gravar vídeos, editar vídeos, gravar áudios, fazer ligações...)?
13. Que conteúdos/assuntos você mais olha na internet? Que tipo de informação procura? Tem algum site ou plataforma que usa mais?
14. Você acessa o YouTube? Quantas vezes por dia? O que procura ali? Quais os youtubers que mais assiste e por que gosta deles?
15. E alguma plataforma musical, você acessa? Qual e quantas vezes ao dia?

SEÇÃO 4 – Veracidade e Informação

16. Você consegue distinguir entre uma notícia falsa (fake News) e uma notícia verdadeira?

17. Você já compartilhou alguma notícia falsa? Onde foi? Como descobriu depois que era falsa?
18. Você confia nas informações que seus amigos de redes sociais compartilham?
19. Na sua avaliação os jornalistas falam a verdade? Já teve algum momento em que você achou que eles estivessem mentindo?
20. Nas discussões nos grupos de WhatsApp você sempre procura dar a sua opinião, mesmo quando ela é diferente da maioria do grupo?

SEÇÃO 5 – Jornalismo e comunidade

21. Tem algum meio de comunicação (jornal, TV, rádio, site) que traz informações sobre a sua comunidade?
22. Você acompanha esse meio? Que tipo de notícias ele traz? Do que você mais gosta de ver e do que não gosta?
23. Quais são as notícias que você lembra que saíram sobre o seu bairro na imprensa? E onde foi que essas informações foram publicadas?
24. Quando você fica sabendo de algo sobre o seu bairro e quer mais informações, onde você busca, qual o meio de comunicação (site, jornal, TV, rádio) que procura para se informar?
25. Tem algum outro meio que divulga informações da sua comunidade?
26. Que outras notícias poderiam ser divulgadas da sua comunidade? O que você gostaria de ver na imprensa falando sobre a comunidade e/ou sobre seus moradores?
27. Como você acha que poderia ser uma notícia que fale da comunidade, o que ela poderia ter para chamar sua atenção (recursos multimídia) – vídeo, fotografias, áudio com depoimentos? O que mais?
28. Você gostaria de ver mais notícias sobre a sua comunidade?

ANEXO 1 – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O JOVEM E O JORNALISMO: A PERIFERIA DO INTERIOR DE SANTA CATARINA E O CONSUMO DE NOTÍCIAS VIA SMARTPHONE

Pesquisador: CARLIDA EMERIM

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 16354719.1.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.858.123

Apresentação do Projeto:

Projeto de tese de doutorado de Marli Paulina Vitali, orientado pela Profa. Dra. Carlida Emerim, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC.

Busca investigar o conteúdo jornalístico que é acessado via smartphone por jovens da periferia da cidade de Criciúma e propor um modelo de produção de conteúdo jornalístico que potencialize o interesse deste tipo de público para o jornalismo.

Os participantes serão jovens entre 12 e 29 anos que frequentam as unidades dos Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) e a Central Única das Favelas (CUFA) de Criciúma (SC).

Segundo informado no TALE, o participante irá "participar de atividades que envolvem o preenchimento de questionários, assistir a reportagens de TV, rodas de conversa em grupo e conversas individuais com a pesquisadora. Algumas conversas serão gravadas por meio de câmeras e microfones. As entrevistas serão realizadas no CRAS, com a presença das orientadoras e monitoras, em horários que os adolescentes e jovens estejam participando. A pesquisa também será realizada em locais determinados pela coordenação regional da CUFA, que estará acompanhando as entrevistas. A pesquisa respeitará as normas estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Por conta da pandemia provocada pelo novo coronavírus, serão

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANÓPOLIS
Telefone: (48)3721-8094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 4.858.123

adotadas medidas de prevenção como distanciamento, uso de máscaras, luvas e álcool em gel.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primario:

O objetivo geral desta pesquisa é identificar as características que estruturam a produção de conteúdo jornalístico acessado via smartphone pelo jovem morador de periferia da cidade de Criciúma, no interior de Santa Catarina, com vistas a capturar elementos e características que possam subsidiar a proposição de um modelo de produção de conteúdo jornalístico mobile para estes jovens por meio do smartphone.

Objetivos Secundarios:

Investigar qual é o conteúdo acessado pelo jovem morador de periferia da cidade de Criciúma, interior do estado de Santa Catarina, atendidos por seis CRAS municipais, acessado via smartphone, com o propósito de diferenciar jornalismo, entretenimento ou outros conteúdos;

Identificar as estruturas narrativas das produções jornalísticas acessadas por estes jovens;

Analisar e sistematizar a partir das estruturas narrativas, as características gerais destas produções jornalísticas e a influência/impacto dos modos de acesso via smartphone;

Propor um modelo ou um roteiro de elementos estruturantes que devem caracterizar as produções jornalísticas voltadas para públicos jovens moradores de periferia, com vistas a potencializar o interesse desses jovens por conteúdos jornalísticos mobile.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Já avaliados

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Apresentados no parecer 4.730.654.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pesquisadoras realizaram cuidadosa revisão do protocolo de pesquisa e resolveram todas as pendências apontadas no protocolo 4.730.654. Não há impedimentos éticos para a realização da pesquisa.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-8094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC**



Continuação do Parecer: 4.858.123

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1385849.pdf	01/07/2021 13:05:57		Aceito
Outros	Carta_Resposta_Parecer.pdf	01/07/2021 13:04:02	CARLIDA EMERIM	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinada.pdf	16/06/2021 08:51:14	CARLIDA EMERIM	Aceito
Outros	Questionario_marli_vitali_02.pdf	14/06/2021 21:08:56	CARLIDA EMERIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_2021_ok.pdf	14/06/2021 21:05:05	CARLIDA EMERIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Consentimento_TCLE_2021_responsaveis.pdf	14/06/2021 21:04:54	CARLIDA EMERIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Consentimento_TCLE_2021_adultos.pdf	14/06/2021 21:03:41	CARLIDA EMERIM	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Comite_Etica_completo.pdf	04/05/2021 10:52:25	CARLIDA EMERIM	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Oficio_sec_Social_ok.pdf	04/05/2021 10:45:17	CARLIDA EMERIM	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Oficio_Cufa_ok.pdf	04/05/2021 10:45:05	CARLIDA EMERIM	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
 Telefone: (48)3721-8094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 4.858.123

FLORIANOPOLIS, 20 de Julho de 2021

Assinado por:
Nelson Canzian da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-8094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

**ANEXO 2 – OFÍCIO SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE
CRICIÚMA**

DECLARAÇÃO

Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação

Prefeitura de Criciúma/SC

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Secretaria de Assistência Social e Habitação da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: “O jovem e o jornalismo: a periferia do interior de Santa Catarina e o consumo de notícias via smartphone”, sob responsabilidade de Cárilda Emerim e cumprirei os termos da Resolução CNS 510/16 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 02/03/2021


MUNICÍPIO DE CRICIÚMA
Secretaria Municipal de
Assistência Social e Habitação
BRUNO FERREIRA Matr. 65.972
Secretário

ASSINATURA:

NOME: Bruno Ferreira

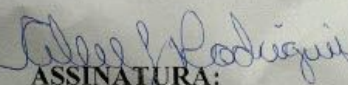
CARGO: Secretário Municipal de Assistência Social e Habitação, Prefeitura Municipal de Criciúma/SC.

ANEXO 3 – OFÍCIO CUFA

DECLARAÇÃO
CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS
Coordenação de Santa Catarina

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Central Única das Favelas (CUFA), em Santa Catarina, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: “O jovem e o jornalismo: a periferia do interior de Santa Catarina e o consumo de notícias via smartphone”, sob responsabilidade de Cárilda Emerim e cumprirei os termos da Resolução CNS 510/16 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Criciúma (SC), 09/04/2021


ASSINATURA:
Alex Gabriel Rodrigues

NOME: Alex Gabriel Rodrigues

CARGO: Coordenador Estadual da CUFA/SC

CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL